

PAULO F. DE OLIVEIRA FONTES
CARLA SANTOS
(COORDENAÇÃO)

APOSTOLADO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS EM PORTUGAL

HISTÓRIA DE UM MOVIMENTO



CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Volumes publicados

1. Pedro Penteadó – *Peregrinos da Memória: O Santuário de Nossa Senhora de Nazaré*. Lisboa, 1998. ISBN: 978-972-8361-12-9
2. Maria Adelina Amorim – *Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará: Missão e Cultura na Primeira Metade de Seiscentos*. Lisboa, 2005. ISBN: 978-972-8361-20-4
3. *Colóquio Internacional A Igreja e o Clero Português no Contexto Europeu – The Church and the Portuguese Clergy in the European Context*. Lisboa, 2005. ISBN: 978-972-8361-21-1
4. António Matos Ferreira – *Um Católico Militante Diante da Crise Nacional: Manuel Isaías Abúndio da Silva (1874-1914)*. Lisboa, 2007. ISBN: 978-972-8361-25-9
5. *Encontro Internacional Carreiras Eclesiásticas no Ocidente Cristão (séc. XII-XIV) – Ecclesiastical Careers in Western Christianity (12th-14th c.)*. Lisboa, 2007. ISBN: 978-972-8361-26-6
6. Rita Mendonça Leite – *Representações do Protestantismo na Sociedade Portuguesa Contemporânea: Da exclusão à liberdade de culto (1852-1911)*. Lisboa, 2009. ISBN: 978-972-8361-28-0
7. Jorge Revez – *Os «Vencidos do Catolicismo»: Militância e atitudes críticas (1958-1974)*. Lisboa, 2009. ISBN: 978-972-8361-29-7
8. Maria Lúcia de Brito Moura – *A «Guerra Religiosa» na I República*. Lisboa, 2010. ISBN: 978-972-8361-32-7
9. Sérgio Ribeiro Pinto – *Separação Religiosa como Modernidade: Decreto-lei de 20 de Abril de 1911 e modelos alternativos*. Lisboa, 2011. ISBN: 978-972-8361-35-8
10. António Matos Ferreira e João Miguel Almeida (coord.) – *Religião e Cidadania: Protagonistas, Motivações e Dinâmicas Sociais no Contexto Ibérico*. Lisboa, 2011. ISBN: 978-972-8361-36-5
11. Ana Isabel López-Salazar Codes – *Inquisición y política: El gobierno del Santo Oficio en el Portugal de los Austrias (1578-1653)*. Lisboa, 2011. ISBN: 978-972-8361-39-6
12. Daniel Ribeiro Alves – *Os Dízimos no Final do Antigo Regime: Aspectos Económicos e Sociais (Minho, 1820-1834)*. Lisboa, 2012. ISBN: 978-972-8361-42-6
13. Hugo Ribeiro da Silva – *O Clero Catedralício Português e os Equilíbrios Sociais do Poder (1564-1670)*. Lisboa, 2013. ISBN: 978-972-8361-49-5
14. Anísio Miguel de Sousa Saraiva – *Espaço, Poder e Memória: A Catedral de Lamego, sécs. XII a XX*. Lisboa, 2013. ISBN: 978-972-8361-57-0
15. Maria João Oliveira e Silva – *A Escrita na Catedral: A Chancelaria Episcopal do Porto na Idade Média*. Lisboa, 2013. ISBN: 978-972-8361-54-9
16. Anísio Miguel de Sousa Saraiva e Maria do Rosário Barbosa Morujão (coord.) – *O clero secular medieval e as suas catedrais: novas perspectivas e abordagens*. Lisboa, 2014. ISBN: 978-972-8361-59-4
17. António Camões Gouveia, David Sampaio Barbosa e José Pedro Paiva (coord.) – *O concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: Olhares Novos*. Lisboa, 2014. ISBN: 978-972-8361-60-0
18. João Furtado Martins – *Corrupção e incúria no Santo Ofício: ministros e oficiais sob suspeita e julgamento*. Lisboa, 2015. ISBN: 978-972-8361-65-5
19. João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade e Tiago Pires Marques (coord.) – *Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)*. Lisboa, 2015. ISBN: 978-972-8361-61-7
20. Luís Leal – *Padre Américo Monteiro de Aguiar e a renovação do Clero português na primeira metade do séc. XX*. Lisboa, 2016. ISBN: 978-972-8361-76-1
21. Luís Carlos Amaral (coord.) – *Um poder entre poderes: nos 900 anos da restauração da Diocese do Porto e da construção do Cabido Portucalense*. Lisboa, 2017. ISBN: 978-972-8361-72-3
22. Paulo F. de Oliveira Fontes e Carla Santos (coord.) – *Apostolado de Adolescentes e Crianças em Portugal: história de um movimento*. Lisboa, 2017. ISBN: 978-972-8361-79-2.

**APOSTOLADO
DE ADOLESCENTES E
CRIANÇAS EM PORTUGAL
HISTÓRIA DE UM MOVIMENTO**

Título: Apostolado de Adolescentes e Crianças em Portugal: história de um movimento

Coordenação: Paulo F. de Oliveira Fontes e Carla Santos

Edição:

Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR)
Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
secretariado.cehr@ft.lisboa.ucp.pt | www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt

Conceção gráfica e Execução:

Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

ISBN: 978-972-8361-79-2

Depósito legal: 427268/17

Tiragem: 800 exemplares

Edição apoiada por:



Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/HIS/00647/2013.

PAULO F. DE OLIVEIRA FONTES
CARLA SANTOS
(COORDENAÇÃO)

**APOSTOLADO
DE ADOLESCENTES E
CRIANÇAS EM PORTUGAL
HISTÓRIA DE UM MOVIMENTO**

UNIVERSIDADE | CENTRO DE ESTUDOS
CATÓLICA | DE HISTÓRIA RELIGIOSA
PORTUGUESA

LISBOA 2017

He wanted to encourage independent thought and hate
the way the school he was at rewarded
obedience above open-mindedness and creativity.

[Malala Yousafzai – *I am Malala:
The Girl who stood up for education and was shot by the Taliban.*]

Porque há coisas que unem
As pessoas nas suas memórias
E experiências
Mas nenhuma coisa une tanto
Como o mar tão forte e tão calmo... depende...

Porque a memória não é apenas
Uma coleção de lembranças
Mas uma seleção cuidada
Do que mais nos marca
E que esconde também tantas praias
Para lembrar e para descobrir...

[Rita Wemans (1982-2002). In *Enchamos tudo de futuros*.
Carcavelos: Sopa de Letras, 2003, p. 12]

PREFÁCIO

Foi com imensa alegria que li este livro sobre o MAAC-Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças. Agradeço a oportunidade que me deram de o poder apreciar. Tenho várias razões para manifestar esta minha alegria.

Primeiro, o MAAC é um movimento autónomo da sociedade civil, educativo, cívico e religioso, focado na promoção e proteção das crianças e dos seus direitos, com incidência nos territórios suburbanos mais pobres e densamente povoados. Só isto é já uma grande fonte de alegria, para mais quando este movimento, criado em 1978, persistiu no tempo e derramou tanta ternura e bondade sobre tantas crianças.

Um movimento que, em particular quis sempre fazer das crianças não as destinatárias de uma ação protecionista, porventura compensadora na vida dos adultos, mas as obreiras e construtoras autónomas de uma vida melhor, mais digna. Nos dias de hoje, em ambientes secularizados e laicos, faz todo o sentido e é mesmo imprescindível oferecer às crianças e aos adolescentes oportunidades para se encontrarem consigo mesmos e com o seu mistério, com o incompreensível e o que os ultrapassa, com a transcendência, ajudando-os a recuar face à violência institucionalizada, ajudando-os a distanciar-se e a crescer em espírito crítico e na capacidade de distinguir o verdadeiro e o falso e, assim, a desenvolver um projeto de vida com novo sentido.

Neste novo tempo da hiper-estimulação permanente, que atinge tão violentamente as crianças e os adolescentes, pela via das novas tecnologias e de um entretenimento mediático embrutecedor, os novos seres humanos são expulsos para fora de si mesmos, sem terem, em geral, quem os convide para o silêncio, a gratuidade, a descoberta de si e para o dom de si mesmos aos outros, neste tempo exato, será que ainda não percebemos que estamos sobretudo a criar pessoas aut centradas e a fomentar nas crianças o medo e a excessiva prudência, como lembra Evelyne Martini? Por isso, a proposta cívica, educativa e religiosa do MAAC é mais pertinente que nunca, inscrita no desenvolvimento de uma apurada inteligência espiritual.

Segundo, é uma grande alegria podermos partilhar entre nós esta história. A sólida e digna narrativa que contamos uns aos outros sobre o MAAC alimenta não só a persistência deste projeto apostólico com crianças e adolescentes, como a consolidação e a emergência de novas narrativas idênticas, inscritas na realidade de hoje.

Senti-me particularmente interpelado a persistir o trabalho que desenvolvemos, no Porto, com adolescentes que abandonaram as escolas e que, regra geral, foram por estas abandonados à sua sorte, o projeto socioeducativo “Arco Maior”.

Além de não estarem nem na escola, nem na formação, nem no emprego, há muitos adolescentes que sobretudo não estão acompanhados.

São crianças e adolescentes “invisíveis”. Passaram as malhas da proteção social e estão agora na valeta, na margem, nos bairros, invisibilizados seja por esse seu posicionamento marginal seja porque o nosso olhar, como o dos animais com palas nos olhos, é sempre em frente. Não paramos, não cooperamos, não olhamos para o lado, seguimos rígidos, inflexíveis, subordinados às douradas leis que fizemos, como se já tivéssemos feito tudo o que é preciso fazer. E justificamo-nos: nas escolas, porque “é preciso dar o programa, não tenho tempo para estes miúdos, ainda por cima mal agradecidos e indisciplinados”, na proteção social, porque “eles não merecem nada do que lhes damos, estão sempre a falhar”, na sociedade em geral, porque “temos de responder eficazmente aos desafios da globalização e da competitividade e não podemos ficar enredados nos dramas destas minorias preguiçosas”.

Ora, esta invisibilidade é uma construção social por nós mesmos fabricada, como comunidade, desde muito cedo na vida destas crianças e adolescentes, nas famílias, nas escolas e nas salas de aula, nos bairros, nas comunidades, nas políticas públicas. Não é um acaso ou uma fatalidade. É uma realidade construída pelos nossos passos rígidos, pelos nossos ouvidos fechados, pelos nossos olhos agressivos, pelas nossas mãos limpas, uma realidade que nasce nas microdecisões que tomamos (ou não).

Temos a percepção de que sabemos tudo o que se passa nesta sociedade dita da informação, mas demonstramos muitas dificuldades em conhecer o mundo atual das crianças, em escutar a sua realidade concreta e em seguir os passos das suas vidas. Elas precisam, como nunca, que as olhemos como quem sabe “olhar fixamente”, como dizia Simone Weil, quando nos falava da “atenção criadora”, escutando as vidas muito duras vividas por tantas crianças e adolescentes. Escutar, ouvir com tempo e com cuidado, fazendo silêncio para que as suas vozes possam ecoar em nós, sobretudo as vozes dos que não têm quem os ouça, dos que estão prostrados na margem pelo insucesso escolar (que é o insucesso da escola), pela droga, pela marginalidade, pela atração do abismo de quem se sente só entre tanta gente, a voz de quem tão poucas palavras sabe pronunciar e que quase só sabe gritar.

Precisamos de estar onde estão os mais pobres, despojados e perdidos; o modo como os tratamos define a cultura e a democracia que somos capazes de viver. Estar de um modo ativo e atento, contemplativo, diz o Papa Francisco na *“Evangelii Gaudium”*, “considerando o outro como um só consigo mesmo, pois o amor autêntico é sempre contemplativo, permitindo-nos servir o outro não por necessidade ou vaidade, mas porque ele é belo, independentemente da sua aparência. (...). Quando amado, o pobre é estimado como de alto valor e isto diferencia a autêntica opção pelos pobres de qualquer ideologia (...). Unica-

mente a partir desta proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação” (199). “Unidos a Jesus, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama” (267).

É muito doloroso constatar como instituições tão poderosas e com uma presença tão avassaladora na vida das crianças, como a escola de hoje, são instituições tão frágeis no essencial humano e tão agressivas e brutais na hora de expulsar os indesejados, transformando-os previamente em inensináveis e indisciplinados, autonutrimo assim a incapacidade institucional para se questionarem, reverem e renovarem a sua missão. Instituições que tornámo historicamente tão poderosas deveriam ser também as mais atentas aos mais frágeis, as que mais se deveriam dar ao cuidar dos tresmalhados, as que mais se deveriam dedicar à atenção e à escuta.

Terceiro, ainda há a narração da iniciação à fé e à pessoa de Jesus que, com as crianças, é feita como quem é criança e não como quem escolariza o acesso ao Pai (com plano de estudos, docentes de carreira, horários rígidos e salas de aula disciplinadas, testes, exames, avaliação e certificação!). Narram-se aqui experiências de fé muito inspiradoras, de adultos e de crianças, fontes de grande alegria.

Finalmente, este livro é todo ele uma alegria cheia de graça, espelhada na história concreta do MAAC e dos seus grupos, espalhados pelas dioceses do país. Vale a pena conhecer estas histórias concretas, cheias de dificuldades e repletas de energia e esperança.

Deus fez-se criança, encarnou entre nós humanos para nos trazer uma vida nova em abundância, a todos e a cada um, sem qualquer exceção. Deus fez-se criança para nos lembrar que ninguém pode ficar de fora da graça de crescer e de ser pessoa, em toda a sua autenticidade e plenitude. Deus fez-se criança para nos colocar a criança como o modelo do cuidado, da atenção e do dom, a criança como a escada de acesso ao Amor e à Misericórdia.

E como deve ter sido imensa a alegria de Deus quando se fez criança no seio de Maria, passando a habitar entre nós!

Boas leituras!

Abril de 2017

Joaquim Azevedo

(Faculdade de Educação e Psicologia da UCP-Porto; investigador do CEDH-UCP)

APRESENTAÇÃO

Este livro nasceu de uma ideia e de um pedido, feito em janeiro de 2008, pela coordenação nacional do Movimento de Apostolado de Crianças e Adolescentes (MAAC) ao Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP), para apoio científico à redação de uma história do movimento. Uma primeira reunião de trabalho teve lugar em março desse ano, com a presença de Paulo Fontes, enquanto investigador do CEHR, e de três representantes do MAAC: Carla Santos, coordenadora nacional; José Carlos Antunes, tesoureiro nacional; e o padre Emanuel Vaz, assistente eclesialístico nacional. Fixou-se a ideia de desenvolver um projeto de trabalho de recolha de elementos documentais, com o objetivo de reconstituir a história do Movimento em Portugal desde «os primeiros contactos efetuados com o MIDADE – Mouvement Internationale d’Apostolat des Enfants [em 1978] que levaram, posteriormente, ao surgir do MAAC em Portugal». A memória institucional registava também, a nível fundacional, o ano de 1984, data da primeira Assembleia Nacional, a partir da qual «o Movimento tem uma estrutura nacional formalizada e a funcionar regularmente» (informações constantes da correspondência entretanto trocada). No entanto, os primeiros estatutos só seriam aprovados e reconhecidos em 1994, situação comum a outras dinâmicas eclesiais católicas que se estabelecem inicialmente na base de iniciativas e formas de auto-organização, antes mesmo de qualquer forma de institucionalização e reconhecimento jurídico. Ao longo do processo de trabalho aprenderíamos que o movimento alterara a sua designação em 1996, passando de MAC – Movimento de Apostolado de Crianças para MAAC – Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças, assinalando o reconhecimento de uma idade específica a partir do envolvimento e protagonismo desses mesmos adolescentes no seio do movimento.

Para além da pouca disponibilidade de meios humanos e materiais para a realização deste projeto, uma dificuldade inicial se colocava: a inexistência de um arquivo organizado a nível do movimento. Assim, a par da aposta na recolha e organização da informação documental que se encontrava dispersa, da responsabilidade do MAAC, de imediato se estabeleceu como metodologia desejável o contacto com antigos membros do Movimento, no sentido de entrevistá-los ou de recolher informação local e de registar testemunhos pessoais passíveis de contribuir com as suas vivências pessoais para a formação de uma memória comum e para a elaboração da história institucional do movimento. Pela natureza do processo de trabalho que se veio a adotar, definia-se assim uma segunda característica deste projeto: explorar a relação intrínseca entre história e memória. Ou seja, se o objetivo era traçar a história deste movimento de apostolado,

não se tratava só de recuperar os marcos que permitiriam estabelecer o percurso institucional desde as suas origens até ao presente, mas também procurar refletir acerca dos processos e dispositivos, em função dos quais se foi definindo a própria identidade do MAC/MAAC como movimento católico, construindo uma memória própria.

O trabalho desenvolvido desde então passou por diversas fases. Inicialmente, pensou-se que seria o próprio movimento a realizar o trabalho de pesquisa, análise documental e redação de um texto de base, através do envolvimento de uma pessoa a tempo inteiro, assessorada cientificamente pelo Centro. A equipa de coordenação do MAAC chegou a elaborar um projeto de trabalho, datado de outubro de 2009, em ordem a procurar angariar meios financeiros de apoio à sua realização. O projeto definia então dois objetivos complementares: «a) Dar a conhecer a história e a identidade do MAAC ao público em geral, como o seu contributo na sociedade civil e na Igreja, através das ações transformadoras das crianças e adolescentes para a construção da justiça, da solidariedade e do bem-comum nos meios onde vivem; b) Promover a apropriação da identidade e da vida da organização MAAC [] pelos seus associados (crianças, adolescentes e acompanhantes), através da (re)descoberta dos seu percurso histórico e do seu papel na promoção do protagonismo da população infantil e juvenil e da vivência de valores humanos fundamentais, como a cooperação e a cidadania.» [cf. Cf. MAAC – *Crianças e adolescentes protagonistas da cidadania. MAAC: trinta anos de história em Portugal (1978-2008)*. 1ª versão. Lisboa, outubro de 2009]. Se com tal amplitude o projeto inicial não chegou a realizar-se, nomeadamente por falta de apoio financeiro, os objetivos do trabalho a promover ficaram balizados.

Entretanto, e paralelamente, foi-se desenhando um plano de consulta e recolha de dados junto de alguns antigos ou atuais membros do Movimento, isto é, todos os que nele tenham tido alguma forma de envolvimento e participação, fosse enquanto crianças e adolescentes, fosse na qualidade de acompanhantes ou animadores, ou ainda como responsáveis diocesanos e nacionais. Em simultâneo, procurou-se obter informação junto do MIDADE acerca do trabalho realizado em Portugal, cientes da importância que a dinâmica internacional do catolicismo tivera no lançamento e acompanhamento do MAC em Portugal. Desde o início do processo foi fundamental a consulta de um documento que era do conhecimento de vários dos responsáveis institucionais portugueses, intitulado *Pedido de adesão à grande família do MIDAC*, da responsabilidade da equipa nacional do MAC e datado de novembro de 1986.

Assim, e durante cerca de dois anos, uma equipa conjunta, que integrava a Carla Santos e o Pe. Emanuel Vaz, pelo MAAC, e o Nuno Estêvão Ferreira – entretanto convidado enquanto investigador do CEHR – e Paulo Fontes, fomos reunindo e trabalhando na definição e execução de uma metodologia de trabalho, em ordem à recolha e sistematização de informação e materiais de arquivo, assim

como à realização de um inquérito junto de membros do movimento à escala nacional. De modo não continuado, contámos ainda com a colaboração inicial da Margarida Belchior, uma das primeiras animadoras do Movimento e atualmente professora nas áreas da pedagogia. Data de maio de 2010 a formalização do que então designámos por Grupo “História e Memória do MAAC”, a partir do qual se reafirma o sentido da colaboração do MAAC com o CEHR: «empreender um trabalho conjunto, em ordem a preservar e valorizar o seu arquivo, a recolher e sistematizar elementos de informação dispersos, reunir testemunhos junto de muitos dos que passaram pelo movimento e participaram na sua dinâmica, seja enquanto crianças e jovens, seja enquanto animadores» [cf. Documento então redigido: *MAAC: trinta anos de história em Portugal (1978-2008)*]. Um primeiro contacto com responsáveis diocesanos e nacionais do movimento foi feito, tendo sido possível reunir com alguns deles, de modo a confirmar e sistematizar informações já recolhidas em material de arquivo e a testar algumas das ideias que íamos desenvolvendo.

Elaborado o questionário para a recolha de informação e testemunhos do MAAC, procedeu-se ao lançamento dos inquéritos individuais a 24 de junho de 2010. O processo de difusão do mesmo, através de uma rede de contactos pessoais e a sua recolha prolongou-se pelo final de 2010 e pelo ano de 2011, tendo, nalguns casos, entrado pelo início de 2012. O objetivo inicial era, a partir dos primeiros contactos obtidos a quem enviávamos os inquéritos, conseguir novos contactos pessoais, para quem reenviávamos os inquéritos, alargando-se assim o universo dos potenciais respondentes, numa estratégia alargada de disseminação e recolha de informação relativa ao projeto. A grande dispersão das pessoas pelo país e a falta de meios humanos dedicados especificamente ao projeto explicam algumas das dificuldades e atrasos verificados na recolha e organização da informação. No total, obtiveram-se mais de 60 respostas individualizadas, reportando informação acerca da generalidade dos locais e dioceses onde o movimento está ou esteve presente.

Verificou-se, no entanto, uma limitação quanto aos respondentes: não foi fácil obter contactos atualizados, e menos ainda conseguir respostas de pessoas que, enquanto crianças e adolescentes tenham passado pelo MAAC sem terem permanecido ligados à sua estrutura ou dinâmica numa fase posterior, nomeadamente como acompanhantes. Este dado parecia limitar ou, ao menos, condicionar o tipo de informação obtida, nomeadamente junto daqueles que foram os principais destinatários da ação do movimento: as crianças e adolescentes, e que, na sua grande maioria, não seriam inquiridos acerca da experiência e da memória que guardam desse período das suas vidas, contribuindo deste modo para avaliar a importância da sua passagem pelo MAC/MAAC nos respetivos trajetos de vida. No entanto, este não era o objetivo principal do trabalho, mas antes historiar as iniciativas e propostas que em cada tempo e lugar foram sendo

desenvolvidas, permitindo reconhecer e valorizar o protagonismo dos meninos e jovens adolescentes que se foram reunindo no Movimento ou que foram sendo envolvidos no trabalho concreto que em cada contexto foi possível desenvolver, de acordo com o seu projeto educativo, pedagógico, cívico e eclesial, conforme à sua identidade cristã.

Procurou-se, pois, superar o que surgia como uma possível limitação inicial relativamente aos objetivos gerais do trabalho, através de duas precauções metodológicas. Por um lado, no tratamento da informação obtida, adotou-se como critério fundamental a obrigatoriedade de em cada texto recolhido, trabalhado ou citado, se identificar sempre o seu autor e data de produção, referenciando o tipo de experiência ou de percurso a que o mesmo texto se reporta, de modo a permitir contextualizar as informações produzidas e as opiniões veiculadas, salvaguardando, sempre que tal se impunha, a privacidade das pessoas envolvidas. Por outro lado, procurou-se recuperar alguma documentação de época mais significativa, devolvendo-a tal e qual ao possível leitor, como acontece com as chamadas monografias, publicadas na segunda parte deste livro.

A necessidade de observação e contacto direto com a realidade concreta do movimento, por parte dos dois investigadores do CEHR ligados ao projeto, assim como a vontade dos responsáveis do MAAC em envolver e mobilizar o maior número dos seus membros na realização da história do Movimento explicam a deslocação de Paulo Fontes e de Nuno Estêvão Ferreira a Torres Novas, para aí participarem durante toda uma tarde nos trabalhos da 13ª Assembleia Nacional do MAAC, realizada de 2 a 3 de Julho de 2011, de que ficou registo numa reportagem televisiva realizada pelo programa televisivo da Igreja católica na RTP 2 (Ecclesia).

Entretanto, em função do interesse e amplitude que o projeto foi adquirindo, no CEHR outros colegas foram nele sendo envolvidos, em articulação com o início de um projeto de investigação mais alargado sobre o tema geral “Crença e Cidadania: Organizações e Imprensa Católicas na Sociedade Portuguesa no Século XX”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Em concreto, neste percurso o David Soares deu alguma colaboração pontual ao projeto e a Cátia Tuna foi convidada a participar neste trabalho, inicialmente ao nível da organização e sistematização dos materiais de arquivo e dos questionários que a Carla Santos vinha já reunindo a nível do Movimento. Este trabalho alargou-se depois ao levantamento das publicações periódicas do MAC/MAAC, desenvolvendo-se a partir daí uma linha de pesquisa específica.

O trabalho de recolha e tratamento dos inquéritos, das entrevistas e da documentação de arquivo recolhida esteve na base do processo de investigação e de reflexão realizado por parte da equipa de trabalho que, entretanto, se constitui e estabilizou, resultado de uma parceria institucional continuada entre o CEHR e o MAAC (Paulo Fontes, Carla Santos, Nuno Estêvão Ferreira e Cátia Tuna), dando

origem a este livro. Esquematizado ainda em 2014, o resultado final vem agora finalmente a público, sob a coordenação de Paulo Fontes, pelo CEHR-UCP, e de Carla Santos, pelo MAAC. A investigação resultou do envolvimento gracioso de todos os envolvidos num trabalho de equipa que facilmente se percebe no cruzamento de assinaturas autorais de cada uma das partes que compõem este livro, cuja edição só foi possível graças aos apoios financeiros que devidamente se registam e agradecem no lugar próprio.

* * *

O livro apresenta uma clara intencionalidade historiográfica, numa perspetiva aberta, permitindo ao leitor aceder diretamente a diversos registos da memória pessoal e institucional sobre o MAC/MAAC, sem ficar limitado às perspetivas analíticas aqui sugeridas ou exploradas. Assim, o livro combina ensaios de interpretação historiográfica, oferece instrumentos de pesquisa e publica fontes de informação histórica que permitirão, esperamos, novos estudos.

A obra foi organizada em duas grandes partes: “Estudos” e “Fontes”. Na primeira parte são reunidos um conjunto de ensaios com base nos materiais recolhidos ao longo deste projeto, assim como alguns instrumentos de sistematização de dados empíricos (a nível da distribuição territorial e cronológica). Num primeiro trabalho – *“O MAAC, a Igreja católica e a sociedade portuguesa contemporânea”* – é efetuada uma problematização das condições em que o MAAC surgiu e se estruturou em Portugal e estabelecida uma correlação entre as suas características de fundo e os principais tipos de organizações eclesiais católicas desenvolvidas na contemporaneidade. No estudo seguinte – *“Génese e afirmação do MAAC”* – é ensaiada uma interpretação historiográfica sobre as origens do movimento e as suas fases de afirmação, consolidação e reestruturação, assinalando não apenas fatores de crescimento e enraizamento, mas assinalando também resistências e manifestações de crises. Os dois trabalhos seguintes – *“As publicações periódicas do MAAC”* e *“A identidade do MAAC a partir das suas publicações”* – consistem numa análise quantitativa e qualitativa das publicações produzidas pelo MAAC e, com base nesses elementos, num ensaio de fixação das suas linhas identitárias centrais, nomeadamente aos níveis pedagógico e teológico. Os dois instrumentos de sistematização da informação recolhida encerram esta parte: *“A presença do MAAC nas dioceses”* traça um quadro graficamente sugestivo do modo como a nova organização se foi implantando no território nacional, sendo possível de captar aí, de modo quase instantâneo, a manutenção ou reprodução das grandes clivagens sociológicas e religiosas que separam o país do litoral do interior, e o dividem entre o norte e o sul; em *“Cronologia”* sistematizam-se os principais eventos da vida do movimento, procurando ajudar a fixar o seu quadro de institucionalização, sendo que a plasticidade das dinâmicas

desenvolvidas e a variabilidade da terminologia adotada relativamente aos diversos encontros e iniciativas nem sempre facilitaram o trabalho dos seus autores.

Na segunda parte do livro – “Fontes” – são disponibilizados alguns dos materiais empíricos que foram reunidos como suporte dos estudos anteriormente referidos e que permitirão alargar o âmbito de futuros trabalhos sobre o movimento. Foram selecionados, trabalhados e agrupados com um intuito também pedagógico de valorização das narrativas pessoais como modo de acesso à memória do MAAC, movimento que pela transitoriedade do seu trabalho (onde os destinatários e protagonistas são sempre novos e se encontram, por definição, em situação de passagem) enfrenta como desafio constante o risco da perda da memória coletiva do movimento. Os materiais recolhidos e selecionados pelos autores do livro foram organizados de acordo com as seguintes categorias: “*Testemunhos*”, que reúne textos solicitados aos seus autores para darem conta da sua experiência pessoal de envolvimento no movimento em diversas funções e planos de trabalho, com destaque para a ação cívica e a dimensão internacional, duas das marcas identitárias deste movimento católico; “*Percursos*”, que permitiu agrupar excertos das dezenas de textos recebidos conjuntamente com as respostas aos inquéritos e que ajudam a compreender, na primeira pessoa, o sentido de pertença ao movimento e a diversidade de iniciativas e formas de protagonismo, contribuindo para marcar percursos de vida; “*Monografias*” reúne quatro textos elaborados nos anos de 1980, traduzindo uma metodologia de trabalho em uso, os quais oferecem traços para a caracterização dos meios sociais periféricos onde o movimento procurava então enraizar-se. A finalizar, uma seleção de “*Fotografias*” ilustra o ambiente de atuação do MAAC ao longo dos tempos, assim como um conjunto de “*Desenhos*” transmite o colorido vivo e atual de uma organização que persistentemente se mantém a trabalhar em Portugal desde final da década de 1970.

Possam os leitores disfrutar da leitura do livro. Possa o MAAC rever-se, em traços gerais, no retrato que dele, em conjunto, traçámos. Possam os responsáveis eclesiais colher matéria de reflexão para o desafio de “trabalhar a partir das periferias”. Possam as instituições educativas interrogar-se acerca dos desafios concretos colocados à escola na construção de uma “sociedade inclusiva”. Possam os historiadores e a comunidade académica em geral beneficiar desta história para uma compreensão mais alargada da sociedade portuguesa e das suas dinâmicas de resistência e de transformação, onde o trabalho quotidiano das instituições religiosas se inscreve, assegurando assim uma presença necessária no espaço público.

Paulo F. de Oliveira Fontes

[ESTUDOS]

UNIDOS PELOS MESMOS IDEAIS . ♡♡



O MOVIMENTO DE APOSTOLADO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS (MAAC), A IGREJA CATÓLICA E A SOCIEDADE PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

PAULO F. DE OLIVEIRA FONTES*

1. O MAAC em perspectiva histórica

O início do Movimento de Apostolado de Crianças (MAC), em 1978, e a sua posterior transformação em Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças (MAAC), em 1996, na sua singularidade social e eclesial, correspondeu a mais uma proposta pastoral da Igreja católica na sua relação com a sociedade portuguesa contemporânea, com uma atenção particular à problemática dos “mais novos” e ao seu lugar na sociedade e na própria Igreja. Não sendo a única nem a primeira forma de o catolicismo em Portugal atender às questões suscitadas pela infância e pela adolescência enquanto idades da vida¹, esta proposta merece ser analisada e refletida no seu próprio percurso de já quase 40 anos em Portugal.

A celebração do Ano Internacional da Criança, em 1979, constitui um indicador inequívoco da importância que a problemática da criança adquiriu na reflexão e no debate político contemporâneo nos diversos *fora* à escala global². À diferença de épocas passadas, a celebração do evento visava ir para além da afirmação da necessidade da sua proteção, sublinhando a ideia de que “a criança” constitui um ser humano completo e, simultaneamente, um protagonista social de pleno direito, desencadeando um processo de reflexão e trabalho jurídico conducente à produção de uma convenção internacional. Se a existência anterior de

* Investigador integrado no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP).

¹ No campo da infância, refira-se, por exemplo, a criação do BICE – Bureau International Catholique pour l'Enfance, organização internacional católica (OIC) criada em 1948, e a que Portugal também esteve ligado, nomeadamente por via da Ação Católica Portuguesa.

² “Em 1976 a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou 1979 como Ano Internacional da Criança. Um dos objetivos gerais deste evento constituía na promoção dos interesses da criança e na consciencialização do público e dos políticos para as necessidades especiais da criança. O Ano Internacional da Criança deveria constituir um ano de ação a nível nacional destinado a melhorar a situação das crianças. Foi a propósito deste ano internacional que foi apresentado o projeto inicial de uma Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança.” (Catarina Albuquerque – *Os Direitos da Criança: as Nações Unidas, a Convenção e o Comité*, <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/onu-proteccao-dh/orgaos-onu-estudos-ca-dc.html>, consultado a 10 de junho 2015).

duas declarações internacionais – uma de 1924 e outra de 1959 – já afirmava a vontade de proteger a criança e reconhecia os seus direitos³, a posterior aprovação da Convenção de 1989 vai mais longe e tem um alcance jurídico maior⁴. Adotada no dia 20 de novembro de 1989, data do trigésimo aniversário da Declaração dos Direitos da Criança, esta data seria decretada pela ONU como Dia Universal da Criança, a ser celebrado anualmente. Conforme sublinham os sociólogos, a aprovação da Convenção de 1989

“inaugura uma nova representação da criança, ao consagrar o princípio do seu ‘superior interesse’. Portadora de direitos-proteção, passa a gozar também de direitos-liberdade. [...] Entende-se que a criança goza de liberdade de opinião, expressão, pensamento, consciência, reunião e vida privada. É como se lhe fosse atribuído um estatuto de quase-parceiro (do adulto) no contrato social”⁵.

É no seio deste trânsito cultural que, em Portugal, nasce o Movimento de Apostolado das Crianças.

Por outro lado, à escala nacional, o surgimento do MAC/MAAC verificou-se num contexto histórico muito particular, correspondendo a um período de grandes transformações da sociedade portuguesa, resultantes não apenas da revolução do 25 de Abril de 1974, mas também da paulatina integração do país na Europa das comunidades e da sua diversificação sociocultural no plano interno, ambos os processos acelerados pela descolonização africana e pelo fim do império colonial português. O impacte global de democratização da sociedade portuguesa verificou-se assim aos mais variados níveis da vida social, económica, cultural e política, assim como no âmbito das relações humanas – do trabalho à vida pessoal e familiar –, e com implicações nas diversas esferas da vida pública portuguesa.

³ Acerca da proteção dos direitos da criança pelo sistema das Nações Unidas, Catarina Albuquerque, do Gabinete de Documentação e Direito Comparado da Procuradoria-Geral da República, resume: “A abordagem e conceção que se encontravam na base de todas as declarações de carácter não vinculativo adotadas nesta matéria durante a primeira metade do século vinte, consistia no facto de as crianças necessitarem de uma proteção e cuidados especiais. Esta ênfase foi ligeiramente atenuado no texto de 1959, o qual consagrou a primeira menção aos direitos civis das crianças, ao reconhecer o seu direito a um nome e a uma nacionalidade. A Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989 viria alterar profundamente esta conceção da infância.” (cf. *Ibidem*).

⁴ “A Convenção sobre os Direitos da Criança consiste no primeiro instrumento de direito internacional a conceder força jurídica internacional aos direitos da criança. A diferença fundamental entre este texto e a Declaração dos Direitos da Criança, adotada 30 anos antes, consiste no facto de a Convenção tornar os Estados que nela são Partes juridicamente responsáveis pela realização dos direitos das crianças e por todas as ações que tomem em relação às crianças, enquanto a Declaração de 1959 impunha meras obrigações de carácter moral.” (*Ibidem*)

⁵ Ana Nunes de Almeida – Os mundos da infância: olhares, espaços e personagens. In *História da vida privada em Portugal: os nossos dias*. Vol. 5 da *História da vida privada em Portugal*, dirigida por José Mattoso. S.l.: Temas e Debates; Círculo de Leitores, 2011, p. 144-145.

A afirmação do valor da liberdade colocou questões do ponto de vista da aceitação da diversidade e do reconhecimento da pluralidade como referencial de identidade nos mais diversos campos de atividade, incluindo o campo religioso⁶.

O desenvolvimento de modos de vida urbanos – com o peso crescente das periferias das grandes cidades do litoral –, o aumento das classes médias e a valorização de novos padrões de vida e consumo, o surgimento da imigração – proveniente inicialmente e sobretudo dos novos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOPs) e em contraponto ao anterior ciclo emigratório português para a Europa –, assim como a progressiva tendência para a juvenilização cultural da sociedade⁷, por contraste com o envelhecimento populacional do país, nomeadamente em função do alargamento da esperança média de vida, são alguns dos traços marcantes das mudanças verificadas no último quartel do século XX em Portugal⁸.

Ditado e composição

O interesse das crianças era querer encontrar-se [...]. Na reunião falava-se dos acontecimentos que cada um apresentava (por exemplo 25 de Abril). Para entender melhor o que era a ditadura, chegou-se à conclusão que era como um ditado. Democracia, era como se fosse uma composição.

[Maria Isabel Pereira, acompanhante em Braga entre 1986 e 1997. Questionário n.º 11, 2010].

Neste quadro geral, vários aspetos da vida do MAC/MAAC ganham relevância e justificam o seu próprio estudo, a saber: a valorização do protagonismo dos mais novos; a natureza educativa do movimento numa aceção simultaneamente cívica e religiosa; a sua inscrição em determinado tipo de territórios urbanos ou suburbanos; a sua articulação com dinâmicas congéneres existentes noutros países e organização a nível internacional; a persistência do movimento como organização católica à escala nacional, apesar das fragilidades do seu trabalho em muitas das dioceses onde procurou implantar-se – ou devido às próprias fragilidades; e

⁶ Para uma visão de conjunto deste período e das questões que suscitou no interior do espaço católico, remetemos para a síntese que publicámos na História religiosa de Portugal: Paulo F. de Oliveira Fontes – O catolicismo português no século XX: da separação à democracia. In Manuel Clemente; António Matos Ferreira – *Religião e secularização*. Vol. 3 da *História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos A. Moreira Azevedo. Rio de Mouro: Círculo de leitores, 2000, p. 129-351; em especial, p. 245 e seguintes; p. 302 e seguintes.

⁷ Esta tendência não foi exclusiva da sociedade portuguesa. A celebração do Ano Internacional da Juventude, em 1985, assinala precisamente a importância que a problemática da juventude ganhou à escala global, embora por razões diversas nas sociedades do Norte ou do Sul do planeta. Para uma introdução geral, v. Paulo Fontes – Jovens, menos jovens e a educação das novas gerações. *Communio. Revista Internacional Católica*. 11:6 (1995) 503-514. Para o estudo aprofundado acerca do desenvolvimento de formas e expressões culturais próprias no país nos anos 90, v. José Machado Pais – *Culturas juvenis*. Lisboa: IN-CM, 1993.

⁸ Cf. Paulo F. de Oliveira Fontes – O catolicismo português..., p. 313 e seguintes.

também o relativo desconhecimento ou ignorância na esfera pública da existência desse mesmo trabalho, apesar da grande mediatização de alguns episódios da sua história⁹. Esse estudo, interessa realizá-lo numa perspetiva simultaneamente histórica, sociológica, pastoral, mas também teológica.

Acontece que, na tradição universitária portuguesa, os estudos sobre a religião desvalorizam frequentemente as dinâmicas institucionais minoritárias ou periféricas, como aquelas que o MAAC corporiza no seio da sociedade e do próprio catolicismo¹⁰; e os estudos sobre a sociedade em geral encontram-se frequentemente confinados por teorias que não incluem no seu campo de observação e análise iniciativas aparentemente tão localizadas como aquelas que a história do MAAC traduz¹¹, apesar de um discurso social e político que insiste cada vez mais na importância da sociedade civil. Mesmo na perspetiva de quem procura estudar dinâmicas e movimentos sociais, as idades da infância e da adolescência não parecem merecer ainda grande atenção, o que já não acontece propriamente com os jovens, cujo peso social parece ter maior impacto na configuração política da sociedade em geral.

Ver a vida com outros olhos

O momento mais marcante foi num encontro, em que refletimos até que ponto o MAAC era importante para nós até aquele momento. Quando reparei a pessoa que estava a falar chorava a explicar como a sua vida tinha mudado desde que tinha entrado para o MAAC. Chocou-me tanto, mas foi uma emoção muito boa, porque o que ela dizia era exatamente o mesmo que eu sentia. O MAAC ajudou-me a perder a vergonha, sentir-me mais aberta aos outros e ver a vida com outros olhos. O MAAC fez-me muito bem. Adorei!

[Carla Pereira, criança do grupo de Joane (Vila Nova de Famalicão) entre 1992 e 1998. Questionário n.º 5, 2010].

⁹ Referimo-nos nomeadamente à presença do movimento na Madeira e à denúncia de formas de exploração e de abuso infantil, a partir do chamado caso das “crianças das caixinhas”, nos anos 90. Para mais detalhes, ver os capítulos do Historial e Testemunhos, adiante no livro.

¹⁰ Há, no entanto, exceções, como o recente estudo de Alfredo Teixeira, coord. – *Identidades religiosas em Portugal: ensaio interdisciplinar*. Prior Velho: Edições Paulinas, 2012. A própria teologia que se pratica em Portugal no campo universitário, raramente parte da realidade social portuguesa, pelo que a atenção às dinâmicas eclesiais em causa só excepcionalmente são objeto de atenção.

¹¹ Basta compulsar as diversas histórias de Portugal publicadas recentemente para comprovar essa ausência e constatar, ao invés, a continuação do predomínio de uma visão política ou económica da evolução da sociedade, em detrimento de uma leitura histórica dos processos e dinâmicas sociais. Mesmo os estudos sociológicos mais orientados para áreas afins àquelas para que a história do MAAC aponta, como a valorização da relação entre pares ou o desenvolvimento do associativismo, não consideram habitualmente iniciativas institucionais desse tipo, sejam ou não de iniciativa confessional ou religiosa.

As crianças e os adolescentes são sobretudo ainda objeto de estudo na perspetiva de “proteção”, “regeneração” ou “reinserção” social, em função do desenvolvimento do quadro normativo resultante da evolução do direito familiar ou do direito penal e da evolução dos chamados “sistemas educativos”; estudos esses frequentemente centrados nos quadros institucionais estabelecidos (família, escola ou instituições sociais de proteção ou reeducação social¹²) ou na apreciação das diversas teorias sobre a educação.

Da constatação dos limites e dificuldades encontradas na observação e estudo desta dinâmica social e religiosa resulta, simultaneamente, um conjunto de pistas que indiciam, à partida, o interesse que a sua realização pode proporcionar para uma visão abrangente dos processos de transformação da sociedade portuguesa nas últimas décadas, atenta aos seus variados níveis e graus de complexidade. De entre as diversas abordagens possíveis, selecionámos três: a emergência de novas idades da vida; o desenvolvimento do associativismo eclesial como parte do processo de secularização da sociedade; e a pedagogia como mediação teológica, cultural e social para o reconhecimento dos “pequeninos” a que se referem os Evangelhos.

2. Idades da vida, sociedade e religião: a infância e a adolescência

A atenção à infância e à adolescência como novas idades da vida foi inicialmente pensada e articulada em função das transformações sociais verificadas na modernidade ocidental. Como alerta Philippe Ariès no seu estudo pioneiro sobre a criança e a vida familiar no Antigo Regime, “As idades da vida não correspondem apenas a etapas biológicas mas exprimem também funções sociais”¹³. Pensadas inicialmente como formas comuns e sequenciais de conceber a biologia humana – continuidade inevitável, cíclica, inscrita na ordem geral e abstrata das coisas, mais do que numa experiência real, já que, devido à grande mortalidade, poucos tinham oportunidade de percorrer todas as suas etapas –, a vida surgia, na Idade Média, marcada por uma dramaticidade, em que a cada idade passou a corresponder uma determinada iconografia e imagética que vai, no entanto, socialmente evoluindo. Em traços largos, sintetiza aquele historiador: “Tudo se passa como se a cada época correspondesse uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a juventude, a idade privilegiada do século XVII, a infância do XIX e a adolescência do século XX”¹⁴.

¹² V.g. Roberto Carneiro, coord. – *Casa Pia de Lisboa: um projecto de esperança*. Lisboa: Principia, 2005.

¹³ Philippe Ariès – *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Éditions du Seuil, 1973, col. Points Histoire, p. 41.

¹⁴ *Ibidem*, p. 51. E continua Philippe Ariès: “Estas variações de um século para outro dependem das relações demográficas. Elas testemunham a interpretação ingénua que a opinião atribui, em cada época, à

Como sublinharia a historiadora francesa Michelle Perrot, “No século XIX, a criança está mais do que nunca no centro da família. É objeto de um investimento a todos os níveis: afetivo, certamente, mas também económico, educativo, existencial. Herdeira, a criança é o futuro da família. A sua imagem projetada e sonhada, o seu modo de luta contra o tempo e a morte”¹⁵. Mas, como adverte a mesma autora, “a criança não pertence apenas aos seus; ela é o futuro da nação e da raça, produtora, reprodutora, cidadão e soldado de amanhã. Entre ela e a família, sobretudo quando esta é pobre e julgada incapaz, terceiros se interpõem: filantropos, médicos, homens de Estado que querem protegê-la, educá-la, discipliná-la”¹⁶. Neste sentido ela torna-se um “joguete de poderes”, mas “também lugar de saberes, desenvolvidos sobretudo no último terço do século XIX, pelos esforços conjugados da medicina, da psicologia e do direito”¹⁷. Assim se compreende que tenha sido a respeito da criança que se tenham promulgado as primeiras leis sociais, marcando “a primeira inflexão de um direito liberal no sentido de um direito social”¹⁸. A infância tornou-se assim uma zona limítrofe entre o público e o privado.

A problemática das idades da vida dos mais novos teve também impacto na vida das diversas Igrejas cristãs, necessariamente atentas às questões da transmissão religiosa, não apenas como um património sociocultural a preservar e legar às novas gerações, mas também como uma dimensão própria do processo de iniciação cristã, promovendo a descoberta e a vivência pessoal e comunitária da fé por parte dos mais novos. Neste quadro, e no contexto da sociedade portuguesa contemporânea, assume particular significado o aparecimento, a partir do século XIX, de iniciativas e formas de organização destinadas especificamente às crianças, de que são exemplo, no campo católico, os oratórios e patronatos ligados às diversas congregações religiosas masculinas e femininas, assim como a algumas obras de caridade e de ação social cristã, ou, no campo protestante, o desenvolvimento das escolas dominicais¹⁹.

estrutura demográfica, embora nem sempre a pudesse conhecer objetivamente. Deste modo a ausência da adolescência e o desprezo pela velhice ou, ao invés o desaparecimento da velhice, pelo menos enquanto degradação, e a introdução da adolescência, exprimem a reação da sociedade diante da duração da vida.” E conclui, assinalando a tendência: “Nas épocas de vida breve, a noção de idade privilegiada é ainda mais importante que nas nossas sociedades de vida longa” (*Ibidem*, p. 51-52).

¹⁵ Michelle Perrot – Personagens e papéis. In *História da vida privada*. Vol. 4: *Da Revolução à Grande Guerra*. Dir. de Philip Ariès e Georges Duby. Porto: Edições Afrontamento, 1990, p. 147-148.

¹⁶ *Ibidem*, p.148.

¹⁷ *Ibidem*, p.148.

¹⁸ *Ibidem*, p.148.

¹⁹ Cf. José António Martin Moreno Afonso – *Protestantismo e educação: História de um projecto pedagógico alternativo em Portugal na transição do século XIX*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2009.

A importância dada às novas idades da vida explica também a alteração da disciplina católica relativamente à celebração da primeira comunhão, na sequência do decreto pontifício do papa Pio X, de 8 de agosto de 1910, *Quam singulari Christus amore*²⁰. No século XIX a primeira comunhão fazia-se geralmente com a idade de cerca de 12 anos, uma prática social pós-tridentina que fizera deslizar a idade da razão ou “discrição”²¹ para o limite superior do intervalo etário adotado, entre os 9 e os 13 anos. E se já, no século XIX, o papa Pio IX condenara a realização da primeira comunhão numa idade tardia e uniforme, Pio X determina que se inicie a comunhão das crianças logo que comecem a ter um conhecimento elementar da religião, em média aos sete anos. Como refere uma outra historiadora francesa, “O decreto tem dois fins, um espiritual, outro material. Trata-se em primeiro lugar de eliminar o que havia de jansenista na primeira comunhão tardia. [...] O decreto, por outro lado, queria reduzir a sumptuosidade que envolve a primeira comunhão”²². A partir de então desenvolveu-se uma nova prática social que reforça, aliás, a importância da comunhão como parte do sistema católico e que

“sem negligenciar o decreto *Quam singulari*, vai conservar a sumptuosidade da antiga cerimónia. A primeira comunhão de outrora divide-se em duas: a primeira, a que se chama ‘pequena’ ou ‘privada’, faz-se na idade da discrição, por volta dos sete anos; a segunda, cerca dos doze-treze anos, tem o nome de ‘solene’, mas substitui exatamente a antiga ‘primeira comunhão’”²³.

As mudanças introduzidas no dispositivo religioso católico da comunhão eucarística acompanham assim duas importantes mudanças do ponto de vista

²⁰ Cf. Anne Martin-Fuggier – Os ritos da vida privada burguesa. In Michelle Perrot – *História da vida privada*. Vol. 4: *Da Revolução à Grande Guerra*. Dir. de Philippe Ariès e Georges Duby. Porto: Edições Afrontamento, 1990, p. 251-254.

Michelle Perrot – *Personagens e papéis...*, p. 148.

²¹ Tal conceção apontava simultaneamente para a capacidade de distinguir o bem do mal e o pão eucarístico do pão vulgar.

²² Anne Martin-Fuggier – Os ritos da vida privada burguesa..., p. 252. Aí se explica: “Os jansenistas, com efeito, apresentam a eucaristia como uma recompensa, enquanto que ela deve ser considerado como “um remédio para a fragilidade humana”. Assim, se uma criança se afigura suficientemente instruída sobre as coisas da religião após dois anos de catecismo, é útil fazê-la comungar pela primeira vez e levá-la em seguida a confessar-se e a comungar frequentemente: este é o melhor meio para fortificar a sua alma. É preciso que o sacramento sirva de muralha contra a tentação e o pecado. A comunhão precoce deveria idealmente levar à comunhão quotidiana e ao coração puro”. Por outro lado, a prática da comunhão coletiva, iniciada em certos círculos religiosos no século XVIII e posteriormente difundida, conduziu a associação do ritual católico à mundanidade, com um cerimonial que visava deixar uma “recordação que nada apague”, tal como no casamento. “Baixar em vários anos a idade da primeira comunhão é forçosamente afastá-la do seu papel de refiguração do casamento” (p.253).

²³ *Ibidem*, p. 254.

societário: a valorização da infância como idade de razão, distinta da puerícia; e o reforço da importância dada à passagem da infância para a adolescência, através de um ritual religioso de transição: a comunhão solene. No quadro da sociedade burguesa e do que historiograficamente se designa também como “catolicismo burguês”²⁴ – referencial hegemónico da modernidade europeia –, “A entrada na adolescência, marcada por uma cerimónia religiosa, tornou-se uma ocasião de alegrias familiares a que era impensável renunciar”²⁵.

Entretanto, ao longo do século XX, a fase da adolescência ganhou um paulatino reconhecimento social, à medida que se foi alargando o processo de escolarização obrigatória e se foram dilatando os prazos de transição da juventude para a idade adulta, resultante nomeadamente das dificuldades crescentes da entrada no mundo do trabalho profissional. Neste sentido, a distinção entre “jovens adolescentes” e “jovens adultos” foi ganhando relevância crescente. Sem haver uma unanimidade nos vários campos do saber e nos diversos quadros culturais acerca do modo como se articula adolescência e juventude, o certo é que os desenvolvimentos da medicina, da psicologia e da sociologia acabariam por contribuir para esse reconhecimento, permitindo assinalar e estudar as mudanças fisiológicas, psíquicas e comportamentais de rapazes e raparigas nos diversos meios socioculturais²⁶. Em Portugal, por exemplo, em 1962 teria lugar o I Encontro Nacional sobre Problemas da Adolescência, organizado por iniciativa dos assistentes eclesiásticos nacionais das organizações católicas de juventude, masculinas e femininas²⁷.

Especificamente no âmbito da juventude, cuja importância social e política se revela marcante na transição do século XIX para o século XX, na Europa assiste-se

²⁴ Cf. Émile Poulat – *Église contre bourgeoisie: introduction au devenir du catholicisme actuel*. Tournai: Castermann, 1977.

²⁵ *Ibidem*, p. 254.

²⁶ Para uma caracterização sociológica feita a partir da realidade portuguesa atual, v. Lia Pappamikail – *Adolescência e autonomia: negociações familiares e construção de si*. Lisboa: ICS, 2013. Aí se analisam os mecanismos e processos de individuação dos adolescentes na procura da sua autonomia, liberdade e independência – três tópicos centrais do discurso e valores sociais modernos.

²⁷ Cf. C. Marques Pereira [et al.] – *Problemas da adolescência*. Lisboa: União Gráfica, 1964. Col. Juventus; 6. Neste livro, que publica as atas do referido Encontro, pode ler-se no prólogo de D. José Pedro da Silva, bispo de Tiava e presidente da Junta Central da Ação Católica, a seguinte perspetiva: “A adolescência é na vida do homem um período difícil, de rutura de um equilíbrio mantido sem esforço e da procura de novo equilíbrio, em que o esforço é necessário. Ela foi já definida a *idade em que o indivíduo adormece criança e acorda homem*. Mas o sono que esta definição supõe nunca é tranquilo! É mais sonho do que sono, dando àquela palavra o sentido largo e otimista da idealização do futuro. [...] Daqui a importância da educação dos adolescentes. A formação de hábitos, numa idade em que tudo é visto sob o prisma de ideal, em que a receptividade, contornadas certas dificuldades psicológicas, é extraordinária, bem como a capacidade de doação, assume uma importância decisiva em que todo o processo educativo, mormente na formação religiosa em que os hábitos infusos das virtudes teológicas e morais dependem, na sua facilidade de exercício, dos correspondentes hábitos adquiridos.” (p. 7).

a partir de então ao aparecimento de organizações e movimentos a ela destinados, nomeadamente nos universos religiosos cristão e judaico²⁸. Também em Portugal é possível detetar um conjunto de iniciativas que atestam o renovado interesse pela problemática social dos jovens neste período, como sejam, no campo católico, a Juventude Antoniana, em Braga (1895), a Associação dos Estudantes Católicos do Porto (1898) ou a Juventude Católica de Lisboa (1908); e, no campo protestante, a União Cristã da Mocidade Portuguesa (1895), entre outros²⁹.

Neste processo de mutação cultural, expressão de uma modernidade que fez do futuro um horizonte prometeico e encontrou nos mais novos uma força de renovação social e até de combate civilizacional³⁰, verifica-se o paulatino abandono da ideia de “geração moça” enquanto forma de representação social e consequente imagética cultural, e a sua substituição pela “juventude” como novo arquétipo social desta idade da vida. A ideia de juventude corresponde aqui não apenas a uma fase de transição da infância para a vida adulta ou uma coorte etária específica, mas à afirmação de um grupo etário com identidade própria, incarnando um ideal de ser humano e valores típicos de dada concepção de cidadania, passando a funcionar, no discurso cultural e político, como uma categoria social específica³¹. Evidentemente que, na sua concretização histórica, é possível rastrear a existência de uma variedade de modelos socioculturais e políticos e de concepções de ser humano, que não cabe, no entanto, desenvolver aqui.

Mas, se o protagonismo dos jovens veio a ser valorizado em múltiplas iniciativas organizativas – de que o escutismo constitui um bom exemplo, porque transversal às diversas perspetivas confessionais ou laicas, cuja influência na formação e enquadramento social da juventude era disputada pelo próprio Estado³² –, outras iniciativas existiram situadas sobretudo numa atitude de proteção moral e de apoio material. Foi o caso da Obra de Proteção às Raparigas (1914), organização portuguesa ligada a uma dinâmica católica internacional, inicialmente popularizada como “Obra das Gares”, na medida em que visava acolher e oferecer

²⁸ Cf. Gérard Cholvy – *Mouvements de jeunesse chrétiens et juifs: sociabilité juvénile dans un cadre européen, 1799-1968*. Paris: Cerf, 1985.

²⁹ Para uma visão de conjunto acerca do século XX, remetemos para um trabalho nosso anterior, Paulo Fontes – *As organizações de juventude e o movimento católico no século XX em Portugal*. *História*. 31 (Maio de 1997) 16-29.

³⁰ Basta pensar-se na mobilização obrigatória dos jovens rapazes enquanto força de combate dos novos exércitos nacionais, que empunhando o “facho da nação e da civilização”, e transportando-o para novos espaços geográficos e culturais, à medida da construção das nações-império, acabariam por defrontar-se nas duas guerras mundiais, que, no dizer de Eric Hobsbawm constituíram também uma nova e longa guerra civil de 30 anos no espaço europeu.

³¹ Cf. José Machado Pais – a construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*. 105-106 (1990) 139-165.

³² Cf. Paulo F. Oliveira Fontes — Escutismo. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. de Carlos A. Moreira Azevedo. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000, vol. 2: C-I, p. 168-172.

apoio às raparigas que, utilizando o novo meio de transporte que era o comboio, migravam do campo para as cidades, do interior para o litoral do país³³. Aliás, no quadro da instauração da I República, a reorganização do movimento católico depois do chamado “Apelo de Santarém” (1912), lançado pelo episcopado aos católicos portugueses, teve na realização do Congresso das Juventudes Católicas e na criação da Federação das Juventudes Católicas Portuguesas (1913) um ponto alto³⁴. Confirma-se assim a ideia de que, a par de outros aspetos, a valorização das idades da vida como critério de organização do movimento católico, na sua estratégia de enquadramento e mobilização social em ordem à chamada “recristianização da sociedade”, foi marcante ao longo de todo o século XX. Alargado a outros setores³⁵, o critério etário teve particular reconhecimento na estrutura da Ação Católica Portuguesa (1933-1974), uma das mais significativas formas de organização de apostolado no país nesse período³⁶.

3. Movimentos eclesiais contemporâneos: associativismo, apostolado de leigos e secularidade

Do ponto de vista da dinâmica socio-religiosa portuguesa, podemos assim identificar o MAAC como fazendo parte de uma realidade mais vasta do catolicismo contemporâneo, no seio do qual se desencadeou o processo de criação e desenvolvimento do que veio a designar-se como “movimentos eclesiais contemporâneos”³⁷. E, se esta realidade se tornou pastoralmente mais evidente e institucionalmente reconhecida no seio da Igreja católica sobretudo a partir da segunda metade do século XX, ela inscreve-se numa dinâmica de mobilização do catolicismo que remonta à centúria de Oitocentos, assente no desenvolvimento de lógicas associativas e de formas de compreensão da vida religiosa que visavam

³³ Esta organização ganha depois o nome de ACISJF – Associação Católica Internacional ao Serviço da Juventude Feminina, presente em Portugal até aos dias de hoje.

³⁴ Cf. Paulo F. de Oliveira Fontes – O catolicismo português..., p. 147.

³⁵ A valorização das idades da vida explica o aparecimento de múltiplas organizações dedicadas não apenas aos jovens e adultos, mas também às crianças – como a Liga Eucarística das Crianças (1921), os Benjamins e Cadetes da Acção Católica (1936), por exemplo, ou ainda, já na segunda metade do século XX, e à medida que aumenta a idade média de vida e se faz sentir um certo envelhecimento populacional, o aparecimento de organizações dedicadas a setores mais idosos, como, por exemplo, o Movimento Vida Ascendente (1985), “que prepara e ajuda os fiéis para viverem os valores da terceira idade” (Apud Paulo F. de Oliveira Fontes – Movimentos eclesiais contemporâneos. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. de Carlos Moreira Azevedo. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2001, vol. 4: P-V; Apêndices, p. 459-470).

³⁶ Cf. Paulo F. de Oliveira Fontes – *Elites católicas em Portugal: o papel da Acção Católica (1940-1961)*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia; Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

³⁷ Cf. Paulo F. de Oliveira Fontes – Movimentos eclesiais contemporâneos...

integrar e responsabilizar o comum dos crentes católicos na vida e missão da Igreja, no contexto do que já foi definido com “a era secular”³⁸.

A problemática destes movimentos eclesiais foi objeto particular de reflexão teológica no final do século XX, conforme a uma leitura do II Concílio do Vaticano que sublinha sobretudo a “eclesiologia de comunhão” e a valorização da ideia de “carisma”³⁹. No entanto, a existência dos então designados “novos movimentos e comunidades” só foi possível graças a um longo percurso que permitiu a valorização do papel e o reconhecimento do lugar dos leigos no interior da Igreja católica, a par da valorização do associativismo do conjunto dos fiéis católicos, que o novo Código de Direito Canónico de 1983 haveria de reconhecer⁴⁰.

A nível geral da sociedade, o associativismo como modelo de participação pública e cívica tornou-se num dos tópicos fundamentais do discurso contemporâneo⁴¹. O processo de modernização das sociedades europeias verificado a partir do século XIX, em articulação com as grandes transformações económicas e sociais trazidas pelas revoluções industrial e demográfica, pela urbanização e pelas revoluções liberais, alteraram radicalmente as sociabilidades e formas de agregação social tradicionais. A centralidade no indivíduo, traduzida politicamente na noção de cidadão, foi acompanhada pela definição e relação entre as designadas esferas pública e privada das sociedades, a par da emergência de novas idades da vida, abordadas no ponto anterior. Neste contexto, o associativismo surgiu como resposta à atomização social e à percepção da fragilização dos laços sociais, a partir da valorização do universo individual⁴².

³⁸ Para uma leitura desenvolvida, cf. Charles Taylor – *A era secular*. Lisboa: Instituto Piaget, 2012. Num conjunto de ensaios anteriores, quando ainda preparava este último livro, Taylor caracteriza o imaginário da secularidade nos seguintes termos: “[...] é o fim da sociedade enquanto estruturada pela sua dependência relativamente a Deus ou ao além. Não é o fim da religião pessoal [...] Nem sequer é necessariamente o fim da religião na vida pública, como mostra o caso americano. No entanto, é indubitavelmente um estágio decisivo no desenvolvimento da nossa situação moderna, em que crença e descrença podem coexistir como alternativas.” (Charles Taylor – *Imaginários sociais modernos*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010, p. 179).

³⁹ A este propósito, veja-se a obra do cardeal Joseph Ratzinger, teólogo e prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, antes de se tornar papa, com o nome de Bento XVI: Joseph Ratzinger – *Os movimentos na Igreja: presença do Espírito e esperança para os homens*. Estoril: Princípi Editor, 2007.

⁴⁰ Cf. *Código de Direito Canónico promulgado por S.S. O Papa João Paulo II*. Lisboa; Braga: Conferência Episcopal Portuguesa; Editorial Apostolado de Oração, 1983. Nos seus cânones 298 a 329 legisla-se sobre as designadas “associações de fiéis”, distinguindo basicamente dois tipos: associações públicas e associações privadas. Para maior desenvolvimento do tema, v. Jornadas de Direito Canónico, 12, Fátima, 2004 – *As associações na Igreja: actas*. Coord. Saturino da Costa Gomes. Lisboa Universidade Católica Editora, 2005.

⁴¹ Este é um dos tópicos centrais da obra, hoje clássica, de Alexis de Tocqueville – *Da democracia na América*, na sua observação comparativa entre os países do continente europeu e os Estados Unidos da América. A primeira edição dos textos data de 1835-1840. Tradução portuguesa: Estoril. Princípi, 2007.

⁴² Esta síntese, aqui genericamente apresentada, é devedora do trabalho conjunto desenvolvido com a minha colega Maria Alexandre Lousada, professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no seminário temático “Sociedade e Estado: das formas de agregação e sociabilidade tradicionais ao associativismo contemporâneo”, que orientámos no 2º semestre de 2013/2014, no âmbito do “Programa InterUniversitário de Doutoramento em História (PIUDHist): Mudança e Continuidade num Mundo Global”.

A formalização jurídica dessa evolução societal demorou a concretizar-se; na maioria dos países europeus só no final do século XIX /início do século XX foram votadas leis que garantiam a liberdade de associação, incluindo as associações operárias e religiosas. Tal não impediu, no entanto, que o associativismo se tivesse largamente difundido, do plano local ao internacional. Destinadas de início ao “aperfeiçoamento moral” e à construção e difusão de virtudes públicas, a partir da segunda metade do século XIX assistiu-se, tanto na Europa como nos Estados Unidos, a uma explosão de formas associativas, com objetivos, formas de organização e visando setores de intervenção muito diversos. Entre a defesa e a reivindicação de interesses de grupo a nível profissional ou corporativo, passando por formas de integração e coesão social de novos setores da sociedade – a nível operário, por exemplo – ou de expressão de novas sociabilidades, em função da redefinição ou reforço de identidades – como os jovens ou as mulheres, por exemplo –, até aos mais recentes movimentos sociais e de participação cívica – de que a ecologia é um exemplo transversal –, as práticas associativas deram lugar a um *ethos* associativo que se mantém como um dos elementos fundamentais das sociedades ocidentais contemporâneas⁴³.

Um grupo com objetivos em comum

Para mim, o MAAC ficar-me-á na memória não como um mero grupo de jovens que frequentava ao sábado à tarde para me divertir, mas sim um conjunto de pessoas, com objetivos em comum, que se reuniam, interagiam e trabalhavam para entenderem, quer melhor o mundo à sua volta, como a eles próprios, partilhando experiências e convivendo com pessoas de todos os mais variados géneros e feitios [...].

[Pedro Marques, criança e depois acompanhante no grupo da Pampilhosa (Mealhada). Questionário n.º 18, 2010.

O desenvolvimento dos movimentos eclesiais contemporâneos inscreve-se assim nesta tendência social e só aí ganha plena compreensibilidade. O reconhecimento da iniciativa individual nas várias esferas da vida em sociedade – agora autonomizadas, resultante do processo de secularização⁴⁴ –, a aceitação da confli-

⁴³ Da vasta bibliografia disponível sobre o tema, v. Nancy Bermeo; Philip Nord – *Civil society before democracy: lessons from nineteenth century*. New York: Rowman & Littlefield, 2000.

⁴⁴ Veja-se a seguinte definição de secularização: “Apreciada neste âmbito mais global [das sociedades tecidas pela matriz judaico-cristã], corresponde ao processo de ruptura da homogeneidade social garantida pela dimensão religiosa e apresenta-se associada à valorização da liberdade, enquanto horizonte de realização individual e fundamento do viver em sociedade, expressando formas de autonomia desses mesmos níveis de realização, considerada esta como afirmação da consciência individual e do agir cívico.” (António Matos Ferreira – Secularização. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol. 4: P-V; Apêndices. Dir. de Carlos Moreira Azevedo. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2001, p. 195-202; citação da p.196).

tualidade resultante de interesses e entendimentos diversos por parte dos vários setores sociais, culturais, políticos ou económicos, mas também religiosos⁴⁵, o aparecimento de novos padrões de referência e a emergência de novas formas de sociabilidade, com a valorização do sentido de pertença e autonomia individual, são tudo fatores que atravessaram o movimento católico⁴⁶ no seu todo e os movimentos eclesiais em particular.

Efetivamente, e como já tivemos ocasião de analisar de modo mais desenvolvido noutro local,

“Em termos gerais, e considerado o catolicismo como uma forma religiosa de vivência e integração social, assente na ideia de corporeidade, podem distinguir-se dois modelos correspondentes a duas grandes fases na história dos movimentos eclesiais contemporâneos: uma primeira, marcada pelo desenvolvimento do associativismo católico, como forma de resposta à emergência da sociedade liberal, assente no desenvolvimento de novos protagonismos (a importância dos fiéis comuns) e novas formas de conceção pastoral a partir da ideia da necessidade de recristianização; uma segunda fase, que se afirma a partir da segunda metade do século XX, marcada pelo aparecimento de uma perspetiva que se pode considerar neocongreganista, como reação ao sentimento de fragmentação experimentado a nível individual e forma de integração relativamente a uma realidade percecionada como marcada pelo atomismo social.”⁴⁷

E, neste contraponto binário, há que sublinhar que

“Em termos das relações Igreja-Estado, estes dois modelos correspondem também a dois tempos: um, marcado pela preocupação da Igreja em definir o seu próprio espaço na sociedade, em contraposição às tendências hegemónicas ou totalitárias do Estado, traduzindo-se no modelo da Ação Católica de Pio XI; outro, definido pela valorização da democracia política e pelo paradigma da pluralidade e da laicidade, a que a Igreja católica procurou responder com novos movimentos eclesiais, visando uma resposta global para os seus membros e gerando os seus próprios mecanismos integradores assente cada um deles em diferentes tradições

⁴⁵ O reconhecimento desta conflitualidade como característica das sociedades modernas encontra-se na génese e desenvolvimento da própria Doutrina Social da Igreja.

⁴⁶ Para o desenvolvimento da noção de movimento católico, v. E. De Jonghe; L. Preneel – *Théorie et langage du mouvement catholique*. Leuven: Universitaire Pers, 1982. Acerca do movimento católico português, v. Paulo F. de Oliveira Social – Catolicismo social. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol. 1: A-C. Dir. de Carlos Moreira Azevedo. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000, p. 310-324.

⁴⁷ Paulo F. de Oliveira Fontes – Movimentos eclesiais contemporâneos..., p. 459.

espirituais, com carismas e especificidades próprias, à semelhança das congregações religiosas”⁴⁸.

O surgimento do MAC/MAAC inscreve-se, pois, num período de transição da primeira para a segunda fase acima referidas. Tal facto encontra-se patente, por exemplo, no debate interno verificado acerca da sua identidade como movimento de Ação Católica⁴⁹, num momento em que eram já evidentes vários sinais de esgotamento do paradigma de apostolado para que aquela referência apontava⁵⁰, ao mesmo tempo que a nova organização apresenta, desde o início, aspetos inovadores na sua proposta de relação da Igreja com a sociedade envolvente. Entre esses aspetos inovadores, cite-se: o empenho em inscrever a sua ação em novos territórios sociais, como sejam o trabalho realizado em bairros periféricos ou suburbanos com populações de origem imigrante; assim como a valorização do trabalho em rede e as parcerias com outras instituições sociais, sem perda da sua referência católica, patente, por exemplo, nas campanhas contra o trabalho infantil desencadeadas nos anos de 1990⁵¹.

Marcha na Trafaria pelos Direitos da Criança

Há um episódio que marcou decisivamente o grupo de crianças da Trafaria, a maioria das quais na altura eram meus alunos que foi, julgo que em 1985, o programa de televisão 70x7 ter ido à Trafaria recolher os testemunhos das crianças que eram todas crianças pobres e em risco de insucesso escolar. Este grupo, na sequência dessa experiência preparou e dinamizou uma marcha na Trafaria pelos Direitos das crianças e participou pela primeira vez ativamente num encontro diocesano do MAC. Há poucos anos encontrei dois desses alunos – agora adultos – disseram-me que a experiência do MAC os transformou e nunca se esqueceram de toda a alegria e força que lhes deu.

[Isabel Maria da Costa Sassetti Paes (Mimi), acompanhante no grupo do Prior Velho (Loures) entre 1980 e 1989, coordenadora diocesana e nacional em 1980. Questionário n.º 28, 2010].

Do ponto de vista teológico, a valorização do papel dos leigos e o reconhecimento do associativismo no interior da Igreja católica, verificados ao longo do

⁴⁸ *Ibidem*, p. 459.

⁴⁹ Cf. Nuno Estêvão Ferreira – “Génese e afirmação do MAAC”, mais adiante.

⁵⁰ Acerca da crise desse modelo, cf. António Matos Ferreira – A Acção Católica: crise, inadequação ou paradigma ultrapassado?: notas para outro modelo explicativo. In António Matos Ferreira; Luís Salgado de Matos – *Interações do Estado e das Igrejas: instituições e homens*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2013, p. 107-142. Aí se explicita: “[...] a AC correspondeu a um determinado paradigma que, pelo seu percurso e pelo da Igreja Católica no seu conjunto, acabou por ter de se confrontar com a sua ultrapassagem, dando certamente a sensação de esvaziamento ou de esgotamento, muitas vezes expresso na terminologia ‘a Acção católica como experiência estava ultrapassada.’” (p. 134).

⁵¹ Veja-se adiante “Génese e afirmação do MAAC” e “Percurso”.

século XX, conduziram ao reconhecimento do “apostolado dos leigos” enquanto tal, com especificidade própria e autonomia⁵², assim como a uma visão mais aberta e dialógica da relação Igreja-Mundo. Partindo da assunção do valor da secularidade⁵³, o II Concílio do Vaticano (1962-1965) sublinharia ainda, de modo especial, a necessidade de uma “teologia dos sinais dos tempos”⁵⁴, a qual constitui uma forma peculiar de atenção à dimensão histórica da realidade humana na sua amplitude e diversidade; ou seja, olhar os acontecimentos de cada tempo, perscrutando neles os sinais da novidade escatológica que se manifesta e revela em cada presente. Como afirma um dos teólogos portugueses que refletiu sobre esta questão,

“Propor o Evangelho do Reino sempre a Igreja o fez, ao longo dos séculos, com maior ou menor intensidade; mas declarar-se disposta a escutar o que o mundo tem para lhe dizer, sugerindo-lhe porventura os caminhos da missão, é perspectiva nova, a exigir uma transformação progressiva e profunda das mentalidades dentro da Igreja, na sua atenção à história e no seu amor por todos os homens”⁵⁵.

E prossegue. “O que está em questão é um olhar novo, marcado pela esperança, sobre o mundo e sobre a história, também eles campo da ação transformadora do Espírito de Deus”⁵⁶.

⁵² Sobre esta questão, ver a reflexão de Giovanni Turbanti – A autonomia dos leigos da *Lumen gentium* à *Gaudium et spes*. In Cettina Militello, coord. – *Os leigos depois do Concílio: a identidade e a missão dos cristãos*. Lisboa: Paulinas, 2012, p. 11-53.

⁵³ A secularidade entendida como a “justa autonomia das realidades terrenas” tal qual aí se proclama. Sobre a secularidade como elemento característico da modernidade ocidental, v. Charles Taylor – *Imagínarios sociais modernos*. Aí afirma: “Este imaginário social é, pois, de forma bem patente, o fim de um certo tipo de presença da religião ou do divino no espaço público. É o fim da época em que a autoridade política, bem como outros agentes comuns metatópicos, eram inconcebíveis sem a referência a Deus ou a um tempo superior, em que eles estão de tal modo inseridos nas estruturas de autoridade que esta se não pode entender sem separadamente do divino, do mais elevado ou do mais numinoso.” (p. 178). E conclui: “A modernidade é secular, não no sentido frequente, mas um pouco vago da palavra, em que ela designa a ausência da religião, mas antes no facto de que a religião ocupa um lugar diferente compatível com a acção de que toda a acção social tem lugar no tempo profano.” (p. 185).

⁵⁴ A este propósito, v. José da Cruz Policarpo, padre – “*Sinais dos tempos*”: *gênese histórica e interpretação teológica*. Lisboa: Sampedro, 1971. Obra posteriormente reeditada, sendo o autor já cardeal-patriarca de Lisboa: *Obras escolhidas*. Vol. 1: *O Evangelho e a história: ler os sinais dos tempos*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003. Aí se reafirma a atualidade do tema: “A possibilidade de a Igreja ler, na realidade da história contemporânea, sinais que lhe inspirem os caminhos da missão, define e dá densidade à perspectiva mais vasta do Concílio, que quer a Igreja em diálogo com o mundo, aceitando o realismo e a densidade de todo o diálogo, que é sempre escuta e proposta. Propor o Evangelho do Reino, sempre a Igreja o fez, ao longo dos séculos, com maior ou menor intensidade; mas declarar-se disposta a escutar o que o mundo tem para lhe dizer, sugerindo-lhe porventura os caminhos da missão, é perspectiva nova, a exigir uma transformação progressiva e profunda das mentalidades dentro da Igreja, na sua atenção à história e no seu amor por todos os homens.” (p. 418).

⁵⁵ *Ibidem*, p. 418.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 422.

O teólogo, de nome José da Cruz Policarpo, viria a ser, anos mais tarde, cardeal-patriarca de Lisboa (1998-2013). Mas, foi como reitor do Seminário dos Olivais e então ainda na qualidade de bispo auxiliar desta diocese na década de 1970 que acolheu e apoiou a proposta inicial de implantação do Movimento de Apostolado das Crianças (MAC) no país, indicando e apoiando a participação e envolvimento de alguns seminaristas nessa nova dinâmica. De então para cá, o Movimento conheceu um percurso próprio, pleno de realizações mas não isento de dificuldades, tensões e conflitos, na sua relação com o todo da sociedade, da Igreja e de si próprio como um projeto em construção, em devir. Afinal, expressão de um catolicismo em movimento que, segundo a sua própria matriz fundacional, procura alicerçar-se numa dupla fidelidade: ao Evangelho cristão que deseja anunciar e à realidade social em que procura exercer o seu apostolado junto dos mais novos da sociedade portuguesa, aos quais reconhece um protagonismo próprio. Observemos agora, de mais perto, uma recente iniciativa local que nos serve como “caso de estudo”.

4. Um caso: o grupo MAAC do Bairro Alto da Cova da Moura

Em 2014 foi publicado um pequeno livrinho intitulado *Meu amigo Deus*, uma coletânea de “Orações de crianças do Bairro Alto da Cova da Moura”, preparado, ilustrado e publicado em 2014 por um grupo local do Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças (MAAC)⁵⁷. Escrito e destinado prioritariamente a crianças, o texto resultou do trabalho desenvolvido com um alargado grupo de 50 delas no âmbito do trabalho promovido pelo movimento, cujos nomes e fotos surgem no final do livro. Os responsáveis pela coordenação editorial, pelas ilustrações e pela paginação – e que sabemos serem jovens animadores do projeto – surgem nominalmente identificados numa resumida ficha técnica⁵⁸.

A intencionalidade da iniciativa surge enunciada nalgumas linhas da contracapa dessa mesma publicação:

“Com a venda deste livro gostaríamos de comprar uma casa no nosso bairro para realizar o MAAC (Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças), ver filmes, fazer comidas para os pobres, encontros culturais, encontros com os encarregados de educação, falar de Deus para os nossos pais, para rezarmos, cantarmos e divertirmos’ (palavras das nossa crianças)”.

⁵⁷ *Meu amigo Deus*. [S.l.: s.n., c. 2014] Impressão: Tagus Gráfica. ISBN 978-989-20-4325-8. Formato de pequeno álbum fotográfico, a cores, 64 páginas.

⁵⁸ Na contracapa, pode ler-se: Ilustrações– Teresa Gomes; Paginação– Patrícia Pereira; Coordenação editorial– Cátia Tuna, João Pedro Cruz, Karin Dufková, Lenka Kosiková, Sílvia Pereira.

E acrescenta-se ainda: “Em nome da nossa comunidade: muito obrigado!”.

Compreende-se assim estarmos diante de uma forma concreta de materialização, apresentação e viabilização financeira de um projeto de grupo do MAAC, cujo espaço local pudemos entretanto conhecer, numa visita feita ao bairro da Cova da Moura (concelho da Amadora)⁵⁹. A informação disponibilizada, cruzada com o conhecimento geral da história do Movimento⁶⁰ e com a observação local, permite-nos indiciar alguns dos eixos de definição da identidade deste movimento eclesial católico na atualidade, tal qual é percebida por este grupo e pelos seus responsáveis.

Em primeiro lugar, o MAAC surge aqui claramente marcado pela sua inscrição local, num território suburbano, com grande densidade demográfica de crianças e jovens, onde habitam populações com condições de vida quotidiana particularmente difíceis; populações marcadas por situações de pobreza e, frequentemente, vivendo no limiar da marginalização, isto é, colocadas nas margens ou periferias da sociedade urbana, mas simultaneamente com forte sentido de identidade própria: “o bairro”. Uma identidade que a dinâmica pedagógica do Movimento local procura transformar, transmutar ou transfigurar numa outra dimensão, mais relacional e que aqui se define por “comunidade”.

Um segundo eixo de identidade do Movimento resulta da vontade de desenvolver um trabalho orientado para as crianças e adolescentes, não apenas enquanto destinatários, mas sobretudo enquanto atores do próprio movimento, visando devolver-lhes um protagonismo a que normalmente não têm acesso, seja pela idade, seja por razões conotadas negativamente do ponto de vista social. O trabalho assenta assim na procura da valorização da iniciativa dos mais novos, a partir de uma pedagogia ativa, atenta ao meio envolvente e às necessidades do seu próprio processo de formação e crescimento pessoal. Essa pedagogia ativa, na tradição da acção católica⁶¹, resulta claramente não apenas dos objetivos gerais enunciados, mas surge neste caso na própria forma de realização do projeto: criação de uma publicação que dá voz às crianças e adolescentes, estimulando o seu envolvimento na iniciativa e favorecendo um reconhecimento social pelos seus pares e pelo mundo dos adultos; ao mesmo tempo que gera um meio de

⁵⁹ A visita, realizada no dia 20 de Janeiro 2015, inseriu-se no quadro de uma deslocação organizada pela equipa do projeto de investigação “Identidade Social, Religião e Aparelhos de Estado na Grande Lisboa”, então em curso no âmbito do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL) e do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP), sob a coordenação científica respetivamente dos professores Luís Salgado Matos e António Matos Ferreira. Agradecemos o acolhimento e a disponibilidade de Cátia Tuna e de João Santana da Silva que nos guiaram nessa visita ao bairro.

⁶⁰ Esse conhecimento, sendo anterior ao projeto deste livro, muito ficou a dever-se a ele. O nosso colega Nuno Estêvão Ferreira apresenta adiante um alargado historial, onde se sistematiza o trabalho de investigação realizado.

⁶¹ Cf. Paulo Fontes – *Elites católicas...*, p. 409-424.

angariação de fundos próprios, através da venda da publicação, dentro e fora do seu bairro. Tal processo – que sabemos ter prosseguido nos meses subsequentes – acaba também, subsidiariamente, por proporcionar a todos os envolvidos nessa campanha de vendas da publicação um contacto, ainda que indireto, com outros meios sociais e culturais e consequente reconhecimento e valorização do seu trabalho.

Em terceiro lugar, na iniciativa apresentada encontra-se presente uma dimensão de cariz utópico, ou seja, que aponta para uma proposta de realização e para um horizonte de sentido, que (ainda) não tem plenamente lugar, mas que aponta para um tempo novo e se sustenta de uma promessa de realização de matriz religiosa. Esse tempo é simultaneamente o de um “presente humanizado” – humanizado pelos desejos verbalizados em conjunto pelas crianças e pela capacidade de realização provada com a publicação do livro – e o de um “futuro projetado” a partir de um objetivo ideal: ter uma casa onde as crianças se sintam abrigadas e, em conjunto, possam “*ver filmes, fazer comidas para os pobres, [ter] encontros culturais, encontros com os encarregados de educação, falar de Deus para os pais, para rezarmos, cantarmos e divertirmos*”; em suma, ser crianças e continuar a crescer na atenção de uns para com outros, a partilhar a comida com os “pobres”, que muitos deles também são, a comunicar com os seus encarregados de educação – note-se a preocupação terminológica de incluir aqui não apenas os pais, mas outros familiares ou amigos responsáveis pela educação dos mais novos, denotando situações familiares complexas – e com que possam conversar e até “falar de Deus”...

Como em toda a visão utópica, o ideal futuro descreve, em larga medida e por contraponto, aspetos negativos da realidade experimentados no imediato: falta de espaços e tempos de aconchego, relações familiares desestruturadas ou marcadas por formas diversas de abandono ou até de violência, falta de espaços para uma sã convivência lúdica, entre outros aspetos. Desenha-se assim a utopia das crianças do MAAC deste bairro periférico da grande Lisboa: a construção de uma casa que as crianças possam habitar, espaço de acolhimento que sintam como seu, onde possam sentir-se escutadas e apoiadas pelos adultos no desenvolvimento dos seus projetos e possam rezar a Deus.

Neste enunciado é possível identificar uma proposta humanizadora subjacente à orientação religiosa do Movimento. Desde logo, no modo de pensar a realidade e de propor romper com os aspetos mais negativos e desumanos desta, apontando para horizontes de realização pessoal e vivência social conformes à dignidade humana e ao bem comum, duas das referências basilares da doutrina social católica⁶². Paralelamente, a concretização histórica da proposta teológica de

⁶² Para um enquadramento geral da questão, v. Domingos Lourenço Vieira – *La conscience sociale de l'Église catholique: un siècle d'histoire*. Paris: Éditions Mare & Martin, 2006.

quem procura viver e anunciar o Reino de Deus, tópico central da pregação de Jesus e metáfora referencial de todo o Cristianismo na sua dinâmica de encarnação, numa lógica tensional de quem aponta para uma realidade última, que, de algum modo, se procura já descortinar ou manifestar no modo de viver e transformar o presente, conforme à escatologia cristã.

Esta marca de identidade cristã, e que se apresenta como o quarto traço da identidade do movimento, surge claramente explicitada num pequeno trecho bíblico que aí aparece como invocação ou oração final justaposta pelos editores às próprias orações das crianças: “*Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos* (Mt. 11, 25)”. Esta focalização na revelação feita aos “pequeninos” desempenha aqui uma dupla função: como que legitima o empreendimento de recolha e publicitação das orações feitas pelas próprias crianças; e oferece uma possível chave de leitura evangélica para quem se queira deter na interpretação das orações editadas, na medida em que se reconhecem os “pequeninos” como os destinatários da revelação divina. Nesta perspetiva, não se trata apenas da questão do lugar social dado às crianças, mas também do reconhecimento implícito do seu papel mediador entre Deus e os humanos adultos, seus concidadãos; como que um convite a que as suas preces possam ser escutadas como voz profética, de quem anuncia “os novos céus e a nova terra”.

Um exemplo expressivo colhido nos textos é a “Oração para quando vejo as notícias na televisão”:

“Meu Deus, eu creio que Tu ajudas o mundo e que acabas com a violência, com as drogas, com a fome e com as doenças, pois também acabaste com a morte. Ajuda as pessoas que estão no hospital, nos países em guerra, nos abrigos de refugiados, nos bairros pobres, nas prisões, sobretudo as que não têm visita. Dai amor aos países mais ricos para ajudarem os mais pobres”⁶³.

Este texto evidencia uma aguda consciência de problemas sociais próximos ou distantes do mundo atual, aos quais se alude, pedindo a intercessão de Deus, não de forma “milagreira”, mas confiante na Sua pessoa (“Tu”) e mediada pela iniciativa e ação humana de todos, nomeadamente dos “*países mais ricos*” para que ajudem “*os mais pobres*”. Na sua simplicidade, o enunciado surge-nos com uma densidade humana e uma visão teológica consistente, ao remeter implicitamente para a ideia cristã da ressurreição como expressão do horizonte de intervenção divina – “*pois também acabaste com a morte*”. Esta análise aponta para a existência de uma capacidade reflexiva e pedagógica só possível de assegurar através do recurso à presença de jovens adultos e adultos no seio do movimento, capazes

⁶³ *Meu amigo Deus...*, p. 20.

de acompanhar e salvaguardar uma perspectiva formativa e uma discursividade abrangente.

De facto, no caso em apreço, deduz-se que, a par do apoio necessário ao processo de planificação e materialização do projeto, a sua própria conceção só terá sido possível graças ao empenho de animadores do grupo local, que terão facilitado o trabalho de partilha, debate, recolha, fixação e organização dos textos. E este será um último traço da identidade do Movimento que interessa sublinhar: a valorização do trabalho de acompanhamento pedagógico e formação humana, cultural e religiosa, desenvolvido a todos os seus níveis, através do envolvimento e participação de animadores leigos e religiosos. Na perspectiva do MAAC, este trabalho de animação não visa substituir mas sim acompanhar e ajudar a crescer crianças e adolescentes, numa lógica de valorização do seu protagonismo e responsabilidade, característica genética deste movimento católico de apostolado⁶⁴.

Por último, uma nota acerca da dedicatória deste pequeno livro de orações, feita logo na primeira página, ao lado da foto de um jovem sorridente: “Ao Roberto Rodrigues / Deus, fica sempre com o Roberto no céu e que ele te ajude a proteger as pessoas.” Datado de outubro de 2014, o texto remete-nos para a sua morte violenta, ocorrida no Bairro, um ano antes (madrugada de 15 de outubro de 2013), após uma intervenção policial “num cenário de ajuste de contas relacionado com o tráfico de droga”⁶⁵. No verão desse ano Roberto participou como voluntário no acampamento do MAAC e estava envolvido na realização do projeto do livro⁶⁶. Era um dos adolescentes a quem o movimento procura dar oportunidade e voz. No livro ficou assim registada, ainda que de forma breve, uma memória: memória da vida de um jovem prematuramente colhida e da solidariedade de um grupo que, no seio de um quotidiano marcado pela violência, procura sinais de um futuro novo. A proposta de uma leitura crente dos “sinais dos tempos” proposta pelo II Concílio do Vaticano surge aqui como uma evocação necessária, a partir de uma experiência de partilha de vida e do recurso a uma linguagem religiosa experimentada por este grupo local do MAAC, na fragilidade mas também com a riqueza própria de crianças e adolescentes das periferias urbanas de uma cidade metrópole como Lisboa.

⁶⁴ Veja-se mais adiante o capítulo de Cátia Tuna, “A identidade do MAAC a partir das suas publicações”.

⁶⁵ O episódio violento em que Roberto foi colhido foi descrito pela imprensa como resultado de uma “guerra entre grupos rivais” ligados ao tráfico de droga (ver <http://www.cmjornal.xl.pt/nacional/portugal/detalhe/guerra-de-droga-na-cova-da-moura-deixa-tres-a-porta-da-morte.html>, consultado a 10 de junho de 2015). Segundo o entendimento dos seus amigos e companheiros, não é provável que Roberto estivesse diretamente envolvido. Não sendo este o espaço para dissecar o assunto, nem para traçar o perfil humano de Roberto, resta-nos assinalar a sua morte violenta.

⁶⁶ Informações obtidas em conversa pessoal com Cátia Tuna, animadora do grupo local do MAAC e coautora deste livro.

GÊNESE E AFIRMAÇÃO DO MAAC

NUNO ESTÊVÃO FERREIRA*

Introdução

O MAAC (Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças) inscreve-se desde a sua origem na tradição da ação católica, por intermédio do apelo ao protagonismo laical na transformação da sociedade e do recurso à revisão de vida como metodologia estruturante. Os seus primórdios situam-se no início da década de 1980, quando era identificado como MAC (Movimento de Apostolado das Crianças) e foi implementado nas regiões de Lisboa, Porto e Setúbal. Nos anos de 1990, a experiência foi alargada ao Funchal, Braga e Coimbra. A denominação atual (Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças) remonta a 1996, traduzindo a inclusão de uma nova faixa etária, correspondendo a uma reivindicação que foi sendo desenvolvida ao longo do percurso de alguns dos seus membros. Na década de 2000, abrangeu ainda as dioceses de Santarém, Angra do Heroísmo, Leiria e Aveiro¹.

Formado por iniciativa laical, o MAAC tem os seus estatutos aprovados pela Conferência Episcopal Portuguesa apenas em 2001. É composto por crianças e adolescentes, numa dinâmica de grupo, mas também por adultos (“acompanhantes”), encarregues da animação e da coordenação. Em 1999, pouco tempo antes do reconhecimento pelo episcopado português, eram identificados 35 grupos, com cerca de meio milhar de adolescentes e crianças, entre os 6 e os 16 anos, e 40 acompanhantes.

A génese do MAAC ocorre no período de consolidação democrática e de integração europeia de Portugal e é devedora da interação entre organismos internacionais católicos, igualmente marcados pela experiência da ação católica, nomeadamente no campo da infância e juventude. Reconhecidos pela Santa Sé e com sede em Paris, aqueles movimentos encontravam-se direcionados para estudantes (Jeunesse Étudiante Catholique Internationale/Mouvement International des Étudiants Catholiques /JECI-MIEC) e crianças (Movimento Internacional de Apostolado das Crianças/MIDADE). Na equipa internacional do primeiro,

* Investigador integrado no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP).

¹ Por uma questão de coerência, adotaremos, ao longo do texto, a sigla atual (MAAC).

encontrava-se um português, António Matos Ferreira, que promoveu os contactos necessário para a implantação do MAAC em 1978, precisamente no ano em que João Paulo II iniciava o seu longo pontificado. Acompanhar o lançamento do MAAC seria tarefa do movimento espanhol congénere, Junior, cujos responsáveis se deslocam a Portugal por diversas ocasiões no início da década de 1980.

Nessa fase, o regime de missão não será desenvolvido apenas por elementos providos do outro lado da fronteira e que também promoviam, com intuítos formativos, a receção de interessados portugueses nas atividades que desenvolviam em Espanha. Provenientes de França ou do Brasil, outros responsáveis do MIDADE realizam encontros em Lisboa e no Porto, dando seguimento à participação portuguesa nos encontros internacionais desde 1978.

Marco fundamental na legitimação do MAAC será o pedido de adesão ao MIDADE, em 1986. A filiação numa organização católica internacional, reconhecida como tal pela Santa Sé (desde 1973), consistiu na confirmação da experiência ainda recente e conferiu ao MAAC um estatuto interno que viria a ser relevante em momentos de alguma polémica perante as autoridades episcopais portuguesas.

As origens do MAAC remetem ainda para a confluência entre vários movimentos da Ação Católica em Portugal (Juventude Escolar Católica/JEC; Ação Católica Rural/ACR e Juventude Operária Católica/Liga Operária Católica-JOC/LOC). Valorizando a metodologia da revisão de vida e a relação com os meios socialmente desfavorecidos, os organismos de ação católica de tipo estudantil, rural (ACN, Ação Católica dos Mais Novos) e operário (Os Mais Novos da Classe Operária) desenvolvem, no início da década de 1980, esforços paralelos no sentido de criarem dinâmicas pedagógicas com crianças e pré-adolescentes. A relação com um organismo internacional dotado de alguma experiência no universo infantil, o MIDADE, virá a revelar-se decisiva para a estruturação, já no início dos anos de 1980, de um novo movimento autónomo dos já existentes na ação católica e orientado para uma implantação progressiva no território nacional. Mantendo contacto com o processo de lançamento da ACN e de Os Mais Novos da Classe Operária, o MAAC não consistiu numa recuperação das “pré-juventudes católicas” nem numa extensão a um novo sector (infantil) de um organismo de ação católica já existente.

As ligações com o MIDADE foram, sobretudo, mantidas por membros da JEC provenientes das escolas do magistério primário, destinadas à formação de educadores infantis e de professores do, atual, 1.º ciclo do ensino básico. No período de transição democrática em Portugal, estas escolas encontravam-se em processo de profunda reestruturação, abrangendo as teorias pedagógicas, os currículos, os programas, as metodologias e o pessoal docente². Era nestas instituições que

² Cf.: Maria João Mogarro – *A Formação de Professores no Portugal Contemporâneo: A Escola do Magistério Primário de Portalegre*. Vol. 1. Dissertação de Doutoramento. Badajoz: Universidad de Extremadura, 2001;

estudavam os membros da JEC que encetaram contactos com o MIDADE, tendo em vista a formação de um novo movimento, cuja autonomia fosse igualmente manifesta relativamente ao organismo da Ação Católica de onde provinham.

Na evolução do MAAC, são perceptíveis três etapas. Entre 1978 e 1984, decorre a fase de lançamento. Entre 1984 e 1996, desenrola-se um período de consolidação, mas também de alguma instabilidade no processo de institucionalização do novo movimento, culminando num processo de crise. Em 1996, a integração de adolescentes implica mudanças na denominação e sinaliza o relançamento do movimento.

1. As origens de um autónomo movimento de crianças (1978-1984)

Em 1978, têm início os simples contactos internacionais entre MIEC e MIDADE e as primeiras iniciativas direccionadas para a implementação no país, de uma organização católica que atuasse no universo infantil. No início da década de 1980, são constituídos os primeiros grupos de crianças na região de Lisboa e é iniciada uma dinâmica de formação de animadores, com reuniões regulares entre si. Em 1983, é desenvolvida a experiência de um grupo de coordenação não apenas circunscrito a Lisboa. Em 1984, o movimento é proclamado por delegados das crianças na 1.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes (ANA), são discutidos os estatutos e é eleito o primeiro coordenador nacional.

Nesta fase inicial, a implementação e a consolidação do MAAC ocorre com recurso às redes de organizações religiosas que atuavam nos bairros periféricos de Lisboa, onde predominavam grupos marginalizados e minorias étnicas, como ciganos e cabo-verdianos. São os casos da Pastoral dos Ciganos (em Lisboa) e, sobretudo, de congregações religiosas presentes nos referidos bairros. Referimo-nos às Irmãs de Jesus (Curraleira e Prior Velho), à Congregação dos Padres dos Sagrados Corações (Pedreira dos Húngaros e Alto da Eira, na Penha de França), às Missionárias Dominicanas do Rosário (Fontainhas). Noutras zonas, seriam os Irmãos do Campo (Lagameças) ou as Auxiliadoras da Caridade, em Setúbal.

Também a utilização do Seminário dos Olivais como local de reuniões regulares legitimou a instalação do MAAC em Lisboa. Neste ciclo inicial, são mantidos contactos com D. José Policarpo e Pe. Carlos Paes, responsáveis por aquela instituição de formação do clero. D. José Policarpo preside, desde 1981, à Comissão Episcopal do Apostolado dos Leigos. Mas o Seminário dos Olivais também permite promover a difusão do MAAC em outras dioceses, tendo em consideração a presença, por exemplo, de alunos provenientes do Funchal ou de Leiria.

Maria João Cardona – *Para a História da Educação de Infância em Portugal. O Discurso Oficial (1834-1990)*. Porto: Porto Editora, 1997, p. 72-98.

1.1. Animadores e grupos de crianças em Lisboa

Após os já referidos contactos de 1978 entre o MIDADE e a equipa da JEC da Escola do Magistério Primário de Lisboa, são constituídos, ao longo do ano letivo de 1980/81, grupos de crianças nos bairros periféricos de Lisboa e na Trafaria. Eram animados por adultos, com preocupações pedagógicas e formação profissional específica. Provenientes, sobretudo, de organismos de Ação Católica, encontravam-se em processo de aprendizagem das especificidades teológicas e da metodologia aplicada pelos movimentos já integrados no MIDADE.

A relação com um movimento internacional forneceu legitimidade a ensaios anteriormente efetuados pelos membros de uma equipa da JEC do Magistério Primário que se encontravam no início da profissionalização. As redes familiares e de integração social permitiam experimentar possíveis respostas para questões sobre o universo infantil. Ainda em 1979 é feita uma tentativa para formação de uma equipa de crianças na zona do Bairro Alto, em Lisboa. A cedência de espaços de reuniões por parte da Junta de Freguesia da Lapa facilitou constituição de grupos nessa zona da cidade. Como local de encontro de crianças, os pátios da zona foram privilegiados nas tentativas de formação de grupos, à semelhança do que o Pe. Bernardino Alves ensaiaria na zona ribeirinha da cidade do Porto, junto à Igreja dos Grilos.

Alguns dos animadores já haviam participado em eventos do MIDADE. Em 1978, Isabel Paes (Mimi) estivera no Encontro Internacional do Escorial (Espanha). No ano seguinte, Margarida Belchior (Maíca) deslocara-se a Roma, para um Encontro Regional Europeu sobre A Escola. Em 1982, Carlos Manuel Serra Marques (Ca Mané) e Adelino Sousa marcariam presença em novo evento, agora no outro lado do Atlântico, mais precisamente em Olinda (Brasil). Estes e outros encontros internacionais obtiveram tratamento nos meios de comunicação social, permitindo uma maior difusão das iniciativas em curso. Os programas “70x7”, da RTP, e “Toda a gente é pessoa”, da RDP, abordaram o encontro de Olinda (1982), uma reunião da equipa europeia em Lisboa (1983) e os seminários europeus sobre crianças marginalizadas, em Saragoça (1985), e sobre a pedagogia do MIDADE, em Lyon (1986).

Os contactos com membros do MIDADE não se resumiam a deslocações para participação em iniciativas promovidas no estrangeiro. Também tinha lugar o acolhimento de alguns dos responsáveis europeus ou latino-americanos, em encontros de formação organizados em Portugal. Jório Roberto (Brasil), Marie Hélène (França), María José (Espanha) ou os assistentes do movimento espanhol, Padres Bartolo e Alfredo, são alguns dos nomes registados.

No final de 1981, os animadores dos grupos de Lisboa ensaiam um conjunto de encontros regulares entre si, com distribuição de funções destinadas a sustentar os contactos internacionais e nacionais, incluindo os movimentos rurais e

operários da ação católica. De acordo com as circulares do ano letivo de 1981/82, estes encontros realizavam-se na Capela do Palácio das Necessidades ou no Seminário dos Olivais e possuíam temas específicos, como “Evangelizamos na Acção” (6.12.1981), ou destinavam-se a “partilhar o crescimento e a acção das crianças e dos seus grupos, numa dinâmica evangélica de revisão de vida” (20.3.1982) e “a clarificar a importância [de] um trabalho de Movimento, que dê a palavra às crianças”³.

O relatório do último destes encontros regista a presença de animadores dos grupos da Curraleira, Lapa, Olivais e do Pe. Bartolo, assistente do Junior, organização de Espanha. A presença de elementos provindos de movimentos integrados no MIDADE foi uma constante neste período inicial. O encontro desenrolou-se sob a perspectiva da revisão de vida, com base em acontecimentos vividos pelas crianças. A “análise do mundo infantil” consistiu no compromisso final⁴.

1.2. Equipa de coordenação

Em 1983, ocorre outro momento decisivo para a constituição do movimento em Portugal, com a constituição de uma equipa de coordenação dos grupos já formados. As funções desta nova estrutura abrangiam ainda os contactos com o movimento internacional, a extensão a outras regiões do país, a informação e as finanças. Pretendia-se uma organização central, dotada de alguma estabilidade, que promovesse a formação de animadores, conferisse consistência e aproximasse as dispersas experiências em curso. Os grupos em causa já não eram apenas circunscritos à região de Lisboa, incluindo a margem ao sul do Tejo, mas era efetuado alargamento ao Porto e ainda se perspectivava a possibilidade de estender a experiência a outras zonas.

A formação desta equipa de coordenação ocorreu num encontro de animadores no Seminário dos Olivais, em 18 de junho de 1983. A decisão foi adotada na presença de elementos do Prior-Velho, da Curraleira, da Caparica, da Quinta da Vitória, da Lapa e do Porto. Para além de grupos já constituídos, esse encontro contou ainda com interessados em lançar a experiência em Odivelas, Penha de França, Moscavide, Lourosa (Porto) ou até no Funchal. Neste último caso, tratava-se de alunos do Seminário dos Olivais, cujo vice-reitor, Pe. Carlos Paes, participou no encontro. A implantação no Porto contava, então, com o apoio de Miriam Bateira, professora na região de Lisboa mas proveniente da JEC do Porto.

³ Cf.: “Crianças em Igreja: re-continuar movimento. Encontro de Animadores de Lisboa [1981, manusc., 1 fl.]; “Convocatória para 2.º Encontro” [1982, manusc., 1 fl.]; “Convocatória para o Encontro de Animadores” [27.4.1982, mimeo., 1 p.] (documentação constante no Arquivo do MAAC, na Casa Diocesana do Vilar, Porto; doravante: Arq. MAAC).

⁴ Cf. “Anexo 4. Encontro de Animadores, Olivais, 29 de Maio de 1982” [mimeo., 4 p.] (Arq. MAAC).

Mais uma vez, a dinâmica do MIDADE seria vincada, por intermédio de Maria Jose (do Junior).

A metodologia do encontro assenta na revisão de vida, sob a formulação de “ver, julgar, agir e celebrar”. Pretende-se que a equipa coordenadora de âmbito nacional “estabeleça a ligação entre os grupos, reveja o trabalho e possa contribuir para uma caminhada conjunta”. Em número de sete, os coordenadores eram, sobretudo, educadores que trabalhavam na região de Lisboa⁵.

Também nesse ano de 1983, o impulso conferido no sentido de uma coordenação é ainda patenteado pelo primeiro número de uma publicação periódica, *Crianças em Acção*. Destinava-se a noticiar as atividades desenvolvidas, a promover a formação de animadores e a divulgar noutras zonas o tipo de iniciativa, despertando o interesse e apontando para uma instalação mais alargada. Com data do ano seguinte, começava a ser produzido o *Jornal das Crianças* (em 1986, assumiria o título *Jornal de Nós*), propiciando uma forma de difusão da criatividade dos membros dos grupos e superando as fronteiras do bairro de origem.

Com efeito, a elaboração de jornais já consistia numa via privilegiada da metodologia que se pretendia aplicar nas atividades dos grupos já constituídos. Com tiragens reduzidas e efetuado com recurso a instrumentos artesanais (folhas A4, tesoura, cola, máquina de escrever, fotocopiadora, agraphador...), as duas publicações iniciadas em 1983 correspondiam ao alargamento do raio de difusão e permitiam aproximar grupos dispersos em bairros distantes na mesma cidade e em pontos afastados do país (Lisboa e Porto).

Entre julho e novembro de 1983, a equipa de coordenação estabelece contactos para extensão do movimento a Guimarães, Porto (Massarelos), Coimbra (Bencanta), Guarda, Lisboa (Xabregas, Camarate, Arruda dos Vinhos, Pedreira dos Húngaros e Fontainhas), Setúbal (Lagameças e Cova da Piedade) Portimão e Madeira. Visando uma implantação alargada, a lógica de atuação a nível nacional é um inequívoco objetivo.

São mantidas relações com organismos da Ação Católica, como sejam os Mais Novos da Classe Operária, a Liga Operária Católica (LOC), a Ação Católica dos Mais Novos ou o novo Movimento Católico de Estudantes (MCE). Em outubro, ocorre a participação, com o estatuto de observador, nas Jornadas Nacionais da Ação Católica Portuguesa, realizadas em Lisboa, por ocasião do seu 50.º Aniversário⁶. Vingar as diferenças e reivindicar a autonomia perante outros organismos de ação católica constitui outro objetivo do núcleo coordenador.

A atuação da equipa coordenadora entre os meses de julho e novembro de 1983 possui uma evidente vertente internacional. Alguns elementos de Lisboa e Porto participam numa sessão de estudos do Junior, em Espanha. O coordenador

⁵ Cf. “O encontro de animadores de crianças”, *Crianças em Acção*, n.º 2, 1983.

⁶ Cf. *Crianças em Acção*, n.º 3, 1983, p. 14.

latino-americano do MIDADE, Jório Roberto, mantém reuniões em Portugal com a equipa coordenadora e com os grupos de crianças do Prior-Velho e Lourosa. Na avaliação que apresenta à equipa internacional, nota que, em Portugal, as crianças começam a assumir responsabilidades pelo seu próprio movimento, mas que é necessário o MAAC “teorizar a partir da sua própria experiência com as crianças, que têm a sua originalidade”, isto é, sem “quase reproduzir as análises do Junior nos seus documentos”. É também projetada ainda a visita da coordenadora europeia, Marie Hélène Euvrard, aos grupos do país⁷.

Tendo em vista a obtenção de um reconhecimento por parte da Igreja portuguesa, o episcopado é mantido a par das atividades iniciais. D. José Policarpo requer à equipa coordenadora um dossiê para apresentar ao patriarca de Lisboa e sugere como assistente local o Pe. António Cardoso, do Secretariado Diocesano da Catequese. Também o secretário do bispo de Setúbal manifesta interesse pela iniciativa. Mais tarde, será promovido um encontro entre o patriarca de Lisboa, que, à época, presidia à Conferência Episcopal Portuguesa, e a coordenadora europeia do MIDADE, destinado ao reconhecimento da implantação de um movimento internacional em Portugal.

O referido responsável diocesano pela catequese em Lisboa chegou a tomar parte em pelo menos uma reunião da equipa coordenadora. No entanto, o primeiro assistente que o movimento indica para acompanhar os grupos, em 1984, será o Pe. Henrique Scheepens, da Congregação dos Padres dos Sagrados Corações, depois do apoio conferido pelo então coadjutor na Paróquia da Lapa, Pe. Henrique Rios dos Santos.

A legitimação do MAAC era sobretudo internacional e o seu lançamento correspondia a problemas colocados por educadores provindos da JEC sobre pedagogia e evangelização de crianças provindas das minorias sociais e étnicas que habitavam os bairros periféricos. Era ainda manifesta a intenção de fixar uma autonomia entre o MAAC e não só a catequese como também os próprios organismos já constituídos da Ação Católica (JARC-ACR, JOC-LOC e JEC-MCE), mesmo que, quanto a esta, uma certa tradição fosse reivindicada. Por estas razões, seriam algumas congregações religiosas presentes nos bairros de lata junto a Lisboa que viriam a demonstrar maior interesse pela iniciativa.

Entre os diversos temas abordados pelos responsáveis internacionais do MIDADE nas suas visitas a Portugal, encontra-se a classificação a atribuir aos jovens e adultos que acompanhavam as crianças. Jório Roberto remete para a pluralidade de expressões que eram utilizadas nos movimentos filiados naquele organismo internacional: “animador” (Brasil e Venezuela), “acompanhante (em discussão no Brasil), “educador” (França, Espanha e Uruguai) ou “colaborador” (Perú). No MAAC, seria o termo “acompanhante” que acabaria por vingar.

⁷ Cf. *Desperta*, n.º 1, 1983.

1.3. Proclamação do movimento

Em 1984, o MAAC é finalmente proclamado na 1.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Delegados das crianças procedem ao seu manifesto⁸, são aprovados os estatutos e é eleito o primeiro coordenador nacional, Adelino Sousa. A componente laical é manifesta, não apenas nos seus principais membros, as crianças, mas também na liderança entre os adultos, e a presença de um padre, na qualidade de assistente eclesialístico, constitui uma reclamação da coordenação e não uma imposição externa.

A 1.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes (ANA) decorreria na Pousada da Juventude de Catalazete, em Oeiras, entre 4 e 7 de outubro de 1984. Na ocasião, estiveram presentes elementos dos bairros com grupos já constituídos ou de zonas onde pretendia dar início à dinâmica. Realizada na ocasião, a caracterização dos locais ilustra o tipo de metodologia a implementar: Prior-Velho, meio operário, na periferia de Lisboa; Curraleira, bairro de lata no meio da cidade de Lisboa; Trafaria, meio popular, aldeia de pescadores e retornados na margem sul do Tejo; Areeiro, bairro de ciganos e retornados em Lisboa; Fontainhas, bairro periférico de Lisboa, com cabo-verdianos; Penha de França (Alto da Eira), bairro de lata no centro de Lisboa; Pedreira dos Húngaros, bairro de lata em Algés, de cabo-verdianos; Quinta das Laranjeiras (Moscavide), periferia de Lisboa; Galinheiras, periferia de Lisboa; Maiorga, meio rural-operário a 5 km de Alcobça; Olivais Sul, bairro residencial em Lisboa; Lourosa, meio rural-operário, a 20 km do Porto. Pontinha (Lisboa) e Moselos (Porto) eram outras regiões de origem dos intervenientes da 1.^a assembleia de acompanhantes. É ainda registada a participação do assistente do Junior (Pe. Alfredo), da coordenadora europeia do MIDADE (Marie Hélène), da responsável pela Pastoral dos Ciganos (Ir. Zulmira), de representantes da ACN (Célia e Ana) e do MCE (Chico Paes) e dois animadores de Nampula, Moçambique (Isaías e Maurício).

A 1.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes seria previamente preparada, com questionários dirigidos às crianças e aos animadores, sobre as suas condições de vida, a evangelização e o papel do acompanhante. As respostas seriam sintetizadas e trabalhadas em grupos na assembleia, de acordo com as seguintes questões: ações evangelizadoras, noção de Igreja, catequese e movimento, pedagogia e relação entre o acompanhante e a criança. Da agenda de trabalhos, constava ainda um breve resumo da ainda recente história do MAAC, seriam discutidas e aprovadas as suas linhas de ação, tendo em consideração a situação dos grupos por dioceses (Porto, Lisboa e Setúbal) e a dinâmica de formação de acompanhantes.

⁸ Cf. *Jornal das Crianças*, n.º 3, 12.1984, p. 5.

Contaria ainda com uma intervenção de António Matos Ferreira, sobre a criança no evangelho, na sociedade e na Igreja em Portugal⁹.

Na avaliação efetuada pela coordenadora europeia do MIDADE sobre esta assembleia de acompanhantes, destacava-se a constituição de “um Movimento das Crianças, no qual participam jovens e adultos”, na sequência de uma “assembleia [...] de Igreja, preparada e conduzida por leigos”. Sobre esta questão, regista que “em Portugal isto não é banal”, remetendo para o sínodo dos bispos que se encontrava em fase preparatória sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo (1987). Marie Hélène Euvrard nota ainda a possibilidade do MAAC se abrir não apenas aos bairros de lata, mas também ao “meio rural” ou à “classe média”, considerando que “devemos também dar a oportunidade a estas crianças de viver a dinâmica do MAC”. A finalizar, o apelo à integração no MIDADE em 1986¹⁰.

O projeto de estatutos que é discutido e aprovado na 1.ª Assembleia Nacional de Acompanhantes é esclarecedor quanto aos princípios fundamentais do MAAC. Consiste numa “nova forma organizativa da Acção Católica ao nível das crianças [...] sem pretender substituir a catequese”. Dirige-se a crianças de todos os meios sociais, dando particular atenção àquelas que se situam nos “meios mais pobres e afastados da Igreja”. Nele, “as crianças têm uma participação activa”, exercem “uma acção transformadora do meio onde vivem”, “protagonizando a evangelização do seu meio através da vida em grupo”. A componente internacional do movimento permite que as crianças descubram “a dimensão de serem Igreja Universal, tentando criar um mundo mais solidário”¹¹.

Sobre a pedagogia do movimento, eram sublinhadas três características, com conexões entre si: a revisão de vida, as monografias e as “brincadeiras”. O “ver, julgar e agir” surgia sob diferentes formulações: “o que vimos, o que pensámos, o que planeámos”, “o que se viu, o que se pensou, o que se decidiu”, “ver, julgar, agir, celebrar” e “ver, julgar, actuar e avaliar/celebrar”. A descrição do meio social ou o registo das observações das crianças constituíam, na expressão de Marie Hélène Euvrard, “uma parte da história do povo de Deus”, justificando um apelo: “aprofundemos esta história do Povo e descubramos aí Deus que o habita”¹². Na 1.ª Assembleia Geral de Acompanhantes, Adelino Sousa sintetizava os trabalhos

⁹ Cf.: *Crianças em Acção*, n.º 4, 1984; “MAC-Movimento de Apostolado das Crianças. 1ª Assembleia Nacional de Animadores. Preparação” [1984, manusc., 4 fl.]; “MAC. Intervenção do perito na 1ª Assembleia Nacional de Acompanhantes” [1984, manusc., 3 fl.]; “Equipa Nacional” [1984, manusc., 8 fl.]; “Síntese 1ª AGA, 4/5-6-7/10/84” [1984, manusc., 21 fl.] (Arq. MAAC).

¹⁰ *Crianças em Acção*, n.º 5, 1984, p. 8-9.

¹¹ Cf.: “Projecto de Estatutos do MAC. Movimento de Apostolado das Crianças [sd, mimeo., 9 p.] (Arquivo Pessoal de António Matos Ferreira [doravante AMF]; MC/ACP/MAC/1); “Projecto de Estatutos do MAC. Movimento de Apostolado das Crianças [sd, mimeo., 6 p.] (Arq. MAAC).

¹² *Crianças em Acção*, n.º 5, 1984, p. 9.

de grupo sobre a pedagogia do MAAC: “o movimento valoriza tudo o que é próprio das crianças, é nas brincadeiras que aprendem os valores do Reino de Deus”¹³.

De seu nome Céu

Chamem-lhe o que quiserem mas é o único movimento verdadeiramente delas, ou melhor, de todos nós, ou seja, daqueles que são CRIANÇAS. Eu, felizmente tive a sorte de pertencer a um dos grupos pioneiros do MAAC em V. N. de Famalicão, o velho grupo ALEGRIA. Sorte e não só...

O que foi que o MAAC mudou em mim?... Tudo um pouco. Foi um formador, um amigo, uma escola e até um pai. Com ele aprendi, através da prática, qual o verdadeiro significado da: partilha, ajuda, convívio e principalmente ação transformadora. se fossem as crianças a mandarem no mundo, teríamos um mundo mais justo. – Disse-me um dia alguém... [...] Pode-se ter 30, 40, 50, 60 ou até 80 anos e ser-se na mesma Criança, ou melhor, uma CRIANÇA com letra grande. Seria bom se em vez de existir adultos existissem Crianças [...].

[José Luís da Silva Costa, criança do grupo de Calendário (Vila Nova de Famalicão) entre 1990 e 1998. Questionário n.º 7 A, 2011].

A componente do protagonismo das crianças seria uma das principais características do movimento. Não se tratava de uma organização onde os adultos propiciam atividades a crianças, mas onde aqueles aceitam ser decisivamente influenciados por estas. Assim se compreende a expressão recorrentemente empregue pelos seus membros sobre “o movimento na mão das crianças”. Também as ações de reivindicação quanto a melhorias das condições de vida assumiriam lugar central. Efetuadas junto de autoridades civis, como juntas de freguesia ou centros de segurança social, são múltiplos os exemplos identificados ao longo do tempo, com reclamações sobre os espaços para brincar, a fixação de tabelas de basquete ou a instalação de paragens de autocarro cobertas.

2. A consolidação, a instabilidade e a crise (1984-1996)

Entre 1984 e 1996, ocorre a consolidação inicial do MAAC, sobretudo das suas principais dinâmicas, como sejam os grupos locais de crianças, a formação de animadores, a realização de encontros nacionais (de crianças e animadores), um certo envolvimento em redes eclesiais laicais e a plena integração no MIDADE. Em 1990, o movimento estende-se às dioceses do Funchal e de Braga, alargando o raio de influência originário, circunscrito a Lisboa, Setúbal e Porto.

¹³ “Síntese Iª AGA, 4/5-6-7/10/84” [1984, manusc., 21 fl.] (Arq. MAAC).

Todavia, este período é igualmente caracterizado por alguma instabilidade e até alguma controvérsia. Em 1989, o MAAC interrompe a sua atividade na diocese do Porto. Tratava-se de um dos núcleos mais antigos e, em 1987, chegam a ser registados grupos em seis locais distintos (Borneiros, Matosinhos, Lourosa, Santo Ovídio, Serpente e Moselos). Também em 1989, terminam as duas publicações periódicas: *Crianças em Acção* e *Jornal de Nós*. O primeiro destes títulos ainda seria, neste período, episodicamente retomado, com um número único datado do primeiro trimestre de 1991, mas apenas seria dotado de regularidade no posterior ciclo do movimento, após 1996, à semelhança, aliás, do que sucederia com a recuperação da diocese do Porto. Em 1993, ocorre um primeiro embate entre o MAAC na Madeira e o poder político regional, com implicações na relação estabelecida com a hierarquia eclesiástica local.

Operada nesta fase, a consolidação inicial será acompanhada por alguma instabilidade. Este ciclo do movimento termina com a crise de 1996. Nesse ano, ocorre a demissão da coordenação nacional e, durante alguns meses, é formada uma comissão de gestão para assegurar a regularização do funcionamento do MAAC. O processo viria a culminar na realização de uma assembleia nacional extraordinária de acompanhantes e na eleição de uma nova coordenadora nacional.

2.1. Da proclamação à adesão ao MIDADE

Na sequência da 1.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes, a formação de animadores constituiria uma das preocupações centrais do MAAC. Para suportar um processo que também era de problematização e de aprendizagem por parte dos já envolvidos nos grupos de crianças, foram elaboradas, em 1984, duas publicações específicas, com a exposição dos princípios estruturais do movimento e algumas sugestões de atividades a desenvolver.

Na introdução à publicação sobre a dimensão internacional do MAAC, é explicitada a recusa na atribuição às crianças da qualidade de “homens para o futuro” e que apenas têm de aprender”. E é efetuada a defesa da imagem da criança como “desde já uma pessoa e não um objeto que temos de domesticar”¹⁴. Esta perspetiva permitia fundar as linhas identitárias sobre o protagonismo das crianças na transformação da sociedade e da Igreja.

Ainda na mesma publicação, eram expostos diversos exemplos da atuação de grupos integrados no MIDADE, nomeadamente no Brasil (Marcação e Mos-soró), no Chile, no Chade, na Jordânia, no Sri Lanka, em Espanha (Canárias) e em França, para além de Portugal (Curraleira, Fontainhas, Trafaria). Tratava-se de uma seleção vincadamente não eurocêntrica e que privilegiava continentes ou

¹⁴ Dimensão Internacional. Acções de Grupos de Crianças, Lisboa, MAC, 1984 [mimeo., 43 p.], p. 1.

regiões não desenvolvidos, traduzindo a distribuição geográfica do organismo internacional e, simultaneamente, a afinidade entre o MAAC e alguns dos seus congéneres.

A segunda publicação de 1984 fornecia sugestões aos animadores para as suas atividades de grupo. As propostas eram organizadas de acordo com as principais linhas identitárias do MAAC. Atenção à vida das crianças, relação entre as brincadeiras e a vida, evangelização do meio por intermédio da ação transformadora das crianças e opção preferencial pelos pobres. Neste último item, o MAAC era apresentado como “lugar e espaço de encontro das crianças mais pobres de todos os meios (marginais, operários, rurais...)”. E eram referidas as “crianças que precisam de trabalhar, que não têm tempo para brincar, que não vão à escola, que são maltratadas, abandonadas, deficientes ou que vivem às portas da delinquência...”¹⁵.

No ano da adesão dos estados ibéricos à atual União Europeia, o MAAC requer a filiação no MIDADE, durante o 7.º Encontro Internacional, realizado nas Canárias. Portugal torna-se o quinto país europeu com movimentos de crianças filiados naquela organização católica internacional, a par, na ocasião, de Espanha, França, Itália e Suíça. No mesmo encontro de 1986, ocorre a adesão do movimento de crianças do Canadá.

Vizinhos e familiares

Como criança do MAAC naquele tempo o que mais me marcou foi o convívio e a vivência entre famílias. O grupo reunia-se uma vez por semana; era com enorme satisfação que ia ao MAAC.

Havia muitas atividades, desde dança, cânticos e festas.

O Movimento constituía-se com muitos jovens, adultos e crianças.

Os acompanhantes eram vizinhos dos bairros e familiares.

[Sandra Semedo, do grupo do Centro de Convívio da Associação Cabo-verdiana. Questionário n.º 47, 2010].

A formulação do pedido de adesão caracteriza o MAAC e remete para o percurso já efetuado em Portugal. A reivindicação de uma memória é, aliás, patenteada em sucessivos documentos e até à atualidade. Num ainda reduzido período, era notada a diferença no perfil dos acompanhantes. Em 1986, provinham do mesmo meio das crianças, depois de, no início, serem, sobretudo, professores ou estudantes.

¹⁵ *Pistas para Acompanhar um Grupo de Crianças*, Lisboa, MAC, 1984 [mimeo., 39 p.], p. 31 (Arq. MAAC).

Peçam ao tio para gravar

A nível nacional, recordo o Encontro na Quinta do Álamo, Seixal... já lá havia estado num ano anterior a acompanhar a minha mãe... mas desta vez era mais importante, a participante era eu! Desde a euforia na viagem de comboio até Lisboa e na travessia do rio Tejo, o entusiasmo durante toda a semana nas diversas atividades e o culminar na “conferência de imprensa”... sim, eu tinha sido uma das escolhidas para a apresentação das conclusões da atividade aos meios de comunicação! Liguei em pulgas aos meus pais: eu ia aparecer na televisão (“peçam ao tio para gravar!”)! E assim foi, naquele dia eu, e mais duas crianças, aparecemos na televisão!

Do MAC ficaram memórias de brincadeiras, lugares, encontros e reflexões, à nossa maneira. Ficam alguns amigos e muitos conhecidos.

[Elisa Ribeiro, criança do grupo de Joane (Vila Nova de Famalicão) entre 1992 e 1994. Questionário n.º 6, 2011.]

Durante a 3.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes, realizada também em 1986, no Seixal, processar-se-ia a transição na liderança do MAAC. Numa assembleia que contou com elementos provenientes da Curraleira, Fontainhas, Maiorga, Olivais Sul/Bairro do Relógio, Pedreira dos Húngaros, Prior-Velho, Porto e Setúbal, Ana Sousa seria escolhida como coordenadora nacional, substituindo Adelino Sousa, então eleito para a equipa europeia do MIDADE¹⁶. Acompanhante dos grupos de Maiorga, na região de Alcobaça, Ana Sousa representava uma nova geração de responsáveis do MAAC, depois de dois educadores e ex-militantes da JEC: Isabel Paes, até à institucionalização, e Adelino Sousa, entre 1984 e 1986.

2.2. O MAAC no seminário europeu em Lisboa

Em abril de 1988, o MIDADE promoveria em Lisboa um seminário internacional sobre a Europa das crianças. Contaria com a participação de membros das organizações filiadas de Espanha, França, Itália, Suíça, Irlanda e Bélgica, para além de Portugal. O Padre Jardim Gonçalves e Ramon Pons foram os especialistas presentes¹⁷.

Os documentos preparatórios foram apresentados em prévia reunião da equipa europeia, realizada em Dublin. Os textos que se referem a Portugal fornecem, neste ciclo de estabilização inicial da dinâmica instituída em 1984-1986, uma auto representação do MAAC, incluindo as perspetivas fundamentais sobre a criança, os acompanhantes, a metodologia do movimento e o sentido da evangelização. Ao mesmo tempo, transparecem algumas dificuldades na implementação de um organismo deste tipo.

¹⁶ Cf. *Crianças em Acção*, n.º 11, 1986.

¹⁷ Cf. *Crianças em Acção*, n.º 18, 1988, p. 2-5.

Em primeiro lugar, eram identificadas diferentes situações que marcavam a vida das crianças em Portugal no período de integração europeia. Eram referidos o fraco poder económico, a separação das famílias (abandonos, emigração), as carências alimentares, a punição, a repressão ou o testemunho de violência entre adultos.

O MAAC encontrava-se aberto a todas as categorias sociais, atribuindo prioridade às crianças mais pobres, dos meios marginalizados: bairros clandestinos, ciganos, emigrantes cabo-verdianos, não escolarizados, filhos de prostitutas, crianças abandonadas. Mas também eram destacadas as crianças dos meios rurais ou operários, cujos pais possuíam poucos recursos económicos ou se encontravam no desemprego.

Uma atividade que mexeu com toda a comunidade paroquial

No bairro onde vivi com várias etnias incluindo a etnia cigana foi possível conviver em grupo [...]. Todas as crianças do Bairro conheciam e gostavam de ir ao MAAC ao sábado à tarde.

Numa altura fizemos um intercâmbio de um fim de semana com crianças institucionalizadas convidando-as a passar um fim de semana em casa das famílias das crianças do MAAC do bairro. Refletimos o trabalho infantil e o insucesso escolar, tema que na altura muitas dessas crianças eram vítimas. Fizemos uma noite recreativa. Depois as crianças foram duas a duas dormir em diferentes famílias. No domingo participámos na eucaristia da paróquia sendo na mesma animada pelas crianças. Terminámos este intercâmbio com um almoço partilhado pelas famílias das crianças do Bairro (...). Uma atividade que mexeu com toda a comunidade paroquial.

[Teresa Costa, acompanhante no grupo de São Tiago de Antas (Vila Nova de Famalicão) desde 1990 e tesoureira do executivo nacional entre 1995 e 1998. Questionário n.º 16, 2012].

No MAAC existiam crianças que trabalhavam. Cerca 20% em tempo integral ou parcial, estudando em simultâneo. Era frequente a inexistência de referenciais religiosos, ao invés do que ocorria com outros que não os de tipo cristão. Os animadores eram jovens ou adultos provenientes dos mesmos meios que as crianças e direcionavam-se aos locais onde as crianças viviam ou trabalhavam. No movimento, as crianças tratavam do meio envolvente, da escola, da família, dos tempos livres. Desenvolviavam ações coletivas de reivindicação (“queremos um bairro próprio”), de relação (festas entre grupos diferentes), de organização (campos de férias) ou de tipo caritativo (peditórios para ajudar na construção de uma casa)¹⁸.

¹⁸ Cf. MIDADE Europe. *Realités de Vie des Enfants en Europe. Rencontre de l'Equipa Européenne*, Dublin, du 20 au 30 Octobre 1987 [mimeo., 44 p.], p. 15-19 (Arquivo Pessoal de António Matos Ferreira, doravante Arq. AMF; Arq. AMF/MC/ACP/MAC1).

As imagens da criança e do trabalho do acompanhante que transparecem destes documentos preparatórios correspondem às perspectivas de fundo que haviam sido formuladas pelo MAAC no período inicial. Se a sociedade, em geral, considerava a criança como “um possível Homem Futuro” e, por isso, sem “lugar nem voz”, os acompanhantes do movimento “vão permitir à criança ter mais dignidade humana”. As monografias escritas, entretanto realizadas, permitiam aos adultos fixar e problematizar, nas suas dinâmicas formativas, os encontros com as crianças, sistematizando a sua densidade e formulando propostas¹⁹.

Era percepção dos responsáveis do MIDADE que a Europa de meados dos anos 1980 evoluíra de um modelo de cristandade para um paradigma de secularização. As revoluções industriais contribuíram para a transformação de uma sociedade animada, orientada e dirigida pelos princípios religiosos. Nas sociedades secularizadas, a Igreja perdera poder social e político para impor com a força de outrora os seus princípios. Com esta transformação, o sentido da evangelização também havia sido modificado. Antes, equivalia à imposição dos princípios cristãos e para isso a Igreja ocupava os postos chave da economia e da sociedade. Num quadro de secularização, evangelizar consistia em possibilitar às pessoas uma tradução do sentido do Evangelho nas suas vidas²⁰.

Neste sentido, o MAAC não fornecia “respostas feitas”, antes proporcionava “uma proposta [...] que ajudava as crianças e os acompanhantes a tomarem a vida nas suas mãos”. Paradoxalmente, esta metodologia constituía uma das dificuldades para a expansão do movimento. Assente na revisão de vida, por seu turno, realizada com base no instrumento das monografias, o método não era isento de dificuldades. Desde logo porque o processo de formação de animadores era complexo, porque se tratava de uma certa novidade. Não se tratava de “catequizar as crianças mas sim de, em conjunto com elas, descobrir como o Evangelho já está presente na sua vida e como pode ser aí um motor que impulsiona a acção”. Como os “acompanhantes não foram formados neste sentido”, era extremamente complexo iniciar os adultos no exercício de funções de animação²¹.

Como a “revisão de vida implica transformação” ou “agir perante as situações de vida” as dificuldades do movimento adensavam-se. Na sua atuação, podiam ser geradas situações incómodas, para a sociedade e para a Igreja. Ainda assim, a avaliação de um trajeto ainda limitado no tempo permitia identificar uma baixa capacidade de interpelação do movimento: “os grupos que realizam ações

¹⁹ Portugal. Seminário Europeu. Análise às monografias. Análise de Vida, sd [mimeo., 16 p.], p. 10 (Arq. AMF/MC/ACP/MAC/2).

²⁰ Cf. MIDADE Europe. *Realités de Vie des Enfants en Europe. Rencontre de l'Equipa Européenne*, Dublin, du 20 au 30 Octobre 1987 [mimeo., 44 p.], p. 35-38 (Arq. AMF/MC/ACP/MAC/1).

²¹ Portugal. Seminário Europeu. Análise às monografias. Análise de Vida, sd [mimeo., 16 p.], p. 15 (Arq. AMF/MC/ACP/MAC/2).

interpelam os que vivem perto (bairro, família, comunidade...), mexem com uma pequena parte da sociedade e da Igreja que são os bairros ou paróquias onde os grupos estão inseridos”. Por outro lado, os grupos continuavam a ser observados como uma “catequese paralela”, dando origem a outro tipo de conflituosidade na rede paroquial da Igreja portuguesa²².

Ainda no plano internacional, realizar-se-ia nos últimos dias de outubro de 1988, em Sassoeiros (Oeiras), um encontro ibérico sobre crianças marginalizadas. A relação com o movimento espanhol continuava a ser privilegiada. Aliás, o problema da marginalização já havia sido abordado num outro seminário, realizado em Saragoça no ano de 1985.

Formado por impulso do MIDADE, o MAAC consolidava-se em interação com os seus congéneres europeus. A acentuação desta vertente poderá ter sido facilitada, neste período pós-1986, pela integração de Adelino Sousa na coordenação internacional. Residindo em Paris, participou na 4.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes, em 1988²³. No entanto, as conexões com o MIDADE seriam constantes. Em 1991, seria Marie Thérèse Panheleux a visitar o MAAC, nomeadamente em Setúbal, Lisboa e Funchal²⁴. A mesma coordenadora europeia assumiria a defesa do MAAC perante os poderes públicos regionais da Madeira, no curso do caso das “caixinhas”, em 1993. Em 1995 e 1996, também Jean-Luc Poncin viria a Portugal, acompanhando a comissão de gestão então constituída.

2.3. A institucionalização de uma rotina do movimento

A consolidação do MAAC implicou a estabilização de uma série de estruturas destinadas a assegurar o seu funcionamento regular. A sua criação ocorreu, sobretudo, até 1986. Após essa data, a consolidação coube a uma nova geração de responsáveis, que não os promotores originários do movimento. Por outro lado, ocorreu o alargamento da experiência às dioceses de Braga e do Funchal, diversificando os elementos, mas também os problemas. A gestão da comunicação interna e a coordenação centralizada foram inevitavelmente complexificadas.

A correlação entre as estruturas locais e nacionais do MAAC não constituía uma tarefa linear. Para além de um núcleo executivo, formado pelo coordenador nacional, um tesoureiro e um secretário, era formada uma equipa nacional com representantes das dioceses. Em cada diocese, era mantida uma equipa diocesana para coordenação local. Perante a dispersão do movimento em cada região, era, ainda, intenção dos responsáveis manter núcleos de zona para acompanhantes e/

²² Portugal. Seminário Europeu. Análise às monografias. Análise de Vida, sd [mimeo., 16 p.], p. 8-10 (Arq. AMF/MC/ACP/MAC/2).

²³ Cf. “Visita ao MAC (Portugal) du 30 Sept. au 9 Oct.88” [mimeo., 14 p.] (Arq. MAAC).

²⁴ Cf. “Acta do encontro da Equipa Nacional nos dias 16/17 de Novembro 91” [mimeo., 4 p.] (Arq. MAAC).

ou crianças. Finalmente, os grupos de crianças requeriam uma dinâmica regular e intensa. Na realidade, pretendia-se a manutenção de quatro níveis distintos de funcionamento: “nacional, diocese, zona, grupo-base”. Simultaneamente importava produzir, tendo como base os contributos dos vários grupos de dioceses distintas, duas publicações periódicas (com três ou quatro números por ano), assegurar a iniciação e a formação continuada de acompanhantes, realizar encontros periódicos de âmbito não apenas local, assegurar a representação em diferentes redes eclesiais, envidar esforços de divulgação do movimento para iniciá-lo em outros contextos.

Inserido em diferentes contextos sociais, o MAAC foi adotando distintas dinâmicas de funcionamento. Em Setúbal, por exemplo, foram formados, nos anos 1980 e 1990, grupos em zonas rurais (Aqualva de Cima, Lagoa do Calvo e Lagameças, aqui sob o impulso das Irmãs do Campo) e em bairros operários (Feijó, Laranjeiro, Lavradio e Quinta do Conde, sob impulso das Auxiliadoras da Caridade e dos Filhos da Caridade, e, em Setúbal, no Bairro da Conceição e no Bairro da Prisão).

A ovelha

No dia que me convidaram a entrar no MAAC, não sabia o que iria viver neste movimento. Depois de uma reunião acabei por ficar como coordenadora diocesana, na altura penso que por ser a mais jovem e sem compromissos. Com o passar do tempo fui-me “apaixonando” pelo MAAC, o grupo de crianças era indescritível, ficavam felizes com tão pouco. Em relação à equipa nacional, conheci pessoas muito diferentes e tão especiais e com as quais aprendi muito, onde partilhávamos as nossas experiência e angústias vividas nos grupos. Tive muitos momentos marcantes que gostaria de partilhar, dentro dos quais posso destacar a nossa festa de natal. Salvo erro em 1998, em que as próprias crianças iam construindo o presépio e a dada altura entra na sala uma criança com uma ovelha e que nos disse, que a tinha trazido para participar também na festa.

[Susana Parreira, acompanhante na paróquia de Nossa Senhora da Conceição (Setúbal) entre 1998 e 2002. Questionário n.º 48, 2010].

Entre as inovações estruturais deste período, conta-se o lançamento dos Encontros Nacionais de Formação de Acompanhantes (ENFA). Esta iniciativa correspondia a um dos problemas centrais do movimento: o perfil dos acompanhantes numa iniciativa marcada por uma pedagogia específica e direcionada para crianças de perfil próprio e que não correspondia à tipologia mais usual na Igreja portuguesa.

Na 5.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes, era efetuado um ponto da situação sobre as crianças envolvidas no MAAC: quase seis centenas, distribuídas por 48 grupos-base, dioceses de Lisboa, Setúbal, Braga e Funchal. Entre as crian-

ças (com idade inferior a 14 anos), encontravam-se 36 que trabalhavam, 31 que não frequentavam a escola, 150 cabo-verdianos e 4 deficientes. O divórcio dos pais abrangia cerca de uma centena de crianças. Também este cenário contribuía para que a formação inicial dos animadores e a gestão das suas competências ao longo do tempo consistissem em elementos vitais para o movimento²⁵.

Realizado em Vila Nova de Gaia, em outubro de 1987, o 2.º ENFA teria como ponto de partida as visitas efetuadas a alguns grupos de crianças da diocese do Porto e as monografias sobre os grupos que haviam sido produzidas pelos participantes. O objetivo consistiria na problematização do papel do acompanhante, na relação com os problemas do meio (consciencialização e denúncia), na promoção de atitudes de fé e na definição de ações transformadoras²⁶. Paralelamente a esta dinâmica nacional (prosseguida em 1989 e 1991), as dioceses também organizavam encontros para formação de animadores, correspondendo a uma preocupação com origens no ciclo de lançamento do MAAC.

Em 1987, surge uma nova publicação de apoio à iniciação de acompanhantes, com a exposição sistemática de cinco principais linhas de identidade do MAAC. Tratava-se de um movimento onde as crianças partilhavam a sua vida, desenvolviam uma ação transformadora, descobriam e revelavam Jesus Cristo, tinham uma participação ativa e viviam uma dimensão internacional. Cada um destes itens era desenvolvido de acordo com um esquema comum: orientações de fundo, formas do acompanhante promover a específica linha de identidade e vias de aprofundamento.

Nesta publicação também constavam sugestões para encontros de iniciação de acompanhantes e para primeiras atividades com crianças. Apresentadas como instrumentos pedagógicos do animador, as monografias mereciam igualmente um destaque particular, com indicações sobre as suas especificidades e a forma de elaboração²⁷.

Datam também deste período o lançamento dos encontros nacionais de crianças e a institucionalização de uma equipa nacional de crianças. Convirá referir que a assembleia nacional de acompanhantes, para a qual as crianças elegem delegados, constitui o principal órgão decisório do MAAC. Na sequência do ENFA de 1991, começou a funcionar a equipa nacional de crianças. Na 6.ª Assembleia Nacional de Acompanhantes, realizada em Braga, em 1992, a experiência foi reconhecida, sendo prevista a realização do Encontro Nacional de Crianças. Esta iniciativa enquadrava-se no lema ponderado para 1992-1994 – “Movimento nas

²⁵ Cf. “Assembleia Geral de Acompanhantes do M.A.C. Seminário dos Olivais, 5-7 de Outubro de 1990” [mimeo., 15 p.] (Arq. MAAC).

²⁶ Cf. *Crianças em Acção*, n.º 16, 1987, p. 5-6.

²⁷ Cf. *Pistas de Orientação para a Formação de Acompanhantes*, Lisboa, MAC, 1987 [mimeo., 37 p.] (Arq. MAAC).

mãos das crianças onde elas têm uma participação activa” – e provinha da equipa nacional, que, no anterior, assentara em propor Teresa Caires (Funchal) para o cargo de coordenação geral²⁸.

Sabia que ia representar o meu grupo

(...) Particpei em três encontros de delegados: o encontro na Lousã no dia antes do ENCA e nos outros dois encontros de preparação para a Assembleia Nacional, um no Porto outro em Aveiro.

Sabia que ia representar o meu grupo, e nos encontros de preparação para a assembleia sabia que com o Ruben Felício representávamos não só o nosso grupo como também toda a diocese de Santarém. Como delegada entendia que tinha um papel muito importante enquanto representante de um grupo. Marcou-me pessoalmente o encontro da Lousã que antecedia o ENCA. Tanto o ENCA como o encontro de delegados foram momentos de grande festa! Lembro-me que no encontro da Lousã levávamos as opiniões do grupo e tínhamos de partilhar!

[Teresa Gomes, criança no Movimento entre 2005 e 2008 e acompanhante desde 2008 no grupo da Louriceira (Alcanena). Questionário n.º 46 A, 2012].

Realizada em 1995, a 2.^a Assembleia Nacional de Crianças contou com a participação de um grupo da região de Santo Tirso, para além da animadora, Maria de Lourdes Ribeiro. Estava em curso o processo de reativação do movimento na diocese do Porto. O coordenador-europeu do MIDADE, Jean Luc Poncin, apresentou problemas experimentados pelas crianças nos países onde a organização se encontrava implementada. Foram igualmente discutidos temas que diretamente se referiam ao movimento, traduzidos em deliberações sobre a presença do Porto na equipa nacional ou a responsabilidade pela feitura de um jornal²⁹.

Ainda em 1992, as publicações periódicas foram atribuídas à equipa nacional (jornal dos acompanhantes) e a um grupo específico (jornal das crianças), no caso os adolescentes do Lavradio. O mesmo modelo já havia sido ensaiado na 5.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Sobre aquele grupo da diocese de Setúbal, foi igualmente aprovado, ainda em 1992, o lançamento de uma experiência-piloto, destinada à formação de acompanhantes.

O alargamento a adolescentes de um movimento de crianças e a conexão com outros escalões juvenis começavam a ser ponderados, num processo que culminou em 1996, com a transformação do MAC em MAAC. O problema era

²⁸ Cf.: “Acta do encontro da Equipa Nacional nos dias 16/17 de Novembro 91” [mimeo., 4 p.]; “VI AGA. Braga. 3, 4, 5/10/92. Avaliação da Equipa Nacional” [mimeo., 1 p.]; “VI AGA. Braga. 3, 4, 5/10/92. Elaboração do Plano de Acção 92-94” [mimeo., 2 p.] (Arq. MAAC).

²⁹ Cf. “II Assembleia Nacional de Crianças” [1995, mimeo., 2 p.] (Arq. MAAC).

colocado nos seguintes termos: “Somos um grupo de adolescentes. Algumas de nós fazemos parte do MAC há 7 anos. [...] Por um lado, já não temos idade para fazer parte de um grupo; por outro lado, não nos sentimos preparadas para sermos acompanhantes. Não queremos deixar o MAC”³⁰.

Esta questão dos adolescentes e da continuidade do movimento já havia sido colocada em 1990. Num inquérito dirigido às dioceses antes da 5.^a assembleia de acompanhantes e destinado à sua preparação, eram traduzidas as dificuldades na integração dos adolescentes saídos do MAAC em outros grupos ou organizações. Em Lisboa, efetuava-se algum recrutamento de novos acompanhantes. Em Braga e Setúbal, a JOC constituía o horizonte de integração pretendido. No Funchal, prosseguia o acompanhamento dos adolescentes³¹. Na já referida 2.^a Assembleia Nacional de Crianças, em 1995, o tema voltou a ser debatido, ainda que tenha sido adiada uma deliberação³².

É ainda neste período de estabilização que a integração do movimento nas redes eclesiais e cívicas começa a ocorrer, com alguma regularidade. Como já foi referido, o MAAC participara nas jornadas comemorativas do 50.^o aniversário da Ação Católica, em 1983. Agora, o leque de interações é alargado e o registo de presenças assume maior frequência. Em 1988, regista-se a participação no Congresso Nacional dos Leigos. Dois anos volvidos, no Encontro Nacional da Pastoral Operária, com o MAC a ser oficialmente reconhecido como membro efetivo. Em 1994, no Conselho Nacional de Movimento e Obras (CNMO), do apostolado de leigos católicos.

Dar uma oportunidade ao movimento

O episódio que mais me marcou a nível pessoal foi no encontro da Pastoral Operária onde conheci o movimento. Marcou muito o convívio com as crianças e os acompanhantes o que me cativou e me fez iniciar o MAAC na zona de Santo Tirso com a Luísa do Vale (elemento da LOC).

Tenho muitas recordações das crianças e dos adolescentes que acompanhei. Um dos episódios que mais me marcou foi na paróquia de S. Miguel do Couto, durante os ensaios para a missa de natal. Nessa altura o MAAC era desconhecido nesta zona e foi difícil de enraizar, porque as crianças que eu reuni eram rebeldes e algumas de famílias desfavorecidas. O pároco colocou muitas reservas, e eu pedi-lhe para dar uma oportunidade ao movimento, no final de alguns ensaios conturbados, correu tudo bem e fomos aceites por toda a freguesia.

[Cristiana Ferreira, criança no Movimento entre 1992 e 1995 e acompanhante entre 1996 e 1998 em Burgães (Santo Tirso). Questionário n.º 35, 2010].

³⁰ *Crianças em Acção*, n.º 1, 1991, p. 3.

³¹ Cf. “Síntese da avaliação dos dois anos” [sd., manusc., 13 p.] (Arq. MAAC).

³² Cf. “II Assembleia Nacional de Crianças” [1995, mimeo., 2 p.] (Arq. MAAC).

Na 5.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes (1990), a participação na pastoral operária (a nível diocesano e nacional) e a relação com o Secretariado da Ação Católica, com a JOC e com o ARCO (neste caso, uma especificidade da diocese do Funchal) constituíam objetivos para o biénio seguinte. Na 6.^a assembleia (1992), era acrescentada a Confederação Nacional de Ação sobre o Trabalho Infantil (CNASTI), o Secretariado Nacional do Apostolado dos Leigos e especificados alguns organismos da Ação Católica (LOC, JOC e JARC) ³³.

2.4. O caso das caixinhas na Madeira

Em 1993, o MAAC na diocese da Madeira denunciou publicamente a existência de maus tratos e de agressões aplicados por agentes da Polícia de Segurança Pública e por vigilantes de espaços comerciais sobre as “crianças das caixinhas”, expressão pela qual eram conhecidas as crianças que pediam dinheiro ou vendiam alguns bens, como postais, no centro turístico da cidade do Funchal. Num caso com considerável repercussão mediática, os dirigentes locais do movimento elaboraram uma exposição junto da Amnistia Internacional e apresentaram queixa por escrito junto do provedor de Justiça e procurador-geral da República. Alguns textos da imprensa regional eram igualmente visados, porque não raras vezes tais crianças eram retratadas como “uma autêntica praga”, autoras de “roubos” e suscetíveis de “prejudicar seriamente a Madeira como destino turístico”.

Já em 1990, tinha sido promovida a redação de uma carta das crianças ao comandante da polícia local com reclamações sobre a desproporção de meios usados pelos agentes de segurança. E, em 1992, o julgamento do padre Frederico tinha sido ocasião para o MAAC denunciar a exploração sexual de menores na mesma região³⁴.

Estas posições assentavam na atuação do movimento junto de crianças de parques recursos sociais, económicos e culturais. No Funchal e em Câmara de Lobos, tinha sido desenvolvido, desde o início da década de 1990, o projeto Escola Aberta, destinado a promover a alfabetização de crianças de rua. Tratava-se de uma das iniciativas do MAAC do Funchal destinadas a promover as crianças e os seus direitos. A par da Escola Aberta, regista-se a integração da Associação de Defesa dos Direitos da Criança, responsável pela Linha SOS-Direitos da Criança³⁵.

³³ Cf.: “Assembleia Geral de Acompanhantes do M.A.C.. Seminário dos Olivais, 5-7 de Outubro de 1990” [mimeo., 15 p.]; “VI AGA. Braga. 3, 4, 5/10/92. Elaboração do Plano de Acção 92-94” [mimeo., 2 p.] (Arq. MAAC).

³⁴ Cf.: *Público*, 1.10.1993; *Jornal da Madeira*, 1.10.1993.

³⁵ Cf. Edgar Silva – *Os Bichos da Corte do Ogre Usam Máscaras de Riso*. Funchal: Editorial Eco do Funchal, 2010, p. 76-88.

Este tipo de atuação e as denúncias públicas de 1993 consistiam na aplicação da metodologia adotada (ver – julgar – agir – celebrar pelo movimento). As consequências políticas, judiciais e eclesiais seriam imediatas e prolongar-se-iam no tempo, sobretudo a relação entre o bispo do Funchal e o movimento local.

Em 1993, algumas autoridades judiciais responderam às denúncias com expressões como “demagogia” ou acusando os responsáveis do MAAC de beneficiar politicamente com a prática da prostituição infantil. As afirmações mais graves foram proferidas pela delegada do procurador da República e curadora de menores no Tribunal de Menores do Funchal, Encarnação Pires, em declarações à imprensa. O Comando Regional da PSP do Funchal aventou a possibilidade de abertura de procedimento criminal contra os responsáveis do MAAC por injúria e ofensa. O Governo Regional interrompeu os apoios financeiros e técnicos, incluindo pessoal especializado, à Escola Aberta³⁶. A diocese do Funchal encerrou a sede que havia cedido ao movimento.

O MIDADE solidarizar-se-ia com o MAAC do Funchal. Numa declaração assinada pelo assistente internacional, Antonio Gómez-Cantero, a atuação do movimento local era integrada na campanha internacional do MIDADE contra a exploração de crianças, iniciada no Zaire em 1990. Neste último documento, é vincado que as atividades do MAAC da Madeira “ao serviço das crianças mendigas, delinquentes e trabalhadoras correspondem a orientações do Movimento Internacional”. Era ainda bem expressa a filiação no MIDADE, uma Organização Internacional Católica, reconhecida pela Santa Sé e com estatuto consultivo na Organização das Nações Unidas. Posteriormente, o secretariado internacional promoveria a recolha de fundos para suportar a audição em tribunal da responsável pelo MAAC, Conceição Henriques³⁷.

No ano de 2000, a representante da diocese do Funchal relatava em reunião da equipa nacional do MAAC que as tentativas de contacto com o bispo local, D. Teodoro de Faria, não obtinham resposta. Persistindo a conflituosidade, a equipa nacional reuniria, em 2002, precisamente no Funchal. Na ocasião, o executivo, composto por Maria de Lourdes Ribeiro, Carla Santos e Pe. Lúcio Nogueira, seria recebido em audiência por D. Teodoro. Os responsáveis locais não tomariam parte nessa reunião com o bispo, mas a coordenadora nacional anunciava que, para o efeito, seria agendado novo encontro, possibilitando a normalização da situação do movimento na Madeira³⁸.

³⁶ Cf.: *Diário de Notícias*, 16.10.1993; *Público*, 17.10.1993; *Diário de Notícias. Madeira*, 20.10.1992; *Jornal da Madeira*, 18.10.1993.

³⁷ “Declaração do Secretariado Internacional do MIDADE, Paris, 27 de Outubro de 1983” [mimeo. 1 p.]. Cf, também, “MIDADE. Secrétariat Générale, Campagne de Solidarité Internationale avec de MAC de Madère (Portugal)”, Paris, le 1er novembre 1993” [mimeo. 1 p.]. (Arq. MAAC).

³⁸ Cf.: “Memória da última reunião da Equipa Nacional. Local: secretariado da JOC. Lisboa 01.01.2000” (Arq. MAAC); *Notícias do Funchal*, 4.2.2002.

2.5. A formação de uma Comissão de Gestão

Em 1996, a coordenação nacional demite-se. Em maio, decorre uma primeira reunião da comissão de gestão então formada. Em breve, deveria decorrer a regular Assembleia Nacional de Acompanhantes (a última tinha decorrido em 1994), mas a sua preparação era dificultada pelas demissões. Estão presentes responsáveis de Braga, Funchal e Lisboa, a ex-secretária da equipa executiva demissionária, Conceição Henriques, e o coordenador europeu do MIDADE, Jean Luc Poncin. Setúbal, de onde era originário o coordenador nacional, não teve representante. Registava-se, ainda, a presença de um representante do Porto³⁹.

A realização de uma reunião do órgão máximo do MAAC ainda no ano de 1996 não recolhia unanimidade, nem sequer era reconhecida a inadiável premência de um executivo nacional. Todavia, seria alcançado um acordo no sentido da fixação de uma data para a 8.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Já em 1995, a necessidade ou a utilidade de órgãos nacionais tinham sido discutidas. As especificidades do movimento em algumas dioceses poderiam, segundo alguns dos seus membros, dispensar uma estrutura complexa e, para além do mais, extremamente absorvente⁴⁰. Para fazer face ao problema da disponibilidade pessoal e profissional para cargos de nível nacional, o coordenador europeu coloca, na comissão de gestão formada em 1996, a hipótese de especialização e de remuneração. A questão não era inédita. Adelino Sousa referira essa possibilidade ainda em 1985⁴¹.

3. O relançamento do MAAC (a partir de 1996)

Com a realização da 8.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes, em 1996, o MAAC entra numa nova fase. As características centrais do novo período consistem numa maior estabilização, nomeadamente com a regularização da dinâmica interna, o alargamento a mais dioceses, a reativação após as crises ocorridas em algumas regiões, a aprovação formal dos estatutos pela Conferência Episcopal Portuguesa, a regularização da pertença a redes eclesiais e cívicas e ainda a manutenção de publicações periódicas.

Organizada pela comissão de gestão formada na sequência da demissão do coordenador nacional, a 8.^a assembleia de acompanhantes ocorre em Singeverga, sob o lema “A construção do mundo e da Igreja é também tarefa das crianças”. Contaria com elementos das dioceses de Braga, Setúbal, Lisboa, Porto e Funchal.

³⁹ Cf. “Movimento de Apostolado das Crianças. Lisboa, 17 e 18 de Maio de 1996” [manusc., 15 p.] (Arq. MAAC).

⁴⁰ Cf. “Reunião da Equipa Nacional, em Lisboa, a 7 e 8 de Janeiro de 1995” [manusc., 6 p.] (Arq. MAAC).

⁴¹ Cf. “Relatório do trabalho de coordenação de Adelino Sousa em 84-85” [sd., mimeo., 4 p.] (Arq. MAAC).

Como convidado, registava-se a presença do coordenador da Pastoral Operária, Serafim Vieira, e dos padres António Martins e Fernando Mota, ambos do Porto.

Foi deliberada nova adesão da diocese do Porto e a alteração estrutural que daria origem à integração formal de adolescentes. A sigla MAC era substituída pela atual, MAAC. Seria ainda eleito um novo núcleo de coordenação nacional, liderado por Maria de Lourdes Ribeiro, precisamente do Porto, e proveniente dos movimentos operários da ação católica. O seu mandato como coordenadora nacional seria renovado em 1999 e estender-se-ia até 2002. Suceder-lhe-ia Carla Santos e, em 2008, José Carlos Antunes, igualmente com passagens pela JOC.

Entre as questões debatidas na 8.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes, regista-se a formação de acompanhantes, o apoio às crianças mais desfavorecidas, os direitos das crianças de todas as etnias, a denúncia de situações de violação dos seus direitos, o seu maior protagonismo, incluindo a atribuição de uma voz ativa na escola, na família, no meio onde vivem e ainda na Igreja. A constituição de uma equipa nacional de crianças ao longo de três anos, a recuperação do periódico *Crianças em Ação* e a divulgação do movimento nas paróquias e em outras dioceses estavam ainda entre as conclusões da assembleia. Note-se ainda a intenção de “escrever a história do MAAC em Portugal”⁴².

A apresentação da situação do movimento em cada diocese fornece-nos um ponto da situação após uma crise a nível nacional. Em Braga, eram referidos os trabalhos sobre a discriminação e “a celebração da passagem de elementos do M.A.C. para a J.O.C.”. No Funchal, eram sublinhadas as ações com a OIKOS, organização não-governamental, e o trabalho em torno dos direitos da criança. Em Setúbal, destacava-se a presença na campanha contra a instalação de uma incineradora na região e a realização de um encontro sobre a ação católica e a pastoral operária. O recomeço no Porto já se traduzia em cinco grupos, com cerca de meia-centena de crianças e dez acompanhantes, que promoviam encontros regulares entre si e recorriam a iniciativas de formação organizadas pela diocese de Braga⁴³.

No plano da formação de acompanhantes, é recuperada, logo em 1997, a regularidade dos ENFAS. Datava de 1991 o último encontro registado. Até 2008, decorrem de três em três anos, em Braga ou no Porto.

Após 1996, o MAAC é oficialmente reconhecido nas dioceses de Coimbra (1999), Santarém (2005), Leiria (2005), Angra (2008) e Aveiro (2008), validando o trabalho até então realizado. Na diocese da Guarda, foram constituídos grupos nas zonas de Cortes e Bouça, nos anos de 2004 e 2005, mas a adesão formal não chegou a ocorrer. Já em 2001 tinham existido contactos para a instalação do

⁴² Cf. “8.^a Assembleia de Acompanhantes do MAAC” [sd., mimeo., 1 p.] (Arq. MAAC).

⁴³ Cf. Acta da 8.^a Assembleia Nacional Extraordinária de Acompanhantes, Singeverga, 5.10.1996” [manusc., 3 p.] (Arq. MAAC).

MAAC na região da Covilhã, como aliás em Viseu. Todavia, as diligências não obtiveram resultados práticos. Em sentido inverso, ocorreriam interrupções em Lisboa e em Setúbal, duas das dioceses fundadoras. O reconhecimento formal da sua reativação plena teve lugar já em 2011.

Em 2001, a Conferência Episcopal Portuguesa aprovava os estatutos do MAAC. Como consequência, era concedida personalidade jurídica canónica ao movimento. Simultaneamente, era concedida uma sede nacional em Coimbra, depois da instalação do secretariado nacional em Lisboa (em 1984) e na Casa Diocesana do Porto (no final da década de 1990).

A aprovação dos estatutos consistia num processo iniciado em 1984, logo na 1.ª Assembleia Nacional de Acompanhantes. Os contactos então estabelecidos com o presidente da Comissão Episcopal do Apostolado dos Leigos, D. José Policarpo, não permitiram a fixação de um texto e a formalização do seu reconhecimento. Na década de 1990, as diligências prosseguiram, agora com D. António Marcelino. Em 2001, a aprovação dos estatutos pelo episcopado português abria, finalmente, a possibilidade da nomeação de um assistente nacional e do reconhecimento do MAAC como movimento de ação católica.

Uma das implicações da aprovação dos estatutos consistiu na nomeação de um assistente nacional. Tratava-se de uma reivindicação que remontava aos primórdios do MAAC. Em janeiro de 2006, seria, finalmente, viabilizada, quando o Pe. Emanuel Vaz passa a acumular o trabalho na LOC/MTC com o MAAC. Provinha da diocese de Angra do Heroísmo, onde tinha estado ligada ao lançamento do movimento, nomeadamente em Vila Franca do Campo.

Assistente nomeado pela Conferência Episcopal

Um dos acontecimentos que considero que foi marcante para o MAAC foi o facto de termos um assistente nomeado pela Conferência Episcopal. Sinto que este momento foi marcante para o movimento na medida em que foi o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo MAAC e mais importante, as crianças e acompanhantes passaram a contar com a presença discreta mas valiosa do Pe. Emanuel.

[Fernanda Vaz, acompanhante na Lousã desde 1998 e representante do MAAC na coordenação europeia do MIDADE entre 2004 e 2006. Questionário n.º 19, 2010].

Outra consequência da aprovação dos estatutos consistiu na integração do MAAC no Conselho Nacional de Movimentos e Obras (CNMO) do Apostolado dos Leigos. Como já notámos, a participação nesta instância era anterior, mas apenas permitira o estatuto de observador. Em dezembro de 2001, o MAAC aderiu ao CNMO como membro de pleno direito.

Ainda em 2000, a coordenadora nacional do MAAC, Maria de Lourdes Ribeiro, integrou a equipa executiva do Fórum da Ação Católica. Em dezem-

bro, seria a representante portuguesa no Fórum Internacional da Ação Católica, realizado em Roma, por ocasião do Jubileu do Ano 2000. Nas redes da pastoral operária, a presença do movimento seria igualmente mais regular e intensa neste período pós-1996.

Os contactos com a Confederação Nacional de Acção sobre Trabalho Infantil (CNASTI) remontam a 1992, dois anos antes da constituição formal desta associação de combate ao trabalho infantil. Na 6.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes, realizada em Braga, entre 3 e 5 de outubro de 1992, foi discutida a participação de um representante na confederação. Em janeiro de 1995, a equipa nacional mantinha a representação⁴⁴. Em outubro de 1997, 40 crianças do MAAC e oito acompanhantes estiveram presentes na Assembleia Nacional sobre Trabalho Infantil, organizada pela CNASTI. Poucos dias depois, membros do movimento marcavam presença numa conferência de imprensa sobre trabalho infantil, em Genebra. Em 1998 e 1999, decorreria na mesma cidade suíça a Marcha Global contra a Exploração do Trabalho Infantil, com a participação de crianças e/ou adolescentes do MAAC.

A relação entre a CNASTI e o MAAC seria marcada por algumas dificuldades. Por ocasião da intervenção do movimento na Marcha Global os problemas agravaram-se. Por essas razões, seria discutida, entre 2000 e 2002, a participação ativa na confederação. Na 10.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes, em 2002, seria deliberada a saída do MAAC, na sua dimensão nacional, mantendo-se, contudo, a “disponibilidade para colaboração em acções futuras de parceria”⁴⁵, tal como viria a suceder.

Com data de janeiro de 2001, era dado à estampa o n.º 1 de uma nova publicação periódica do movimento, intitulada *MAAC*. Traduzindo a aproximação que nesta fase pós-1996 ocorreu entre o movimento e os organismos operários da ação católica, a revista surgia como propriedade da JOC, situação que se prolongou até ao n.º 4, de Abril de 2002. Impresso a cores numa gráfica, o novo periódico dirige-se às crianças, aos acompanhantes e a elementos exteriores ao movimento. A sua produção ficou a cargo da coordenação nacional e de um grupo de redatores, nalguns momentos institucionais (as dioceses onde existem grupos de crianças), e conseguiria manter uma regularidade fixa (trianual e, desde 2005, bianual).

⁴⁴ Cf.: Assembleia Geral de Acompanhantes. 3.4.5 Outubro 1992, Braga [manusc.] VI AGA. Braga, 3, 4, 5/10/92. Elaboração do Plano de Acção [mimeo. 2 p.]; Reunião da Equipa Nacional, Sede da JOC, 7-8 de Janeiro de 1995 [manusc., 6 p.]; (Arq. MAAC).

⁴⁵ Cf.: Memória da última Reunião da Equipa Nacional. Secretariado da JOC, Lisboa, 01.01.2000 [mimeo. 2 p.]; Acta da X Assembleia Nacional de Acompanhantes do MAAC, Casa Diocesana do Vilar, 14 a 16 de junho de 2002 [mimeo. 2 p.]; Informação sobre a saída da CNASTI [mimeo. 3 p.] (Arq. MAAC).

AS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DO MAAC

CÁTIA TUNA*

Introdução

A atividade editorial periódica foi desde cedo uma necessidade do MAAC à qual dedicou um grande esforço coletivo. Representou um investimento em grande medida humano mas também material. As dificuldades associadas a uma certa insuficiência de recursos para a sua sustentabilidade e de meios concretos, que foram poucos numa fase inicial, eram um constrangimento com que se defrontava grande parte da imprensa das organizações católicas que não detinham uma rede de suporte. No caso do MAAC, este facto é reforçado por ter como emissores e recetores um público já por si vulnerável, as crianças, e, de entre estas, preferencialmente aquelas envolvidas em meios sociais desfavorecidos. Partindo desta situação, a imprensa do MAAC encontrará estratégias de fazer subjazer este meio de ação sobretudo interna, mas comportando a intenção de ter um alcance exterior, de um modo cada vez mais organizado. Este percurso reflete a própria metamorfose no autoentendimento do movimento e nas formas de ele mesmo se estruturar, visando uma maior eficácia.

Os objetivos da imprensa do MAAC são: o fomento da unidade a um movimento espacialmente disperso, o facultar de uma plataforma permanente e dinâmica de formação dos acompanhantes das crianças, e a promoção de um espaço de intervenção das mesmas, percecionando-as como incluídas no grupo daqueles “que não têm voz”. Esta intervenção engloba desde a partilha das atividades do grupo à comunicação de situações de injustiça por elas vividas. Com efeito, as publicações periódicas do MAAC apresentam-se como um prolongamento das instâncias de convívio e reflexão com uma certa formalidade e na intenção de se construir uma memória comum, mas também de iniciação das crianças a uma atividade crítica, a qual é particularmente saliente nos números editados nos anos 80 e nas páginas dos periódicos do movimento da diocese do Funchal.

Após uma caracterização geral da imprensa do MAAC, far-se-á uma análise mais apurada daqueles que se destacaram por terem um maior nível de estrutu-

* Investigadora integrada no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP).

ração e de durabilidade. De seguida, apresentaremos a estrutura interna de cada periódico, procurando descrever as linhas editoriais próprias de casa um. Expõe-se na terceira parte uma sistematização dos conteúdos neles contidos, ilustrada com citações dos mesmos. Por fim, aborda-se a estrutura de coordenação com que se foi gerindo a imprensa do MAAC ao longo das três décadas em estudo.

1. Caracterização geral das publicações do MAAC

Remonta a 1981 a indicação de uma atividade de tipo editorial periódica no MAAC, existindo indícios de circular uma *Folha do animador* e um “jornal das crianças” cujo nome não estaria ainda decidido¹. Todavia, não nos chegou desses anos qualquer exemplar de ambos, não sendo possível perceber a continuidade destas iniciativas. É porém significativa a existência de uma dupla linha editorial determinada por dois grupos de destinatários, as crianças e os acompanhantes, que subsistirá nos dois periódicos que viriam a marcar a fase inicial do movimento: *Crianças em Acção* e o *Jornal de Nós*. Nos anos que os antecederam, regista-se ainda um número isolado de um boletim chamado *Desperta*².

A década de oitenta foi um período de forte vitalidade no que concerne à atividade editorial do movimento: após os ensaios iniciais caracterizados por algum experimentalismo e por uma fraca regularidade, mas reveladora de grande dinamismo de iniciativas, existiram duas publicações que atingiram algumas dezenas de números. O *Crianças em Acção* e o *Jornal de Nós* foram publicados durante um período de oito anos num total de 42 números, contabilizando apenas aqueles que nos chegaram. Em apenas três anos chegaram a sair consecutivamente 25 números (o equivalente à quantidade de publicações que foram editadas durante a década de 2000).

Os anos 90 foram aqueles em que se registou um menor número de publicações, espelhando a crise que o MAAC atravessou nessa fase. Exceção feita por esta altura ao MAAC da Madeira que teve uma atividade editorial muito ativa e consideravelmente avançada ao nível gráfico e de conteúdos, com uma identidade marcada pela comunicação ou denúncia dos problemas sociais que afetavam as crianças, que viviam em circunstâncias de considerável vulnerabilidade sociofamiliar. *Grito da liberdade* (1991), *A Janela (indiscreta)* (c. 1992) e *Zona 4* (c. 1996-1997) são os títulos da imprensa madeirense de iniciativa do movimento.

¹ Cf. *Carta aos coordenadores para o encontro de coordenadores dia 29 de Abril – Seminário dos Olivais das 10 às 18 h.*, p. 1 [1981].

² Realiza-se também a edição de um pequeno livro fotocopiado que reunia testemunhos de grupos de várias partes do mundo, pertencentes ao MIDADE, onde Portugal se encontra representado com dois textos. Esta publicação não periódica intitulava-se *Movimento internacional* e manifesta a ligação umbilical do então MAC ao MIDADE. Cf. *Movimento de Apostolado das Crianças – Dimensão internacional: Acções de Grupos de Crianças*. Lisboa: [s.n.], 1984.

Nos anos de charneira entre esta década e a seguinte são editados de forma não concertada alguns números isolados: um intitulado *Stop* (1998) e outro denominado *Boletim do Acompanhante* (2001), bem como os integrantes da última série do *Crianças em Ação*, e que acabam por fazer a transição para a revista MAAC.

Numa análise global, podemos afirmar que a atividade editorial do MAAC sofreu um processo de aperfeiçoamento e sofisticação. Nos primeiros anos esta distingue-se por ser predominantemente irregular na sua periodicidade e noutros âmbitos como a organização de conteúdos, sendo difícil, por exemplo, a manutenção de rubricas ou secções, a referência clara das equipas de redação ou mesmo o preço que oscila significativamente. Contudo, as publicações foram adquirindo uma paulatina ordenação que apenas se consolidou verdadeiramente com a revista MAAC, representando esta uma nova etapa no que é concernente à estrutura e à própria materialidade da edição (englobando esta desde a qualidade da composição gráfica ao tipo de impressão).

Na tabela seguinte encontra-se sistematizada, nos seus dados básicos, a informação relativa à totalidade dos periódicos do MAAC de que há conhecimento:

As publicações periódicas do MAAC

Título		Período de publicação	Números editados	Público – alvo	Escala
<i>Folha do animador</i>		c. 1981	Sem dados	Acompanhantes	Nacional
[sem título]		c. 1981	Sem dados	Crianças	Nacional
<i>Crianças em Ação</i>	1ª Série: <i>Boletim de ligação e de informação do Movimento de Apostolado de Crianças</i>	maio de 1983 – dezembro de 1989;	23	Acompanhantes	Nacional
	“Nova Série”: [sem subtítulo]	janeiro de 1991 – [dezembro de 1991];	5	Acompanhantes e crianças	
	2.ª Série / “Série ano 2000”: <i>Jornal Nacional do MAAC</i>	c. janeiro 1997 – janeiro 2000	6	Acompanhantes, adolescentes e crianças	
<i>Desperta</i>		c. outubro 1983	1	Acompanhantes	Nacional
<i>Jornal de Nós</i> [intitulado jornal das crianças até ao 3.º número]		Março 1984 – dezembro de 1989	18	Crianças	Nacional
<i>Grito de liberdade: Jornal do MAC: Movimento de Apostolado das Crianças</i>		[1991 – 1992]	4	Público geral	R. A. Madeira
<i>A janela (in)discreta</i>		Novembro 1992	1	Crianças	R. A. Madeira
<i>Zona 4</i>		[c. 1997]	4	Público geral	R. A. Madeira
<i>Stop: Jornal dos Grupos de adolescentes</i>		[c. 1998]	1	Adolescentes	Nacional
<i>Boletim do Acompanhante</i>		Junho 2001	1	Acompanhantes	Nacional
<i>Acompanhantes em Movimento</i>		Março 2005	1	Acompanhantes	Nacional
<i>MAAC: Movimento de Adolescentes e Crianças</i>		2001 – 2017	38	Acompanhantes, adolescentes e crianças	Nacional

Este quadro proporciona a verificação da existência de um grupo largo de publicações que se caracterizam por terem um só número ou por uma quantidade muito baixa de edições, o que indica a dificuldade de dar continuidade aos projetos editoriais que, por sua vez, foram de grande quantidade. Conclui-se assim que a capacidade de estruturação e fidelização não acompanhava o fervilhar de iniciativas. Uma segunda constatação é a de que estas publicações partem da estrutura de coordenação do movimento, não se registando publicações à escala diocesana ou de um determinado grupo, salvo o caso da Madeira, que evidencia uma dinâmica peculiar.

Resultam, assim, dois conjuntos diferentes de periódicos: o primeiro caracterizado por uma durabilidade fugaz e pela existência de muitos “números únicos”; e o segundo constituído por aqueles que atingiram um maior grau de estruturação. Analisaremos com mais profundidade este último, constituído pelo *Crianças em Acção*, *Jornal de Nós* e a revista *MAAC*, abordando ainda o caso da imprensa madeirense.

2. Principais publicações

2.1. O boletim *Crianças em Acção* (1983-[2000])

O *Crianças em Acção* começou em 1983 e que, depois de várias interrupções, terminou em 2000. Como a tabela evidenciou, durante este período teve algumas interrupções que corresponderam aos intervalos entre as três séries que o constituíram. A primeira foi publicada durante sete anos e perfaz 23 números; a “nova série” teve lugar em 1991 e editou 5 boletins; a “série ano 2000”, também denominada “segunda série”, totalizou 6 números entre 1997 e 2000. As duas últimas podem entender-se como um revivalismo da primeira e a insistência na sua continuidade, em detrimento da criação de novos periódicos, evidencia a consideração do *Crianças em Acção* como a publicação identitária do movimento. De facto, sendo a primeira publicação, é um espelho do pulsar inicial da sua construção ao exprimir as inquietações e ensejos dos acompanhantes, partindo do que absorvem da vida e ações das crianças, e da experiência que fazem com os grupos. Tendo começado como jornal destinado indiscriminadamente a crianças e acompanhantes, rapidamente se definiu como um boletim e como destinado aos segundos, ficando reservado para um novo título, o *Jornal de Nós*, o formato de publicação de um jornal orientado para as crianças.

O subtítulo que nesta ocasião adquiriu, *Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças*, traduz a sua finalidade: a de constituir uma rede entre os acompanhantes pela criação de vínculos entre si bem como uma sincronia no concernente às atividades por eles desenvolvidas, visando também superar a dispersão do movimento pelos múltiplos espaços, físicos e sociais,

em que se ia implantando um pouco por todo o país. Além de ser um elo de ligação, este periódico tinha um intuito fortemente formativo.

Tinham especial lugar artigos de formação explícita e os encontros de acompanhantes, a nível local ou nacional. Estes ocupavam muitas páginas em que eram descritos numa apresentação dos conteúdos neles refletidos, e pretendendo a eficácia dos mesmos pela enunciação de algumas decisões ou vetores de ação assumidos como resposta às dificuldades partilhadas pelos acompanhantes. Nesta forte componente formativa os conteúdos da doutrina cristã tinham um lugar importante no Boletim, sem serem, porém, predominantemente enunciados de forma direta ou isolada das descrições dos encontros. Também existiam notícias sobre os grupos, os acompanhantes e o Mouvement International D'Apostolat Des Enfants (MIDADE). O que cada grupo desenvolvia, os problemas que as crianças



Capa do n.º 2 do Crianças em Ação



Capas do n.º 7 da I série de Crianças em Ação e do n.º 1 da II série

traziam para neles serem abordados, eram objeto de preocupação e de análise por parte dos acompanhantes, surgindo muitos relatos das condições de vida dos meninos e também de soluções propostas ou empreendidas em cada caso para minimizá-las. Pretendia-se que este periódico constituísse um “instrumento de trabalho”, “com conteúdo” e uma ajuda para “compreender melhor o que se vai fazendo e como”³.

A “Nova série” de 1991 privilegia mais a informação do que a formação, incluindo também muitos trabalhos das próprias crianças. Tal alteração explica-se pelo facto de, findo o *Jornal de Nós*, ter agora um destinatário duplo: os acompanhantes e as crianças. A “série ano 2000” não evidencia uma uniformização nos seus números, variando consideravelmente entre si na periodicidade, estrutura de conteúdos, grafismo e subtítulos. Apesar desta forte heterogeneidade, verificam-se novos elementos temáticos, como a alusão ao Jubileu celebrado no ano 2000, maior consciência diocesana e incidência em problemas que afetam em particular a adolescência e a juventude⁴.

2.2. O *Jornal de Nós* (1984-1989)

O *Jornal de Nós* inicia-se em 1984 e a sua última edição correspondeu ao 19.º número; decorria o ano de 1989, o mesmo em que acaba a primeira série do *Crianças em Acção*. A sua identidade determina-se pelo público a que se dirige e que tendencialmente coincide com os seus autores: as crianças.

O objetivo estruturador do jornal é o de ser por elas construído, divulgando as atividades desenvolvidas pelos seus grupos, bem como a partilha de vida que neles se realiza. Neste sentido, são referidos os problemas com que elas se deparam, relacionados sobretudo com a escola (discriminação entre bons e maus alunos, conflitos com os colegas, más condições materiais), a família (violência entre pais e filhos, alcoolismo, dificuldades económicas) e com o meio local e social (o lixo no bairro, a pobreza e a precariedade habitacional). Estes também são descritos nos outros periódicos, particularmente no *Crianças em Acção*, mas aqui são sobretudo narrativas das próprias crianças, relatadas em grande medida em voz própria. Neste aspeto, o jornal madeirense *Grito da Liberdade* também privilegia a enunciação e a partilha dos problemas das crianças por elas próprias, em vez de por terceiros. Com efeito, neste periódico muitos artigos são manuscritos pelo punho das crianças, no estilo próprio da sua linguagem e acompanhados por desenhos feitos pelas próprias.

³ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 12 (agosto-setembro 1986) p. 9.

⁴ Esta maior dedicação aos adolescentes está patente no número único de *Stop*. Esta preocupação terá continuidade na revista *MAAC*.



Capa do n.º 1 do *Jornal das Crianças*; capa do *Jornal de Nós: Vida e Ações* (n.º 4 do até então *Jornal das Crianças*)

Também as notícias de grupos de outros países têm lugar no jornal, assim como a abordagem a conteúdos cristãos, de forma direta ou indireta, ao relatarem por exemplo os momentos em que realizam uma “revisão de vida”. É ainda provido de partes formativas, de secções de “entretenimento”, que abrangem bandas desenhadas, passatempos ou anedotas, indo ao encontro dos interesses das crianças. Estas, além de estimuladas pela leitura de conteúdos ajustados à sua realidade e gostos, apreciavam muito ver os artigos do seu grupo no jornal. Ao ser realizado essencialmente por elas e tendo conteúdos do seu interesse, o *Jornal de Nós* exprime com especial força a ideia do seu protagonismo das crianças.

2.3. A revista MAAC (2001–)

A revista MAAC teve o seu primeiro número em 2001 e é publicada até à presente data, somando até agora 37 números (foram considerados neste estudo apenas os 20 primeiros, ou seja, 2008, ano do 30.º aniversário do MAAC). Constitui uma nova etapa no percurso das publicações do movimento. A quase totalidade dos periódicos anteriores caracterizava-se por uma conceção gráfica rudimentar, por um certo amadorismo e por alguma fragilidade material; sendo inicialmente fotocopiados e seguiram um percurso de melhoria paulatina ao nível do grafismo e impressão, sendo de salientar a técnica *off set*, com que passaram a ser editados em 1985. Com a revista MAAC o processo sofisticou-se: a composição e o *design*

são profissionais e feitos de forma informatizada e não manual; a impressão processa-se numa tipografia. Além dos profundos melhoramentos relativos à apresentação, também a tiragem dos números aumentou, assim como encareceu o processo de publicação, pelo que o preço da revista foi estipulado com poucas variações. Note-se a título de excursos que ao longo da história das publicações do MAAC nunca a revista foi distribuída de forma gratuita.

O lançamento da Revista MAAC

Outro passo importante foi o lançamento de uma publicação do MAAC para dar a conhecer o papel das crianças em movimento, nas ações transformadoras que desenvolvem em casa, na escola e nos tempos livres, para dentro e fora do movimento. Este assunto foi analisado na equipa nacional com o compromisso das dioceses em assumir a venda de x revistas, de acordo com as suas possibilidades, de forma a garantir o pagamento da mesma à gráfica. Feitos os contactos com algumas gráficas, foi feita na altura a melhor opção. Nesta ação o Padre Rolando da diocese de Coimbra deu uma boa ajuda na creditação do MAAC junto da gráfica. Deu-se então corpo a uma publicação já registada oficialmente com luz e cor com alguma ajuda técnica na apresentação de jornalistas da revista juvenil, numa visita às suas instalações em Lisboa, numa ação de formação aplicada com a irmãzinha Monserrat, sempre elo de ligação nos contactos realizados.

[Maria de Lourdes Ribeiro, acompanhante em São Mamede de Negrelos e São Salvador do Campo (Santo Tirso) desde 1995, coordenadora nacional entre 1996 e 2002 e membro da equipa de coordenação europeia entre 1996 e 1999. Questionário n.º 37, 2010].

Este investimento na apresentação e difusão da revista é fruto de todo o processo de prática editorial anterior ao longo do qual se pôde ensaiar a estratégia mais eficiente para fazer prosperar a atividade editorial do movimento. Foi assim fruto de uma reflexão recorrente nos encontros de acompanhantes e nos da equipa de coordenação que tiveram lugar os anos imediatamente precedentes. No que diz respeito à estrutura, ocorreram também profundas modificações: com um número de páginas muito superior às publicações precedentes, a revista MAAC possui uma ficha editorial, uma periodicidade definida e regular (à exceção da passagem de trienal a semestral em 2005) e um princípio de organização dos conteúdos mais sólido comparativamente ao que se praticava anteriormente. Não obstante, a sua estrutura não atingiu um grau de estabilização de natureza editorial significativo, oscilando a quantidade, a dimensão e o título das rubricas ou secções de número para número.

A revista reúne três vetores editoriais, uma vez que se destina a um triplo público: os acompanhantes, as crianças e os adolescentes. Informando sobre as atividades que decorrem no movimento em geral, a sua vertente formativa é multitemática, abrangendo desde conselhos relativos à saúde, a conhecimentos



Capa dos números 1 e 20 da revista MAAC.

de natureza escolar, de índole cívica, sensibilização para os problemas sociais tipicamente juvenis, artigos sobre ecologia, arte, desporto, etc., sem deixar de predominar a formação respeitante ao próprio movimento e à fé cristã. São de salientar os artigos incidentes na questão da situação das crianças no mundo ou da situação da pobreza e outros problemas sociais a um nível internacional.

Deste modo, não se verifica tanto a narração de problemas vividos pelas próprias crianças, na sua família, escola e meios, como outrora sucedia nos periódicos dos anos 80. Os objetivos da revista são proporcionar a ligação dos vários grupos, a partilha entre eles, a formação dos acompanhantes e dar visibilidade ao movimento⁵.

3. O caso da imprensa madeirense

A imprensa do MAAC da diocese do Funchal é passível de ser um estudo de caso dentro do *corpus* global da imprensa do MAAC, uma vez que apresenta características que a singularizam, tanto a nível material, como nos procedimentos organizativos das próprias publicações, e sobretudo quanto aos conteúdos. Atendendo ao primeiro aspeto, enquanto os jornais *Grito da Liberdade* e *Janela*

⁵ *Plano de Acção Nacional 2005-2008*. Aprovado na XI Assembleia Nacional de Acompanhantes do MAAC, 10 e 11 junho 2005, p. 4.

(*In*)discreta não se distanciam das técnicas de composição e impressão até então utilizadas no continente, o *Zona 4* exhibe grande qualidade gráfica, de paginação e encadernação⁶.

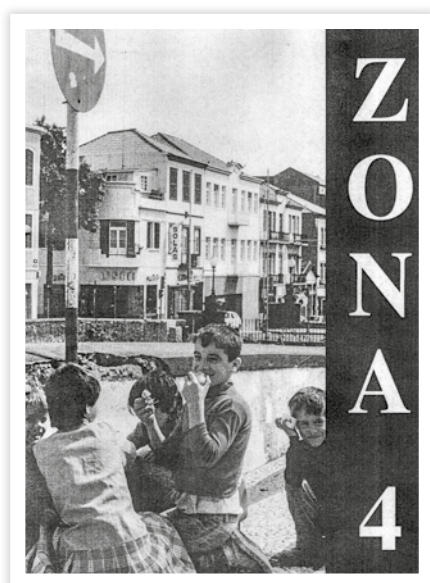
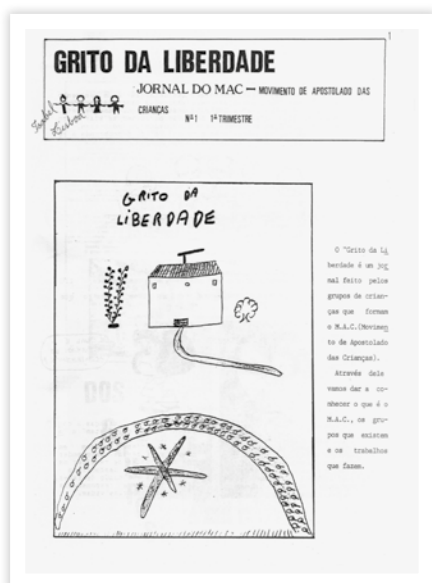
O facto de ter um preço fixo (250\$00) revela que esse esforço de qualidade na apresentação do *Zona 4* representava um investimento revelador da aspiração de abranger um público exterior amplo, uma intenção de divulgação que permitisse extravasar o movimento. Tal objetivo é compreensível pelo impacto que tiveram nos órgãos de comunicação social algumas iniciativas por ele empreendidas, como a da “Escola Aberta”⁷ ou as denúncias aguerridas dos problemas sociais que afetavam as crianças, como a mendicidade que realizavam à mercê da atividade turística. Apresenta artigos que têm uma abordagem que pretende ser quase científica ou de natureza ensaística e em que subjaz uma intenção de denúncia social e um intuito de consciencialização política. Com eles procura-se explicitar, por exemplo, os “nexos causais” da situação das crianças madeirenses desfavorecidas ou refletir criticamente sobre acontecimentos do âmbito público que as atingem:

“O respeito pelos Direitos Humanos começa pela forma como a sociedade acolhe e trata a Criança. Esta revista faz uma opção preferencial. Não considerámos a Criança em abstracto ou associar. Optámos pelo rosto empobrecido da Criança na Madeira. Neste número da ZONA 4, privilegiou-se uma abordagem de lugares sociais onde se evidenciam sinais eloquentes de uma realidade cheia de contrastes. Manifesta-se uma região radicalmente diferente da imagem paradisíaca que, por vezes, nos querem fazer crer. Alguns retratos explicitam um reverso inquietante. A Criança contextualiza os mecanismos existentes de implacável marginalização. Esta é a ZONA 4, lugar de provocação, emergente a partir dos mais vulneráveis. Existem numerosos grupos sociais particularmente vulneráveis. Essa vulnerabilidade torna-se acrescida quando se trata da Criança. Este número da revista apresenta situações e causas profundas na deficiente organização da Cidade. Revela-nos nexos causais. A ZONA 4 incomoda-nos”⁸.

⁶ Isto é verificável, por exemplo, pelo emprego de fotografias (até aí quase nunca presentes nas publicações), sendo que estas não tinham o traço amador que caracterizariam as que viriam a constar na revista *MAAC*, uma vez tiradas na informalidade das circunstâncias conviviais dos encontros, mas evidenciavam um cunho profissional, aparentando um ótica fotojornalística e retratando as condições de miséria das crianças madeirenses.

⁷ A Escola Aberta “foi pensada e ‘vai sendo feita’ por um grupo de crianças do M.A.C. que por questões de vária ordem (trabalho, motivação, relacionamento...) não frequentava a escola, mas tinha um desejo muito grande de aprender a ler e a escrever”. *A Janela (In)discreta* (1992) 4. Começou em 1990 com a abertura de um espaço no Funchal, em 1991 abre-se outra escola em Câmara de Lobos. Constituiu um caso bastante mediático nos meios de comunicação social do arquipélago e do país.

⁸ Editorial. *Zona 4*. 4 – ano II (julho-agosto de 1997) p. 1.



Capa do n.º 1 do *Grito da Liberdade* e do n.º 4 da *Zona 4*

É questionada a igualdade no tratamento destas crianças por parte de instituições como a escola (que já se verificara na imprensa do continente), mas também a polícia, os hospitais, a justiça, o próprio governo regional, etc.

Nas publicações existem textos redigidos pelos grupos que narram os seus problemas e atividades, dados relativos ao movimento nacional e internacional, artigos de análise da realidade social da Madeira, secções de entretenimento nas quais se destacam letras de músicas, narrações de casos individuais de crianças ou adolescentes que se encontram numa situação de marginalidade social, sendo estas feitas pelos próprios ou por adultos. O seguinte excerto encontra-se no *Grito da Liberdade* tal como foram manualmente escritos pelas crianças: “O meu almoço foi soco e pontapé. Foi o meu pai que deu. Eu tenho vergões de mangureira no corpo”⁹.

Além da violência doméstica, são recorrentes outros problemas tal como o trabalho infantil ilustrado por artigos como este:

“Eu sou o Franquelim, tenho 14 anos. Saí da escola porque não tinha vaga. Uma mulher deu-me trabalho e fui servir num balcão, numa loja de roupa. Trabalhei 17 dias e recebi 25000\$00. Cada dia trabalhava 8 horas e quando ia assinar o contrato, chegou um papel dizendo que eu não podia trabalhar porque não tinha o segundo ano.

⁹ *Grito da Liberdade: Jornal do MAC: Movimento de Apostolado das Crianças*. 4 [s.d.] [p. 3].

Agora, para arranjar dinheiro para comer, para comprar sapatilhas ou outras coisas, ajudo as floristas a ir buscar água, ajudo as mulheres a levar os sacos e ganho o que as pessoas me dão. (100\$00, 200\$00 ou 150\$00)”¹⁰.

Em suma, as publicações da Madeira só são compreensíveis dentro da especificidade do movimento no arquipélago, marcado pela controvérsia aberta entre o movimento e instâncias civis e políticas, resumida ao debate sobre o papel da autoridade que, do ponto de vista do movimento, desprotege e contribui para a exclusão das crianças madeirenses desfavorecidas. É fundamentalmente a sua configuração política e a intensidade polémica que daqui advém que as diferenciam das publicações do continente, pois nestas, como verificado, existem também os temas aqui presentes, a saber: a escola, a família e as condições sociais penalizadoras e marginalizadoras da população infantil.

4. Identidade editorial e dimensão pedagógica dos periódicos

Em todas as publicações encontramos uma coexistência dos âmbitos informativo e formativo. Se o primeiro caracteriza sobretudo o *Jornal de Nós*, bem como a segunda série do *Crianças em Acção*, na primeira série este periódico é predominantemente formativo. Na revista MAAC verifica-se um equilíbrio entre ambas as componentes. Por outro lado, a componente recreativa, correspondente a secções como passatempos, anedotas, provérbios ou receitas, existe em todas as publicações à exceção do título *Crianças em Acção*. Também se constata de forma não muito regular a intenção de colocar crianças ou, sobretudo, acompanhantes a darem o chamado “testemunho”, que surge esporadicamente sob a forma de uma entrevista¹¹. Nos periódicos madeirenses a componente informativa adquire uma feição vincadamente denunciativa.

¹⁰ *Grito da Liberdade: Jornal do MAC: Movimento de Apostolado das Crianças*. 2 [s.d.] p. 4. Neste número têm lugar entrevistas a crianças trabalhadoras, como o Rui de 15 anos que trabalha como serralheiro civil, Manuel da mesma idade que ajudava a arrumar o peixe pescado nas caixas, a Sofia de 10 anos que ao fim de semana fazia limpezas numa discoteca, o Alfredo Nunes de 13 anos que vende guarda-chuvas, o Nélcio de 12 anos que trabalha por vezes na construção, etc.

¹¹ Nos números finais da primeira série do *Crianças em Acção* existe um testemunho, que são de acompanhantes, como a jovem Teresa [*Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças* 1:14 (1987), p. 5], a Fátima Lopes recém nomeada Coordenadora diocesana [*Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 13 (fevereiro-março 1987), p. 7], a irmãzinha Maria Monserrate [*Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças* 1:15 (setembro-outubro 1987), p. 2], a Dulce, uma menina de Setúbal de 9 anos [*Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 17 (janeiro-fevereiro 1988), p. 6] e um testemunho baseado numa monografia do grupo do MAAC do bairro do Relógio [*Crianças em Acção: Boletim de ligação e de informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 19 (junho-julho 1988) p. 2-3].

Verifica-se a preocupação geral de que sejam as crianças ou adolescentes a redigirem os artigos nos periódicos a elas destinados, havendo a realçar a existência de orações, poemas e desenhos da sua autoria e também relatos dos próprios problemas que os atingem sendo estes de ordem familiar social e escolar. Muitas vezes, são os acompanhantes os intérpretes e os informantes desses mesmos problemas, como exemplifica este excerto de um longo artigo em que uma acompanhante fala sobre o seu grupo do MAAC de Mafamude, em Vila Nova de Gaia:

“[...] começamos a ter os nossos encontros todos os sábados às 14h 30m (quando não chove, porque ainda não temos um espaço coberto).

Começamos a falar dos problemas existentes no bairro e nas suas dificuldades:

– O nosso bairro é muito pobre, não tem esgotos (os mais pequenitos brincam com as águas chocas), não temos casa de banho, temos que nos lavar e tomar banho numa bacia, temos que ir muito longe à escola, alguns pais passam a vida a gritar com os filhos, por causa do vinho!

– o meu pai só trabalha dois dias por semana, recebe pouco dinheiro. Na nossa casa somos 12 pessoas, dormimos todos juntos, uns no chão outros na cama, uns para cima, outros para baixo!

Zé Maria – Todos deveríamos ter uma casa com quartos para todos, casa de banho... Hoje já não quero falar mais nisto, diz Alfredo”¹².

No que concerne à escola, são referidas a agressividade dos professores, a natureza pouco estimulante das atividades escolares e a exclusão dos meninos com dificuldades de aprendizagem ou provindos de meios sociais diferentes, como é o caso do seguinte excerto, intitulado “o lado a lado não existe”:

“Na escola primária / nem é bom falar. / Meninos pretos de um lado / meninos brancos do outros / foi a primeira solução / NÃO RESULTOU. / Cortar as tranças (penteado tradicional africano) às crianças filhas de emigrantes caboverdianos, / NÃO RESULTOU. / Salas só com filhos de emigrantes / saída das crianças do outro lado / para colégios particulares / acabaram com o Lado a Lado / O Lado a Lado / Não existe / As mamãs e os papás / dizem: / vamos varrer os “pretinhos” / Isto será solução / para a existência do Lado a Lado? / O Lado a Lado não existe / Aqui no Jardim Infantil / Na Escola Primária / No ciclo preparatório / O Lado a Lado / Não existe / Porque muita gente não tem consciência / Do Lado a Lado / Por isso Pai / Perdoa-lhes porque não sabem o que / fazem. / Luto para a existência / do Lado a Lado / Mas cada dia / O elo de ligação / torna-se mais distante”¹³.

¹² Texto da autoria de Adélia. *Crianças em Acção: Jornal dos Animadores do Movimento de Apostolado das Crianças*. 6 (julho 1985) p. 9.

¹³ Texto da Autoria de “Tino”, datado de 5 de janeiro de 1989. *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 22 [1989?] [p. 3].

Por vezes tomado como contíguo às características condicionadoras da instituição escolar, o trabalho infantil é uma realidade muito abordada como situação que atinge as crianças do movimento ou os seus amigos ou vizinhos, como tema de reflexão por parte dos acompanhantes; assim exemplifica o excerto seguinte:

“Carta do Grupo da Amizade (Setúbal)

Revolta contra o Trabalho infantil

Nós no Grupo do MAAC, resolvemos escrever esta carta porque nós também somos Adolescentes, o que nos revolta muito esta questão.

Tudo começou quando um rapaz começou a faltar às aulas e por isso a mãe disse-lhe que se ele continuasse a faltar que o tirava da escola e assim foi, mas também lhe disse que se ele sai-se [sic] da escola o punha a trabalhar nas obras ao pé de casa [...]

Assim terminamos a nossa carta / A Delegada e Subdelegada [com as respetivas assinaturas]

As acompanhantes encontram-se preocupadas com esta situação, tendo em conta que a criança em questão deixou de aparecer no grupo”¹⁴.

Os artigos dos periódicos permitem perceber a panóplia das atividades dos grupos, cujos encontros englobam tarefas lúdicas e artísticas (teatros, músicas, danças, desenhos, etc.), religiosas, reflexivas, o que inclui conversas ou debates sobre um determinado problema, sendo muitas vezes utilizada a metodologia da revisão de vida, e preparações de ações de exploração ou intervenção no meio local ou ainda de solidariedade. Este aspeto é muito focado, englobando também iniciativas de proteção à natureza¹⁵.

De entre os acontecimentos do grupo focados surgem os passeios e a sua preparação. Estas atividades exteriores são recorrentemente realizadas com os outros grupos do MAAC. Se na revista MAAC estes encontros já se encontram estruturados, como o Encontro Nacional de Delegados, os Acampamentos Diocesanos, Encontros Nacionais ou Diocesanos, nos periódicos anteriores são atividades sem essa organização, programadas com um certo grau de imprevisibilidade e de informalidade dentro de cada grupo ou entre vários¹⁶. Isto manifesta a relevância

¹⁴ *Crianças em Acção: Jornal Nacional do MAAC. Série 2000. 3 (1999) [p. 4]*

¹⁵ “Olá amigos, o MAAC em Joane tem 2 grupos, o Cores do MAAC e o Renascer [...] O plano de acção do nosso grupo para este ano 98/99 foi tentar defender o meio ambiente e por isso sensibilizar todas as pessoas para admirarem a natureza, respeitaem e poderem usufruir daquilo que Deus nos dá”. *Crianças em Acção: Jornal Nacional do MAAC. Série 2000. 3 (Junho de 1999) [p. 3]*.

¹⁶ “Notícias do grupo ‘Paz e amor’. No dia 18 estivemos num encontro com 4 grupos. Estivemos na Igreja de Moscavide e depois do almoço fomos para o seminário. Gostámos de ver os slides porque mostraram as coisas dos outros grupos. Gostámos também dos jogos, do que o padre falou e da troca de prendas. Tivemos muita pena de não apresentarmos a nossa peça de teatro, mas não tivemos tempo de prepará-la.

que estas atividades tinham na visão pedagógica e cristã do movimento, que passava por uma experiência fortemente comunitária em que o lúdico tinha também um papel, em si próprio, evangelizador. Os excertos seguintes manifestam o horizonte que a ideia de “ação transformadora” tem nos vários encontros:

“Nós somos um grupo de crianças do Prior Velho que juntos queremos tentar resolver alguns problemas do nosso bairro. Por exemplo: falta de médicos, escolas, casas, luz eléctrica, água canalizada, transportes, má relação com os ciganos, falta de igreja...”¹⁷.

- Fizemos teatro, cantámos, jogámos, dançámos, brincámos...
- Ajudámos a Paula, uma criança mais pobre.
- Convidámos os ciganos para o grupo.
- Fizemos peças de teatro sobre os problemas do bairro (falta de médicos, bêbados...).
- Participámos nas celebrações do nosso bairro.
- Fomos visitar o Zé Cirilo (agredido à bala) no hospital como Jesus fez com o paralítico da piscina de Siloé.
- Juntámos dinheiro para mandar para Madagáscar onde houve um ciclone, fazendo uma venda na escola.
- Fomos limpar o bairro, as ruas e colocar cartazes para as pessoas seguirem o exemplo.
- Fomos aos Olivais conviver com outras crianças.
- Fizemos o cartaz ‘Jesus e os pequeninos’ e lemos leituras de Bíblia para ver o que está mal.
- No acampamento orámos e falámos sobre Jesus”¹⁸.

Gostámos do grupo dos Aventureiros porque eles apresentaram as realidades do seu bairro em peça de teatro. / No dia 20 de Janeiro fomos comemorar o nosso 1.º aniversário de grupo ao Seminário. Brincámos, jogámos à bola, passeámos durante todo o dia, partilhámos o farnel e houve bolos e bolachas.” *Jornal das Crianças*. 1 (março de 1984) p. 12.

“O MAAC da Diocese de Braga realizou no passado dia 21 de abril de 2001 um encontro sobre a Partilha. Foi uma grande festa!!! Logo de manhã partimos para o Colégio das irmãs Franciscanas, em Santo Tirso, onde fizemos uma reflexão sobre a Partilha tendo como ajuda uma projecção de slides: ‘Ponte ou Muro’. / Eram 57 as crianças e adolescentes [...] / Na parte da tarde continuamos a viagem em direcção à casa do Gaiato. O Miguel mostrou-nos a casa, e na visita proporcionada não faltaram as perguntas e respostas. Todos os grupos do MAAC ofereceram artigos escolares: cadernos, lápis, esferográficas, livros, régua, etc. [...]”. *MAAC: Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 2 (junho de 2001) p. 2-3.

¹⁷ Texto do grupo do Prior Velho. *Crianças em Acção*. 1 (maio de 1983) p. 2.

¹⁸ Texto redigido no âmbito da preparação para a 1.ª Assembleia Geral de Acompanhantes, no qual se encontra uma recolha das atividades dos vários grupos que é bastante representativa das suas ações. Diz respeito ao segundo ponto trabalhado na assembleia sobre o tema “Evangelização”. “Ações transformadoras em que as crianças testemunham Jesus Cristo”. *Crianças em Acção*. 4 (setembro de 1984) p. 6.

Também constam nas publicações artigos que visam uma consciencialização de problemas gerais de foro social, nomeadamente textos de sensibilização sobre a poluição, a sexualidade, o tabaco, a violência na televisão ou as drogas, tema sobre o qual versa o seguinte excerto, que procura sintetizar duas revisões de vida feitas em 2007 pelos grupos “Os terroristas” da diocese de Coimbra e “Grupo da Paz” de Codessos, que se basearam nas parábolas conhecidas por “Filho Pródigo” e “O trigo e o joio”, respetivamente na etapa do julgar:

“O nosso agir... / Jovem se amas a vida, diz não a todo o tipo de Drogas! / O Mundo sem Drogas, será melhor para todos nós! / Participa, fala com os jovens e diz-lhes que a Droga não resolve os problemas. / Nós vamos alertar os Nossos Colegas, faz como nós!”¹⁹

Na componente formativa circunscrita aos acompanhantes, os temas abordados são fundamentalmente três: conteúdos religiosos, aspetos pedagógicos ou didáticos e a identidade do próprio movimento. Nos primeiros encontram-se reflexões simples sobre alguns excertos dos Evangelhos ou são utilizados documentos do magistério católico, destacando-se a exortação apostólica do papa Paulo VI *Evangelii Nuntiandi*, em alguns números da primeira série do *Crianças em Acção*, e, mais tarde na revista MAAC, documentos da Doutrina Social da Igreja²⁰. Apesar de existirem artigos de formação cristã explícita, a sua quantidade não é significativa, uma vez que os conteúdos cristãos encontram-se enformados nas próprias narrações sobre as formações de acompanhantes, que neles se baseiam espontaneamente ou nas revisões de vida. Deste modo, todos os três tipos de conteúdos indicados (de formação cristã, sobre o mundo infantil ou sobre o movimento) são realizados em grande medida a partir da partilha de conhecimentos, sensibilidades e práticas advindos da experiência dos próprios acompanhantes, encontrando-se assim interligados. O seguinte excerto que parte da descrição do encontro de animadores realizado nos Olivais em 1983, é expressivo a esse propósito, numa época em que a ideia de militância é ainda prevalente:

“Como nasce um grupo de crianças?

De todas as questões anteriores foi esta a escolhida para aprofundar. Começou-se por dizer que nos sítios onde existe uma comunidade o grupo nasce como resultado de um esforço comum.

¹⁹ Cf. MAAC: Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças. 17 (janeiro a junho de 2007) p. 2-3.

²⁰ Cf. MAAC: Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças. 9 (setembro a dezembro de 2003) p. 28.

Não há receitas gerais, pois o nascimento de um grupo depende bastante da realidade onde vai surgir.

No entanto podemos dizer que o ideal será que antes de um trabalho organizado com um grupo de crianças, os animadores tenham feito uma caminhada de iniciação. Se o nosso Movimento é um Movimento de evangelização das crianças de maneira que elas se tornem crentes comprometidos na transformação da sociedade e das pessoas a partir da fé em Jesus, é necessário em primeiro lugar que os animadores que irão acompanhar um grupo de crianças, formem e se sintam também crentes comprometidos nos seus ambientes, isto é, que se sintam militantes cristãos. Portanto a iniciação dos animadores à militância cristã é o 1º passo para fazer nascer um grupo de crianças. Daí a necessidade de que os animadores vivam no mesmo meio das crianças e assim fazer uma análise da realidade concreta que o rodeia, comprometendo-se progressivamente na transformação dessa realidade.

O 2º passo a dar nesta iniciação de animadores antes ou durante o acompanhamento das crianças é a descoberta do mundo infantil em todas as suas dimensões; conhecimento profundo da realidade onde vivem as crianças, as influências, as suas reacções... Não é tanto um conhecimento dos livros, mas um conhecimento feito com base em factos e situações da sua vida, bairro, escola... Antes de mais são necessários grupos de animadores que nos seus bairros se reúnam para em conjunto com um responsável de iniciação fazer esta caminhada”²¹.

Os “Direitos Universais das Crianças” são um tópico de sensibilização que persiste nos periódicos do movimento, sendo um elemento relevante da formação dos acompanhantes:

“As crianças são, ainda hoje esquecidas e atiradas para o último lugar na hierarquização da sociedade. Salvaguardando apenas às crianças os direitos à educação, saúde e alimentação, a sociedade tem minimizado todos os outros direitos da criança.

O trabalho infantil e os maus tratos de que as crianças são vítimas, têm revelado situações aterrorizantes e escandalosas, muito frequentes – mas não só – nos meios marginalizados e a sociedade tem-se mostrado impotente e as medidas tomadas pelas autoridades, ineficazes.

É necessário e urgente trabalhar com estas crianças caso a caso, situação a situação. Denunciar situações, pressionar as autoridades e sobretudo dar às crianças o direito de se exprimirem, de participarem, de serem ouvidas, de terem voz e vez na sociedade”²².

²¹ *Crianças em Acção*. 2 (junho de 1983) [p. 8]

²² Editorial. *Crianças em Acção*. 22 (janeiro a fevereiro de 1989), p. 2.

A transmissão de informações nesta área está significativamente associada à vertente internacional do movimento, que é também um âmbito muito presente nos periódicos, estando em todos eles de modo contínuo, desde notícias do quotidiano de grupos de outros países até ao relato da participação nos encontros mundiais do MIDADE de crianças e/ou acompanhantes de Portugal, como exemplifica esta notícia:

“O MIDAD participou no Sínodo dos bispos sobre o tema “Papel dos Leigos na Igreja, 20 anos depois do Concílio Vaticano II”. [...] a presidente do MIDADE, Antoinette Prudence, foi convidada a intervir perante a assembleia para fazer salientar o papel profético das crianças e o seu direito ao respeito e à consideração de todos”²³.

No que é relativo ao público a que se dirige, verifica-se que é uma imprensa com um raio de destinatários de abrangência interna, ou seja, as publicações periódicas são em primeiro plano para leitura dos elementos constituintes do próprio movimento, acompanhantes, adolescentes ou crianças, almejando-se como já salientado que todos fiquem ao corrente das atividades realizadas pelos diversos grupos ou das atividades de encontro ou formação comuns. Ocorre a coexistência de uma intenção implícita de comunicar para um universo exterior ao movimento, mas mais com o objetivo de falar sobre ele ou de divulgá-lo, do que passar uma mensagem descolada do âmbito do mesmo. Os casos das publicações do MAAC da Madeira são aqueles em que se verifica com maior vigor a intenção de extravasar o circuito do movimento e alcançar a opinião pública como forma de intervenção social, mas também a revista *MAAC*, pelo aumento superlativo da tiragem e pelo próprio investimento financeiro realizado, revela uma lógica de alargamento do público-alvo, numa perspetiva de informação, divulgação e sensibilização.

5. Modelos de coordenação

Como se estruturava a equipa de redatores, colaboradores e responsáveis desta atividade editorial que considerava como princípio o protagonismo das crianças? Há a assinalar, em primeiro lugar, que a participação das crianças circunscrevia-se sobretudo ao plano da redação dos textos e da execução dos desenhos mas também da avaliação das próprias publicações, uma vez que pontualmente é solicitada a opinião através de questionários ou informalmente. Porém, não existindo propriamente a indicação de alguma iniciativa que incluísse as crianças na própria coordenação das publicações, pelo menos no âmbito dioce-

²³ *Crianças em Acção*. 19 (junho-julho 1988) [p. 10]

sano e nacional, há registo da preocupação por parte das equipas coordenadoras, sobretudo durante a publicação da revista *MAAC*, em integrá-las o mais possível em todo o processo da realização da mesma. Nessa ocasião ocorreu uma tentativa de fazer com que um grupo de adolescentes colaborasse no tratamento do texto e composição gráfica. Esta não resultou pela dificuldade de os congregar, e pela própria natureza do trabalho pouco estimulante e de difícil e lenta aprendizagem e execução.

Uma revista nossa

Houve vários momentos marcantes [...]. O fazermos parte de algo que era nosso, porque apesar de termos os acompanhantes que eram adultos, sentíamos que decidíamos tudo. As reflexões que fazíamos em grupo, decidirmos o nosso plano de ação e as nossas atividades, as nossas reflexões serem depois feitas a nível diocesano, as letras de músicas que elementos do grupo escreveram, os dias passados e conjunto seja de passeio ou com mesas redondas sobre as nossas reflexões, era tudo motivo de orgulho no nosso grupo.

Foram tantos os momentos em grupo que me marcaram, mas também houve momentos pessoais, tais como o fazer parte da primeira equipa de redação da revista do MAAC. Reuníamos em Santo Tirso, éramos um grupo pequeno. Mas quando saiu o jornal foi muito entusiasmante, porque agora tínhamos uma revista nossa em que podíamos saber de tudo o que se passava a nível nacional como internacional.

[Ana Sofia Guimas, criança em Calendário (Vila Nova de Famalicão) entre 1991 e 2000. Questionário n.º 3, 2010].

A aferição dos responsáveis pelas publicações, que as coordenavam ou dirigiam, é desde logo dificultada pela ausência dessa informação nos próprios periódicos. As únicas exceções são o *Crianças em Ação* e a revista *MAAC*, sendo esta a única que apresenta, por sua vez, uma ficha técnica completa. De forma também escassa são mencionados os redatores ou colaboradores. A coordenação dos periódicos esteve sempre na tensão entre ser uma competência de um grupo nomeado especificamente para a tarefa e o grupo coordenador do movimento nacional, com o qual se confundia muitas vezes a equipa de redação, a ver pelos autores dos editoriais, os quais também só existem de modo sistemático com a revista *MAAC*.

Segundo os dados disponíveis, existia inicialmente uma “equipa de informação”, cuja constituição não está documentada²⁴. Até 1984, Adelino Sousa assume as funções de coordenador nacional e, ao que tudo indica, passa a ser também o responsável, pelo menos informal, das publicações. Entre 1985 e 1988 Manuela Silva surge como responsável por este setor. Esta mudança na estrutura de coor-

²⁴ *Desperta*. 1 [(c. 1983) p. 2].

denação traduziu-se num conjunto de alterações significativas: as duas publicações existentes passam a ser impressas em *off set*, passam a ter um preço fixo e o *Jornal das Crianças* passa a intitular-se *Jornal de Nós*. Posteriormente substitui-se a responsabilidade informativa pela designação de uma equipa formada por uma representante de cada diocese; mantém-se na equipa Manuela Silva, juntamente com Isabel Quirino, António Ferreira Pinto e Carla Marques, entre outros. Este modelo parece não assegurar o ritmo editorial anterior e cerca de um ano depois cessa esta atividade das publicações periódicas do MAAC. Seria retomada em 1991 com a publicação *Crianças em Ação*, nova série, cujo editorial é assinado por Carla Marques, durante um ano. Ocorrendo um período de crise do movimento na década de 90, dá-se a interrupção da atividade editorial à escala continental, como já referido, sendo que o movimento da Madeira teve nestes anos uma dinâmica de forte vitalidade e visibilidade nas suas publicações, sendo Edgar Silva o seu mentor, entre outros.

A série ano 2000 ou 2.^a série do *Crianças em Ação* foi dirigida pela diocese do Porto, que exprime em algumas circunstâncias a dificuldade de envolver as restantes dioceses. Já na revista MAAC o diretor da publicação coincide com o coordenador nacional do movimento: a primeira diretora é Maria de Lourdes Ribeiro sendo Carla Santos a diretora adjunta; a partir do número 5, editado em 2002, Carla Santos, agora coordenadora nacional, torna-se diretora da publicação (e Maria de Lourdes Ribeiro a diretora adjunta) e a partir de 2008, passa a constar o nome dos coordenadores nacionais sucessivos: José Carlos Antunes, Ana Catarina Mendes e Susana Costa.

Conclusão

A trajetória da atividade editorial periódica do MAAC proporciona a percepção da própria metamorfose do movimento, na sua construção identitária e organizacional, coincidindo com o processo de maior institucionalidade de uma dinâmica, na qual a informalidade era um dado em certa medida intrínseco à sua lógica pedagógica. No âmbito imperativo do protagonismo das crianças, o trabalho editorial de preparação, impressão e circulação de publicações próprias e que lhe eram destinadas, foi um investimento contínuo que comportou várias fases. Estas acompanharam uma crescente sofisticação da estrutura gráfica dos periódicos, a consolidação de mecanismos de sustentabilidade e a adaptação às novas realidades sociais das crianças e às necessidades formativas que estas suscitavam nos acompanhantes, assim como uma reconfiguração temática. Neste sentido, tal imperativo de valorização do protagonismo das crianças traduziu-se ainda em linhas editoriais que privilegiavam ora a comunicação do que era realizado em cada grupo, ora a situação familiar e material dos seus membros, investindo quer na formação dos acompanhantes quer na integração dos adolescentes e oscilando

entre o dar lugar à voz própria das crianças e a expressão por parte do adulto da sua experiência com elas e da hermenêutica das suas vivências. A interação entre a percepção da especificidade teológica-pedagógica do movimento e as questões e dificuldades que a experiência concreta proporcionava suscitou ainda uma crescente organização das equipas de redação e estratégias diversas de coordenação, tendencialmente centralizadas na equipa de coordenação nacional.

A imprensa do MAAC tem a singularidade de não só se dirigir a um público da imprensa da Igreja Católica francamente minoritário²⁵ – o infantil e adolescente – como procura ser por ele produzido, educando para a opinião própria das crianças, descortinando-lhe um lugar na rede de discursividades eclesiais e transitando-as da aprendizagem da leitura para a de serem lidas.

²⁵ Apenas 0,4% dos leitores da imprensa de inspiração cristã têm menos de 20 anos. Cf. Alexandre Manuel – *Da imprensa regional da Igreja Católica: o que é, quem a faz e quem a lê*. Coimbra: MinervaCoimbra, 2013, p. 196.

A IDENTIDADE DO MAAC A PARTIR DAS SUAS PUBLICAÇÕES

CÁTIA TUNA*

Este texto pretende empreender uma reflexão sobre a identidade do MAAC, em particular sobre o seu posicionamento relativamente à criança enquanto *alter* do adulto, metáfora de certas faces do divino – e, como tal, com uma certa funcionalidade mística – elemento frágil das instâncias sociais e religiosas, entre o ser tendencialmente um objeto de disciplinamento e potencialmente um sujeito crente e cívico. Para tal, tem como base os conteúdos da imprensa do movimento¹, aferindo as questões que nela são colocadas, as narrativas com que são descritas as atividades e, deste modo, transmitida a memória, o discurso dos acompanhantes com que interpretam os problemas vividos pelas crianças e a visão com que elas próprias os enunciam. Procura-se uma sistematização e problematização nos âmbitos pedagógico, social, eclesial e teológico.

Note-se que será abusivo falar de uma teologia ou espiritualidade do MAAC; não se regista o objetivo de o ser nem tampouco vetores doutrinários ou teóricos precisos, apriorísticos e sistematizados. Isto terá a ver com o facto de o MIDADE não ter propriamente um fundador, com a sua matriz preponderantemente laical e ainda com a sua origem. Com efeito, o MIDADE advém de dinâmicas coletivas católicas nomeadamente a Ação Católica e a congregação dos Filhos da Caridade, sobretudo na sua fase pós-conciliar e francófona e toma de empréstimo os seus elementos teológicos, programáticos e metodológicos. Isto dá-lhe uma feição deveras indutiva e de uma lógica construtivista: não há uma espiritualidade fundacional mas alguns eixos de inspiração de tipo teológico e pastoral com que se interpreta a prática com os grupos de crianças. Assim se dá a produção de matérias de teor teológico que é involuntária e fortemente experiencial. Diferencia-se nestes aspetos de outras experiências eclesiais similares. Veja-se a *Obra de Rua* fundada pelo Padre Américo num período histórico anterior, com a qual

* Investigadora integrada no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP).

¹ Toma-se aqui por imprensa o conjunto das publicações periódicas do movimento. Assumimos como cronologia o período entre 1978 e 2008, (ano do 30.º aniversário do movimento) independentemente do seu suporte material. Acerca das publicações consultar o capítulo “As publicações periódicas do MAAC”.

partilha intuições teológicas: a tendência cristocêntrica ancorada na Encarnação, uma eclesiologia nucleada no pobre e a ideia de personalização².

1. O MAAC como redefinição da autoridade pedagógica

Nas publicações periódicas do MAAC são particularmente relevantes os artigos que, com variados formatos, exprimem discursos críticos e reformuladores de ideias e práticas pedagógicas vigentes, introduzindo a criança na relação com a autoridade. O aproveitamento por parte do adulto da vulnerabilidade e dependência que aquela tem em relação a si merece um tratamento reflexivo recorrente e enérgico em narrativas breves e polarizadas nas figuras dos pais ou dos professores. Contígua à autoridade coativa do adulto decorre a questão da violência. As narrações da violência sobre as crianças, as quais exemplificamos com um excerto, são amiúdes nas primeiras publicações periódicas e, quando relatadas pelas próprias, dotadas de uma especial intensidade:

“Aconteceu com a minha amiga Nilza uma coisa triste. O pai dela encontrou-a na rua e começou logo a bater-lhe, não devagar, mas com muita força. Deu-lhe socos, pontapés e bateu-lhe de correia.

Ela parecia uma bola... batia-lhe com a cabeça na parede também. Este é o pai mais tirano que existe no bairro. Ele bate nos filhos todos sempre desta maneira. Olha sr. Rui, uma conversa não era o bastante para os seus filhos mudarem? Não bata nos seus filhos. Eles são meus vizinhos e eu preciso brincar com eles”³.

A defesa da criança desta subserviência que assume com alguma recorrência formas veementes de agressividade, tem predominantemente como locutores os acompanhantes que assim se auto entendem como voz destes sujeitos em situação de fragilidade, sem os substituir mas assumindo-os na sua liberdade, convocando-os para a tarefa de concorrer para o seu próprio bem, colaborando na construção de um percurso biográfico libertador. Nem a escola ou a família, nem os órgãos de comunicação social ou a comunidade eclesial parecem posicionar neste viver pedagógico e neste registo de vinculação com a criança o seu paradigma de relação com ela.

“Os acompanhantes assumem o papel de serem a voz das crianças! Então há que escrever artigos para os jornais para assim divulgarem a voz das crianças perante a sociedade. (...)”

² Luís Leal – *Padre Américo Monteiro de Aguiar e a renovação do clero português na primeira metade do séc. XX*. Porto: Centro de Estudos de História Religiosa, 2016, p. 48 ss.

³ *Crianças em Acção*, [sem número] [c. 1991], p. 6.

As condições de vida das crianças não são por causa do destino. Então os acompanhantes devem aprofundar em grupo as causas dessas situações de vida; para melhor se comprometerem na transformação.

Acusou-se a família de menosprezar o valor das crianças. Então os acompanhantes têm que se comprometer com a família diretamente e através das crianças, fazendo descobrir a capacidade transformadora das crianças na família, e os objectivos do MAC⁴.

O acompanhante emerge assim como uma nova figura pedagógica diferenciada dos demais agentes: professores, pais, catequistas, etc. ou simplesmente do modelo típico do adulto como figura social simbólica⁵. A centralização da relação com as crianças numa lógica de autoridade-obediência, possivelmente equivalente num plano epistemológico à unilateralidade do ensino-aprendizagem, é preterida a uma procura da partilha dessa autoridade e desse ensino. Esta empreende-se através da iniciação das crianças à prática da liderança, a transferência para elas de responsabilidades sociais tidas apenas como respeitantes ao mundo adulto, acompanhadas do intuito de uma formação de consciências. Acrescenta-se a promoção da livre expressão no grupo ou através dos próprios periódicos das opiniões, experiências e frustrações dos meninos concitada por este ciclo de autoridade e violência ou pela precariedade afetiva, social e material que os enquadra. Esta subsequente transcrição, legenda do desenho da capa do número quatro do jornal madeirense *Grito da Liberdade*, ilustra uma partilha deste tipo:

“Este é o desenho do Eurico e é também o desenho da capa deste jornal.

Não é apenas uma mancha negra.

Este desenho significa a raiva e o ódio que ele sente pela vida”⁶.

Ao longo destes trinta anos iniciais do movimento, nota-se uma matização do carácter interveniente do acompanhante, como mediador ativo dos interesses e direitos das crianças, convocando-as como sujeitos igualmente ativos. Prevalece, contudo, a sua definição como alguém “que aceita o desafio de fazer caminho com as crianças, promovendo a participação e o protagonismo das mesmas, levando

⁴ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 7 (novembro-dezembro 1985) p. 5.

⁵ “Antoinette Prudence (MIDADE), afirmava na aula sinodal que hoje as crianças são afrontadas [sic] aos graves problemas da sociedade que elas suportam, às vezes, com sentimento de frustração tanto mais profundo quanto os adultos se esquecem muitas vezes de perguntar a sua opinião ou a sua intervenção”. Cf. MAAC: *Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 14 (junho-dezembro 2005) p. 16.

⁶ *Grito da Liberdade: Jornal do MAC*. 4 (s.d.) [p.1].

a sério as pequenas atitudes e gestos que realizam pelo bem comum, e levar as crianças a descobrir o que faria Jesus se estivesse no lugar de cada um”⁷.

Acompanhante há 18 anos

O trabalho com o meu grupo de base é sem dúvida o mais importante para mim, há toda uma cumplicidade de partilha de vida entre crianças e acompanhante que me oferece momentos únicos de felicidade. [...]

O facto de me ter mantido como Acompanhante há 18 anos tem permitido a continuidade do Movimento na paróquia, o reconhecimento da parte dos pais pelo meu trabalho junto dos seus filhos e o ver jovens que cresceram comigo no MAAC a assumirem o papel de Acompanhante, dá-me uma certa tranquilidade e alegria por sentir que posso partir porque temos gente na paróquia capaz de dar continuidade a este nobre e gratificante trabalho.

[Maria Manuela Leal, acompanhante em Codessos (Paços de Ferreira) desde 1992 e secretária no executivo nacional entre 1997 e 1999 e desde 2008. Questionário n.º 38, 2010].

Metodologicamente, a inculcação de ideias doutrinárias e morais pela via impositiva, formal ou escolar, é rejeitada em detrimento de uma relação com as crianças não intrusiva e informal, no acesso e partilha por parte dos adultos das experiências que compõem a sua mundividência e do conjunto dos seus hábitos e diálogos, colocando-se como mais um elemento da rede de interações do seu grupo natural de amigos e adotando as didáticas reclamadas pelo mesmo. Neste sentido, os encontros representam também a concessão de um grau de formalidade a estes grupos de meninos, transpondo as suas práticas espontâneas de interação para dinâmicas de sociabilidade e de eclesialidade. Estas pretendem o enraizamento das crianças numa comunidade por elas construída, a capacitação destas para o exercício de reflexão cívica, de criação e partilha de ideias próprias e de projetos de ação, à luz do Evangelho.

A apresentação dos excertos seguintes, distanciados 23 anos entre si para possibilitar uma visão comparativa, permite a perceção do desenvolvimento dos encontros. Expressam a existência de elementos comuns: a forte presença de didáticas lúdicas (a música, a dança, etc.), de atividades que envolvem o refletir e o falar “sobre temas” ou acontecimentos, e experiências da componente da fé: falar de Jesus, ler o Evangelho e rezar:

“15 de Outubro / Cantámos / Ver, ouvir julgar, celebrar é o nosso lema. / Escolhemos os coordenadores do grupo. / Lemos uma passagem do Evangelho (...)

⁷ MAAC: *Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 10 (janeiro-abril 2004) p. 27.

27 de Outubro / O grupo teve problemas porque alguns meninos chegaram nervosos da escola / Acalmamos e cantamos / Refletimos porque houve a briga na escola e vimos que foi porque não fizemos o que Jesus ensinou. / Vimos que para Jesus não há raças, somos todos irmãos. / Cantamos e rezamos o Pai Nosso”⁸.

“Fazemos desenhos, jogos, cantamos, dançamos. Falamos de Jesus e daquilo que gostamos de fazer.

Também falamos do perdão. Gostamos muito da música ‘Para o mundo mudar, é preciso participar’”⁹.

“No MAAC cantamos, fazemos jogos, dançamos, pensamos e falamos sobre temas, fazemos trabalhos para a revista e até fizemos um cabaz para os meninos de Timor.”¹⁰

Nesta recolocação da questão da autoridade, a escola é tomada como objeto de análise no que diz respeito ao exercício da sua função pedagógica. Nesta reflexão são apontadas situações do próprio espaço¹¹, as poucas vagas, o desinteresse da família em que os filhos a frequentem, a falta de qualidade e de sentido didático nas atividades escolares, demitidas de estimularem as potencialidades não-cognitivas dos alunos, bem como, e de forma especial, a agressividade por parte de alguns professores e a discriminação que fazem dos meninos com mais dificuldades ou provenientes de meios mais carenciados¹². São também procuradas respostas em grupo para a resolução destes problemas, que englobam por vezes a intercessão junto das autoridades civis, quando se trata de dificuldades de infraestruturas e equipamentos, ou, mais residualmente, ao diálogo entre os atores escolares:

“Conseguimos uma escola, escrevendo ao presidente da Junta, e ele nos ajudou a conseguir a escola e uma camioneta para o grupo Forte da Bela Vista porque não havia camionetas e nem escolas perto”¹³.

⁸ *Jornal das Crianças*. 3 (dezembro de 1984) p. 3-4.

⁹ MAAC: *Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 17 (janeiro-junho 2007) p. 11. Artigo escrito por um grupo do Bairro da Quinta da Calçada (atual Bairro Quinta dos Barros) de Lisboa.

¹⁰ MAAC: *Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 17 (janeiro-junho 2007) p. 12. Artigo escrito pela Beatriz Tavares, de 7 anos, por um grupo da diocese de Angra.

¹¹ Como o caso dos esgotos que correm no recinto da escola, que é noticiada na capa do *Jornal de Nós*. 7 (1986?) p. 1.

¹² *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 5 (dezembro de 1984) p. 2.

¹³ Cf. *Jornal de Nós*. 14 ([1988]) [p. 2].

“(…) existe um tratamento diferente para as crianças “bem”, – meninos bonitos. Levaram um jornal à professora para falar sobre este problema”¹⁴.

É da maior importância referir, em vista a enquadrar este enfoque na problemática da escola, que a larga maioria dos acompanhantes no arranque do movimento são professores primários ou educadores de infância recém formados, transportando para a experiência informal que o MAAC proporcionava as questões suscitadas pela sua recente formação no âmbito da pedagogia formal e da sua prática pedagógica em contexto escolar.

Uma solução que comportou um outro nível de investimento, e ligada sobretudo à questão da pobreza infantil que trataremos de seguida, foi o caso da Escola Aberta, conhecida pela “Escola da Canalha”, sucedido na Madeira no início da década de 90, cujos relatos presentes no jornal *Grito de Liberdade* manifestam muito agrado por parte das crianças que a frequentam¹⁵. A especificidade e o alcance institucional e mediático que este facto comportou obrigariam a um estudo autónomo de maior profundidade. Mais tarde, na revista *MAAC*, refreia-se a abordagem à questão “escola”, devido também ao facto de as atas dos encontros de acompanhantes, nacionais ou diocesanos, não integrarem os periódicos. Contudo, mesmo nestes, as críticas são mais diminutas e remetidas sobretudo para a injustiça na atribuição de notas¹⁶. Outro denominador inalienável é a significativa alteração dos paradigmas e práticas da instituição escolar ao longo destas décadas. Sublinha-se ainda a continuidade dada ao tema da paz; pela recorrência deste tema ao longo do rol de periódicos do movimento, com destaque para a revista *MAAC*, deduz-se uma insistência na formação para a não-violência e na sensibilização para a existência de crianças que vivem em contexto de guerra.

¹⁴ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 11 (agosto-setembro de 1986) sem indicação de página. São frequentes as apreciações feitas à escola, das quais transcrevemos mais este trecho: “O horário da escola não dá para depois eu ir trabalhar para ganhar algum dinheiro’ ‘A professora é muito má está sempre a implicar’ ‘A professora gosta mais daqueles meninos que fazem tudo bem feito, dos mais bonitos, e os outros é que precisam dela”. *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 11 (agosto-setembro de 1986) [p. 3].

¹⁵ *Grito de Liberdade: Jornal do MAC*, 1 [s.d.] p. 6.

¹⁶ Como uma exceção referimos um artigo intitulado “A minha escola” redigido pelo grupo do Bairro de Santiago, da diocese de Aveiro, em que as principais considerações que são feitas pelos seus elementos têm a ver com a comida do refeitório, as situações de brigas entre colegas, o facto de um professor não permitir que se jogue futebol e a alusão a gostar-se da escola e querer melhorar o comportamento. Cf. *MAAC: Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 16 (julho-dezembro de 2006) p. 12.

2. Respostas à vulnerabilidade sociofamiliar infantil

A questão da pobreza infantil foi um horizonte de reflexão e ação primeiro, motivando uma estratégia de capacitação dos acompanhantes para nela atuarem, pelo que, por exemplo, está patente na carta da Mimi (Isabel Pais) aos animadores, escrita em 1984:

“O 1.º ano 1978/79 foi um sonho. (...) Eram: a vida das crianças pobres em Portugal, a pedagogia do Movimento, a vida dos grupos naturais marginais, a psicologia da criança, os principais vectores das nossas reuniões”¹⁷.

A pobreza enquadradora das crianças às quais o movimento está prioritariamente afeto nos seus princípios, encontra-se explícita sobretudo nos periódicos dos primeiros anos. É caracterizada pela carência de meios financeiros, originando situações de fome, casos de mendicância, furtos e, de forma muito particular, trabalho infantil. A este tema é dada peculiar ênfase em artigos quer dos acompanhantes quer dos meninos. Citamos uma redação feita pela representante da delegação portuguesa com o objetivo de ser apresentado num evento em Estrasburgo, em 1987:

“Nós queremos partilhar com vocês a situação das crianças do nosso país, crianças que trabalham para poder ajudar a família e que não podem ir à escola. Elas trabalham nas fábricas de cortiça com os adultos, não têm tempo para ir ao grupo e se encontrarem connosco, porque têm que trabalhar por vezes ao sábado e até ao domingo. Elas não estão contentes com esta situação que vivem.

Nos grupos nós falamos sobre este problema e pensamos que se somos crianças temos direito de ir à escola, aprender para que mais tarde possamos ter um futuro melhor.

O nosso grupo fez um jornal onde falávamos das crianças e adolescentes trabalhadores, porque não achamos bem que as crianças andem a trabalhar e os adultos não terem trabalho. Há crianças que trabalham porque não têm condições de vida, não têm comida e não têm que vestir e calçar.

Nós gostaríamos que os adultos se organizassem para conseguir que as crianças não tenham que trabalhar.

Nós crianças já estamos organizadas e acreditamos que Jesus nos ajuda!”¹⁸.

¹⁷ *Crianças em Acção*. 4 (setembro de 1984).

¹⁸ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 15 (setembro-outubro de 1987) [p. 10]. Como o próprio artigo indica, “Este texto foi preparado pela Luísa do grupo ‘Menos Traquinas’ de Lourosa e era para ser apresentado na celebração do “Planeta 100 000” em Estrasburgo, o que não aconteceu por falta de tempo”.

No n.º 17 do boletim *Crianças em Acção* (1988) há um artigo de formação “elaborado a partir de um documento editado pelo Secretariado Latino-Americano” do movimento internacional, cujas conclusões compreendem, entre outras, a consideração como trabalho infantil das crianças que “são sobrecarregadas com os trabalhos de casa”, a importância da formação e da facultação de informações sobre casos conhecidos por parte dos acompanhantes que tenham grupos com crianças nessa situação ¹⁹. Já nos anos 90 nos periódicos editados na diocese do Funchal encontra-se de forma mais amiúde e vivaz esta temática, o que se explica pelo contexto específico do movimento na diocese e pela contemporaneidade destes periódicos com o caso das “crianças das caixinhas” ²⁰. Desde cedo, este assunto é abordado numa perspetiva internacional, evidenciando-se como uma prioridade da reflexão do MIDADE. Deste modo, na revista *MAAC* é um tema acantonado para a informação de situações decorridas sobretudo nos países em vias de desenvolvimento, não se abordando como realidade portuguesa presente ou próxima aos grupos.

Até que enfim alguém pergunta a nossa opinião!

O MAAC despertou a minha atenção e o meu interesse sobretudo por duas das suas características: Estar voltado para os mais pobres e fazer das crianças protagonistas da sua ação e da sua vida. Em Setúbal implantou-se nos bairros pobres da cidade e foi muito bem acolhido pelas crianças, pelos pais e pelos acompanhantes. Recordo-me de uma criança de 8 anos que participou numa assembleia de crianças do MAAC e a certa altura disse toda entusiasmada: “Até que enfim alguém pergunta a nossa opinião!”. Essa criança, hoje, é advogada.

[Horácio Noronha (padre), assistente diocesano da Pastoral Operária em Setúbal e pároco de Nossa Senhora da Conceição (Setúbal) entre 1990 e 1999. Questionário n.º 46 D, 2012].

Existindo questões transversais como “a criança trabalhadora”, os problemas sociais vividos pelas crianças polarizam-se na escola, já abordada, na família e no espaço socio geográfico (o bairro ou a aldeia)²¹. No plano dos problemas intra-familiares, são apresentadas a ausência de um dos progenitores e a proibição por parte dos pais das crianças conviverem com meninos de famílias mais pobres,

¹⁹ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 17 (janeiro-fevereiro 1989) [p. 3-5].

²⁰ Cf. CAIRES, Teresa – A criança trabalhadora. *Zona 4*. 4 (1997) p. 9-10. *Grito da Liberdade: Jornal do MAC*. 2 (s.d.). Esta temática continua presente mais tarde, num artigo intitulado “Revolta contra o trabalho infantil”, do grupo da amizade, de Setúbal, narra uma situação datada de 2000. Cf. *Crianças em Acção*. 3. Série ano 2000 (1999) p. 3.

²¹ Os conteúdos de formação cristã incidem sobre o tema da pobreza. *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 7 (novembro-dezembro 1985) p. 6.

como assuntos quase residuais. Mais frequentes são as referências às discussões e a violência doméstica, quer entre os pais quer entre estes e os filhos, associada geralmente ao alcoolismo, à promiscuidade derivada dos parques meios habitacionais a somar aos agregados familiares grandes e à responsabilização excessiva e precoce das crianças, pela já referida obrigação de trabalhar ou pela de tomar conta dos irmãos. Destas situações este excerto que elenca um conjunto de afirmações existentes nos vários grupos é representativo:

“O meu pai já está com os copos’ (...) Expressam os seus problemas na oração – ‘O meu pai nunca come connosco à mesa’ (...) Algumas crianças que passam fome não vão à escola para ficar a tomar conta dos irmãos, não têm água em casa porque não pagam (...) Nos desenhos exprimem problemas da família – Jesus a rezar com os pais, a brincar com as crianças (= Jesus é o Pai)”²².

O meio físico dos grupos e os espaços a eles inerentes (a escola, as estradas, os esgotos, a igreja, etc.) é caracterizado na sua precariedade, expressa por exemplo pela ausência de saneamento básico, pela poluição e pela convivência com o lixo, bem como a falta de condições de algumas infraestruturas. Neste âmbito, são muitas vezes expostas por parte de alguns grupos as suas dificuldades em encontrarem um espaço para reunirem, sendo frequente a circunstância inicial de reunirem na rua²³.

Foi na Serra da Estrela

Quando se fala do MAAC, fala-se em crianças, em alegria, convívio, educação cívica e religiosa, e reflexão sobre os mais diversos temas.

Mas de todas as coisas que mais marcaram no MAAC, o que melhor recordo são os encontros diocesanos e nacionais, especialmente um, em que tive a oportunidade de ver neve a cair pela primeira vez! Foi na Serra da Estrela.

Lembro-me da alegria de todos nós e de nem se quer termos vontade de dormir. Ou, então, dormir rápido para que amanhecesse depressa para podermos brincar na neve!

Foi uma experiência inesquecível como outras tantas: reuniões todos os Sábados de manhã, cantar as Janeiras, piqueniques no monte de Santa Catarina em Calendário, discussão dos mais diversos assuntos, participação em colóquios e palestras, escrever canções e participar em peças de teatro... e crescer com consciência de que temos que ser melhores pessoas todos os dias!

[Maria João Araújo, criança em Calendário (Vila Nova de Famalicão) entre 1991 e 2001. Questionário n.º 12, 2010].

²² *Crianças em Acção*. 11 (agosto-setembro de 1986) [p. 3].

²³ “(...) nós estamos com esperança de arranjar uma casinha para que nós nos encontramos, nos dias de chuva, aos sábados. Andamos todos a procurar no nosso bairro.” *Jornal de Nós* 4 (1985?) 3.

Face a estes problemas, de espectro variado, os grupos procuram “ver, julgar e agir”, do que derivam ações transformadoras também diversificadas, que se podem, todavia, agrupar em quatro categorias. São elas as ações expressivas com um intuito simbólico-denunciatório ou de sensibilização da comunidade (realização de teatros ²⁴, fixação de cartazes, redação de apelos nos próprio periódicos, etc.), ações de intervenção direta feitas pelo próprio grupo (como a venda de roupa barata para crianças ou o convencionar-se coletivamente a atitude de parar de gozar um menino da escola), iniciativas que envolvam uma solicitação a autoridades civis (ao presidente da Junta ou da Câmara) e finalmente, a própria oração entendida como intercessão pelas crianças do resto do mundo em situações difíceis (pelos meninos de Moçambique ²⁵, pelas que não têm pais por terem morrido na guerra, etc.).

3. A criança como problema eclesial

Ao procurar dizer-se numa definição da sua identidade, pelo distanciamento de outras visões, atitudes e, de modo particular, de outras experiências eclesiais em torno do mesmo objeto – a criança – o MAAC evoca a pertinência do movimento no contexto da Igreja Católica e da sociedade portuguesas e da novidade que constitui como um tipo distinto de pertença àquela:

“Sentir, também, que um projeto tão sonhado e querido na Igreja portuguesa, começa a ganhar corpo, a querer afirmar-se e a exigir um espaço. E ele será primeiramente o que as crianças quiserem se nós formos capazes de ser os seus porta-vozes fiéis e se nós também o quisermos”²⁶.

Tal novidade não é tanto em termos teóricos, dado que é fundamentalmente a ligação com o MIDADE que fornece esta plataforma de conteúdos pedagógicos e teológicos com um certo grau de estruturação, mas a nível de aplicação à realidade social e religiosa nacional.

Deste modo, a criança é reposta como problema eclesial e pastoral. Procura reconsiderar-se o seu lugar na comunidade, o reconhecimento do seu estatuto

²⁴ Como um dos abundantes exemplos de realizações teatrais, indicamos uma peça teatral feita por um grupo da Quinta da Serra (Lisboa) sobre o lixo no bairro. Cf. *MAAC: Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 9 (setembro-dezembro 2003) p. 12-13.

²⁵ Cf. *Jornal de Nós*. 10 ([1987]).

²⁶ *Crianças em Acção*. 4 (setembro de 1984) p. 1. “Não estamos aqui para fazer uma Igreja à parte. Não se trata de uma outra Igreja, mas de uma ‘Igreja outra’”. Cf. *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 7 (novembro-dezembro de 1985) 7. Citação da Mimi. “Como dizia D. António Ribeiro, numa audiência com responsáveis nacionais do Movimento: ‘É muito importante para a Igreja em Portugal que surja um Movimento de crianças assim.’” *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 8 (janeiro-fevereiro de 1986) p. 3.

como cristã e a função eclesial da mesma, questionando-se a disponibilidade da rede de práticas pastorais para a sua intervenção. Propõe-se a deslocação de uma atitude pastoral unidirecional e centrada numa lógica de ensino ou instrução, para uma relação de reciprocidade, em que ela desempenha um papel ativo não tanto na apropriação dos conteúdos doutrinários mas numa recomposição criativa e numa transferência dos mesmos para a realidade, operacionalizando-os em comportamentos e projetos que visem a transformação daquela. O papel do adulto é assim o de acompanhar este processo autónomo de cada menino e do grupo:

“É necessário estarmos vigilantes para não dizer Deus em vez das crianças. Cabe a elas o exprimirem porque Deus não se impõe. Nós não temos direito de fazer um aproveitamento. O próprio Jesus não permitia este atentado à liberdade daqueles que ele encontrava. No entanto nós queremos permitir às crianças que elas próprias façam uma releitura das suas acções (...). Não será que a Palavra de Deus se revela no que há de mais profundo nos homens?”²⁷.

A proposta de uma alteração da percepção da criança como sujeito crente realiza-se pela via da evocação do conceito de evangelização. Este surge como uma chave de entendimento da função ou utilidade das crianças na Igreja Católica, na intenção de realizar a passagem de “destinatário” para “obreiro” da evangelização, utilizando expressões da carta apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do papa Paulo VI, de 1975. Este documento do magistério é amplamente citado no n.º 8 do *Crianças em Acção*. Nesta edição ainda pode ler-se:

“Entre as numerosas preocupações da Igreja hoje, há uma atenção particular pela evangelização das crianças. Neste contexto surgiu o MIDAC (...) este movimento pretende responder a uma dupla vocação: / – a de permitir às crianças tomar parte no desenvolvimento do seu meio, de se desenvolverem elas mesmas tomando a sua vida nas mãos, contribuindo assim para a transformação das suas situações; / – e a de dar possibilidade às crianças de tomar lugar na Igreja, ajudando-as a ser verdadeiramente apóstolas entre os seus companheiros (...)”²⁸.

Esta última ideia advém da única afirmação que saiu do segundo Concílio do Vaticano sobre crianças: “também as crianças têm a sua actuação apostólica. Segundo as suas capacidades são em verdade testemunhos vivos de Cristo entre

²⁷ *Crianças em Acção: boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 9 (março-abril de 1986) p. 3.

²⁸ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 8 (janeiro-fevereiro de 1986) p. 2.

os companheiros”²⁹. Um outro texto posterior do Magistério, escrito em 1979, por ocasião do profícuo Ano Internacional da Criança, adiciona outros três remetentes do comportamento e anúncio evangelizador infantil: aos seus amigos e companheiros próximos, junta os meninos em situações de privação “dos bens necessários ao seu desenvolvimento integral” e, finalmente, os adultos³⁰.

Ocorre uma dialética entre a dimensão pessoal e social das crianças, partilhando e agindo em grupo pelo bem do seu meio físico (o bairro, a aldeia, a escola, etc.), afetivo (os seus colegas, amigos, as outras crianças que se encontram a sofrer) ou das suas próprias vidas, e o âmbito cristão e da vida em Igreja. Decorrem daqui outras questões, sugeridas na transcrição do texto seguinte ao excerto anterior:

“As crianças através das suas acções constroem o Reino de Deus, descobrem e celebram Jesus Cristo e são verdadeiros testemunhos para todos os que as rodeiam. (...) Mas uma questão se pode colocar. Esta preocupação pela evangelização das crianças não é já assumida pela catequese? – sim! A catequese assume efectivamente um conhecimento de Jesus Cristo às crianças. Mas o Movimento não substitui a catequese porque se situa como uma complementaridade desta catequese. O Movimento convida as crianças a viver no quotidiano esta Boa Nova, respeitando as suas expressões e o seu modo de agir. Por outro lado, para um certo número de crianças que não são catequizadas, têm uma oportunidade de fazer uma experiência de Jesus Cristo através dos seus grupos no Mov.”³¹.

Esta citação refere a questão da catequese, numa intenção de coadunar ambos os “mecanismos” pastorais, numa lógica não concorrencial mas de complementaridade. Fá-lo pela especialização ao nível dos destinatários, os não catequizados, e pela vertente metodológica. Neste campo, o movimento investe num estímulo

²⁹ IGREJA CATÓLICA, II Concílio do Vaticano. 1963-1965. Const. Past. Decreto *Apostolicam Actuositatem*. N.º 12.

³⁰ “Ainda hoje, os cristãozinhos mais pequenos, quando formados no conhecimento e no amor evangélico das crianças da sua idade privadas dos bens necessários ao seu desenvolvimento integral, são capazes de cooperar neste trabalho de justiça, solidariedade, paz e avanço do Reino de Deus. E, procedendo assim, não só desenvolvem e personalizam a vida baptismal e humana, mas tais crianças interrogam e evangelizam os adultos, às vezes endurecidos e cépticos, sobre a necessidade e a eficácia da solidariedade e do dom de si mesmo”. IGREJA CATÓLICA, Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Mensagem ao presidente da Pontifícia Obra da Infância Missionária, Senhor Dom Simon Lourdasamy*: [Mensagem de 10 de abril de 1979].

³¹ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 8 (janeiro-fevereiro de 1986) p. 2. Dezasseis anos depois a posição relativa a esta matéria permanece muito semelhante: “A catequese tem como objetivo dar a conhecer Jesus às crianças. O MAAC não substitui a catequese, mas complementa-a. O Movimento convida as crianças a viverem no dia a dia esta boa Nova, respeitando as suas expressões e o seu modo de agir. Por outro lado, há crianças que estão no Movimento e não catequizadas, mas assim têm uma oportunidade de fazerem a experiência de Jesus através das vivências do grupo”. MAAC: *Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 6 (setembro-dezembro de 2002) p. 19.

à articulação da “Boa Nova”, plano da crença, com o “quotidiano”, plano real, sublinhando a ação em detrimento da formação e a relação como os conteúdos acreditados através da materialização em experiências e comportamentos, mais que a sua aquisição como conhecimento intelectual. Isto concretiza-se na promoção de dinâmicas de sociabilidade que permitam a emergência do próprio grupo enquanto espaço da experiência de *ecclesia*, enquanto comunidade integradora e transformadora, bem como na adequação dos métodos e da criteriológica, de modo a possibilitar a valorização das manifestações crentes expressas na lógica do universo infantil³².

Ter conhecimento dos direitos das crianças

O MAAC ajudou-me muito a ter conhecimento dos direitos das crianças e a ter conhecimento da solidariedade e participar em marchas e lutas pelos mesmos direitos lutando contra a pobreza.

Enquanto estive no MAAC tinha disponibilidade, empenhei-me o máximo em ter sempre um grupo de crianças e outro de adolescentes. Eram tudo para mim e ajudaram-me a descobrir melhor Jesus Cristo na sua simplicidade e inocência. Hoje ainda vejo algo de diferente em cada um que passou pelos grupos do MAAC.

Enquanto Coordenadora Diocesana, em cada encontro e reflexão, fosse com a equipa diocesana ou mesmo com a Hierarquia ficava sempre mais enriquecida, com força e coragem para melhor enfrentar as dificuldades e continuar a fazer o melhor pelo mundo das crianças.

[Rosa Gonçalves, acompanhante em Ronfe (Guimarães) entre 1985 e 2001. Questionário n.º 14, 2010].

Pelo grau de informalidade intrínseco à estratégia de criação dos grupos e pelo distanciamento dos espaços e da vida comunitária das paróquias de alguns contextos sociais limítrofes, verificou-se em alguns casos uma não imediata identificação do movimento com a Igreja, sendo mais notória a sua referência às crianças e aos meios pobres³³. Por outro lado, outros houve em que ocorreu uma indiferenciação inicial entre a catequese e o MAAC e um trânsito de elementos entre uma e outra instância pastoral, como se percebe neste testemunho:

“Na catequese ia-me confrontando com as situações de vida das crianças do meu bairro: pais separados, abandono, insucesso escolar, maus-tratos... A catequese para algumas destas crianças não consegue ser mais do que uma repetição de conhecimentos, para eles igual à escola de que eles não gostam mesmo nada.

³² Cf. *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 7 (novembro-dezembro de 1985). Testemunho de Fátima Fontes como novo membro da Equipa Nacional.

³³ Estes dados encontram-se nos questionários feitos aos acompanhantes, em 1984, cujas sínteses se encontram no número seguinte: *Crianças em Acção* 4 (setembro de 1984) p. 8.

E foi-me surgindo de forma cada vez mais clara a certeza de que as crianças, se lhes for dada a oportunidade podem realizar maravilhas. (...) Encontro com eles sentido para lutar por um mundo novo, onde as crianças têm um lugar e não são simples recipientes que nós queremos encher de coisas. Elas serão o homem novo, desse mundo novo construído com o Evangelho e com os seus valores”³⁴.

Em textos como este está presente a ideia da eficácia condicionada da catequese em lidar com os problemas socio familiares do seu público, apontando-se a sua proximidade ao já esgotado modelo escolar. A nova proposta consiste, em síntese, na deslocação da criança como recetáculo passivo dos conteúdos de fé, em cuja construção e aquisição não é participante, para a sua consagração como agente interveniente e criativo na corporização daqueles:

“Verificamos que no terreno da fé as crianças apenas são colonizadas com ensinamentos pré-fabricados e não se dá a devida importância a uma verdadeira formação na fé. Pensam que para crianças qualquer coisa serve, que elas se contentam com pouco”³⁵.

Ao longo da história do movimento, a relação entre ele e a catequese tende a mostrar-se harmónica não obstante a diferença de métodos.

Outro importante aspeto da estratégia pastoral do movimento é o intuito “visionário” de uma formação de lideranças. Esta consiste na preparação de futuros detentores de papéis que envolvam uma dimensão de superintendência na sociedade. De modo enfático, vislumbra-se o assomar-se de novos protagonismos não contemplados nas rotinas de sucessão dos atores pastorais da Igreja Católica, por parte de figuras enquadradas em espaços à partida não propícios ou mesmo interditos à emergência de tais protagonismos. Isto permite a concretização do projeto de dar às crianças “lugar e voz na comunidade da Igreja”³⁶, o cruzamento de espaços sociais distintos e, em última instância, uma aproximação à “Igreja dos Pobres” e uma reformulação das elites católicas.

O método desta formação de lideranças consiste na valorização das crianças como idealizadoras, fautoras e executoras dos seus projetos e responsáveis dos seus grupos. Além desta dimensão de treino nas lides organizativas da cidadania e da pastoral, ocorre uma deliberada sensibilização destas e dos acompanhantes em relação a ideias fundamentais, nomeadamente aquelas aditas à Doutrina Social

³⁴ Texto da autoria de Fátima Fontes, do grupo do Olivais Sul, no âmbito da apresentação dos três novos elementos da Equipa Nacional. Cf. *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Crianças* 7 (novembro-dezembro de 1985) [p. 8].

³⁵ Resultado de uma reunião de acompanhantes realizada no dia 10 de setembro de 1983. *Crianças em Acção*. 3 (outubro de 1983) p 6.

³⁶ *Jornal das Crianças*, 3 (dezembro de 1984) p. 13.

da Igreja. Neste sentido, pode questionar-se até que ponto os discursos com um certo grau de crítica, feitos pelas crianças, não são também construções adultas às quais elas são induzidas, sendo igualmente estes um produto pré-fabricado. Contudo, é nestes riscos, questões e reformulações que se pode afirmar que o MAAC, como organismo especializado da Ação Católica e na “voz própria” da sua implantação e consolidação na Igreja Católica Portuguesa “(...) funcionou como laboratório de inovação eclesial”³⁷.

4. Elaboração teológica da categoria “criança”

Em alguns artigos dos periódicos do MAAC, sobretudo nos iniciais em que as reflexões conjuntas dos acompanhantes têm um mais incisivo lugar, a criança é equacionada como objeto de uma reflexão de ordem teológica e como objeto de uma experiência de ordem espiritual. Deste modo, a sua contemplação é estimulada como prática pedagógica, como assim evidencia o excerto seguinte:

“– Como Simeão (Lc. 2, 25-29), ou como os doutores no templo (Lc. 2, 47) somos capazes de nos deslumbrar com a capacidade das crianças em construir o Mundo Novo em Igreja?

– Como valorizamos nós as suas expressões de fé e nos deixamos interpelar pelos sinais do reino que elas constroem através das suas acções?

De facto a vida e acções das crianças que em grupo transformam a sua vida e o seu meio, são hoje esta esperança viva que a Mensagem de Natal nos vem confirmar!”³⁸.

Propondo-se novos trâmites na sua percepção, é legitimada uma visão das crianças como sujeitos crentes, que detêm, por isso, direitos de ordem cívica mas também eclesial, refletindo-se sobre os procedimentos pastorais que as afetam. Com efeito, o adulto não se assume tanto como figura de autoridade mas como agente do reconhecimento das capacidades das crianças e, em particular, do valor simbólico que assumem, tanto por Jesus considerar a identificação com elas como condição determinante da “entrada no Reino de Deus”³⁹, como pelo “poder utópico” que representam: “A criança é o eterno Messias, que regressa sempre para o meio dos homens caídos, para os conduzir ao Reino dos Céus”⁴⁰.

³⁷ FONTES, Paulo – A Acção Católica Portuguesa (1933-1974) e a presença da Igreja em Portugal. *Lusitania Sacra*. 6 (1994) p. 99.

³⁸ *Crianças em Acção: boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 8 (janeiro-fevereiro de 1986). Editorial não assinado. [p. 1].

³⁹ Lc 18,16-17; Mc 10,14-15; Mt 19,14-15.

⁴⁰ Citação de Emerson feita em: *Crianças em Acção: boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 10 (maio-junho de 1986) [p. 1].

Esta perspetivação da criança, em que é quase aproximada a um quase *alter ego* do Messias, terá de enquadrar-se, ainda que remotamente, no seu enraizamento na grandeza do corpo teológico da soteriologia católica, que teve em Santo Agostinho o seu principal formulador. Na perspetiva do catolicismo, a criança é idealizada enquanto figuração do homem não-caído, o mais próximo modelo ao ideal hipotético do homem não pecador, da inocência original e, por isso, prova da viabilidade do programa criador que Deus deseja para o homem. Por conseguinte, ao invés de remeter para a criação como anterioridade, a criança catapulta os homens para o Reino que virá, para o futuro em que se concretizará a ressurreição da inocência, que assim se entende como condição da plenitude humana, tal como ilustra, por exemplo, o seguinte pronunciamento do papa João Paulo II:

“Cristo atribuiu uma enorme importância à criança. Fê-la quase porta-voz da causa por Ele proclamada e pela qual Ele deu a própria vida. Fê-la representante desta causa, a mais simples, quase um seu profeta. O valor da criança em todas as sociedades está no facto de ela ser testemunha da inocência ideada pelo Criador e Pai celeste para o homem. Perdida com o pecado, esta inocência deve ser reconquistada por cada um de nós com dificuldade. Nesta fadiga, neste esforço da inteligência, da vontade e do coração, a imagem da criança é para o homem inspiração e fonte de esperança. Deus que, como Pai, chama a todos à própria casa, ajudar-nos-á a readquirir a inocência da criança”⁴¹.

Por outro lado, sempre que se denota ao longo dos periódicos o esforço de uma explicitação mais identitária do movimento e das suas ações, utilizam-se com particular recorrência dois conceitos (ou expressões concetuais): um do universo bíblico, “Reino de Deus”, de sabor fortemente messiânico ou mesmo, em algumas perícopes do Novo Testamento, apocalítico; outro que integra sobretudo o domínio da linguagem da Ação Católica e dos elementos que a fundamentam teoricamente, que é o de “transformação” ou “acção transformadora”. A parte abaixo citada do editorial do n.º 12 do *Crianças em Acção* (1986), cujo autor é Joaquim Marques⁴², testifica estes conceitos como pertencentes a uma linguagem comum.

“Falar das crianças, é falar da sua vida, é falar de um povo pequeno, de um pequeno povo pobre, de um grande povo de Deus. “Se não forem como as crianças não entrareis no Reino de Deus.” O MAC não vive preocupado com o reino de que as crianças fazem parte, mas também com a vida das crianças. (...) Se encarnarmos a vida das crianças, encarnarmos o Reino de Deus e o que as

⁴¹ IGREJA CATÓLICA – Papa, 1978-2005 (João Paulo II) [Angelus de 22 de julho de 1979].

⁴² Indicação dúbia por assinar como “Quim”.

crianças com a nossa ajuda transformam nós construímos o Reino de Deus com a ajuda das Crianças”⁴³.

Um texto de Moltmann, extraído da sua obra *Teologia da Esperança*, que se encontra no último número da primeira série do *Crianças em Acção*, publicado em 1989, concretiza a interação entre as duas ideias demarcadas de “Reino” e a de “transformação”:

“Despertar uma esperança viva, pronta a agir e a sofrer, virada para o Reino de Deus que vem à terra para a transformar, eis a missão de todos os cristãos, eis a nossa vocação comum. (...)”

O envio não consiste unicamente em difundir a fé e a esperança, mas também promover uma transformação histórica da vida. Não se conformar com este mundo, não quer só dizer transformar-se a si mesmo, mas quer dizer também transformar, pela sua força e a sua paciência criativa, este mundo onde a gente acredita, espera e ama”⁴⁴.

Além de ser entendida numa semântica messiânica, “pobre” é outra categoria na qual a de “criança” é associada ou explicada. Quantitativamente, não é tão utilizado como as anteriores, mas ocorre com um considerável grau de intensidade em alguns artigos de uma explicitação mais incisiva do tema da pobreza, nos quais se incluem os textos de formação cristã em grande medida versados, direta ou indiretamente, sobre a dita temática, quer como matéria da Doutrina Social da Igreja, quer como critério de seleção ou de interpretação das narrativas do Evangelho. Exemplo deste tipo de aprofundamento é um artigo que aponta para a exposição de António Matos Ferreira como convidado para o ANA, Assembleia Nacional de Acompanhantes, de 1984:

“Lembrava ele [o professor António Matos Ferreira], que o MAC é um movimento das crianças (...). Deus ao nascer menino coloca-nos numa atitude de abertura àquilo que não conhecemos nem dominamos. Ele nasce menino e menino pobre. E, no Evangelho, o pobre (...) é um elemento de conversão; é a situação que interpela.

⁴³ *Crianças em Acção: boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 12 (agosto-setembro de 1986) [p. 1].

⁴⁴ A obra *Teologia da Esperança* foi editada em 1964 e a sua citação encontra-se em: *Crianças em Acção: boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 23 (novembro-dezembro de 1989) p. 3.

Assim, as crianças em solidariedade umas com as outras se interpelam mutuamente. É importante estar atento ao outro e descobrir formas de solidariedade com as crianças”⁴⁵.

De modo mais residual, ocorrem outras configurações, das quais se pode destacar a da criança como futuro “homem novo”, uma temática paulina, como profeta⁴⁶ e ainda uma perspetivação com sabor pneumatológico, como patenteia o seguinte excerto:

“Mas quanto mais apaixonante ainda é o nosso trabalho se nós descobrirmos aquele que é fonte de todo o dinamismo existente nas crianças! O Espírito é Dinamismo! As crianças que “mexem”, que movidas no interior delas mesmas aceitam ultrapassar as suas pequenas divisões e procuram entre elas “bondade, justiça e verdade” (Ef. 5, 9) [...]”⁴⁷.

Conclusão

Os textos que constituem a imprensa do MAAC procuram soerguer um novo entendimento das crianças. Fazem-no em larga medida numa abordagem crítica à questão da autoridade, da violência e da pobreza concernentes ao mundo infantil, na convocação de três espaços institucionais: o familiar, o escolar, o religioso e, mais indiretamente, o político. A novidade nos modos de compreender e de interagir com as crianças consiste na sua consideração como protagonistas da sua própria vivência e capacitadas para lidar com os problemas que as condicionam. É utilizado para tal um discurso de cariz teológico, o que se evidencia, por exemplo, no emprego de conceitos com forte enraizamento bíblico ou na reflexão indireta acerca do lugar da criança na problemática da salvação. Esta reconstrução teórica parte e conduz de uma reflexão sobre a disponibilidade das estruturas eclesiais de reconhecimento do valor das crianças e de reconfiguração dos seus paradigmas de organização para lhes dar um lugar operativo e, inclusivamente, alterarem os círculos de lideranças laicais, abrindo-os aos meios de onde elas vêm, que são por princípio contextos socioeconómicos de pequena ou larga exclusão, lugares de dupla periferia.

⁴⁵ *Crianças em Acção* 5 (dezembro de 1984) p. 11.

⁴⁶ “O MIDADE participou no Sínodo dos bispos sobre o tema ‘Papel dos Leigos na Igreja, 20 anos depois do Concílio Vaticano II’. [...] a presidente do MIDADE, Antoinette Prudence, foi convidada a intervir perante a assembleia para fazer salientar o papel profético das crianças e o seu direito ao respeito e à consideração de todos.” Cf. *Crianças em Acção: boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 19 (junho-julho de 1988) p. 10.

⁴⁷ *Crianças em Acção: boletim de ligação e de informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 7 (novembro-dezembro de 1985) p. 1.

A PRESENÇA DO MAAC NAS DIOCESES

CARLA SANTOS*



* Membro do Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças (MAAC), responsável pelo projeto que deu origem a este livro.

DIOCESE DE BRAGA



Data dos primeiros contactos

- Nos finais dos anos 70, em Braga, a Pastoral Operária viu que havia uma lacuna nos filhos dos militantes e operários. Depois de alguma reflexão decidiu juntar essas crianças/adolescentes, formando “Os mais novos da Ação Católica”.
- Mais tarde, e porque havia um movimento específico para estas crianças/adolescentes, houve alguns contactos e então a Adesão ao MAAC foi feita na Assembleia Nacional, juntamente com a diocese do Funchal.
- Bairro 31 de Maio (Famalicão).

Oficialização da adesão ao MAAC

V Assembleia Geral, Lisboa, 5 a 9 outubro 1990.

Situação atual (2014)

Existem dois grupos de crianças/adolescentes, distribuídos pelas paróquias de Calendário (Famalicão) e de Ronfe (Guimarães).

Momento(s) marcante(s)

“No dia 3 de outubro de 1991, a Sofia, a Daniela, o Zé Luís o Pedro e eu, Maria João, estivemos numa reunião com a Céu e a Ana Maria. A Céu falou-nos do MAC – Movimento de Apostolado Das Crianças, que é um movimento de crianças que existe em 47 países. (...) Fizemos um desenho para explicar o que entendemos do MAC. Também descobrimos que Jesus está no meio de nós quando nós falamos das coisas que Ele gosta. Cantámos uma canção e prometemos levar mais amigos para o grupo que se chama Alegria.

(...) No Grupo falámos de muitos temas relacionados com a nossa vida: escola, família, amigos, Natal, Paz, droga, violência, poluição, habitação, natureza... fizemos desenhos, canções, teatros, mesa aberta aos pais... Organizámos o grupo (delegado, subdelegado, tesoureiro e secretário). Participámos nas atividades do MAC a nível de grupo, de zona, Diocese e Nacional.

Encontro diocesano sobre a discriminação (1995)

Discriminação! Uma palavra até difícil de dizer; uma palavra difícil de viver.

O pobre, o cigano, o negro, a criança que trabalha, fazem parte dos que ficam à beira do nosso caminho gritando: ‘ – dá-me a tua mão, ajuda-me a lutar, olha-me nos olhos e ensina-me a sorrir.

Quero viver, quero ser feliz!’

Nós, Crianças e Adolescentes do MAAC assistimos, às vezes, sem nada fazer, a gestos e atitudes de discriminação.

Onde?

Na escola, nos bairros escondidos da cidade, no desemprego, na sociedade em geral.

E o que é que fazemos?

Vamos continuar a refletir sobre este assunto através do que vamos representar.

Silêncio!

A festa vai continuar...”

Fonte: Documento Grupo “Alegría”, c. 2000.

DIOCESE DO PORTO



Data dos primeiros contactos

- Contactos nos anos 80 na paróquia de Lourosa.
- Em 1992 efetuaram-se novos contactos com a estrutura nacional e houve o aparecimento do movimento, na vigaria de S. Tirso (Codessos, S. Cristina do Couto, S. Salvador do Campo, S. Mamede de Negrelos, S. Tirso e Burgães).

Oficialização da adesão ao MAAC

VIII Assembleia Nacional de Acompanhantes, Singeverga, 4 e 5 de outubro de 1996.

Situação atual (2014)

Existem 3 grupos de crianças/adolescentes distribuídos pelas paróquias de Codessos (Paços de Ferreira), Burgães (Sto. Tirso) e S. Roque (Oliveira de Azeméis).

Momento(s) marcante(s)

“A partir desse ano [1992] muitas crianças da diocese tiveram a oportunidade de fazer Revisão de Vida a partir das suas preocupações, refletindo-as à luz dos direitos humanos e dos grandes valores apontados por Jesus no Evangelho através do discernimento e de um ver diferente e profundo e descobriram a importância da participação ativa. Foram tomando consciência do valor dos pequenos gestos de cada dia na construção de um mundo melhor. Em grupo realizaram ações transformadoras no meio onde vivem, agindo individualmente ou em ações coletivas, tornando o nosso mundo mais bonito.

Vivenciaram a democracia elegendo o seu delegado, secretário e tesoureiro e aprenderam a respeitar as diferenças de opinião, as decisões e a ser responsáveis nos compromissos assumidos no grupo.

(...) Descobriram Deus presente na natureza e falaram com Ele de forma simples em orações lindíssimas que só elas sabem fazer.

A dimensão internacional do MAAC

A dimensão internacional do MAAC, como membro MIDADE, proporcionou a várias crianças da nossa diocese a presença em encontros europeus. Em Itália, estiveram num encontro com sua Santidade João Paulo II, duas crianças e o assistente Pe. Mota em outubro de 1997. Em França, participaram no 1º Encontro Europeu para Crianças em 1997, organizado pelo MIDADE Europa. Em Espanha, participaram na Assembleia Nacional de Crianças do JUNIOR em junho de 1997. Na Suíça, participaram numa conferência sobre o trabalho Infantil em outubro de 1999, a convite do movimento deste país. Por duas vezes, acompanhantes da nossa diocese estiveram presentes no Encontro Internacional do MIDADE em 1998 em Dakar (Senegal) e em Damasco (Síria), em oportunidades únicas de partilha de experiências de vida em grupo e momentos inesquecíveis de aprofundamento da fé e do sentir-se Igreja universal.”

Fonte: Texto de Manuela Leal, Acompanhante na diocese do Porto.

DIOCESE DE AVEIRO



Data dos primeiros contactos

- Em 2006, o movimento surge no Bairro de Santiago (Aveiro), com o apoio das Irmãs Auxiliadoras da Caridade, que mantinham contacto com o MAAC desde o ano 2000.
- Existiram também contactos entre o MAAC, a JOC e a LOC-MTC desta diocese em 2002.

Oficialização da adesão ao MAAC

XII Assembleia Nacional de Acompanhantes, Porto, 7 e 8 de junho de 2008.

Situação atual (2014)

Existem três grupos distribuídos pelas paróquias de Cacia (Aveiro) e da Sé (Aveiro – Bairro de Santiago).

Momento(s) marcante(s)

“(...) os grupos Black and White e Reguilas, do Bairro de Santiago da diocese de Aveiro, foram ao Parque Infante D. Pedro celebrar o Dia do MIDADE.

Os grupos prepararam jogos de ‘caça ao tesouro’ e um cartaz. Nesse cartaz desenhámos um mundo com várias crianças de mãos dadas, para representar as crianças de todo o mundo, e desenhámos as nossas próprias mãos para nos sentirmos de mãos dadas com elas.

O cartaz serviu para dar a conhecer às pessoas que passavam o que é o MIDADE, explicámos-lhes quem éramos e o que fazemos.

Vivemos ainda um momento de solidariedade, em que cada elemento partilhou 1,00 euro com o MIDADE.

Depois de todas as atividades partilhámos um lanche e comemos um bolo gigante que foi feito por uma amiga do bairro, a Maria. Cantámos os parabéns a dois elementos dos grupos e ao MIDADE.

Depois de tanta diversão chegámos a casa estafados, mas foi bom sentirmo-nos integrados no grupo do MAAC.

O que significa o MAAC:

- Lugar onde se pode desabafar e divertir, partilhar as dificuldades e procurar soluções;
- Onde se faz festa com os outros grupos do MAAC;
- Lugar onde se constrói a amizade;
- O Encontro Nacional foi importante por termos conhecido outros grupos, estamos todos a aprender e temos os mesmos objetivos;
- O MAAC é um Movimento católico, onde Jesus é importante na vida das crianças e elas são importantes para Jesus;
- Os acompanhantes são importantes, porque nos ajudam em tudo.”

Fonte: Revista MAAC, Nº 22, 2009.

DIOCESE DA GUARDA



Data dos primeiros contactos

- Em 2004, com a colaboração da JOC que estava a fazer um trabalho de expansão nesta diocese e de uma acompanhante da diocese de Coimbra.

Oficialização da adesão ao MAAC

Não houve pedido de oficialização da adesão ao movimento.

Situação atual (2014)

Os dois grupos de crianças funcionaram durante os anos 2004 e 2005, nas paróquias de Cortes do Meio e da Bouça. Atualmente, o movimento não existe nesta diocese.

Momento(s) marcante(s)

“Construir a paz na nossa comunidade

No dia 17 de Janeiro de 2004 começou na Bouça (concelho da Covilhã, diocese da Guarda), a iniciação de um grupo do MAAC, que foi apresentado por uma acompanhante da diocese de Coimbra, a Elsa.

O nosso grupo tem aproximadamente 10 crianças e tem o nome de CRAB, ou seja, Crianças Religiosas e Adolescentes da Bouça.

No dia 2 de Maio de 2004, o nosso movimento começou a manifestar-se perante a comunidade da Bouça. Mas antes tivemos uma ideia para esse dia, ou seja, construir umas flores artificiais com materiais recicláveis. Por isso, como no dia 2 de Maio foi o dia da Mãe, distribuímos as flores por toda a comunidade da Bouça e exprimimos o que significava o MAAC, CRAB e o dia da Mãe para nós, visto que este dia é delas porque elas são como as flores...bonitas, cheirosas, bondosas, dão-nos paz, alegria e muito amor.

Assim com o nosso gesto, demonstrámos querer construir a paz na nossa comunidade.”

Fonte: Revista MAAC, Nº 11, Maio-Agosto 2004.

“Natal da Paz

No dia 25 de Dezembro de 2004 fizemos um Presépio ao vivo, onde constavam todos os participantes que fazem parte do CRAB (MAAC da Bouça).

No Presépio estavam representados Maria (Sónia), José (Luís Carlos), Anjo (Cristina), Menino Jesus (Tatiana), os pastores (Beatriz, João, Steve e André), as ceifeiras (Carolina, Elisabete) e as mulheres (Jessica, Cátia e Andreia). Estas últimas três apareceram só no ofertório para adorar e ofertar o Menino.

No dia 2 de Janeiro de 2005 entraram os Reis Magos, visto que era dia de Reis dominical. Mas também no nosso Presépio estavam as ovelhas (peluches), os cães (peluches), o burro e a vaca (feitos em cartolina).

Nós todos gostámos muito desta atividade e também fizemos um cartaz sobre o Natal da Paz porque isso representa para nós o NATAL.”

Fonte: Revista MAAC, Nº 14, Junho-Dezembro 2005.

DIOCESE DE COIMBRA



Data dos primeiros contactos

- Em 1997, através da participação de duas acompanhantes num Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes (ENFA), realizado em Braga.

Oficialização da adesão ao MAAC

IX Assembleia Nacional do MAAC, Porto, 6 e 7 de novembro de 1999.

Situação atual (2014)

- Existem 3 grupos de crianças/adolescentes distribuídos pelas paróquias da Pampilhosa (Mealhada) e da Lousã (Lousã).

Momento(s) marcante(s)

“O acampamento do MAAC de Coimbra e Santarém teve como temática “Na Força da Diferença” e realizou-se de 6 a 10 de Julho, no Parque de Campismo de Ortiga, Mação.

A atividade foi muito divertida porque conhecemos alguns amigos novos e revimos outros de quem já tínhamos saudades.

Na etapa do VER, descobrimos as diferenças que existem e como vivemos com elas. (...) Na etapa do Julgar, a Goreti ajudou-nos a refletir utilizando o jogo dos quadrados que nos ajudou a perceber a importância de respeitar as diferenças. Para terminar, na etapa do Agir, fizemos a Convenção ‘Os Dez Mandamentos da Diferença’, que apresentámos numa conferência de imprensa. Deixamos aqui esta convenção, para que todos a possam conhecer e fazer com que seja respeitada.

Os dez mandamentos da diferença

1. Aceitar o que cada um é capaz de fazer;
2. Aceitar como os outros são;
3. Fazer com que as pessoas diferentes se sintam iguais;

4. Ter direito a ser diferente;
5. Respeitar a diferença;
6. Fazer com que haja espaço nas escolas para acolher as pessoas com deficiências;
7. Colaborar com os amigos;
8. Brincar com os que não têm amigos;
9. Ser sereno e confiar em si;
10. Abrir os horizontes e não usar ‘palas de burro’.

Fonte: Revista MAAC, Nº 14, 2005.

DIOCESE DE LEIRIA-FÁTIMA



Data dos primeiros contactos

- Em 2003, através de militantes da JOC que estavam a fazer um processo de expansão na diocese. A ligação com o MAAC foi facilitada através de contactos como outras dioceses, nomeadamente, a de Coimbra.

Oficialização da adesão ao MAAC

XI Assembleia Nacional, Aveiro, 10 e 11 de junho de 2005.

Situação atual (2014)

No período compreendido entre 2003 e 2006, existiram três grupos, nas paróquias da Marinha Grande e de Casal dos Claros. Atualmente, não existem grupos nesta diocese.

Momento(s) marcante(s)

“Iniciou-se o movimento na diocese com dois grupos, a *Rosa dos Ventos* e os *Animais Marinhos*, tendo como acompanhantes militantes e jovens em iniciação da JOC.

Esta caminhada ficou mais forte com o contacto com outras dioceses, nomeadamente, com Coimbra. Nesse mesmo ano, participámos num encontro interdiocesano na Lousã e organizámos um acampamento com Coimbra denominado ‘*Chuta a bola da (in)diferença*’.

Em 2004, fez-se uma tentativa de expansão do MAAC, surgindo um grupo em Casal dos Claros ‘*Dá-lhes gás*’. Também nesse ano tivemos uma reunião com o Bispo da diocese, onde apresentámos o Plano de Ação do MAAC.

Em Julho de 2005 realizámos o 1º Acampamento Diocesano do MAAC, subordinado à temática ‘Tu vales mais do que a roupa que vestes’, que contou com a presença de 20 participantes.”

Fonte: Documento de pedido de adesão formal ao MAAC, Julho 2005.

“Este acampamento marcou-nos muito...”

Em Julho de 2005, muitos de nós tivemos a primeira experiência em grupo, através da participação no acampamento nos Olhos d'Água em Alcanena. Este acampamento marcou-nos muito, porque para alguns de nós que nunca acampámos foi uma experiência nova.

Gostámos dos trabalhos de grupo, dos espaços de oração, dos banhos no rio. Todas as tarefas eram partilhadas. Tínhamos de lavar a loiça, fazer o jornal de parede.

Porque gostámos muito desta experiência em grupo, quisemos continuar a encontrar-nos durante o ano. Reunimo-nos uma vez por mês. Nos nossos encontros fizemos a avaliação do acampamento, falámos sobre o que queríamos fazer durante o ano, pensámos sobre os direitos da criança, e estamos a tentar arranjar um nome para o grupo.

Somos o Rafael, o Bernardo, o João, o Wilson, o Daniel, a Stacy e a Luciana.

Temos idades entre os 9 e os 12 anos. Vivemos na Marinha Grande.”

Fonte: Revista MAAC n.º 15, Janeiro-Junho 2006

DIOCESE DE SANTARÉM



Data dos primeiros contactos

- Em 2002.
- Em 2003, surge o primeiro grupo do MAAC na paróquia de Assentiz (Torres Novas). Em 2005, é criado outro grupo na Louriceira (Alcanena).

Oficialização da adesão ao MAAC

XI Assembleia Nacional, Aveiro, 10 e 11 de junho de 2005.

Situação atual (2014)

Existem seis grupos distribuídos pelas paróquias de Assentiz (Torres Novas) e da Louriceira (Alcanena).

Momento(s) marcante(s)

“Ao longo destes anos [em Assentiz], a Revista MAAC tem sido vendida porta a porta, o que nos ajudou imenso a divulgar o movimento no meio. (...) Durante estes 7 anos os grupos fizeram Revisões de Vida sobre o ambiente, a amizade, o isolamento, a escola, a natureza, a não violência e a crise económica, entre outros. A 3 de Julho de 2009, os Estrelas fizeram um debate aberto à comunidade sobre o isolamento, coordenado por um adolescente do MAAC e com o convite a entidades locais autárquicas e religiosas para estarem na mesa e colaborarem no debate. Os Reguilas fizeram uma caminhada pela não violência, a festa do pão (28/05/2011), entre outras atividades. O MAAC em Assentiz teve início a 29 de novembro de 2003.

O primeiro grupo de MAAC da Louriceira teve o nome de ‘Pestinhas’ e era formado por crianças e adolescentes dos 3 aos 12 anos de idade. Por ser muito heterogéneo originou dois novos grupos (‘Luminosos’ grupo de crianças e os ‘Trevos’ grupo de adolescentes) em 2006 e depois três (os elementos mais velhos dos ‘Luminosos’ originam os ‘Exploradores’, um grupo de pré-adolescentes) em 2007. O MAAC na Louriceira teve início a 1 de outubro de 2005.

O MAAC à descoberta da alegria

Também desde 2006 realizámos encontros diocesanos pelo Natal e pela Páscoa, de um dia ou de dois. De entre estes destacou-se o encontro diocesano da Páscoa, em 29 março de 2008 em Torres Novas sobre ‘o MAAC à descoberta da alegria’, reflexão que pretendia criar laços de proximidade, viver o espírito do movimento e descobrir a alegria pascal, o que alegra e entristece. Como tarefa do agir teríamos que fazer a ‘tábua da alegria’, onde constariam os dez mandamentos da alegria. Depois de decididas em grupos as propostas e trabalhadas pelos delegados desses grupos, foi apresentada em assembleia, a cerca de 40 crianças e adolescentes, que discutiram ponto por ponto a ‘tábua da alegria.’”

Fonte: Texto de José Carlos Antunes, Ana Catarina Mendes e Filipa Gomes, 2011

DIOCESE DE LISBOA



Data dos primeiros contactos

- 1ª fase: 1982-1996, com trabalho em alguns Bairros de Lisboa (Curraleira, Fontainhas, Prior Velho...)
- 2ª fase: 2000-2004, reinício no bairro do Prior Velho e na Charneca (Pontinha).
- 3ª fase: Em 2006, no bairro municipal Telheiras Sul – Quinta dos Barros e, posteriormente, em 2008 no bairro de Casal de Cambra (Sintra) e em 2011 no bairro da Cova da Moura (Amadora).

Oficialização da adesão ao MAAC

XIII Assembleia Nacional de Acompanhantes, Torres Novas, 3 de julho de 2011. (Esta adesão diz respeito à 3ª fase do MAAC na diocese, depois de um interregno de alguns anos).

Situação atual (2014)

Existem seis grupos em 3 Bairros, na Quinta dos Barros (Lisboa), Casal de Cambra (Sintra) e Cova da Moura (Amadora) e em fase de iniciação na Paróquia da Graça (Lisboa).

Momento(s) marcante(s)

1ª fase: anos 80 e 90

“No início da formação do grupo tivemos o acompanhamento de 2 universitários (Adelino e Camané).

Do bairro éramos 2 acompanhantes em iniciação (a Isabel e eu).

As crianças eram uma mistura de brancos, com ciganos e africanos, que se juntavam normalmente em determinados sítios para jogar à bola e brincar; crianças entregues a si próprias já que os pais trabalhavam e só voltavam à noite, as mães também trabalhavam e tinham que cuidar da lida da casa porque os maridos iam para as ‘tabernas’ e não as ajudavam.

Como as crianças já se juntavam ao sábado à tarde para brincar, nós íamos ter com elas e conversávamos sobre vários temas, fazíamos jogos, apresentávamo-nos e assim nos íamos conhecendo, uns contavam aos outros e todas as semanas apareciam mais; não era muito fácil porque todos queriam falar ao mesmo tempo e batiam-se quando não concordavam com o que os outros diziam, por vários fatores: idades diferentes, raças e costumes diferentes e pela alegria de lhes darem o direito de se poderem expressar, o que era importante para eles.”

Fonte: Testemunho de Fátima Matos, 2011.

2ª fase: 2000-2004

“Encontrámo-nos pela primeira vez no dia 10 de Fevereiro e eram apenas meninas. Perguntei-lhes o que lhes apetecia fazer, ao que me responderam que queriam ir para a sala conversar. Falámos então das suas expectativas, o que gostariam de fazer, jogos e atividades. Combinámos encontrar-nos novamente no sábado às 16 horas, com mais meninos e meninas amigos delas. Chegou finalmente o sábado seguinte, eu estava expectante relativamente ao número de crianças que viriam e como seriam. Encontrámo-nos e dado que o tempo estava bom, decidimos por unanimidade jogar cá fora ao ar livre. Assim se passou mais um dia bem passado, onde houve convívio, camaradagem, interajuda.”

Fonte: Revista MAAC n.º 3, Dezembro 2001, p. 12.

3ª fase: 2006 e anos seguintes

“O primeiro grupo, da Quinta dos Barros, nasceu em Setembro de 2006. As crianças deram ao seu grupo o nome de Rebeldes.... ‘Reuníamos no salão de convívio, depois na casa das irmãs Júlia e Amélia. Ao longo do nosso trabalho tivemos 4 acampamentos. Nas pausas entre os acampamentos, nós, além de nos portarmos mal, também fazemos boas acções; limpámos o bairro, arranjámos a nossa nova casa, pintámos o prédio por dentro, preparámos a festa de natal para as pessoas do nosso bairro, angariámos fundos fazendo feiras e rifas. Fizemos a nossa primeira comunhão. Tivemos a visita dos nossos queridos amigos de Setúbal, Açores, Casal de Cambra e de Santarém.’

(...) Em Setembro de 2008 nasceu outro grupo, desta vez em Casal de Cambra. São os Artistas Cantores. ‘Um dia, fomos convidadas pela Irmã Délia, então começámos a frequentar o movimento do MAAC. Lembramo-nos de falar dos direitos das crianças, como foi importante, porque tivemos muitos conhecimentos dos nossos direitos e dos nossos deveres. Falámos e fizemos vários trabalhos para compreendermos os direitos da criança e também como Jesus viveu esses direitos.

No ano de 2009/2010 entraram mais meninos, ainda estão cá, foram convidados pela Ir. Délia e a Teresa (a nossa acompanhante).

Houve um caso muito interessante nesse ano. À tarde, estavam quatro meninos a jogar futebol e uma menina a brincar. Entretanto, a Teresa ia para um encontro, encontrou-os e convidou-os a ir a um encontro com outros meninos e meninas e explicou-lhes as vantagens e desvantagens de jogar futebol no bairro. Eles concordaram e dirigiram-se para o encontro do MAAC. Estamos um grupo mais unido, temos vindo a melhorar os nossos comportamentos no dia a dia e queremos ser seguidores de Jesus e dar grandes exemplos ao mundo.”

Fonte: Documento do pedido de adesão ao MAAC, 3 de Julho de 2011.

DIOCESE DE SETÚBAL



Data dos primeiros contactos

- 1ª fase: décadas de 80, com o apoio dos Irmãos do Campo em Lagameças e das Auxiliadoras da Caridade (bairros de Setúbal) e da Isabel Paes na Trafaria.
- 2ª fase: 1993-1997, com o apoio ainda das Auxiliadoras da Caridade. Existiam grupos nos bairros de barracas junto ao hospital de São Sebastião e no Bairro Santos Nicolau (Setúbal), no Laranjeiro, no Feijó e em Lagameças.
- 3ª fase: 1998-2002, primeiramente, na paróquia de S. Sebastião e, depois, na Paróquia de N.ª Sr.ª da Conceição e em Lagameças com o apoio dos Irmãos e Irmãs do Campo.
- 4ª fase: 2009, recomeço do movimento na Paróquia da N. Senhora da Conceição (Bairro da Bela Vista – Setúbal).

Oficialização da adesão ao MAAC

XIII Assembleia Nacional de Acompanhantes, Torres Novas, 3 de julho de 2011. (Esta adesão diz respeito à 4ª etapa do MAAC na diocese, depois de um inter-regno de alguns anos).

Situação atual (2014)

Existem 2 grupos na paróquia da N. Sr.ª da Conceição (Bairro da Bela Vista – Setúbal) e em processo de iniciação na Quinta do Conde (Sesimbra).

Momento(s) marcante(s)

1ª fase: década de 80

“A criatividade era muita e vi as crianças pôr a mexer os adultos. Não tinham medo de ir falar com o Bispo da Diocese, os responsáveis da Câmara, da Junta de Freguesia e das Comissões de Moradores.” (Lisa, Auxiliadora da Caridade).

Foram trabalhados diversos temas, como por exemplo: os Direitos das crianças; as relações com os pais; os problemas da escola, das cantinas, do bairro, da aldeia.

Animaram missas nas paróquias. E alguns, depois de descobrir Jesus Cristo no seu grupo do MAC, seguiram a catequese e fizeram a 1ª comunhão. Descobriram e viveram o aspeto internacional do Movimento, acolhendo grupos do estrangeiro ou indo a vários encontros.”

Fonte: Texto de Liliana Freire e Sofia Rosário, 2011.

“Há um episódio que marcou decisivamente o grupo de crianças da Trafaria, a maioria das quais na altura eram meus alunos que foi, julgo que em 1985, o programa de televisão 70x7 ter ido à Trafaria recolher os testemunhos das crianças que eram todas crianças pobres e em risco de insucesso escolar. Este grupo, na sequência dessa experiência preparou e dinamizou uma marcha na Trafaria pelos Direitos das crianças e participou pela primeira vez ativamente num encontro diocesano do MAC. Há poucos anos encontrei dois desses alunos – agora adultos – disseram-me que a experiência do MAC os transformou e nunca se esqueceram de toda a alegria e força que lhes deu.”

Fonte: Testemunho de Isabel Paes, 2012.

2ª fase: 1993-1997

“Os problemas eram tantos que a Adelaide teve mesmo que denunciar à PJ a situação vivida por duas crianças com pais toxicod dependentes, estas foram retiradas aos pais e colocadas em duas instituições distintas, em Coimbra e Penafiel. No entanto, a Adelaide acompanho-as até à sua independência e chegou mesmo a disponibilizar a sua casa quando estas vinham visitar os pais. Esta fase usufruiu e viveu de alguns momentos muitos bons, como por exemplo, um grande encontro diocesano, na Praça do Bocage e no Jardim do Bonfim, na cidade de Setúbal, a fim de festejar o Dia da Criança, com as crianças/adolescente de Setúbal, Feijó e Laranjeiro. Até o ano de 1997, eram realizados anualmente encontros diocesanos entre estas cidades.”

Fonte: Texto de Liliana Freire e Sofia Rosário, 2011

“Foi entre 80 e 85 (não me lembro do ano) – com o filho mais velho de uma família de caboverdianos: Maurício num lugar chamado Agualva de Cima; aos poucos, juntaram-se a nós, Joaquim, irmão de Maurício, Luisa, chamada Suzana, Celeste e outros vizinhos. Quando chegou o Irmão Julião, ele passou a acompanhar o grupo. Nasceu então um grupo em Setúbal com as Irmãs Auxiliadoras da Caridade: a Lise. O irmão Julião colaborou com as irmãs. O irmão Julião faleceu de repente no ano de 1989; pelo acaso, foram crianças do grupo que lhe prestaram

socorro. Foi então que entrou o Irmão Michel, também, em colaboração com as Irmãs Auxiliadoras: foi um belíssimo trabalho!”

Fonte: Testemunho do Irmão do Campo Eugénio, 2011.

3ª fase: 1998-2002

“Entre as atividades e temas abordados, a Susana realça uma festa de Natal em que uma criança trouxe uma ovelha para participar num presépio vivo por eles representado, uma chuva de ideias através da palavra amizade e uma reflexão sobre a atribuição do rendimento mínimo garantido em vales de compras, reflexão esta que deu origem a um artigo no Jornal Setubalense a 20-01-1999, com o título ‘MAAC quer rever forma de distribuição do RMG.’”

Fonte: Texto de Liliana Freire e Sofia Rosário, 2011.

4ª fase: 2009 e anos seguintes

“No dia 15 de Março, aconteceu em Setúbal um encontro que marcará o renascer do MAAC na diocese. Estiveram cerca de vinte pessoas. Vieram das paróquias da N. Senhora da Conceição, das praias do Sado, do Lavradio e do Pinhal Novo. (...). Foi uma experiência muito rica, pelo modo como o trabalho foi conduzido e pelo interesse dos participantes. Entretanto, alguns passos já foram dados no sentido de se formarem grupos do MAAC nestas paróquias.”

Fonte: Texto da Revista MAAC, Nº 21, Janeiro a Junho 2009, p. 10.

DIOCESE DE ANGRA



Data dos primeiros contactos

- Em 2002, primeiros contactos através da participação de algumas pessoas dos Açores no Encontro Nacional do MAAC realizado em Coimbra.
- Em 2003, início do MAAC na paróquia de Vila Franca do Campo (Vila franca do Campo – Ilha de S. Miguel).

Oficialização da adesão ao MAAC

XII Assembleia Nacional de Acompanhantes, Porto, 7 e 8 de junho de 2008.

Situação atual (2014)

Existe um grupo na paróquia de Vila Franca do Campo (Vila Franca do Campo – Ilha de S. Miguel).

Momento(s) marcante(s)

“Uma semente foi lançada à terra no passado dia 24 Janeiro 2003 no Salão Paroquial da Matriz de Vila Franca. Cerca de 70 crianças da comunidade de s. Miguel, entre os seis e os nove anos, responderam ao apelo que tinha sido feito na semana anterior a fim de participarem numa aventura chamada MAC (Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças). (...)

As crianças começaram já a ver, analisar a sua realidade. E lançaram o seu olhar para a rua onde moram. Em pequenos grupos falaram das coisas boas que existiam na sua rua e das coisas menos boas. (...)

De seguida houve tempo para cada grupo partilhar as suas respostas. Começámos por ouvir as coisas boas da rua de cada um deles: ‘brincar à bola’; ‘o silêncio’; ‘na minha rua passam pessoas alegres’; ‘andar de bicicleta’; ‘a minha casa’; ‘o meu gato’; ‘as flores’; ‘gosto da rua limpa’. (...)

Ao olharem para a sua rua encontraram coisas que precisam de ser melhoradas, coisas que não são boas, para que todos vivam com alegria. E então apresentaram

um outro cartaz onde aquilo de que não gostavam na sua rua foi traduzido da seguinte forma:

‘Não gosto do lixo’; ‘Não gosto do barulho’; ‘Não gosto das brigas’; ‘Não gosto que passem carros na minha rua.’”

Fonte: Revista MAAC Nº7, Janeiro-Abril 2003, p. 26-27.

Viver@tecnologia.com.os.outros

“Teve lugar na cidade do Entroncamento, entre os dias 1 e 5 de Agosto de 2007, um acampamento interdiocesano do MAAC, englobando as dioceses de Coimbra, Lisboa, Angra e Santarém.

O slogan do acampamento foi viver@tecnologia.com.os.outros. Procurou-se que todos os participantes aprendessem a valorizar as tecnologias. A identificar as suas vantagens e desvantagens, por forma a fazerem um uso equilibrado das mesmas. (...)

Foi um acampamento marcante para os que nele participaram, pois ficaram des-pertos para esta realidade e para a necessidade de usar melhor as tecnologias no seu dia-a-dia (slogans das faixas preparadas pelas dioceses (zonas);

‘Deixa a televisão, desliga o computador e vai para a rua se faz favor.’

‘A tecnologia é um bem da sociedade mas não te esqueças da amizade!’

‘A tecnologia é importante mas não te esqueças do convívio e do respeito entre todos!’

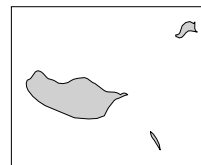
‘As novas tecnologias e a minha vida.’

‘Faz delete no excesso das tecnologias e clica na vida!’

‘Usa a tecnologia com cabeça, tronco e membros’”

Fonte: Revista MAAC, n.º 18, 2007.

DIOCESE DO FUNCHAL



Data dos primeiros contactos

- Em 1987/88, a Ana Sousa – Coordenadora Nacional, deslocou-se à ilha e falou-nos do MAC (Movimento de Apostolado das Crianças) e, a partir daí começou um trabalho de forma mais organizada.

Situação atual (2014)

Existe 2 grupos nos bairros da Vera Cruz e das Fontainhas (Funchal).

Momento(s) marcante(s)

“A minha experiência como acompanhante baseia-se no acompanhamento de 4 grupos: Um grupo num bairro camarário que atualmente não existe, um grupo de crianças de rua, um grupo na zona velha da cidade e um dum bairro social em Câmara de Lobos. (...) Foram anos de intenso trabalho assim o exigiam os grupos com quem trabalhávamos. Fizemos passeios, encontros, debates, exposições, viagens, idealizámos uma escola diferente (fizemos o projeto, angariamos meios e concretizámos um sonho – Escola Aberta), abrimos uma linha SOS Criança (a linha telefónica estava disponível durante todos os dias da semana e havia sempre alguém para atender). Foi a partir do movimento que conheci outros movimentos católicos, pois estávamos integrados nos movimentos de Ação Católica existentes. Numa das idas a Braga conheci a LOC e a JOC. Enquanto estive na coordenação, o movimento existia na Madeira, em Lisboa, em Setúbal e Braga. As atividades mais marcantes foram os encontros nacionais crianças/acompanhantes, sobretudo, o realizado em Setúbal. A participação nos encontros europeus e no encontro internacional na Zâmbia foram muito significativos, na medida em que permitiram conhecer outras realidades e respeitar a sua especificidade. A disponibilidade das pessoas do movimento em colaborar, partilhar, refletir, acompanhar e dar a conhecer sem esperar contrapartidas, foram aspetos que muito me marcaram.”

Fonte: Testemunho de Teresa Caires, 2013

“Atendendo aos conflitos que o MAC vivia até à data com o bispo D. Teodoro, o facto de este ter recebido a equipa executiva e posteriormente a equipa regional, foi sem dúvida um apagar do passado e um recomeçar com o apoio da diocese. Foi um fim-de-semana decisivo para o movimento, uma ‘guerra conquistada’ e o fim da polémica.”

Fonte: Testemunho de Sónia Ferraz, 2010

“Enquanto acompanhante do MAAC o que mais me tem marcado pela positiva tem sido as amizades criadas e que se têm mantido ao longo dos anos. Antigos meninos do meu grupo, agora homens e mulheres, alguns já com filhos e até a viver fora do país, vêm visitar-me a casa ou ao meu trabalho e noto deles muito carinho pelo movimento e saudade das atividades vividas. Alguns familiares dos meninos, também, têm demonstrado grande amizade e apreço. Pela negativa, marcou-me profundamente uma situação de uma menina do meu grupo que estava a ser vítima de abuso pelo pai e eu não fazia a mínima ideia de que isso estava a acontecer e quando tive conhecimento sofri um enorme desgosto. Esse homem foi preso e a menina agora com quase 17 anos, continua a manter comigo uma relação de amizade, está a estudar e está bem. Já voltou para casa depois de alguns anos numa instituição.”

Fonte: Testemunho de Vera Nina Leça, 2010

CRONOLOGIA

CARLA SANTOS*
NUNO ESTÊVÃO FERREIRA**

De forma sistemática, foram sumariados alguns dados cronológicos sobre um conjunto de acontecimentos que marcaram a evolução do MAAC. Foram privilegiados os encontros nacionais e internacionais, assim como o envolvimento ativo em estruturas do catolicismo e em redes de cidadania. Sempre que possível, foi incluída a data precisa, o local, o tema do encontro e, nos eventos externos, o registo de participações de elementos do movimento.

1978	16-31/out:	5.º Encontro Internacional do MIDADE. Escorial, Espanha. Participação de Isabel Paes.
1979		Encontro Regional do MIDADE sobre “A escola”. Roma, Itália. Participação de Margarida Belchior.
1981	8/nov:	Encontro de Animadores de Lisboa.
1982	20/mar:	2.º Encontro de Animadores de Lisboa. Palácio das Necessidades, Lisboa.
	29/mai:	3.º Encontro de Animadores de Lisboa. Seminário dos Olivais, Lisboa.
	5-25/dez:	6.º Encontro Internacional do MIDADE. Tema: “Participando na transformação”. Olinda, Brasil. Participação de Adelino Sousa e Carlos Manuel Serra Marques (Camané).
1983	mar:	Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Milão, Itália.
	mai:	Publicação do 1.º número de <i>Crianças em Acção</i> .
	18/jun:	Encontro de Animadores (de Lisboa e para expansão no Porto e na Madeira). Tema: “Partilhar, Rever, Planear”. Seminário dos Olivais, Lisboa.

* Membro do Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças (MAAC), responsável pelo projeto que deu origem a este livro.

** Investigador integrado no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP).

- 16/jul: 1.^a Reunião da Equipa de Coordenação. Seminário dos Olivais, Lisboa.
- 30/set-4/out: Jornadas do 50.º aniversário da Acção Católica, Lisboa. Participação de 2 acompanhantes (Margarida Belchior e Camané).
- nov: Reunião Equipa Europeia do MIDADE, Lisboa.
- 5/nov: 2.^a Reunião da Equipa de Coordenação. Seminário dos Olivais, Lisboa.
- 1984** 14/jan: 3.^a Reunião da Equipa de Coordenação. Seminário dos Olivais, Lisboa.
- 27/mar-1/abr: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Marselha, França.
- 29/abr: 4.^a Reunião da Equipa de Coordenação. Seminário dos Olivais, Lisboa.
- jul: Assembleia Geral de Educadores do movimento JUNIOR. Espanha. Participação de 3 acompanhantes.
- 4-7/out: 1.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Proclamação do MAC e aprovação dos primeiros estatutos. Catalazede, Oeiras, Lisboa.
- out-dez: Instalação da sede na R. da Condessa, Lisboa.
- 16-22/dez: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Fribourg, Suíça. Participação de Isabel Paes e Adelino Sousa.
- 1985** 31/mar-6/abr: Seminário Europeu sobre “Crianças marginalizadas na Europa”. Org. coordenação europeia do MIDADE. Saragoça, Espanha.
- jun: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Roma, Itália.
- 1-3/nov: 2.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Tema: “Como acompanhar um grupo de crianças marginalizadas”. Sede na R. da Condessa, Lisboa.
- 27/nov-2/dez: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “Preparação do Seminário Europeu sobre a pedagogia do MIDADE”. Porto.
- 1986** 15-16/fev: Encontro Diocesano de Formação. Tema: “MAC – Movimento de Evangelização”. Porto.
- 22-23/fev: Encontro Diocesano de Formação. Tema: “MAC – Movimento de Evangelização”. Lisboa.

- 28/abr-04/mai: Seminário Europeu sobre a pedagogia do MIDADE. Lyon, França. Participação de 4 delegados.
- 24-25/mai: Encontro Diocesano de Formação. Tema: “MAC – Movimento nas mãos das crianças (Pedagogia do MAC)”. Lisboa.
- 31/mai-1/jun: Encontro Diocesano de Formação. Tema: “MAC – Movimento nas mãos das crianças (Pedagogia do MAC)”. Porto.
- 1-3/ago: 3.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Quinta do Álamo, Seixal, Setúbal.
- nov: Formulação do pedido de adesão ao MIDADE, a apresentar no 7.º Encontro Internacional do MIDADE, nas Canárias.
- 5-25/dez: 7.º Encontro Internacional do MIDADE. Tenerife, Canárias, Espanha. Participação de 3 delegados. Reconhecimento do movimento como membro do MIDADE.
- 1987** 3-5/out: Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Vila Nova de Gaia, Porto.
- 1988** 7-13/abr: Seminário Europeu do MIDADE. Tema: “A Europa das crianças”. Lisboa.
- jun: Congresso Nacional dos Leigos.
- 1-6/ago: 30.^a Assembleia Bianual do Movimento JUNIOR. Tema: “Uma organização para a corresponsabilidade”. Vitória, Espanha. Participação de 2 delegados.
- 1-2/out: 4.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Quinta do Álamo, Seixal, Setúbal.
- 29/out-1/nov: Encontro Ibérico sobre “Crianças marginalizadas”. Sassoeiros, Lisboa.
- 1989** Reunião do Encontro Europeu do MIDADE. Lisboa.
- 1-3/dez: Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Fátima.
- 1990** 5-7/out: 5.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Seminário dos Olivais. Lisboa.
- 26/nov-11/dez: Encontro internacional do MIDADE. Kitwe. Zâmbia. Participação de 2 acompanhantes.

	7-8/dez:	Encontro Nacional da Pastoral Operária. Fátima (participação, pela 1. ^a vez, de crianças do MAC).
1991	24-28/jun:	Encontro Internacional organizado pelo IAC e UNICEF. Tema: “Crianças de rua – Modelos de intervenção”. Lisboa. Participação de 1 acompanhante.
	1-3/nov:	Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes.
1992	26/jul:	Encontro Nacional de Crianças. Coimbra.
	3-5/out:	6. ^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Braga.
	14-20/out:	Reunião do Encontro Europeu do MIDADE. Tema: “A participação das crianças”. Paris, França. Participação de 1 delegado.
	16-22/dez:	Reunião do Encontro Europeu do MIDADE. Tema: “O lugar das crianças na grande Europa de 1992”. Roma, Itália. Participação de 1 delegado.
1993	4-10/mar:	Reunião do Encontro Europeu do MIDADE. Tema: “Estruturas e organizações de crianças europeias”. Braga. Participação de 1 delegado.
	19-24/nov:	Reunião do Encontro Europeu do MIDADE. Tema: “A criança na família: acolhida, escutada, maltratada”. Madrid, Espanha. Participação de 1 delegado.
1994	22-27/mar:	Reunião do Encontro Europeu do MIDADE. Tema: “Mobilidade familiar e retorno ao país: as crianças na Europa dos povos”. Dublin, Irlanda. Participação de 1 delegado.
	jul:	1. ^a Assembleia Nacional de Crianças.
	16-22/set:	Reunião do Encontro Europeu do MIDADE. Tema: “As crianças trabalhadoras na Europa em 1994?”. Nápoles, Itália. Participação de 1 delegado.
	21-23/out:	7. ^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Secretariado da Acção Católica, Braga.
	19/nov:	Reunião Conselho Nacional dos Movimentos e Obras. Lisboa.
	1-7/dez:	9. ^o Encontro Internacional do MIDADE. Lourdes, França. Participação de 1 delegado (Joaquim Pires).
1995	28-29/jan:	1. ^a Equipa Nacional de Crianças. Braga.

- 27-31/jul: 2.^a Assembleia Nacional de Crianças. Buraca, Lisboa.
- 1996 27/mar-2/abr: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “Presença social e eclesial das Organizações Católicas Internacionais”. Sevilha, Espanha. Participação de 1 delegado.
- 17-18/mai: 1.º Encontro da Comissão de Gestão do MAC. Lisboa.
- 4-6/out: 8.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Tema: “A construção do mundo e da Igreja também é tarefa das crianças”. Singeverga, Porto.
- 29/out-4/nov: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “As crianças cidadãs europeias: as crianças trabalhadoras”. Funchal. Esta reunião integrou o Encontro de Crianças Trabalhadoras do MIDADE (Europa). Participação de 1 delegado.
- 30/out-3/nov: 1º Encontro de Crianças Trabalhadoras do MIDADE (Europa). Tema: “As crianças cidadãs europeias. O caso particular: as crianças trabalhadoras”. Funchal. Participaram crianças do movimento de Portugal das dioceses do Funchal, Setúbal e Braga e do movimento de Itália (Nápoles).
- 1997 10-16/abr: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “Participação das crianças na Europa e no movimento”. Dublin, Irlanda. Participação de 1 delegado.
- 7-13/jul: 3.º Encuentro General de Niños y Niñas. Org. Junior. Tema: “Nos organizamos para ACTUAR”. Huesca, Espanha. Participação de 1 criança, 1 adolescente e 1 acompanhante.
- 3-10/ago: 1.º Campo Europeu de Crianças do MIDADE. Tema: “Os direitos da criança na Europa”. Lycée Agricole de Ressins, Lyon, França. Participação de 8 crianças, 3 acompanhante e 1 delegado da Equipa Europeia.
- 4/out: Fórum da Ação Católica.
- 17-18/out: Assembleia Nacional sobre Trabalho Infantil, sobre a “Exploração do trabalho infantil”. Org. Confederação Nacional de Ação sobre o Trabalho Infantil/MAAC. Braga. Participação de 40 crianças e 8 acompanhantes.
- 18-20/out: Conferência de imprensa do Mouvement d’Apostolat des Enfants et Préadolescents sobre “trabalho infantil”. Genebra, Suíça. Participação de 3 crianças e 1 acompanhante.

- 17-20/out: Assembleia Nacional de Crianças da Azione Cattolica dei Ragazzi (Itália) e encontro com o Papa João Paulo II. Tema: “Insieme c’è pui festa” (Juntos há mais festa). Roma, Itália. Participação de 3 crianças, 1 acompanhante, 1 assistente diocesano.
- 16-23/nov: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “A participação”. Paris, França. Participação de 1 delegado.
- 28-30/nov: Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Braga.
- 1998** 15/jan: 1.º Encontro Colectivo da Marcha Global, Oikos.
- 31/jan-1/fev: Encontro Nacional da Pastoral Operária, Porto.
- 9-16/mar: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Milão, Itália. Participação de 1 delegado.
- 13-15/fev: V Jornadas Nacionais do Apostolado dos Leigos. Fátima.
- 9-16/mar: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “O compromisso dos 16-25 anos no MIDADE”. Veneza, Itália. Participação de 1 delegado.
- 18/abr: Encontro Nacional do MAAC. Tema: “O MAC é...”. Cernache, Coimbra.
- 29/mai-2/jun: Marcha Global contra a Exploração do Trabalho Infantil. Genebra, Suíça. Participação de 4 adolescentes e 1 criança.
- 24-28/ago: Semana de Formação da Action Catholique des Enfants (França). Paris, França. Participação de 2 acompanhantes.
- 5-20/set: 10.º Encontro Internacional do MIDADE. Tema: “Mundializamos a paz, a justiça, a esperança – as crianças, construtoras de um mundo (futuro) para todos”. Dakar, Senegal. Participação de 2 acompanhantes.
- 1999** Campanha de solidariedade, em parceria com a Oikos, para apoiar a construção de uma escola em Angola para crianças vítimas da guerra (prolonga-se até 2000).
- 30-31/jan: Encontro Nacional da Pastoral Operária, Porto.
- 5-11/abr: Seminário Europeu do MIDADE. Tema: “Com as crianças da Europa, a caminho de 2000”. Madrid, Espanha.
- 29/mai-2/jun: Marcha Mundial contra o Trabalho Infantil. Genebra, Suíça. Participação de 2 adolescentes.

- 6-7/nov: 9.^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Vilar, Porto.
- 14-21/nov: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “As crianças protagonistas na construção da paz”. Genebra, Suíça. Participação de 1 delegado.
- 2000** 8-15/abr: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “A Europa ‘multi’ cultural, étnica, religiosa...uma riqueza para todos”. Lyon, França. Participação de 2 delegados.
- 2-3/dez: Fórum Internacional da Ação Católica. Roma.
- 27-28/mai: Grande Encontro de Cristãos em Mundo Operário, no âmbito da celebração do Jubileu 2000. Tema: “A fé nas encruzilhadas do mundo do trabalho”. Fátima.
- 14-21/out: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “Pobrezas antigas e novas na Europa: para que as crianças possam crescer com esperança”. Madrid, Espanha. Participação de 1 delegado.
- 25-26/nov: Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Tema: “Metodologia e dinâmica de grupos”. Singeverga, Porto.
- 2001** 21-28/fev: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “Europa de Leste e Oeste: semelhante e diferente, única e múltipla, unida e dividida...”. Bratislava, Eslováquia. Participação de 1 delegado.
- 24/abr: Aprovação dos Estatutos do MAAC pela Conferência Episcopal Portuguesa.
- 25-30/jun: Intercâmbio com o JUNIOR (diocese de Orense). Tema: “A emigração e as dificuldades dos emigrantes”. Rianxo, Espanha. Participação de dois acompanhantes e sete crianças.
- 28/set-1/out: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Turim, Itália. Participação de 1 delegado.
- dez: Aceitação do MAAC no Conselho Nacional dos Movimentos e Obras.
- 2002** 17/fev: Encontro Nacional da Pastoral Operária. Tema “Imigração”. Coimbra.
- 15-22/mar: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “A importância das ONG e o futuro da educação e da participação dos adolescentes e crianças”. Porto, Portugal.

	7/abr:	Encontro Nacional de Crianças. Tema “Mundializemos a paz, a justiça e a esperança”. Coimbra.
	14-16/jun:	10. ^a Assembleia Nacional de Acompanhantes. Tema “O protagonismo das crianças e adolescentes na construção da cidadania”. Vilar, Porto.
	7-11/ago:	Encontro Europeu Ecuménico do Global Network of Religions for Children. Lisboa. Participação de 2 adolescentes e 1 acompanhante.
	28-29/ago:	Conselho Nacional da Pastoral Operária, Gafanha da Nazaré, Aveiro.
	5-12/nov:	Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “Direitos do Homem, direitos das Crianças: que educação e que participação das crianças e dos jovens?”. Bacau, Roménia. Participação de 1 delegado.
2003	17-18/jan:	Conferência Europeia da Confederação Nacional de Ação sobre o Trabalho Infantil. Tema: “Por uma Europa sem trabalho infantil”. Esposende, Braga. Participação de 2 delegados.
	15/fev:	Jornadas Nacionais do Apostolado dos Leigos. Fátima. Participação de 1 delegado.
	22-23/mar:	Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Tema “Como promover o protagonismo das crianças/adolescentes na construção da cidadania”. Braga.
	31/mar-7/abr:	Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “A formação dos animadores para a responsabilidade nas associações juvenis e na vida social”. Roma, Itália. Participação de 1 delegado.
	23-26/abr:	Encontro do Groupe Européen de Pastorale Ouvrière. Tema: “Alternativa ao Neoliberalismo – Sonho, utopia ou realidade”. Luxemburgo. Participação de 1 delegado.
	6-10/ago:	Assembleia Geral de Acompanhantes do JUNIOR. Murgia, Espanha. Participação de 2 acompanhantes.
	9-20/set:	11.º Encontro Internacional do MIDADE. Tema: “A paz és tu, sou eu, somos nós... juntos com as crianças construímo-la!”. Damasco, Síria. Participação de 2 acompanhantes.

	27-28/set:	Conselho Nacional da Pastoral Operária. Gafanha da Nazaré, Aveiro.
	3-9/nov:	Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: "Os jovens e as crianças protagonistas do diálogo intercultural na Europa". Sarajevo, Bósnia. Participação de um acompanhante.
	nov:	Encontro Diocesano de Formação de Acompanhantes. S. Miguel, Angra do Heroísmo. Participação de 2 acompanhantes do Continente.
2004	14-15/fev:	Jornadas Nacionais do Apostolado dos Leigos. Fátima. Participação de 1 delegado.
	6-7/mar:	Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Tema "Como fazer revisão de vida com as crianças/adolescentes". Vilar, Porto.
	2-4/abr:	Encontro de Adolescentes com a Oikos. Lisboa. Participação de 3 acompanhantes e 9 adolescentes.
	16-21/abr:	Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: "Os jovens na Europa, hoje, entre a paz e a violência, tolerância e racismo, diálogo e conflito". Paris, França. Participação de 1 delegado.
	1-5/set:	Encontro Nacional de Crianças da Azione Cattolica dei Ragazzi. Loreto, Itália. Participação de 2 acompanhantes e 2 adolescentes.
	24-25/set:	Conselho Nacional da Pastoral Operária. Participação de 1 delegado.
	23/out:	Fórum da Ação Católica. Coimbra. Participação de 1 delegado.
2005	fev:	Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Turim, Itália. Participação de 1 delegado.
	19/mar:	Fórum da Ação Católica. Coimbra. Participação de 4 delegados.
	2/abr:	Encontro Nacional de Crianças e Adolescentes. Tema "O nosso dia-a-dia na construção de um mundo melhor". Espinho, Porto.
	10-11/jun:	11.ª Assembleia Nacional de Acompanhantes. Gafanha da Nazaré, Aveiro.

	24-25/set:	Conselho Nacional da Pastoral Operária. Aveiro. Participação de 1 delegado.
	15/out:	14.º Fórum dos Movimentos da Acção Católica. Coimbra.
	3-9/nov:	Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “Jovens de identidades, culturas e religiões diferentes na europa, no diálogo intercultural e interreligioso, um desafio para a paz”. Bratislava, Eslováquia. Participação de um acompanhante.
2006	10-12/fev:	Jornadas Nacionais do Apostolado dos Leigos. Tema: “Eucaristia, comunidade e missão”. Fátima. Participação de 1 delegado e do Assistente Nacional.
	4-5/mar:	Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Tema “Como trabalhar os direitos e deveres com as crianças e adolescentes”. Vilar, Porto.
	9-12/mar:	4.ª Sessão das Semanas Sociais Portuguesas. Tema: “Uma sociedade criadora de emprego”. Braga. Participação de 1 delegado.
	28/mar-3/abr:	Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “A participação dos jovens na vida local, nacional e europeia: o envolvimento dos jovens na cidadania”. Sion, Suíça. Participação de 2 delegados e do Assistente Nacional.
	30/set:	Conselho Nacional da Pastoral Operária. Coimbra. Participação de 1 delegado e do Assistente Nacional.
	out:	Publicação do cancionero “O MAAC enCanta”.
	28/out:	Participação em parceria na Campanha/Festa organizada pela Comissão Nacional Justiça e Paz. Tema: “Por uma sociedade segura e livre de armas: desarmar os corações”. Lisboa.
	22-28/nov:	Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “A participação para prevenir e agir contra a exclusão”, “A educação financeira nos movimentos”. Madrid, Espanha. Participação de 3 delegados.
2007	9-11/fev:	Jornadas Nacionais do Apostolado dos Leigos. Fátima. Participação de 1 delegado.
	20/fev:	Encontro Nacional dos Padres em Mundo Operário (PEMO). Aveiro. Participação de 1 delegado.

- 14/abr: Encontro Nacional de Delegados. Tema: “Importância do MAAC na minha vida e a participação para o bem-comum”. Lousã, Coimbra.
- 15/abr: Encontro Nacional de Crianças e Adolescentes. Tema “Para o mundo mudar, vamos participar”. Lousã, Coimbra.
- 29/set: Conselho Nacional da Pastoral Operária. Coimbra. Participação de 1 delegado e do Assistente Nacional.
- 8-11/out: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “Como anunciar o Evangelho às crianças de hoje?”. Paris, França. Participação de 1 delegado.
- 17/nov: Encontro Nacional da Pastoral Operária. Tema: “O papel das organizações de trabalhadores num tempo de trabalho instável”. Aveiro.
- 2008** 12/jan: Encontro Nacional de Delegados. Tema “MAAC, um caminho a construir”. Vilar, Porto.
- 12/jan: Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Tema: “MAAC, um caminho a descobrir”. Vilar, Porto.
- 10/mai: Encontro Nacional de Delegados, Aveiro.
- 24/mai: Conferência da Confederação Nacional de Acção sobre o Trabalho Infantil. Tema: “Pela valorização da escola e das aprendizagens”. Porto. Participação de 1 acompanhante.
- 24-26/mai: Fórum da Fundação Arigatou, responsável pela Global Network of Religions for Children. Tema: “Aprender a partilhar: valores, acção, esperança”. Hiroshima, Japão. Participação de 1 acompanhante.
- 7-8/jun: 12.ª Assembleia Nacional de Acompanhantes. Vilar, Porto.
- 4-6/jul: Encontro de formação para acompanhantes do Funchal, Madeira. Participação de 1 acompanhante e do Assistente Nacional.
- 13-25/jul: 12.º Encontro Internacional do MIDADE. Tema: “Viver as diversidades é uma exigência para construir a paz. As crianças indicam-nos o caminho”. Santiago do Chile. Participação de 1 acompanhante.

- 10-14/set: Encontro Interreligioso para Adolescentes. Org. Global Network of Religions for Children. Tema: “Paz e ética, temáticas sociais e a promoção dos direitos das crianças”. Saragoça, Espanha. Participação de 4 adolescentes e 2 acompanhantes.
- 27-28/set: Conselho Nacional da Pastoral Operária. Gafanha da Nazaré, Aveiro.
- 18-19/out: Encontro Diocesano de Formação de Acompanhantes. Vila Franca do Campo, Angra do Heroísmo. Participação do Coordenador e Assistente Nacionais.
- 13/dez: Assembleia Geral do Conselho Nacional dos Movimentos e Obras. Lisboa.
- 2009** 23/jan: Fórum dos Movimentos da Ação Católica. Aveiro (durante o ano realizaram-se sucessivas e regulares reuniões de preparação da celebração dos 75 anos da Ação Católica Portuguesa).
- 5-7/fev: Assembleia do Conselho Nacional dos Movimentos e Obras. Tema “Para que deis mais frutos”. Fátima.
- 7/fev: 1º Encontro Nacional de Delegados. Tema: “Com valores. Um mundo de mil cores”. Coimbra.
- 7/fev: Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Coimbra.
- 23-24/fev: Encontro dos Padres em Mundo Operário (PEMO). Aveiro.
- 4/abr: 2º Encontro Nacional de Delegados, Tema: “Com valores. Um mundo de mil cores”. Coimbra.
- 5/abr: Encontro Nacional de Crianças e Adolescentes. Tema: “Com valores, um mundo de mil cores”. Coimbra.
- 1-3/out: Reunião da Equipa Europeia do MIDADE. Tema: “Um encontro construtivo em França”. Moutrouge, França.
- 7-8/nov: 75 Anos da Ação Católica. Org. Fórum dos Movimentos da Acção Católica. Vilar, Porto.
- 20-22/nov: Dia Mundial de Oração e Ação pelas Crianças. Nos 20 anos da Convenção dos Direitos da Criança.

- 20-22/nov: Semanas Sociais 2009. Tema: “A construção do Bem Comum: responsabilidade da pessoa, da Igreja e do Estado”.
- 26-29/nov: Encontro do Global Network of Religions for Children. Tema “Aprender a viver juntos”. Genebra, Suíça.
- 28/nov: Assembleia Geral da Confederação Nacional de Ação sobre o Trabalho Infantil.
- 7/dez: Conferência sobre pobreza infantil. Org. Confederação Nacional de Ação sobre o Trabalho Infantil. Tema: “Novos contextos legais e o trabalho infantil”.
- 15/dez: Fórum dos Movimentos da Ação Católica, Coimbra.
- 27/dez: 7.^a Assembleia de Crianças da Confederação Nacional de Acção sobre o Trabalho Infantil.
- 2010** 23/jan: 1º Encontro Nacional de Delegados. Tema: “Agir, o click que te faz bulir” (O ser delegado). Aveiro.
- 23/jan: Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Tema “O protagonismo das crianças e adolescentes”. Aveiro.
- 15-16/fev: Encontro de Padres em Mundo Operário. Aveiro.
- 20/mar: Assembleia Geral Ordinária da Confederação Nacional de Ação sobre o Trabalho Infantil. Braga.
- 24/abr: Fórum dos Movimentos da Ação Católica. Lisboa.
- 15/mai: 2º Encontro Nacional de Delegados. Tema: “Agir, o click que te faz bulir” (O *bullying*). Coimbra.
- 2-23/mai: Reunião da Equipa Europeia MIDADE, para preparação Campo Europeu MIDADE 2011. Lausanne, Suíça.
- 6/jul: 8.^a Assembleia de Crianças da Confederação Nacional de Ação sobre o Trabalho Infantil. Tema: “Aprendizagem ao longo da vida”. Porto.
- 15/jul: Conferência da Confederação Nacional de Ação sobre o Trabalho Infantil. Tema: “O que é legal é ético?”.
- 25/set: Conselho Nacional da Pastoral Operária. Tema: “Para um rosto missionário da Igreja em Portugal”. Aveiro.

	29/out:	Seminário Nacional da Confederação Nacional de Ação sobre o Trabalho Infantil. Tema: “Ensino positivo, escola para a vida”.
	13/nov:	Fórum dos Movimentos da Ação Católica, Coimbra.
2011	12/fev:	Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Tema: “Técnicas de animação. Disponibilidades e vocações”. Vilar, Porto.
	12/fev:	1º Encontro Nacional de Delegados. Temas: “Importância da Participação e da Assembleia Nacional. Preparação do Plano de Ação Nacional 2011-2014”. Vilar, Porto.
	26/fev:	Reunião Nacional dos Organismos da Pastoral Operária. Org. pela Comissão Nacional da Pastoral Operária. Tema: “Animação da fé”. Coimbra.
	7-8/mar:	Encontro dos Padres em Mundo Operário. Aveiro.
	19/mar:	Constituição da Conferência Nacional de Associações de Apostolado dos Leigos (ex-Conselho Nacional dos Movimentos e Obras). Fátima.
	6-9/abr:	Seminário Europeu do Groupe Européen de Pastorale Ouvrière. Tema: “As migrações na crise no seio da União Europeia: desafios e respostas concretas”. Silva, Barcelos, Braga.
	16/abr:	2º Encontro Nacional de Delegados. Tema: “Preparação do Plano de Ação Nacional 2011-2014 e da participação portuguesa no Campo Europeu do MIDADE”. Aveiro.
	17/abr:	Encontro Nacional de Crianças e Adolescentes. Tema: “MAAC: participação consciente para um mundo diferente”. Aveiro.
	14/mai:	Fórum dos Movimentos da Ação Católica. Lisboa.
	13/jun:	Seminário Nacional, organizado pela Confederação Nacional de Ação sobre o Trabalho Infantil. Tema: “Trabalho infantil, uma realidade do passado?”.
	2-3/Jul:	13ª Assembleia Nacional do MAAC. Torres Novas.
	12-20/ago:	Campo Europeu do MIDADE. Village d’Assens, Suíça. Participação de 3 adolescentes e 1 acompanhante.
	24/set:	Conselho Nacional da Pastoral Operária. Coimbra.

	nov:	Assembleia da Conferência Nacional de Associações de Apostolado dos Leigos. Fátima.
	nov:	Fórum dos Movimentos da Ação Católica, Fátima.
	17-18/nov:	Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Torres Novas, Santarém.
2012	20/jan:	Encontro de Formação para a Animação da Fé. Tema: “Em que Deus acreditamos?”. Org. Comissão Nacional da Pastoral Operária. Aveiro.
	18-19/fev:	Encontro Nacional de Delegados, Temas: “O que significa crescer? A importância da Oração. Preparação do Encontro Nacional do MAAC e do Acampamento Nacional”. Torres Novas, Santarém.
	25/mar:	Encontro Nacional de Criança. Tema: “Unidos no MAAC vamos crescer e no mundo agir!!!”. Coimbra.
	29/abr:	Encontro Nacional da Pastoral Operária. Org. Comissão Nacional da Pastoral Operária. Tema: “Ver com esperança para um agir solidário perante a actual crise socioeconómica”. Coimbra.
	29/set:	Conselho Nacional da Pastoral Operária. Coimbra.
	14-18/jun:	Encontro do Global Network of Religions for Children. Tema: “Acabar com a pobreza, enriquecer as crianças”. Dar es Salaam, Tanzânia. Participação de uma criança e uma acompanhante.
	nov:	Assembleia da Conferência Nacional de Associações de Apostolado dos Leigos. Fátima.
	nov:	Fórum dos Movimentos da Acção Católica. Fátima.
	9/nov:	Encontro de Formação de Acompanhantes do Mouvement d’Apostolat des Enfants et Préadolescents – Action Catholique des Enfants. Lausanne, Suíça. Participação da Coordenadora Nacional.
	17-18/dez:	Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Temas: “Dificuldades e experiências em lidar com as crianças e os adolescentes. A importância da oração na nossa vida”. Torres Novas, Santarém.

- 2013** 20/jan: 2.º Encontro de Formação para a Animação da Fé. Org. Comissão Nacional da Pastoral Operária. Tema: “Jesus Cristo: profeta, sacerdote, rei”. Aveiro.
- 9-10/fev: Encontro Nacional de Delegados. Torres Novas, Santa-rém.
- 31/jul-4/ago: 1.º Acampamento Nacional. Tema: “Quem sou eu? Porque agimos, como agimos?”. Palhaça, Aveiro.
- 13-15/set: Retiro Espiritual. Tema “Chamados a ser discípulos e apóstolos”. Gafanha da Nazaré, Aveiro.
- 28/set: Conselho Nacional da Pastoral Operária. Coimbra.
- nov: Assembleia da Conferência Nacional de Associações de Apostolado dos Leigos, Fátima.
- nov: Fórum dos Movimentos da Ação Católica. Fátima.
- 16/nov: 1.º Encontro Nacional de Leigos. Org. CNAL. Tema: sobre “A cultura do encontro”. Coimbra.
- 23/nov: 1.º Encontro Alargado do Fórum dos Movimentos da Ação Católica. Coimbra.
- 14-15/dez: Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes. Fátima.
- 2014** 19/jan: 3.º Encontro de Formação para a Animação da Fé. Org. Comissão Nacional da Pastoral Operária. Tema: “O Espírito Santo, operário do Pai e do Filho, forma a Igreja e a Humanidade”. Aveiro.
- 1-2/mar: Encontro Nacional de Delegados. Fátima.
- 28/abr-4/mai: Encontro Internacional do MIDADE. Tema “As crianças artesãs de uma humanidade solidária”. Paris, França. Participação de 2 acompanhantes.
- 14-15/jun 14.^a Assembleia Nacional do MAAC. Tema: “Todos nós formamos uma corrente solidária à volta do mundo”. Coimbra.

[FONTES]

Seleção e organização

PAULO F. DE OLIVEIRA FONTES, CARLA SANTOS E CÁTIA TUNA



TESTEMUNHOS

Os textos desta secção foram selecionados pela coordenação do livro de um conjunto mais vasto de testemunhos solicitados a pessoas que tiveram uma trajetória significativa no MAAC, assumindo um protagonismo resultante do exercício de determinadas funções ou papéis individuais específicos na vida do movimento, conforme se assinala na pequena nota biográfica que acompanha cada um dos seus autores.

1. Pequenos Apóstolos

“Uma das dimensões mais admiradas pelas crianças e adolescentes é a dimensão da fraternidade”

A celebração dos 50 anos do Concílio Vaticano II foi motivo para visitar alguns documentos que saíram daquele “novo Pentecostes”, como afirmou o papa João XXIII. Dentro desse conjunto de pérolas encontra-se o decreto dedicado aos Leigos, *Apostolicam Actuositatem*. Relativamente a este documento existem dois números que expressam muito bem que isto de fazer apostolado, ser anunciador do projeto de Deus, começa desde criança.

Diz o número 12 *“Também as crianças têm a sua própria atuação apostólica. Segundo as suas forças, são em verdade testemunhos vivos de Cristo entre os companheiros”*.

Mais adiante, o número 30 do mesmo documento reafirma essa posição *“A formação para o apostolado deve começar desde os princípios da educação infantil... As crianças devem ser educadas de tal modo que, transcendendo os limites da família, se abram tanto às comunidades eclesiais como às civis. Sejam de tal modo integradas na comunidade local da paróquia que nela possam tomar consciência da sua qualidade de membros vivos e ativos do Povo de Deus... Os seus membros, constituindo pequenos grupos com os companheiros e amigos, consideram os métodos e os frutos da sua atividade apostólica, e confrontam com o Evangelho a sua vida quotidiana... Cada um deve preparar-se ativamente para o apostolado...”*

Esta nota inicial serve de introdução e confirmação do papel que as crianças e adolescentes são chamados a ter na Igreja e no mundo. Esta tomada de consciência faz-se quando em grupo têm oportunidade para desenvolver o que dentro de cada um Deus semeou.

A consciência das próprias crianças e o acolhimento, por parte de quem faz caminhada de aprendizagem com elas, das suas vidas e inspirações podem revelar desconcertantes e surpreendentes sinais da presença de Deus.

Neste sentido o Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças é um espaço onde, apesar de todas as fragilidades, tem sido possível essas vivências.

Semana a semana reúnem-se crianças e adolescentes, em pequenos grupos, nas suas comunidades locais. Transportam para aí muito da sua vida, por vezes tão ferida e aba-

fada. Esses encontros são, em muitas situações, lugares de libertação mas também de construção de uma certa forma de estar na vida. É um caminho de paciência e de conversão.

A descoberta do seu papel e da importância da sua palavra, bem como o respeito pelas suas decisões leva a assumirem as suas responsabilidades.

Isto torna-se tão claro quando em grupo decidem projetos a favor da comunidade: quer de solidariedade, de sensibilização de alguma causa, de celebração, de discussão de uma temática ou de outra iniciativa a favor da comunidade. Projetos esses que passam por uma preparação prévia no grupo, de preferência através da Revisão de Vida.

Colocam aí muitas das suas energias porque fazem um percurso de descoberta do outro, do que está para além de si. Embora seja um caminho por vezes árduo e sem resultados evidentes, o importante é que algo mais foi acrescentado às suas vidas. Entre tensões internas, de alegria por levarem a cabo uma ação e algumas deceções do que daí resulta, vão amadurecendo e dando fruto, mesmo que isso não seja muito compreendido por eles próprios.

O desenvolver de dons, tantas vezes adormecidos, de cada membro do grupo e colocados em favor do bem comum revela a verdadeira dimensão do apostolado, de alguém que vai anunciar uma boa nova, porque de vida e de futuro.

Uma das dimensões mais admiradas pelas crianças e adolescentes que fazem parte do MAAC é a dimensão da fraternidade. É de uma alegria transbordante os encontros que reúnem gente de várias partes onde o MAAC está presente. Mas não se trata só de se juntarem para fazer festa e conviverem. Trata-se também de “fazer-se ao largo”. Quanto de inquietante tem essa frase dita por Jesus aos seus discípulos.

A fraternidade implica sair de si e ir ao encontro do desconhecido para aí soltar-se das amarras da timidez, do individualismo, das seguranças que impedem de crescer. Há uma consciência evolutiva da partilha e do próximo, inclusive da distribuição dos bens pessoais, postos ao serviço de todos.

Trabalha-se com muita persistência o sentido da mesa comum, onde a partilha do que cada um leva para se alimentar traduz-se em abundância quando posto na mesa comum, a mesa da fraternidade. Até que se chegue a esse entendimento percorre-se um grande caminho, e estamos a falar de alguma coisa que parece tão simples, tão fácil de concretizar. Em cada gesto, em cada passo que é dado há toda uma pedagogia a fazer-se para que cada criança possa sentir que não foi ultrapassada e perceba a razão de colocar o que é seu ao dispor de todos.

O sentido da fraternidade universal é outra das tarefas que o Movimento sente-se responsável por ajudar a tornar presente na prática comum das suas atividades. A dimensão internacional de apostolado das crianças e adolescentes torna aceso o desejo de conhecer o que está para além das fronteiras físicas, mesmo que as possibilidades de encontro sejam muito reduzidas. Não podemos esquecer que o nascimento do MAAC é fruto desta dimensão internacional, que por sua vez é um dos frutos do Concílio Vaticano II. Este ano, 2013, o Movimento Internacional de Apostolado de Adolescentes e Crianças (MIDADE – siglas em francês) está a viver os seus 50 anos de existência.

O tempo que é percorrido pelas crianças e adolescentes quando muito é de 11 anos (6-16). E neste percurso uma das maiores alegrias que sinto é o compromisso que muitos vão assumindo, quer no grupo, na comunidade e quanto ao que fazer após a etapa do

MAAC. Neste sentido alguns decidem ser Acompanhantes. Aqui é evidente o desejo de dar continuidade a um projeto que eles construíram e querem continuar a fazê-lo e anunciá-lo a outros, para que façam seu esse tesouro. É um apostolado feito de testemunho e palavra (AA 13).

Em todo este trajeto, misturado com tudo o resto, está a descoberta de Jesus, não de uma forma sistemática, mas que acompanha as manifestações da vida transmitida pelas crianças e adolescentes. Os ritmos das orações, das formações da fé, das celebrações criam uma dinâmica que passa a fazer parte dos trabalhos quer do pequeno grupo semanal, quer de atividades diocesanas, interdiocesanas ou nacionais. Há pequenas maravilhas, feitas de palavras e gestos, que são verdadeiros hinos ao Evangelho.

A dimensão vocacional é posta à prova, porque cada um é chamado a exercitar o seu interior, a “despejar” os dons que tem dentro de si.

As crianças e adolescentes são “*uma carta de Cristo, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo*” (2ª Cor 3,3).

[Pe. Emanuel Vaz. Membro do clero diocesano de Angra do Heroísmo e membro da Associação dos Padres do Prado, Assistente Nacional da LOC-MTC (Liga Operária Católica – Movimento de Trabalhadores Cristãos) de 2000 a 2014, acumulando o cargo de Assistente Nacional do MAAC a partir de 2006].

2. Ser Acompanhante

“Como adulta, sinto-me privilegiada em poder acompanhar crianças e adolescentes”

Conheci o MAAC em 1992 e percebi a importância deste Movimento na minha vida e na vida das crianças.

Trabalhei na paróquia como catequista, onde fiz um caminho de conhecimento de Jesus e do caminho que Ele nos aponta para sermos felizes. Amadureci a minha fé mas senti que faltava qualquer coisa que seja um interiorizar a mensagem que é transmitida e agir de acordo com a mesma.

No MAAC descobri a profundidade e aplicação na vida desses valores essenciais que nos fazem viver cada dia como se fosse o último, com otimismo e alegria para resolver todas as crises, emocionais, físicas e até as económicas. Como adulta, sinto-me uma privilegiada em poder acompanhar crianças e adolescentes, que ao longo destes 20 anos se cruzaram comigo neste Movimento, que lhes dá oportunidade de se expressarem ao seu jeito, sem recriminação dos adultos.

É certo que nós somos muito daquilo que a junção do espermatozoide e o óvulo dá, fica quase determinada a nossa personalidade, mas, também, é certo que o meio em que crescemos, com as diferentes pessoas que se cruzam connosco e os espaços que frequentamos durante a nossa vida acabam, também, por deixar marcas na nossa forma de estar na vida.

É muito importante que as crianças tenham um espaço onde possam partilhar o que lhes vai na alma, de bom e de menos bom.

Os espaços que nos são oferecidos no nosso crescimento servem de ferramentas, que depois são usadas de acordo com o que cada um de nós entende. Não podemos esquecer as palavras de Jesus ao falar da terra onde podem cair as sementes que são lançadas. Muitas das crianças que cresceram no MAAC têm demonstrado uma atitude diferente de outros jovens da sua idade, quer ao nível da fé e vivência em Igreja, quer ao nível social e envolvimento cívico.

Ao falar com alguns jovens que passaram e viveram o espírito do Movimento e que hoje já têm filhos na escola, eles ainda têm muito presente as revisões de vida feitas no grupo, sobre as preocupações do momento, as iniciativas que tomaram e as ações que realizaram, o conhecimento que adquiriram, como por exemplo: Aprender a ver o problema, vê-lo com a ajuda do olhar do outro que tem muitas vezes uma perspetiva diferente da nossa e do olhar de Jesus, o olhar cristão, que tem a capacidade de ver aquilo que os nossos olhos não são capazes de ver.

Falam da forma como em Movimento procuravam encontrar a resolução para o problema que identificaram, as discussões sobre as várias propostas, os valores que aprenderam a viver, como o diálogo, o respeito, a tolerância, a amizade, a aceitação da diferença como um bem maior e não como um alvo a abater.

As ações que desenvolveram e os passos que deram para as concretizar como: ter que fazer um ofício a uma determinada entidade, dirigir-se de forma adequada a alguém para sugerir alguma proposta ou pedir algum favor, aprenderam a dificuldade em ser ouvidos por algumas entidades ou instituições e a alegria da ação transformadora que depois de avaliada levava ao desejo de uma oração espontânea, concreta de agradecimento a Deus por aquilo que conseguiram transformar.

Falam da importância da vivência da democracia nas eleições para os cargos no grupo e o zelo com que assumiam as suas responsabilidades “a oportunidade de ser eleito era uma alegria enorme, sentir que os amigos confiavam em nós e nos davam um voto de confiança, apesar de algumas traquinices”.

Falam ainda da descoberta dos verdadeiros encontros com Deus nas celebrações por elas preparadas, dentro da casa da Igreja e no meio da natureza e a forma simples como se apresentavam diante de Deus para O ouvirem e Lhe falarem da sua vida.

Falam-me da importância de registar as suas vivências em Movimento, no livro das atas,

“foi no MAAC que aprendi a registar as vivências, faz história... tem sido uma ferramenta muito útil na minha vida”.

“Aprendi a importância de participar, desenvolvi a capacidade de diálogo e o desejo de agir depois de refletir”.

Tenho uma visão diferente do Ser Igreja, não é só conhecer Jesus e a sua mensagem é muito mais que isso, é viver os seus ensinamentos, é descobri-Lo em tudo e em todos, procurar ter a mesma atitude que Ele teve perante as situações da vida. O MAAC fez-me descobrir que ser discípulo de Jesus não é só dizer que sou cristão, é sê-lo mesmo, estando atento ao mundo que me rodeia, envolver-me, participar, construir pontes de união entre os vizinhos, ou os amigos da escola vivendo nos pequenos gestos de cada dia o verdadeiro Amor.

Houve crianças e adolescentes que passaram pelo Movimento e que têm demonstrado enquanto adultos uma participação ativa como cidadãos, participando em associação de pais, recreativas, desportivas, de moradores, autarquias, em campanhas solidárias, etc. Ficaram mais despertos para os problemas sociais e ao seu envolvimento na resolução dos mesmos.

Na Igreja, muitos deles continuam envolvidos em atividades paroquiais, como catequistas, leitores, acólitos, grupo da JOC, ou como acompanhantes.

Houve, porém, jovens que passaram pelo Movimento e não os vemos ter qualquer aproximação à Igreja e mesmo ao envolvimento cívico.

[Manuela Leal. Acompanhante do MAAC na diocese do Porto, desde 2000; atualmente, auxiliar educativa numa instituição social].

3. Ser Delegado

“Temos de dar a oportunidade aos outros”

Para mim foram muito importantes os encontros de delegados, quer os diocesanos, quer os nacionais.

Nos encontros diocesanos que eram só com a diocese do Porto: foram muito interessantes para nós delegados transmitirmos como é a vida do nosso grupo aos outros grupos da diocese, levávamos as nossas propostas, ouvíamos as propostas dos outros grupos e em conjunto elaborávamos o nosso plano de atividades e crescia o nosso grupo de amigos em outras paróquias da nossa diocese.

Nos encontros nacionais: os encontros nacionais é que eu nunca conseguirei esquecer, só em lembrar-me o quanto eu ficava envergonhada quando tinha de falar, mas o convívio com outras dioceses, os momentos de partilha de experiências e de conhecimentos, de convívio e muita alegria, o fazer amigos na diocese de Braga, de Setúbal, de Coimbra, de Lisboa, de Aveiro, de Santarém e de vez em quando com a dos Açores e da Madeira (que nem sempre podiam estar presentes por causa da viagem ser cara e o Movimento Nacional não ter dinheiro para suportar a despesa). Ser delegado foi tão importante para mim que gostava muito de continuar a viver esta experiência.

No MAAC aprendemos que devemos partilhar, então não posso ser egoísta e quando o meu grupo se preparava para eleger o delegado para o novo ano eu disse que gostava muito de continuar mas não devia fazê-lo para que outro amigo possa experimentar esta enorme felicidade de ser delegado. Temos de dar a oportunidade aos outros de viverem esses momentos de alegria que eu nunca irei esquecer, porque vão ficar marcados até ao fim dos meus dias.

Adoro o MAAC.

[Ana Maria Leal Neto Salgado. Texto escrito quando tinha 11 anos].

4. A dimensão cívica

O MAAC, contributo para a democracia e a cidadania

Nos últimos tempos a sociedade portuguesa tem modificado imenso em relação ao papel das crianças e adolescentes na sociedade e no meio familiar.

De uma sociedade de subsistência, passou-se a uma sociedade com uma maior capacidade financeira. Do sentimento de que os filhos/crianças eram uma oportunidade de maior produção e riqueza para a família, passou-se a uma preocupação para os preparar para um futuro melhor e os preparar para a vida, para viverem melhor que os pais.

As crianças não eram tidas muito em conta. As crianças passam a ter direitos e a ter uma palavra a dizer sobre o Mundo onde vivem. Têm a sua opinião.

A par disso, aparece a preocupação de um maior reconhecimento dos direitos humanos e sociais e, como consequência, dos direitos da criança. É-lhes dado espaço para brincar e se desenvolver física e psicologicamente, é-lhes reconhecido o direito à proteção e cidadania.

O MAAC nasce da necessidade de cada criança e adolescente em cada bairro, aldeia ou paróquia ter o seu espaço alternativo para conviver, brincar, estar em grupo e se sentir bem.

O MAAC aparece como um movimento que os ouve. É o seu espaço. As crianças e adolescentes têm que ser acolhidos e respeitados, têm que se sentir bem.

Cada criança e adolescente são únicos. O MAAC parte do respeito pelo seu ritmo, a sua alegria, a sua tristeza e o seu sentir. A vida é o ponto de partida das reflexões e da revisão de vida de cada grupo.

As crianças e adolescentes têm uma visão do Mundo mais simples e crítica, às vezes, mais do que os adultos. Eles têm a sua opinião.

No MAAC a alegria, o acolhimento e os jogos são fundamentais. O jogo é o espaço para brincar e aprender a controlar as suas emoções e desenvolver as suas capacidades, mas o jogo deve ser adaptado à idade do grupo. Desenvolve a concentração e ensina a fazer as coisas com seriedade. Aprendem a ter respeito pelo outro e a respeitar as regras que se combinam entre todos. Aprendem a saber perder e a esperar pela sua vez. Aprendem a saber dar tempo ao outro e a respeitar o ritmo de cada um. Também aprendem que todos têm o seu lugar e que não podem fazer o que lhes vai na “real gana”. Aprendem a fazer parte de um grupo. O jogo tem sempre a presença do acompanhante.

A criança é voluntária e gosta de participar.

É grandioso experimentar estas vivências nas crianças e nos adolescentes.

É no MAAC que experimentam a responsabilidade e o gosto da realização de uma ação proposta por eles.

É também no grupo que ultrapassam o dilema do medo de não ser aceite pelo grupo e de falar em público.

O Evangelho de Mateus 19,14 diz, “*Deixai as crianças e não as impeçais de vir a mim, porque delas é o Reino dos Céus*”.

Jesus Cristo chama-nos a atenção para a importância das crianças e adolescentes e indica-nos como exemplo que devemos seguir para atingir o Reino de Deus.

No MAAC aprendemos, nós adultos, a ter respeito pela criança e adolescente como pessoa na sua totalidade e a dar espaço à sua opinião e a ser tida como fundamental. É importante que cada criança sinta a felicidade de estar em grupo. É assim que o MAAC passa a fazer parte da sua vida de criança e adolescente.

É este protagonismo vivido por cada criança e adolescentes que os leva a convidar, com entusiasmo, os amigos e companheiros a virem ao MAAC. Com este testemunho são assim apóstolos dos que lhes estão mais próximos e, mesmo, de nós acompanhantes.

É aqui que também pedem aos pais ou tutores para virem ao MAAC, a quem dizem que o movimento é importante para eles.

O acompanhante deve saber respeitar o ritmo de cada criança ou adolescente. Ter o papel de Cristo, que acolhe e valoriza o seu crescimento e os seus valores. Ver neles o sinal do Reino. Responder às exigências que elas nos fazem, na nossa disponibilidade e opções de vida.

O papel dos acompanhantes é fundamental, é a consciência do grupo e o “fiel da balança”. O acompanhante é o amigo mais velho que está sempre com eles, com coerência e amizade. Relembra o que se assumiu fazer e se necessário refazer tudo de novo, mas em conjunto. Temos que os apoiar nas dificuldades, mas sem os substituir.

As crianças e adolescentes assumem as decisões no MAAC

Os acompanhantes podem achar que não são as melhores ideias, mas foi o que decidiram e assumem-no.

As crianças e adolescentes com as suas reflexões e ações são protagonistas na transformação do meio e da Igreja onde se inserem, contribuindo para a sua formação e dos acompanhantes, como pessoas e como cristãos.

Cada ação que realizam assenta na reflexão do que sente cada um, do que dizem os outros e o que diz Jesus Cristo sobre essa situação. As ações são a soma de todas estas descobertas feitas pelas crianças, adolescentes e acompanhantes ao prepararem o caminho que se pretende seguir.

A sua ação no meio tem um grande impacto. As pessoas ficam na expectativa das atividades que vão realizar as crianças e os adolescentes.

Os filhos também interpelam os pais quando pedem para vir ao MAAC, mesmo fazendo às vezes muitos quilómetros; quando assumem responsabilidades e os pais os vêm totalmente empenhados, por exemplo, a animarem um debate com individualidades da terra, uma reunião de pais, ou mesmo, as celebrações da paróquia, embora com os acompanhantes por perto.

As pessoas interrogam-se de como é possível. Dão-lhes valor e vêm como evoluíram, dão-lhes reconhecimento.

A formação dos delegados de grupos de crianças e adolescentes

É a partir dos elementos destes grupos que elegem o seu delegado. O grupo ajuda a ver o que lhes é pedido. Que seja alguém assíduo e responsável. É-lhe pedido que tire

apontamentos na reunião, para não se esquecer ou que esteja atento às opiniões dos colegas para os representar.

É alguém que vai transmitir aos outros delegados a experiência que tem tido no seu grupo. É o porta-voz do grupo e irá representá-lo junto dos delegados das outras dioceses nos encontros nacionais de delegados ou quando for necessário.

Para o delegado é a experiência de estar ao serviço e de representar os outros. É importante também para o grupo sentir que o delegado os vai representar e levar as suas propostas nos encontros nacionais de delegados.

Aconteceu quando prepararam a Assembleia Nacional e propuseram o plano de ação e a realização do Acampamento Nacional e o votaram com interesse e responsabilidade, em plena igualdade, com os acompanhantes nas assembleias nacionais.

O protagonismo das crianças e adolescentes move montanhas e vontades e põe à prova o MAAC e os acompanhantes.

Para nós, acompanhantes, é uma sensação extraordinária vê-los crescer e assumir a caminhada como crianças, adolescentes e jovens empenhados na sociedade e na Igreja e, mais tarde, na família.

As dificuldades sentidas são, às vezes, as crianças e adolescentes não assumirem o que se combinou e de a sociedade não levar muito a sério o que fazem as crianças e os adolescentes.

Os tesoureiros e o respeito pelo bem comum

O ser tesoureiro criança ou adolescente no MAAC é muito importante nos grupos e na sua formação pessoal.

Aprende o valor do dinheiro e da sua real importância. O saber guardar os valores dele mas também dos outros.

O educar para o facto de que embora uma criança que não tenha meios económicos, isso não a impede de participar nas atividades do MAAC.

Para aprender que o dinheiro serve para estar ao serviço e não para aforrar. Para aprender, também, que com as atividades se podem arranjar meios para poder participar sem pedir dinheiro aos pais.

É muito importante a experiência de guardar o dinheiro por pouco que seja, o ter tudo escrito e ter de apresentar contas ao grupo.

As crianças e adolescentes aprendem aqui as regras da democracia e é por eles experimentada em tenra idade, o que os enriquece como seres humanos. O errarem nesta fase é uma experiência adquirida que lhes vai ser útil na vida adulta.

Os acompanhantes são os guardiões deste importante tesouro que é o MAAC.

Os acompanhantes são como os andaimes, são fundamentais na construção da obra mas, na hora da inauguração, retiram-se para trás com a consciência de que foram úteis.

[Goreti Real e José Carlos Antunes. Acompanhantes do MAAC na diocese de Santarém, de 2000 até agora; atualmente a Goreti é empresária de costura e o José é funcionário administrativo numa escola].

5. A dimensão internacional

“Mundializemos a paz, a justiça e a esperança”

O 10º Encontro Internacional do MIDADE realizou-se de 5 a 20 de setembro de 1998, em Dakar-Senegal, com delegados de 37 países. Portugal fez-se representar pela secretária nacional, Manuela Leal, do Porto, e Roberto Vieira, coordenador da diocese do Funchal e membro da equipa nacional.

No início do encontro uma Criança do movimento senegalês deu as boas vindas a todos os delegados e expressou o desejo de que todos os acompanhantes ali presentes e os que estão em missão espalhados por todo o mundo se unissem para que seja possível pôr em prática o slogan escolhido para os próximos quatro anos: “Com as crianças, mundializemos a paz a justiça e a esperança”. A abertura solene decorreu na catedral de Dakar



Catedral de Dakar

presidida pelo bispo de Thiés, Monsenhor Jacques Sarr que durante a homilia lembrou a necessidade de lançar de novo a esperança aos povos num futuro mais humano, propondo o cancelamento da dívida dos países pobres aos países ricos. Lembrou a dedicação especial de Jesus aos excluídos do seu tempo. Esta celebração foi muito participada pelas crianças e acompanhantes do C. V. A. V. “Corações Valentes Almas Valentes”, nome do Movimento no Senegal.

Fez-se uma partilha e reflexão sobre as situações de exclusão vividas pelas crianças nos diversos países ali representados e as ações concretas que foram desenvolvidas para fazer face a essas situações. A UNICEF ajudou-nos a aprofundar o conhecimento e as causas desta realidade no mundo, seguindo-se um espaço de debate. Um representante da OIT (Organização Internacional do Trabalho) informou qual a situação de exploração de crianças pelo trabalho infantil e as ações realizadas para combater este flagelo.

Um teólogo fez a ligação entre o que descobrimos como causas da exclusão social que hoje vivemos e o Jubileu do antigo testamento, lembrando o verdadeiro sentido do Jubileu, que pelo menos de 50 em 50 anos a estrutura de dominação se tornasse estrutura de comunhão. Os



Grupo do CVAV do Senegal (Cœurs vaillants-âmes vaillants) Presentearam-nos com uma bonita dança.

que durante aquele período acumularam riqueza e poder fossem derrubados de forma a não aumentar o fosso entre os ricos e os pobres.

Depois desta reflexão foi elaborada uma declaração final do Movimento Mundial de Crianças de forma a permitir uma maior consciencialização para os valores da dignidade da pessoa humana em que as crianças querem ser protagonistas dos seus direitos e dos seus deveres de participar ativamente na construção da paz, da justiça e da esperança.

Preparámos o plano de ação para os próximos quatro anos, depois de todos os países terem apresentado as suas propostas que foram discutidas e aprovadas.

Participação das crianças ao nível internacional

- Pede-se a todos os países que organizem a sua estrutura nacional com vista à organização regional /continental para depois se pensar num encontro mundial de crianças.
- Trocar correspondência entre os movimentos dos vários continentes.
- Aderir à internet e a outros meios de comunicação.
- Divulgar as publicações do movimento.

Reflexão do plano de ação sobre a formação de acompanhantes

- Avaliação da proposta de formação feita há quatro anos em Lourdes.
- Os Movimentos depende muito da formação dos acompanhantes, a pouca formação pode deitar tudo a perder e comprometer a continuidade do Movimento. [...]
- Que formação para os acompanhantes que foram crianças do movimento mas que não sabem ler porque não tiveram oportunidade de ir à escola?



Delegados de Portugal: Manuela Leal da diocese do Porto e Roberto Vieira da diocese do Funchal com os delegados da Espanha, Suíça, e Itália

A partir destas dificuldades elaborou-se o plano de formação para os próximos quatro anos:

- Conhecermo-nos bem: Quem somos? Em que mundo vivemos? A que comunidade pertencemos? etc.
- Conhecer a metodologia do Movimento que é o método da Ação Católica, VER, JULGAR, AGIR, AVALIAR E CELEBRAR.

Objetivos da formação

- Que os acompanhantes sejam militantes cristãos, coerentes com a sua fé, capazes de participar com as crianças na transformação do mundo;
- Que os acompanhantes se reconheçam membros de um movimento de crianças, organizado, dentro da Igreja.
- Que se sintam membros de um movimento internacional, que sai das suas fronteiras e que é solidário.

Formação contínua

- Uma formação que vá de encontro às dificuldades sentidas em cada grupo de base na paróquia, na diocese ou nacional.
- Formação sociológica, saber ler os sinais dos tempos.
- Conhecimento da psicologia infantil.
- Aprofundar a nossa fé para saber fazer a ligação da vida à fé.
- Conhecer a doutrina social da Igreja.

Formação específica

- Para os acompanhantes que se dedicam à organização do movimento, como por exemplo a equipa diocesana, nacional, regional ou internacional. [...]

Preparamos a Celebração do Jubileu do ano 2000

- Não podemos esquecer as situações de exclusão vividas pelas nossas crianças e com elas queremos participar nessa grande celebração. “A terra é pertença de Deus ao serviço dos homens. Que os mesmos homens sejam capazes de criar estruturas de comunhão e não de dominação onde cada criança e cada homem tenham o indispensável para viver dignamente”.
- Integrarmo-nos nas celebrações paroquiais e diocesanas.
- Planeamos um grande encontro com o Santo Padre João Paulo II em janeiro do ano 2000 com crianças de todo o mundo.

Reflexão sobre finanças

Qual a importância que damos ao dinheiro no Movimento?

- É um meio que possibilita maior protagonismo das crianças e a realização de atividades e encontros que promove momentos de felicidade e partilha entre crianças e acompanhantes a nível nacional e internacional.
- Não devemos apegar-nos demasiado aos bens materiais.
- Devemos partilhar o que podemos com o Movimento, não só o supérfluo, mas também o que nos faz falta.
- Partilhar a vida é também partilhar o económico.

- Devemos seguir o exemplo das primeiras comunidades cristãs.
- Que todos os grupos aprendam a solidariedade e a ponham em prática.
- Todos os delegados foram unânimes ao afirmarem que o movimento deve auto-financiar-se.
- A quota dá sentido de pertença e estimula a responsabilidade e compromisso solidário.
- Qual a importância do valor da quotização? (cada país deve decidir o valor que pode partilhar com o MIDADE).
- Formas como vários países se organizam para assumirem a sua cotização. Exemplos: a criação de um animal, produtos do campo, venda de grãos de café, de bolas feitas pelas crianças e acompanhantes, a renúncia do valor de um rebuçado ou um chocolate, etc.
- Pedir apoios para os grandes encontros através da apresentação de projetos.

Fizemos visitas aos grupos do C. V. A. V.



Visita aos grupos do CVAV

Fomos recebidos com muita alegria, muitas danças e muitos momentos de partilha da fé em Jesus com as crianças e acompanhantes.

Percebemos a sua realidade, a sua cultura, o empenhamento na transformação do seu meio e o compromisso com a Igreja católica num país majoritariamente muçulmano.

Visitámos também a ilha Gorée

Descoberta pelos portugueses em 1444, aí visitamos a casa dos escravos e fizemos uma reflexão sobre a história da humanidade.

Para esta ilha e mais concretamente para esta casa, milhares de homens, mulheres e crianças foram trazidos, depois de forçados a abandonar as suas famílias. Aqui eram metidos em pequenos espaços onde os capatazes lhes forneciam alimentos de engorda para quando chegassem os compradores tivessem um bom aspeto. Eram expostos numa escadaria onde o comprador escolhia os que estavam com melhor vigor físico para aguentar pesados trabalhos. Depois do negócio feito eram metidos em pequenos barcos e encaaminhados para o alto mar onde eram metidos nos porões de grades navios, em condições desumanas e levados para outros países como escravos.

Foi de arrepiar o contacto com aquele lugar de sofrimento e escravatura. Convém lembrar para não mais se repetir.

Avaliação da participação

- Uma excelente oportunidade para perceber o trabalho do Movimento Internacional.
- Um excelente momento de partilha de experiências de vida em grupo, jogos, canções, trabalhos feitos pelas crianças, etc.
- Conhecimento das realidades e dificuldades vividas nos diversos países.
- Pedagogia de ação – formas diferentes de Agir.
- Momentos de verdadeiro encontro com Deus e com os homens que Ele tanto ama. Nos tempos de oração vividos durante o encontro, nas celebrações em diferentes línguas e na vivência de grandes valores humanos e cristãos com as famílias que nos acolheram e com as crianças e acompanhantes do C.V.A.V. que nos proporcionaram conhecer o que de melhor existe em África, que é são a natureza e as pessoas.
- A vivência de momentos culturais, nos serões animados pelos delegados que nos transportavam aos seus países de origem pelas mais diversas formas de divertir. A diversidade de línguas não foi problema entre os delegados dos quatro cantos do mundo e estabelecemos muitos momentos de amizade entre todos, incluindo a gastronomia partilhada por todos os delegados como forma de dar a conhecer o que de melhor existe nos seus países.
- Alarguei o meu grupo de amigos, conheci pessoas que em 37 países diferentes optaram como eu por trabalhar voluntariamente com crianças dentro da Igreja em movimento organizado da Ação Católica com o objetivo de com as crianças mundializar a paz, a justiça e a esperança.

[Manuela Leal. Acompanhante em Codessos (Paços de Ferreira, diocese do Porto) desde 1992, secretária nacional entre 1997 e 1999 e entre 2010 e 2014. Relatório da participação portuguesa no 10º Encontro Internacional do MIDADE].

PERCURSOS

Os seguintes textos foram elaborados pelos respetivos autores entre 2010 e 2012, em resposta a um questionário promovido pela coordenação da presente obra e remetido nessa altura a antigos membros do MAAC, crianças, acompanhantes e elementos que, de uma forma ou de outra, mantiveram ligação com o movimento.

Um projeto que Deus me colocava nas mãos

A pessoa que me abriu caminho para conhecer o MAAC foi o padre Manuel Pimentel. Estávamos os dois a residir na mesma casa, eu estava a trabalhar com a Pastoral Juvenil em S. Miguel e ele a trabalhar com a formação dos padres e dos leigos a nível diocesano. A partir daí começou o namoro com o Movimento. Particpei num encontro de formação em Braga, onde comecei por perceber a riqueza do trabalho que se fazia com as crianças. Depois outra coisa que me motivou foi a simplicidade, generosidade e alegria dos acompanhantes. Na altura a Lurdes Ribeiro era a coordenadora e sempre cheia de entusiasmo que contagiava todos os que estavam à sua volta. Mais tarde juntamente com algumas pessoas dos Açores: a Graça Amaral; o padre Fernando Teixeira e uma outra jovem participámos num encontro em Coimbra em 2002.

A partir daí a semente foi levada para S. Miguel e em janeiro de 2003 iniciou-se em Vila Franca do Campo o MAAC. Aí destaco o trabalho da Graça Amaral que também agarrou por dentro a dinâmica do Movimento. Este foi o primeiro momento marcante naquilo que será mais tarde uma opção, da qual eu estava longe de imaginar o que seria.

Mais tarde, em novembro de 2005 fui nomeado pela Conferência Episcopal Portuguesa assistente nacional do MAAC, acumulando com a assistência da LOC/MTC. Na altura era coordenadora a Carla Santos, de uma dedicação extrema ao Movimento. E este foi o segundo momento marcante, talvez o mais exigente. Sem dúvida que foi uma viragem grande na minha vida, mas de uma riqueza enorme. Desde o trabalho das crianças e adolescentes como dos acompanhantes e do compromisso assumido. Refiro de uma forma especial o trabalho com as várias equipas do Movimento: A equipa executiva; equipa de Formação; equipa da Revista; a equipa de preparação do Encontro Nacional. Os acampamentos anuais são também de uma forte vivência do Movimento e de intercâmbio diocesano.

A Assembleia Nacional de Acompanhantes (ANA) do MAAC, que se realiza de 3 em 3 anos, transmite o pulsar da vida do Movimento, daquilo que foi vivido e do que é projetado. É também aí que se elege a nova equipa coordenadora. Em 2008 foi eleita a equipa presidida pelo José Carlos Antunes, face às suas limitações de saúde foi de uma generosidade imensa, que nos tocou a todos, ao aceitar ser proposto para coordenador.

Também nessa Assembleia os delegados das crianças e adolescentes decidiram sobre o plano de ação e participaram das decisões do Movimento.

Um terceiro momento marcante foi o relançamento do MAAC em Lisboa, em 2006 num dos bairros da capital – mais concretamente na Quinta dos Barros, da paróquia do Campo Grande. Nessa altura a JOC estava a tentar iniciar nesse Bairro um grupo. Residia aí uma comunidade Teresiana. A coordenadora da JOC, a Neves, contactou-me no sentido de me encontrar com a Irmã Júlia, pois esta queria conhecer o que era o MAAC. E assim iniciou-se um grupo naquele Bairro. As crianças vindas de ambientes familiares bastante difíceis começaram a identificar-se com esta forma de estar em grupo e foram fazendo caminho. Uns passaram, outros ficaram e constituíram o grupo dos Rebeldes. O nome traduz muito daquilo que eles próprios são. A integração dessas crianças no Movimento permitiu-lhes contactar outras realidades, com grupos de outras partes do país e ajudou a que outros grupos de meios mais harmoniosos percebessem que o MAAC era para todas as crianças e essencialmente para as crianças que estavam longe de tudo. O trabalho é muitas vezes doloroso, porque as crianças têm ao longo da semana situações de vida muito complexas, mas é para estas crianças que a vocação cristã chama a estar e a fazer caminho.

O que mais admiro no MAAC e que me cativou foi sem dúvida a encarnação da fragilidade, muito evangélica, capaz de colocar no centro as crianças e até acompanhantes que à partida em outros ambientes eclesiais seriam relegados para as periferias. Senti, desde o primeiro momento que conheci o MAAC que este era um projeto que Deus colocava-me nas mãos, como um tesouro e não podia de maneira nenhuma deixar de o pôr a render.

Penso que se trata de uma Graça dada à Igreja para que a Boa Nova chegue aos mais pobres, aqueles a quem Jesus mais amou e continua a fazê-lo.

[Pe. Emanuel Vaz, do clero diocesano de Angra do Heroísmo e membro da Associação dos Padres do Prado, Assistente Nacional da LOC-MTC (Liga Operária Católica – Movimento de Trabalhadores Cristãos) de 2000 a 2014, acumulando o cargo de Assistente Nacional do MAAC a partir de 2006].

Grande semente em terreno bom

Fui militante da JOC e saí depois de ser mãe e porque a idade também já não permitia continuar, dado ser um movimento de Jovens.

Estive algum tempo “parada” e convidaram-me para formar um grupo de crianças, que davam o nome de – Ação Católica das Crianças.

Tinha a minha filha ainda muito pequena e estava grávida do meu filho e não aceitei.

Mais tarde veio viver para Calendário/Famalicão a Comunidade das Auxiliadoras da Caridade, as Irmãs Maria do Céu Brojo e a Bernardete, esta Francesa e em 1990 chegou uma jovem de Setúbal, hoje a Irmã Palmira Lourenço. Foi esta comunidade, que vinda de Setúbal onde existia o MAC e do qual eram responsáveis diretas da sua presença nos bairros onde estavam (Setúbal), entraram em contacto com os movimentos de Ação Católica, JOC e LOC no sentido de se formar o MAAC na diocese de Braga.

Tomaram então conhecimento do Movimento – Ação Católica das Crianças – e deram a conhecer o MAC e seus objetivos e que sendo um movimento específico para crianças e organizado internacionalmente, seria importante unirmo-nos a esse movimento. Houve vários contactos, até que isso aconteceu.

É então que surge o Movimento MAC em Braga através das Auxiliadoras da Caridade [...].

Em 1990/91 a Irmã M^a do Céu falou comigo na perspectiva de formar um grupo com a minha filha e os amiguinhos dela que ela quisesse convidar.

Aceitei e no dia 3 de novembro de 1991 fizemos a primeira reunião [...].

Depois de várias propostas deles para o nome do grupo, escolheram o nome “ALEGRIA” que fez jus à vida do grupo.

É inesquecível a alegria, amizade, o companheirismo, a entreatajuda, a descoberta, o serem eles próprios, a responsabilidade, a festa, a oração, a celebração, os novos amigos que trouxeram para o grupo, os passeios, os temas e a responsabilidade com que os refletiam, tudo foi a GRANDE SEMENTE em Terreno Bom e que deu frutos.

Nestes 20 anos de MAAC em Calendário, muitas e muitas dezenas de crianças e adolescentes passaram pelo MAC, agora MAAC.

[Ana Maria Pereira Pinto, acompanhante em Vila Nova de Famalicão entre 1991 e 2008, coordenadora diocesana em 2008 e tesoureira entre 2002 e 2007].

O nosso grupo ainda se chama ALEGRIA, é a nossa marca...

Eu [...] fiz parte dum grande Movimento, o MAAC (Movimento Apostolado de Adolescentes e Crianças) e adorei todos estes anos de caminhada que nunca vou esquecer. [...].

A nossa primeira acompanhante foi a Céu e foi Única no seu papel. Foi no MAAC e com a Céu que fomos falando dos problemas que nos afetavam, as nossas alegrias, as nossas tristezas, sempre na presença de Jesus, pois Ele é nosso Amigo e Irmão.

Foi no MAAC que aprendi o significado de várias palavras que devemos praticar no nosso dia-a-dia, tal como:

Amizade

Amor

Partilha

Convívio

Alegria.

[...] foi, também, através dele que fiz muitos Amigos. Pelo nosso grupo passaram várias crianças, mas houve aquelas que se mantiveram e que, hoje como jovens, continuam a manter a nossa chama acesa. Tudo isto nós devemos às pessoas que nos acompanharam [...]. É devido a eles que o nosso grupo era o “melhor”. Obrigada a todos!

Passados todos estes anos, e por o MAAC ter sido na minha vida um grande Movimento, eu continuo a minha caminhada na JOC.

[...].

Ah!! O nosso grupo ainda se chama ALEGRIA; é a nossa marca...

[...].

[Ana Sofia Guimas, criança em Calendário (Vila Nova de Famalicão) entre 1991 e 2000].

Fazermos parte de algo que era nosso...

Houve vários momentos marcantes no MAAC para mim. O fazermos parte de algo que era nosso, porque apesar de termos os acompanhantes que eram adultos, sentíamos que decidíamos tudo.

As reflexões que fazíamos em grupo, decidirmos o nosso plano de ação e as nossas atividades, as nossas reflexões serem depois feitas a nível diocesano, as letras de músicas que elementos do grupo escreveram, os dias passados e conjunto seja de passeio ou com mesas redondas sobre as nossas reflexões, era tudo motivo de orgulho no nosso grupo.

Foram tantos os momentos em grupo que me marcaram, mas também houve momentos pessoais, tais como o fazer parte da primeira equipa de redação da revista do MAAC. Reuníamos em Santo Tirso, éramos um grupo pequeno. Mas quando saiu o jornal foi muito entusiasmante, porque agora tínhamos uma revista nossa em que podíamos saber de tudo o que se passava a nível nacional como internacional.

[Ana Sofia Pinto Robalo Guimas, criança em Calendário (Vila Nova de Famalicão) entre 1991 e 2000].

Um sentido de responsabilidade e um à vontade para participar e atuar

[...] Recordo como algo marcante e que me foi útil para a vida [...] o facto de o MAAC me ter permitido, junto com outras crianças e adolescentes, adquirir um sentido de responsabilidade e um à vontade para participar e atuar. Em vários episódios da minha vida recordo comentários sobre a minha postura em público, capacidade de argumentação e à vontade que sempre associei ao facto de desde cedo ter pertencido a Movimentos como o MAAC.

Também considero fundamental a aprendizagem que se faz de Jesus Cristo. É muito diferente da catequese e crescemos com uma fé mais enraizada na vida, fruto obviamente da prática de Revisão de Vida enquanto método de formação e de crescimento. Esta é sem dúvida a marca fulcral deste Movimento e transversal aos Movimentos de Ação Católica e que continuei a experimentar enquanto militante da JOC [a que] ainda hoje procuro recorrer em momentos da minha vida pessoal e mesmo profissional, sobretudo enquanto educadora.

Por outro lado, também o carisma de Pastoral Operária é uma característica ímpar. Ainda que tantas vezes surja como difícil de experimentar esta dimensão, com crianças e adolescentes, eu creio, da minha experiência, que tal é possível, importante e determinante na forma como crescemos e encaramos o trabalho enquanto marca da dignidade humana. Para mim ter tido a oportunidade de desde cedo apreender esta importância foi muito importante.

Em suma, considero que a experiência no MAAC foi sobretudo uma experiência de aprendizagem e formação pessoal, social e moral. [...].

Na vida do Movimento penso que o momento mais marcante (talvez também porque mais recente) terá sido a discussão acerca da alteração [do nome do] MAC para MAAC. Eu entrei no MAC e saí do MAAC! Recordo que foi uma altura de discussão, nem sempre pacífica, que vista pelos meus olhos já de adolescente na época, foi complexa e geradora de conflitos. Contudo também aceito que todas as mudanças são geralmente associadas a algum conflito e que, ainda que nos pareçam complicadas, devem ser encaradas como oportunidades. Creio, com o devido distanciamento, que esta terá sido uma oportunidade para o Movimento, cuja avaliação, importância e efeitos, não me cabe a mim julgar.

[Filipa Carvalho, criança em Calendário (Vila Nova de Famalicão) entre 1988 e 1997].

1 + 1 = 1: MAAC: o livro das minhas alegrias

Ação – Transformadora. Foi a palavra-conceito que ficou na minha memória após anos de experiência no MAAC. Palavra nova que um miúdo de sete anos vai procurar no dicionário e não encontra. Porque são duas. Mas as duas palavras separadas não têm a força de quando se unem. Como um amor que começa com a paixão cheia de loucuras e que depois encontra a liberdade e se unem sem se anularem. $1+1=1$ Ação + Transformadora = MAAC.

Ação Transformadora: Conceito novo que uma criança de sete anos gosta de usar com vaidade para mostrar aos amigos que sabe uma coisa que eles não sabem. Um segredo para lembrar todos os dias e a toda a hora e deixar que esse sentimento vire vontade e fique à flor da pele até ao último segundo do corpo. É essa a razão da nossa existência: Ação – Transformadora. Só estamos realmente vivos quando agimos e transformamos.

A época de Natal é a altura em que todos se lembram que têm de ser bons. Os sentimentos de solidariedade dão sinal de alarme e fazem encher o ego e afogar as culpas com desculpas de todos. Mas os mais novos têm sempre a verdade na boca que faz trincar a língua dos adultos. Com a idade, a boca vai-se fechando e os ouvidos só voltam a estar à escuta quando se aproxima o escuro dos últimos anos. É na sabedoria de quem está para partir e na verdade bruta de quem está a chegar que o mundo se constrói e muda. A avó aprende melhor a tabuada do três pelo neto gago que canta a matemática sem enganar. O neto aprende a perder as certezas nas perguntas da 3ª idade que são donos do tempo e descobrem as sombras dos adultos. “– Porque trazem um brinquedo que já não usam para

oferecer de presente a outro menino? Porque não oferecem o vosso brinquedo preferido a outra criança?”

Dar muito não chega para transformar. Oferecer o nosso melhor é a ação que faz seduzir para transformar. Eu não tive coragem de oferecer nem o Teddy, nem o Snoopy. Eram os meus preferidos. Eram os meus companheiros de almofada e fiéis camaradas quando a trovoada trazia o escuro e lutávamos a três contra o medo. E vencíamos sempre! Oferecer peluches rotos a outro menino? É que, apesar de tudo, eles ficaram um pouco desmembrados e o outro menino talvez não pudesse entender que aquelas feridas eram batalhas conquistadas. Ou se eu tivesse oportunidade de contar, talvez ele gostasse de os ter e falar também das suas batalhas, dos seus medos vencidos, dos seus planos de combate: Ação – Transformadora.

Foi em grupo que a ação nasceu, cresceu e transformou. Um grupo onde cabiam todos: os irmãos que em casa são uma coisa e fora podem ser coisa; a prima da colega da catequese com quem todos os rapazes gostavam um dia de fazer campismo mas que não andava nos escuteiros porque o pai não deixava; o cigano de olhos azuis da outra escola com quem as meninas adoravam dançar; a comuna que não parava de reclamar; a melhor aluna do ciclo que tinha a letra mais bonita quando escrevia as atas e registava os debates, as dúvidas, as certezas, as eleições, as responsabilidades, a sexualidade, os medos, a violência, a pobreza, a miséria, a música, o teatro, as rimas, a religiosidade, a política, o futebol, os tabus e “a primeira vez”.

Na memória do sangue correm ainda hoje as palavras dos acompanhantes do MAAC. Corre a ação-transformadora como sinal de alarme para o dia-a-dia e uma recordação para o futuro em forma de caderno de registo para que todos os dias estejamos alerta e lembremos que é na Alegria que resistimos e transformamos o mundo.

[José Luís da Silva Costa, criança em Calendário (Vila Nova de Famalicão) entre 1990 e 1998].

Recordo... e espero

Recordo com alegria e saudade os anos em que fui Coordenadora Diocesana do MAAC da diocese de Braga e Secretária Nacional.

Enquanto Coordenadora Diocesana senti o peso da responsabilidade, medo e preocupação de não conseguir dar continuidade ao projeto MAAC. Com a ajuda de toda a equipa diocesana, coragem e a força do Espírito Santo consegui chegar ao fim do meu mandato. Ser coordenadora diocesana permitiu-me ter contacto direto com toda a dinâmica pastoral da diocese, conhecer outros movimentos, partilhando as alegrias e as dificuldades que nos unia. Lembro dos encontros do MAAC que se organizava uma vez por ano de um fim de semana, no antigo secretariado da ação católica, com cerca de 100 crianças e adolescentes. A preocupação na preparação dos encontros era sempre a minha maior ansiedade, queria que tudo correspondesse àquilo que as crianças e os adolescentes desejavam. O Assistente P. João Alberto era também quem nos ajudava a refletir e orientar todas as atividades realizadas na diocese.

Fazer parte do executivo do MAAC como secretária nacional foi um desafio ainda maior. As deslocações para as reuniões eram uma aventura, pois era à noite no final do trabalho ou aos fins de semana. Quando se organizavam atividades a nível nacional, nos dias mais próximos as minhas noites eram sem sono, tal era a preocupação. Recordo o encontro com o D. António Carrilho, o carinho com que nos recebeu e o apoio financeiro dado ao MAAC que na altura tanto necessitava. Recordo ainda a riqueza dos intercâmbios, a partilha das experiências vividas por outros acompanhantes de outros países junto das crianças e adolescentes. Também fui a representante do MAAC na Comissão Nacional da Pastoral Operária, durante os três anos que estive como Secretária Nacional do MAAC. Aí também vivi momentos inesquecíveis e enriquecedores para toda a minha vida.

São estes alguns dos muitos momentos de glória vividos no MAAC até 2008, espero que Deus me continue a dar saúde, força e coragem para continuar na construção do Seu Reino.

[Maria de Lurdes Faria Martins acompanhante em Joane entre 1992 e 2008, coordenadora diocesana entre 2000 e 2002, faz parte da equipa formadora do MAAC desde 2006].

Aventura na Serra da Estrela

O que mais me marcou, foi sem dúvida [...] a amizade, cumplicidade e confiança que o grupo nutria uns pelos outros. Fizemos coisas bonitas. Lembro que, para angariar fundos, para um passeio à serra da Estrela (alguns elementos tinham dificuldades) eu bordei uma toalha e fizemos uma rifa. O dinheiro realizado chegou para pagar a viagem a todos os elementos.

Desculpem, mas modéstia à parte, o meu grupo “brilhou”. Nesse tempo era ministra da educação a Dr.^a Manuela Ferreira Leite (governo Cavaco). Nos meios estudantis, vivia-se uma fase de muito, muito ruído. Fizemos uns jograis baseados na educação a “cascar” na ministra. Pois eles, já tinham muito espírito crítico. Foi lindo, portaram-se como verdadeiros artistas. Foi o melhor da noite. Eu fiquei muito orgulhosa deles. Nessa noite nevou muito e havia no grupo, gente muito “bons malandros”, quando me apercebi, alguns dos rapazes, tinham saltado pela janela, em pijama, para reboarem na neve. Uma verdadeira “aventura na serra da estrela” daria uma segunda versão à atual ministra da educação, Isabel Alçada. “Tinha que pagar bem”. Os personagens são “1^a divisão”. Bom, fora de brincadeiras, tudo correu bem e graças a Deus ninguém ficou doente. Hoje não me metia noutra. Outros tempos.

[...]

Nestes encontros, havia a oportunidade de conhecer realidades bem diferentes. Mais concretamente com os miúdos da Madeira. O meu grupo refletia várias vezes essas realidades. Penso que os ajudou também a darem valor à sua vida.

Apesar das dificuldades (depois do trabalho na fábrica e reunir de quinze em quinze dias, as saídas para encontros...), com três filhos, não era fácil, mas foi uma experiência

linda. Hoje ainda encontro jovens, já casados e com filhos, que recordam com saudade esses tempos.

[Maria Goretti Cunha, acompanhante em Joane (Vila Nova de Famalicão) entre 1989 e 1994].

Crescer com consciência de que temos que ser melhores pessoas todos os dias!

Quando se fala do MAAC, fala-se em crianças, em alegria, convívio, educação cívica e religiosa, e reflexão sobre os mais diversos temas.

Mas de todas as coisas que mais marcaram no MAAC, o que melhor recordo são os encontros diocesanos e nacionais, especialmente um, em que tive a oportunidade de ver neve a cair pela primeira vez! Foi na Serra da Estrela.

Lembro-me da alegria de todos nós e de nem sequer termos vontade de dormir. Ou, então, dormir rápido para que amanhecesse depressa para podermos brincar na neve!

Foi uma experiência inesquecível como outras tantas: reuniões todos os Sábados de manhã, cantar as Janeiras, piqueniques no monte de Santa Catarina em Calendário, discussão dos mais diversos assuntos, participação em colóquios e palestras, escrever canções e participar em peças de teatro... e crescer com consciência de que temos que ser melhores pessoas todos os dias!

[Maria João Pena Araújo, criança em Calendário (Vila Nova de Famalicão) entre 1991 e 2001].

O MAC no Bairro 31

Em Setúbal, estive sempre como “auxiliar” no que era necessário, pois as acompanhantes foram as irmãs Lise e Pascale (Marie France). Vivi experiências muito bonitas, mas sempre como “observadora”.

Para iniciar o meu contacto com o Bairro 31, fui ter com a D. Maria, da Conferência de São Vicente de Paulo, em novembro de 1990. Falhei-lhe dos nossos objetivos em relação a este bairro, e ela foi-me apresentar às famílias que lá residem e contou-me a história de cada uma.

Verifiquei que são pessoas muito carenciadas, muito pobres em todos os sentidos da palavra, e muito necessitadas de apoio, de atenção, de carinho. Crianças sem motivação para a vida, para a escola. Casais sem noção de como criar e tratar dos filhos, que como solução para qualquer obstáculo, para qualquer problema, recorrem ao vinho.

O resultado desta situação são filhos que não têm capacidade de raciocínio, que são mães que não tratam dos filhos e estes vão para a escola sem comer, mas não sem beber, pois as mães dão-lhes um copo de vinho antes de partirem. Na escola, resignam-se a olhar para os outros a comerem o seu lanche e eles mastigam em seco. De tarde chegam a casa e o seu almoço é uma sandes até ao jantar que pouco melhora.

O seu tempo livre depois da escola é ocupado a fazer as limpezas da casa, a olhar pelos irmãos mais novos, a fazer algumas compras às mães ou a brincar entre o lixo que é depositado na frente das suas barracas.

Quanto aos jovens, nenhum estuda, vão trabalhando naquilo que arranjam. Um dia num local, noutro dia em outro local. Que noção têm dos seus direitos? nenhuns! Resultado: são explorados e marginalizados pela sociedade.

Depois de observar todo este conjunto de situações e de dificuldades; falei com a comunidade e em conjunto analisámos a situação e achámos que se deveria fazer algo, no começo pelas crianças e depois pelas famílias. Comecei a ir ao bairro aos sábados às 15h para reunir com as crianças.

Visto ter começado no Inverno, fazíamos atividades de aquecimento, porque não tínhamos casa para reunir.

Várias foram as reuniões que fizemos ao frio e à chuva.

Como esta situação era impossível de continuar, fui à câmara, com uma criança, falar com o Sr. Arquiteto Humberto, na esperança de nos ceder a chave de uma das casas que ainda não estava habitada.

Dada a impossibilidade de podermos reunir nestas casas, pois corríamos alguns riscos por parte das famílias que ainda não tinham casa, pois era necessário trabalhar com essas famílias, antes da cedência das chaves, o Sr. Humberto deixou-nos a esperança de ficarmos com uma das melhores barracas, logo que todas as famílias mudassem para as casas recentemente construídas para elas.

Enquanto não tínhamos a tal “barraca”, íamos reunindo, rindo e brincando com alguma seriedade à mistura, realizávamos os trabalhos de casa da escola. Sempre que possível íamos refletindo sobre as suas vidas, sobre a sua condição de crianças. Felizmente que algumas famílias, depois de me observarem, de verem que eu estava ali para aprender, brincar e ensinar os seus filhos, foram-nos cedendo as suas casas nos dias de chuva muito forte.

Passados alguns meses, a barraca que nos parecia com melhor aspeto, vimo-la ficar vazia e mais tarde começámos a reunir ali, mas foi por pouco tempo. Chegou uma nova família ao bairro e enquanto não tinha casa para habitar, ocupou a “nossa casa”. Não desistimos e sempre que nos era possível fazíamos a festa!

Um ano depois da nossa presença no bairro 31, alguns dos nossos encontros resumiram-se à reflexão sobre o que poderíamos fazer para transformar o bairro, torná-lo mais bonito e como poderíamos ajudar, alertar os pais para os perigos do álcool, a necessidade de comer uma refeição completa, a higiene a fazer, etc.

A confiança foi-se conquistando e assim pudemos realizar algumas ações de limpeza do bairro, de algumas casas. Fomos falar com algumas famílias; e aqui pedimos a presença e ajuda da D^a Maria (Vicentina) sobre as consequências do álcool e da falta de comida.

Juntos com a D^a Maria, verificámos que não era boa ideia dar embalagens completas, fechadas a certas famílias, pois elas iam vender os pacotes de arroz, as garrafas de azeite, etc., para ter dinheiro para o vinho. Falámos com a Sr.^a da mercearia que trocava esses mesmos produtos por vinho.

Com a chegada da Irmã Bernardette (Auxiliadora da Caridade) à comunidade de Famalicão, foi ela que deu continuidade ao grupo.

[Irmã Palmira Manuela Marques Lourenço, acompanhante em Calendário (Vila Nova de Famalicão) entre 1990-1991; 1998-1999; 2008-2009 e coordenadora diocesana em 2008].

Na Madeira o MAC meteu medo? A quem? Porquê?

A “Escola do MAC”, a “Escola Aberta”, fechou a partir de 17 de Outubro de 1993, porque o Governo Regional impôs o encerramento do projeto de alfabetização com crianças de rua na Madeira. Logo depois o então Bispo do Funchal, D. Teodoro Faria, mandou retirar o espaço-sede do MAC que tinha sido cedido pela diocese no centro da cidade do Funchal, na Praça do Município, no edifício do “Colégio dos Jesuítas”. Foi um marco inesquecível aquele dia em que a Dr.^a Manuela chegou mandatada superiormente para a mudança da fechadura da porta da sede do Movimento. A resposta do MAC foi imediata, decidimos realizar uma manifestação de protesto na cidade. Os grupos de crianças e adolescentes concentraram-se no “Largo do Colégio” e dali partimos em marcha de protesto pela Rua da Carreira até ao Paço Episcopal. De megafone em punho o objetivo era o do protesto contra o encerramento da nossa sede. O Bispo acabou por receber uma comissão de representantes das crianças dos grupos do MAC eleita no local. O centro da mensagem das crianças e dos acompanhantes do MAC era o direito à sede e a exigência de explicações. Com a presença da Comunicação Social à porta do Paço Episcopal os “manifestantes” não arredaram pé. No final resultou o compromisso de que a diocese garantiria um local alternativo para a sede do MAC, na Rua dos Ilhéus, numa escola pública desativada.

O MAC era composto por grupos de crianças e adolescentes nos bairros mais pobres do Funchal, nos Bairros da Ribeira de João Gomes, da Ribeira de Santo António (no Beco da Escola), do Bairro do Hospital, do Beco do Meirelles e da Zona Velha, da Rua de Santa Maria, e da Rua Direita. Ainda no Funchal existiam os grupos das “crianças das caixinhas” na sua grande maioria provenientes de Câmara de Lobos. Em Câmara de Lobos existiam grupos de crianças em Belém, na Fonte da Rocha e na “Casa Ardida”, no Ilhéu e no “Bairro das Malvinas”. Em Machico, funcionou igualmente um grupo do MAC nos antigos pré-fabricados do Bairro da Bemposta, em Água de Pena.

O MAC desenvolveu na Madeira diversos projetos e iniciativas a partir de 1987 que estão na memória viva de cada uma das crianças e dos acompanhantes dos grupos e que correspondem a um universo de vivências e de experimentações que edificaram o Movimento. A “Escola Aberta” foi um desses projetos. O jornalinho do MAC elaborado na ligação aos grupos, intitulado “*Grito da Liberdade*”, correspondeu a uma outra dinâmica e ações com as crianças do Movimento. Os acompanhantes lançaram uma revista, uma publicação trimestral do MAC, apresentada em 1996 com o título “*Zona 4*”, privilegiando abordagens sobre os lugares sociais da criança nas periferias da Madeira. Neste âmbito de ação em prol das crianças e dos seus direitos, posteriormente, foi criada a “Associação de Defesa dos Direitos da Criança”, responsável com o MAC pela dinamização de interessan-

tes e pioneiros projetos na Região, como o foi a implementação da “Linha SOS – Direitos da Criança”, e a inclusão na rede de encontros-projeto “EPA – European Playwork Association”.

A atividade desenvolvida pelo MAC mereceu o apoio da diocese do Funchal. Entre 1987 e 1993, os únicos problemas mais sérios resultavam daquela que era a normal agitação e conflitualidade da vivência das crianças nos seus bairros ou nas ruas da cidade. Surgiram situações complicadas e complexas à medida em que se iam desenhando e dizendo algumas das práticas de violência contra as crianças. Mas a verdade é que não era posta em causa, nem pela hierarquia da Igreja Católica, nem pelas entidades governamentais, a orientação e os projetos concretizados pelo Movimento na Madeira. Em 1991 ao MAC foi cedido pela diocese do Funchal um espaço no Beco da Levada, à Calçada de Santa Clara, no Funchal, para o início da escola do MAC. O Governo Regional destacou uma professora para aquela escola. No ano escolar seguinte conseguiu o MAC a cedência de um apartamento no “Bairro das Malvinas” e o alargamento da equipa de destacamentos, passando a dispor de duas professoras do 1.º Ciclo e uma psicóloga a meio tempo. Quando estava em preparação o ano escolar de 1993/94, a equipa pedagógica e social da “Escola Aberta” foi significativamente alargada através de outros destacamentos.

Alguna compreensão ou condescendência em relação às intervenções desencadeadas pelo MAC verificava-se na retetividade aos convites feitos a instituições para a apresentação de trabalhos, desenhos, denúncias públicas realizadas pelos grupos. Por exemplo, no dia 24 de junho de 1992, ao convite do MAC para uma exposição de desenhos das crianças sobre os seus problemas concretos nas ruas, nas instalações da “Escola Aberta” em Câmara de Lobos, marcaram presença o Bispo do Funchal, o Secretário Regional da Educação, o Comandante da PSP... Antes, no dia 15 de junho daquele ano, o Presidente da Câmara Municipal do Funchal, João Heliodoro Dantas, recebeu a Carla, o João e a Sónia, para uma entrevista ao jornal do MAC, publicada no “*Grito da Liberdade*” n.º 7, na qual tece rasgados elogios à importância da “Escola Aberta” e responde às questões colocadas sobre os abusos e violações dos direitos das crianças.

Subitamente, tudo mudou. Houve um tempo em que o movimento das crianças meteu medo. Amedrontou por ser um movimento da Igreja Católica? Transformou-se numa ameaça, para quem, a partir de quando e porquê? Porque recebeu tanto a governação ao ponto de, quando tudo estava preparado e garantidos mais alargados apoios logísticos e de recursos humanos para o lançamento do ano escolar 1993/94, o Governo Regional, em sessão de plenário de Governo, ter decidido considerar a nossa escola um perigo e por essa razão ter, a partir daí, passado a assumir uma postura radicalmente hostil para com o MAC e contra a “Escola Aberta”?...

A resposta às anteriores perguntas, queremos dá-la seguidamente através das considerações sobre as possíveis razões para o encerramento da “Escola Aberta”. Se emergiram fatores de ordem política que se impuseram e alegadamente justificaram todas as medidas de ação espoletadas contra o MAC a partir de 17 de outubro de 1993, data marcante no processo de encerramento da nossa escola, porém, existe um outro patamar de compreensão que é o da realidade eclesial. O MAC, movimento da Igreja Católica, estava obrigado a uma intervenção consequente própria de quem estava imerso e radicado na vida das crianças e adolescentes das ultraperiferias da sociedade. De tal modo que sempre que

tornava pública a denúncia de determinados problemas concretos, não só proclamava as exigências da justiça social, como quando denunciava sabia o que denunciava. Assumia-o com as crianças como parte integrante da Igreja. E aí houve um tempo em que a Igreja teve medo da Igreja.

[Edgar Silva, acompanhante no Funchal entre 1987 e 1996 e assistente diocesano entre 1991 e 1993].

Porque fechou a “Escola Aberta”?

Houve um violento e agressivo ataque ao projeto de defesa dos direitos das crianças. Foi encerrada a “Escola Aberta”. Tratava-se de um projeto de alfabetização com crianças de rua na Madeira.

O Governo Regional decidiu, através de resolução do Plenário de Governo, suspender definitivamente os apoios concedidos ao MAC e ao projeto “Escola Aberta”. Em conjugação estratégica com diversas instituições e órgãos de soberania, desencadeou-se um ataque de morte à “Escola Aberta”. O Governo Regional, secundado por outros seus interlocutores, desencadeou um violento ataque destruidor contra o movimento das crianças de rua e contra o projeto de libertação-alfabetização. Prometeram, então, a erradicação do problema das crianças de rua.

Passados vários anos sobre a desativação orgânica da “Escola Aberta”, as crianças de rua aí estão, em maior número e com problemas tão ou mais graves. Tantos anos depois, quase tudo está por explicar!

Em democracia existem esclarecimentos indispensáveis. O regime democrático deveria requerer respostas inequívocas da parte da administração da “res pública”. Na vivência democrática e no normal funcionamento dos órgãos de soberania, sempre que estivesse em causa a defesa do interesse público e da Lei, a matéria em causa deveria implicar o apuramento da verdade e o cabal esclarecimento dos respetivos acontecimentos.

Em relação à “Escola Aberta”, da parte de quem acusou, da parte de quem insinuou a vil difamação, da parte de quem mandou fechar aquela Escola, da parte de quem suspendeu o seu funcionamento, passados todos estes anos, quase tudo está por explicar. Quais foram as razões? Com que fundamentos mataram a Escola?

Hoje não existe a menor dúvida de que a interdição imposta à escola do MAC teve a ver com o incómodo decorrente da apresentação dos problemas da mendicidade, com a denúncia na Madeira dos contextos de exploração da condição infantil. Mas, fundamentalmente, resultou do medo do poder regional face ao conhecimento de que poderíamos dispor de informação “inconveniente” sobre as realidades da exploração sexual e da prostituição de crianças na Madeira. A par dos factos apresentados sobre as expressões concretas da violência física contra crianças de rua no Funchal e em Câmara de Lobos, a exposição de relatos sobre as crianças compradas, prostituídas, por turistas e por gente de cá da terra, quando foram noticiadas as primeiras indicações sobre as redes de pedofilia,

o falatório sobre a extensão e o nível dos eventuais implicados na exploração sexual de crianças na Madeira fez temer pelo pior. O Governo Regional teve medo...

Porque mataram a Escola?

Na atividade desenvolvida pelo MAC estava em causa a denúncia de um problema humano e social. Certamente incómodo. No entanto, não foi apenas essa a razão... Na prostituição de crianças da Madeira colocava-se uma questão gravíssima de violação dos direitos humanos. Foi uma problemática que se internacionalizou. Porém, não foi essencialmente essa a causa determinante. Estava criado um desconfortável problema político. Mas a razão fundamental para o ódio de morte à Escola do MAC foi o nível dos envolvimento que se estavam então a apurar. Tornou-se numa “questão de Estado”, um problema do Regime, um imbróglio do Jardimismo. Aí, temeram pela capitulação de lugares vitais do Regime.

A generalidade dos problemas denunciados há anos pelo MAC foram todos amplamente confirmados pela verdade dos factos, pela Comunicação Social, pelos tribunais e por outras instituições, nacionais e internacionais. Confirmou-se a dimensão das práticas de violência contra as crianças de rua e alguns dos responsáveis por várias expressões dos maus-tratos contra os menores na cidade. Quanto à exploração sexual de crianças, diversos casos desembocaram em tribunal. E as condenações indicaram como algumas das redes da pedofilia funcionavam na Madeira.

A chave deste processo centra-se nos factos relatados sobre a prostituição de crianças. Saberíamos demais? Naquela época sabíamos alguma coisa. Provavelmente muito pouco face ao enredo que a história, um dia, há de ajudar a desvelar. Grande parte do problema, só o começámos a compreender mais tarde. E hoje estamos longe de tudo saber. Muito mais ficaremos a saber daqui a algum tempo? Certamente que a história, no futuro, contribuirá para um melhor entendimento das razões que levaram a governação ao encerramento da “Escola Aberta”.

Uma coisa é garantida: face à gravidade da exploração e da violência perpetradas contra as crianças da nossa terra, nunca se conseguirá a Justiça.

[Edgar Silva, acompanhante no Funchal entre 1987 e 1996 e assistente diocesano entre 1991 e 1993].

O MAC na Madeira e no país

Conheci o movimento quando estava a tirar o curso do Magistério Primário. Na altura o Edgar Silva era um dos meus professores e foi ele que me falou do movimento. Antes de conhecer o movimento já contactava com as crianças de rua. A Ana – coordenadora Nacional em 1987/88 deslocou-se à ilha e falou-nos do MAC (Movimento de Apostolado das Crianças) e a partir daí começámos a trabalhar de forma mais organizada.

A minha experiência como acompanhante baseia-se no acompanhamento de 4 grupos: um grupo num bairro camarário que atualmente não existe, um grupo de crianças de rua, um grupo na zona velha da cidade e um dum bairro social em Câmara de Lobos.

Comecei a trabalhar no movimento quando estava ainda em formação e saí já com alguns anos de profissão. Comecei em 1988 e saí em 1994. Foram anos de intenso trabalho, assim o exigiam os grupos com quem trabalhávamos. Fizemos passeios, encontros, debates, exposições, viagens, idealizámos uma escola diferente (fizemos o projeto, angariámos meios e concretizámos um sonho), abrimos uma linha SOS Criança (a linha telefónica estava disponível durante todos os dias da semana e havia sempre alguém para atender)...

Foi a partir do movimento que conheci outros movimentos católicos, pois estávamos integrados nos movimentos de Ação Católica existentes. Numa das idas a Braga conheci a LOC e a JOC.

Enquanto estive na coordenação, o movimento existia na Madeira, em Lisboa, em Setúbal e em Braga. As atividades mais marcantes foram os encontros nacionais crianças/acompanhantes, sobretudo o realizado em Setúbal. A participação nos encontros europeus e no encontro internacional na Zâmbia foram muito significativos na medida em que permitiram conhecer outras realidades e respeitar a sua especificidade. A disponibilidade das pessoas do movimento em colaborar, partilhar, refletir, acompanhar e dar a conhecer sem esperar contrapartidas foram aspetos que muito me marcaram.

Lembrei-me agora que existem 2 livros publicados que falam um pouco do MAC.

1- “O trabalho de rua”, de Adelino Antunes – O escritor deste livro ouviu falar do Movimento e veio propositadamente à ilha conhecer o trabalho no terreno, esteve durante uns dias na Madeira. Este livro foi publicado em 1994.

2- “Os bichos da corte de ogre usam máscaras de riso” de Edgar Silva (2010/2011). O Edgar foi o meu “mestre”, era ele que animava, era ele que nos dava força quando tínhamos que lutar contra a maré... O Edgar foi assistente do movimento e era acompanhante.

[Teresa Caires, acompanhante do Funchal e coordenadora diocesana entre 1988 e 1992; coordenadora nacional entre 1992 e 1994].

A dimensão internacional do Movimento

Para mim, de 1983 até 1986, o MAAC foi uma outra maneira de ser Igreja com as crianças marginalizadas dos “bairros de lata” de Lisboa e do Porto. Foi a descoberta da pedagogia do “Ver, Julgar e Agir” própria da Ação Católica vivida pelas crianças. Durante estes anos de estruturamento do MAAC o que mais me marcou foi a necessidade de um reconhecimento como movimento de Ação Católica pela Conferência Episcopal. A este propósito, pedi uma audiência ao Cardeal D. António Ribeiro (em 1984?) para encontrar Marie-Hélène Euvrard, Vice-Presidente e Coordenadora europeia do MIDAC (Movimento Internacional de Apostolado das Crianças) mostrando assim a dimensão internacional do Movimento e o seu reconhecimento como OIC (Organização Internacional Católica).

A redação dos primeiros documentos de formação de acompanhantes, dos primeiros estatutos, assim como a sua aprovação nas primeiras assembleias gerais de acompanhantes, foram outros episódios que me marcaram.

Este processo de lenta consolidação teve o seu ponto marcante também com a entrada do MAAC como membro oficial do MIDAC na assembleia internacional das Canárias em 1986.

[Adelino Oliveira de Sousa, acompanhante em Lisboa entre 1980 e 1986, coordenador nacional entre 1983 e 1986 e coordenador internacional entre 1987 e 1990].

Apenas queriam dar as mãos aos conhecidos... tempo depois construíram o posto médico

No início da formação do grupo tivemos o acompanhamento de dois universitários (Adelino e Camané). Do bairro éramos dois acompanhantes em iniciação (a Isabel e eu).

As crianças eram uma mistura de brancos com ciganos e africanos, que se juntavam normalmente em determinados sítios para jogar à bola e brincar; crianças entregues a si próprias, já que os pais trabalhavam e só voltavam à noite as mães também trabalhavam e tinham que cuidar da lida da casa porque os maridos iam para as “tabernas” e não as ajudavam.

Como as crianças já se juntavam ao sábado à tarde para brincar, nós íamos ter com elas e conversávamos sobre vários temas, fazíamos jogos, apresentávamo-nos e assim nos íamos conhecendo, uns contavam aos outros e todas as semanas apareciam mais. Não era muito fácil porque todos queriam falar ao mesmo tempo e batiam-se quando não concordavam com o que os outros diziam, por vários fatores: idades diferentes, raças e costumes diferentes e pela alegria de lhes darem o direito de se poderem expressar, o que era importante para eles.

Houve necessidade de estabelecermos regras, pois queríamos que se respeitassem, então explicámos-lhes que tínhamos que coordenar os horários, primeiro brincávamos (era a parte mais importante e mais feliz para todos), depois conversávamos, depois desenhavam e passado algum tempo dissemos-lhes que gostávamos de agradecer a Deus por tudo ter corrido tão bem e por cada vez termos mais amigos, o que foi bem aceite por todos. Mas, ao darmos as mãos e fazermos a roda havia muita agitação porque apenas queriam dar as mãos aos conhecidos ou aos acompanhantes, havia problemas de exclusão; porque muitos vinham sujos ou eram filhos de bêbados ou por vezes tinham os pais presos e isso levava a que não quisessem dar as mãos e foi muito trabalhoso explicar que o que contava era serem amigos o resto que eram complexos dos adultos, porque aos olhos de Deus todos são iguais, todos deviam ser tratados como irmãos; foi necessário aplicar muita psicologia.

Ao final de cada encontro reuníamos-nos na casa das Irmãzinhas de Jesus para fazer a avaliação e tentar preparar a reunião seguinte, mas nunca se conseguia fazer tudo como combinado porque havia sempre necessidade de alterar, porque havia sempre histórias de vida que nos faziam dar mais atenção a aspetos que eram imprevisíveis.

Quando o grupo começou a ficar mais estável, fizemos uma gincana pelo bairro com pistas e jogos e na conclusão fomos avaliar os problemas do bairro e o problema que

considerámos que era o mais grave era o da falta de médico, porque quando alguém se aleijava na escola, tinha que ir com uma empregada para o hospital de Santa Maria e se adoecesse em casa tinha que ir com um familiar de táxi ou autocarro, apenas havia um médico particular que dava consultas à noite e estava sempre com o consultório cheio. Pegámos nessa realidade e sugerimos que fizessem um teatro, juntaram-se e assim fizeram expondo as suas ideias; nós acompanhantes passámos o texto para diálogo para poderem apresentar o teatro, num domingo de Páscoa em que tínhamos enviado um convite aos pais dessas crianças para assistirem e que em boa hora corresponderam e juntaram-se com curiosidade.

As crianças fizeram o teatro e os pais aplaudiram, nós aproveitámos para explicar aos pais o que normalmente fazíamos nas reuniões e pedimos-lhes a opinião e foi aí que uma mãe disse que não imaginava que as crianças pudessem dar uma lição, porque sabia que estavam connosco, mas que era apenas a brincar a fazer jogos e por isso ficou espantadíssima. Então, pediram aos outros pais que se juntassem para verem a possibilidade de dar continuação a este alerta dado pelos filhos e falarem com o diretor do posto médico de Sacavém, para saberem com quem deveriam falar para pedirem um posto médico para o Prior Velho e assim se mobilizaram falando com vizinhos para ver quem tinha disponibilidade para saber o que era preciso fazer.

Pouco tempo depois construíram o posto médico, que ainda hoje funciona no mesmo sítio.

[Fátima Matos, acompanhante no Prior Velho (Loures) entre 1981 e 1983].

O MAC como um rito de iniciação da vida cristã

Conheci o MAC através do Adelino, mas também tive contacto com a Mimi e as Irmãzinhas de Jesus.

Participei numa reunião onde esteve presente o Matos Ferreira, no Inatel em Lisboa. Ele apresentou o MAC como um rito de iniciação da vida cristã. Nesse encontro esteve presente gente do Norte.

Participei também num encontro em Madrid com o Movimento de crianças de Espanha, o Júnior, em 1980 ou 1982. Nesse encontro estiveram presentes algumas pessoas de Portugal.

Nessa altura eu era responsável da Congregação dos Sagrados Corações em Portugal, por isso não tinha paróquia e deu-me a possibilidade de conhecer o MAC. Um outro membro da minha congregação também conheceu o Movimento, chama-se Francisco. Fui contactado pela irmã Monserrat para iniciar o Movimento MAC em Santa Iria da Azóia, mas nunca chegou a nascer.

Em 1982 fui trabalhar para o bairro da Pedreira dos Húngaros, em Algés e continuei o contacto com o MAC, mas nunca foi possível iniciar aí o Movimento.

O que mais me surpreendeu no MAC foi o método.

O MAC era formado por um pequeno grupo da Igreja que despertou para anunciar a fé e acentuar a própria vida simples e popular dos bairros. Essa vida das crianças dos bairros era valiosa e enriquecia a vida com elementos que lá existiam. Era como uma certa religiosidade natural, porque partia da vida das crianças. Tratava-se de uma maneira nova e valorizava a vida muito concreta dos bairros. Contribuía para uma nova leitura do Evangelho. Descobria os valores existentes nas crianças desses bairros.

Era um Movimento que estava para os bairros.

[Henrique Wilhelmus Scheepens, assistente não nomeado em Lisboa. Sacerdote dos Sagrados Corações].

Apontamentos da primeira reunião sobre um possível livro em torno da história do MAAC

Em 1978 foram dados os primeiros passos. O António Matos Ferreira, que era na altura Coordenador Mundial do MIEC, falou com a Mimi (que estava na JEC e tinha entrado no Magistério Primário) para ela participar no Encontro Internacional do MIDADE que se realizou nesse ano, no Escorial (Espanha). Ela foi e conheceu a Marie-Helene (a Coordenadora Europeia), o que era o MIDADE e outras pessoas ligadas ao movimento.

A Mimi falou do encontro e da ideia do MAAC com a equipa de revisão de vida da JEC (Maica, Marina, etc.) e o assistente da LEC (Liga Escolar Católica) e eles gostaram. Discutiram o que poderia ser o Movimento em Portugal e falaram com a Irmãzinha Montserrat, que já conheciam há muito tempo e que estava na altura na Curraleira. A Mimi tentou iniciar o MAAC no Bairro Alto, o que sucedeu com algum sucesso. Começaram na Madragoa (Santos), com o Tó Maria e o João Paulo que aí viviam. A Junta de Freguesia cedeu uma sala.

Em 1979, a Maíca participou no Encontro Internacional realizado esse ano em Roma. Em 1981 o Adelino e o Camané começaram a ir ao Prior Velho, depois de terem falado com D. José Policarpo sobre o MAAC. Em 1982, a Mimi iniciou grupos na Trafaria. Desde esta altura, o movimento começou a ter mais força. Fizeram-se várias iniciativas de divulgação do MAAC: um Programa do 70X7 sobre o MAAC com o Padre Rego, onde participaram grupos da Trafaria, do Prior Velho, etc., um programa na Rádio Renascença sobre o MAAC, etc. Neste período, o Edgar Silva, do Funchal, estava em Lisboa a estudar Teologia.

Nos primeiros tempos, o Adelino e o Camané reuniam com as crianças no metro, etc. Eram crianças que não tinham acompanhamento familiar. Falavam com elas sobre como utilizar o dinheiro que ganhavam, por exemplo. Era um grupo complicado, mas foi uma experiência muito interessante em termos de reflexão e de vivência.

A opção do MAAC pelos mais pobres foi sendo reforçada. O Adelino e o Camané começaram a ir ao Prior Velho, tentando fazer com que as pessoas do bairro acolhessem o movimento. Falaram com várias catequistas, que não quiseram. A Fátima, que tinha uma

grande proximidade com as crianças do bairro, acreditou no projeto e convidou a Isabel Quirino para vir para o movimento.

Entretanto, o MAAC estendeu-se a outras dioceses e expandiu-se na diocese de Lisboa. Desde o início que existiram grupos na Lourosa, diocese do Porto, através dos acompanhantes Quim e Moisés. [...]

Houve no início uma relação bastante privilegiada com o movimento rural do Oeste, tendo em conta as necessidades das crianças daquele meio. Existiam acompanhantes da JARC e que tinham iniciado grupos de crianças na zona Oeste, mais marginalizadas. O movimento nacional e internacional da JARC contestou isto. Houve dificuldade em falar sobre esta questão com a coordenação do movimento rural, em explicar-lhes a dinâmica do MAAC (as Assembleias de Crianças, a representação das crianças...). Efetuou-se algum diálogo contínuo com estes acompanhantes. Algumas das crianças desses grupos tornaram-se militantes da JARC, integrando o movimento rural local [...]. Para o MAAC foi difícil que percebessem “o mundo das crianças” contemplado independentemente do meio onde viviam as crianças. O MAAC é para todas as crianças, mas a nossa ação é dirigida às mais excluídas, às que mais necessitam. Por exemplo, para as crianças que se afastavam da catequese, mas que no MAAC gostavam de estar, porque se partia da sua realidade.

Foram as crianças que numa Assembleia colocaram a questão de quando ficassem maiores (depois dos 14 anos) para onde iam? Assim, o nome passou de MAC para MAAC. Falou-se da possibilidade de estarem outros movimentos, houve contactos com a JOC... Esta necessidade surgiu passado 10 anos de se ter iniciado o movimento. Havia a pré-JOC, a preocupação em “trabalhar” com as crianças na Ação Católica antes dos anos 80. Em 1985 haviam “os mais novos da Pastoral Operária”.

Houve alguma incompreensão por parte da hierarquia da Igreja em perceber o projeto MAAC, em perceber que os acompanhantes se deveriam deixar evangelizar pelas próprias crianças, não “formatar” as crianças: permitir que comunicassem, dar-lhes pistas para refletirem, dar um testemunho da sua fé, mostrar que Jesus é que nos faz mover... Era uma postura bastante radical, pelo que a presença e apoio das Irmãzinhas de Jesus foi muito importante. Por exemplo, no Prior Velho a Fátima e a Isabel sentiam falta da “dimensão cristã” nos grupos que acompanhavam e depois da reunião com as crianças, conversavam com as Irmãzinhas. Foi também importante o apoio dado ao MAAC e acompanhantes pelo Padre Henrique e pelo Padre Chico, quando estiveram na Pedreira dos Húngaros (uma zona difícil a nível da integração).

Durante os inícios do MAAC, uma preocupação era que as crianças estivessem abertas aos outros (por exemplo fez-se uma campanha para ajudar as crianças da Malásia), que houvesse abertura a outras culturas, um sentido/vivência internacional.

[Síntese de uma reunião de 18 de maio de 2007, em Lisboa, sobre a possibilidade de se fazer uma História do MAAC, que contou com a presença de Isabel Paes (Mimi), Fátima Matos, Irmãzinha Maria Montserrat Pou, José Carlos Antunes, Padre Emanuel Valadão Vaz e Carla Santos].

Fazer da terra um jardim

O Movimento rural ACN – *Ação Católica dos mais Novos* é a renovação da Pré-JAC, na diocese de Lisboa, na Região Pastoral do Oeste. Este Movimento ACN renasceu pela mão duns quantos jovens e outros mais adultos que eram animadores de Grupos: P. Batalha (Assistente Diocesano), João Gamboa, Dália Miranda, Carlos Manuel Serra (Camané), Prof^a Margarida Mil Homens, Lurdes Pestana, Prof. Sales, A. Paula Carioca, Maria Violante, Cristina Antunes e Madalena Batalha... Realizámos a 1^a Assembleia diocesana em Novembro de 1979, onde se definiu como “*Movimento comunitário de educação da ação transformadora e evangelizadora dos mais novos*”.

Em 1980 realizámos um Campo de Férias com este tema: “*Fazer da Terra um Jardim*”, com esta canção: “*De mãos dadas, todos a dizer “Sim”; Vamos fazer desta Terra um Jardim*”, porque juntos podemos fazer o mundo mais feliz.

Inspirados com o auxílio de alguma documentação do *Movimento Júnior* espanhol e do *MIDADE* (Movimento Internacional do Apostolado da Infância) e ainda duns contactos com algumas animadoras do MAAC que também estava a dar os primeiros. A ideia com que fiquei é que o MAAC era semelhante ao nosso: nascia inspirado da pré-JOC. Por isso, os nossos contactos com as suas animadoras: Mimi e... (havia mais uma animadora com a Mimi). A nossa ligação com elas era sobretudo feita através do nosso animador, o Camané, que trazia ideias da pedagogia da animação. Editámos até, na altura, um pequeno caderno que tem por título “*Campanha de Iniciação*”.

É só isto que me regista a memória.

[Pe. Joaquim Luís Batalha].

A aventura de criar o MAC em bairros pobres de Lisboa

Foi tão rápida a minha passagem pelo MAC que não merece ficar para a história. Já não sei em que ano foi, mas deve ter sido antes de 1980, umas jovens de Lisboa e do Oeste que tinham estado ligadas à JEC, lançavam-se corajosamente na aventura de criar o MAC em bairros pobres de Lisboa. Não tinham assistente que as ajudasse e lembraram-se de mim, recentemente nomeado assistente nacional da LOC e vieram-me pedir para as ajudar.

Apesar de ser Filho da Caridade e ter começado a exercer o ministério sacerdotal em França, eu não tinha experiência de ACE (*Action Catholique des Enfants*) embora conhecesse bem o fundador da ACE, o P. Jean Pihan. Ainda fui a um ou dois encontros daquilo que julgo ter sido o embrião da primeira equipa nacional. Foram no Seminário dos Olivais. Guardo a melhor recordação dessas jovens entusiastas, dispostas a todos os esforços para dar às crianças desses bairros pobres o insubstituível papel que deveriam ter no mundo e na Igreja. Mas, nem o tempo de que podia dispor nem os conhecimentos que tinha, aconselhavam a que ocupasse o lugar de assistente.

Não continuei, mas o (na altura) MAC continuou bem presente no meu coração. Continuei a encontrá-lo e a apoiá-lo no quadro da Pastoral Operária. Acredito que, pela metodologia da Acção Católica que o sustém, continua a poder e a dever ter um importante papel na pastoral.

[Pe. José Rodrigo Mendes, sacerdote (assistente não nomeado) que apoiou o início do MAC, ente 1978 e 1980, aproximadamente].

Os “sonhos” – nem eles são “nossos”

Duas coisas que para mim foram marcantes durante esses tempos fundadores. A leitura do livro *Capitães da Areia*, de Jorge Amado – para mim foi impressionante contactar com a vida das crianças de rua, na Baía – as suas dificuldades para sobreviverem, os seus conflitos e tensões entre grupos rivais, mas também as suas solidariedades, cumplicidades e amizades – como tinham tanta vida própria e sabiam já tão bem o que queriam, por oposição à forma como são tratadas as crianças e adolescentes nas nossas sociedades ocidentais.

A ida ao Encontro, em Roma em 1981 – dos coordenadores dos vários países europeus; perceber que um movimento com estas características tinha expressão internacional – que havia várias pessoas espalhadas pelo mundo a interrogarem-se sobre o papel da Escola, o papel das crianças e jovens no mundo – foi para mim uma grande descoberta e fiquei maravilhada com a quantidade de pessoas que aí conheci. Foi aí que conheci a Maria Hélène Euvrard, que viria a ser a mulher do Adelino Sousa – cresceu aí uma amizade que ainda hoje é alimentada.

Mais recentemente, fui convidada para dinamizar o encontro de animadores em Coimbra e foi para mim uma experiência muito marcante: foi como entrar num sonho que se tinha tornado realidade – o nosso sonho inicial, o da fundação de um movimento de acção católica de crianças, tinha-se tornado realidade... que coisa maravilhosa!!... e, ao mesmo tempo, misteriosa !!... perceber-se que há uma condução, que há Alguém, que conduz o que vai acontecendo e que se encarrega de encontrar as pessoas certas para que os “sonhos” – nem eles são “nossos” !! – se tornem realidade. Estava lá tudo: o espírito, a vontade de dar voz às crianças, a camaradagem e a amizade, a história, as iniciativas e intervenções no meio... e ainda o que mais adiante se verá!

[Margarida Belchior (Maíca), integrante do grupo inicial que iria dar lugar à fundação do MAC entre 1978 e 1980].

O grupo que nunca teve nome e os “Tutti Frutti”

Foram muitos os acontecimentos marcantes, desde os encontros da equipa nacional, que eram ao fim de semana num determinado local, o que muitas vezes nos obrigava a dormir fora de casa. Eram os encontros nacionais, que tinham a parte mais séria do trabalho, mas depois também tinha as noites e brincadeiras próprias da malta nova; assim como os encontros internacionais, não só participação nos encontros nacionais de outros movimentos (sobretudo Espanha), como encontros da equipa europeia.

A minha passagem pelo Movimento foi de tal ordem importante, que os amigos estavam todos no MAAC. Eu praticamente vivia para o MAAC. Não tenho dúvidas que foi uma missão, pois enquanto membro do MAAC era verdadeiramente feliz. Enquanto acompanhante do MAAC, o mais marcante foi sempre acompanhar o grupo de crianças. Era um desafio permanente...

Comecei com um grupo no Bairro do Relógio, uma vez que o MAAC privilegiava as crianças mais desfavorecidas. Na época vivia nos Olivais Sul, um bairro tipicamente operário. Do outro lado da estrada estava o bairro do Relógio, onde ainda hoje se faz a feira do Relógio. Ali muitas famílias viviam em casa pré fabricadas. Os pais tinham trabalhos temporários e as crianças nem sempre iam à escola. Vinham muitas vezes ao “outro lado” (Olivais Sul), pedir dinheiro de porta em porta. Um dia em que me bateram à porta dois rapazitos para vender figos, perguntei-lhes se não queriam formar um grupo. Ficaram entusiasmados e no sábado seguinte tinha a tocar-me à porta um monte de crianças de todas as idades. Assim começou o grupo que nunca teve nome. Raramente nos reuníamos no bairro deles, porque gostavam de vir para os Olivais e adoravam ir à Igreja, muito embora isso não fosse do agrado de todos. Eram crianças que tinham muitas dificuldades na escola, muitas, embora tivessem idade, não sabiam ler nem escrever, andavam mal vestidas, quase descalças e ranhosas. Conseguimos alguns apoios económicos o que nos permitiu ir ao Jardim Zoológico, a um programa de televisão infantil, ao cinema... Era sempre uma aventura ir com eles para algum lado porque algumas das crianças eram mesmo muito pequenas. Escrevíamos a monografia do grupo, o que nos ajudava, pois nem sempre era fácil ajudá-las a perceber a presença de Jesus nas suas vidas. Mas sempre que estávamos em grupo tentávamos que eles vissem esses pequenos sinais.

Parte do bairro entretanto foi destruído, as famílias foram realojadas noutros sítios e o grupo foi acabando.

Mais tarde comecei um novo grupo no meu bairro, os “Tutti Frutti”. Bem mais fácil, uma vez que éramos todos do mesmo bairro, vivíamos em casas parecidas, e todos iam à escola. No entanto nenhuma frequentava a catequese nem ia à Igreja e assim o MAC era o único contacto que tinham com a Palavra de Deus... Mais fácil contar pequenas parábolas e fazer a revisão de vida. Quando íamos à missa ninguém reparava em nós. Era mais um grupo. Conseguíamos fazer mais atividades porque os pais davam dinheiro se fosse necessário. Chegámos a conseguir ter uma reunião com a Junta de freguesia para pedir Parques Infantis. Penso que já estariam programados, mas a verdade é que poucos meses depois da reunião os parques apareceram e foi algo que me marcou e espero que a eles também, pois ficaram convencidos que tinha sido o pedido deles que trouxe o parque e passaram a acreditar que valia a pena não ficar de braços cruzados, valia a pena AGIR!

Não me perguntem qual o grupo que mais gostei, porque foram tão diferentes que a comparação é impossível, no entanto com o 1º. cresci como pessoa e aprendi a respeitar o sofrimento alheio. Com os “Tutti Frutti”, consegui pôr em prática o que achava quase impossível com crianças – VER, JULGAR AGIR, CELEBRAR.

Ambos foram extremamente gratificantes e embora hoje não tenha contacto com estas crianças, espero que a passagem delas pelo MAC as tenha ajudado a acreditar que um mundo melhor é possível.

[Maria Manuela Forte da Silva, acompanhante do MAC entre 1984 e 1986 na diocese de Lisboa].

E celebrámos este acontecimento, do perdão à volta da mesa, com cantos e umas bolachas

Eu conheci o MAAC através da Mimi. Era mesmo ao princípio. Quando tinham encontros de formação com responsáveis de Espanha, a Mimi convidava-nos a participar.

Eu vivia no Bairro da Curraleira. Só dizer que moravas na Curraleira já ficavas marginalizado... e muitos escondiam e davam outros endereços. As crianças vinham muito a nossa casa e quando conheci o MAAC pareceu-me que era uma resposta para a mentalidade destas crianças. Algumas tinham começado a ir para a paróquia, mas ficavam pouco tempo, porque não se sentiam bem naquele meio.

No ano de 1981 veio o Adelino para estar com as crianças e adolescentes. Ele não conhecia o MAAC. Logo vimos, pela maneira dele trabalhar com as crianças, que estava muito perto do movimento e apresentámos-lhe a Mimi.

Eu tenho acompanhado o MAAC desde o princípio, embora sem ter um grupo diretamente. Como as reuniões se passavam em nossa casa, fazíamos, depois dos encontros, a avaliação com o Adelino.

Através dos encontros semanais, o Adelino conseguiu fazer imensas coisas: teatro, um jornal, trabalhos manuais que depois vendiam, inquéritos e limpeza do bairro, encontros com outros grupos, etc. E, sobretudo, ajudou a criar um clima de unidade e fraternidade em todo o grupo de 15 adolescentes, que ainda agora têm saudades.

Como a nossa casa era pequena e os encontros eram ali ao lado, seguíamos tudo. Algumas vezes antes dos encontros jogavam à bola com o Adelino e dois por causa do jogo ficaram zangados e não se falavam... embora continuassem a participar nos encontros. Acho que era perto do Natal e a reflexão foi à volta da fraternidade. Um deles levantou o problema, achando que não podiam continuar deste modo. Depois cada um exprimiu o que pensava e os dois “protagonistas” em silêncio. No fim de todos terem falado acabaram os dois dando um abraço. E celebrámos este acontecimento do perdão à volta da mesa, com cantos e umas bolachas. No dia a seguir passaram os dois pela nossa casa a convidar-nos para dar um passeio até ao Castelo de S. Jorge com eles.

[Irmãzinha Maria Montserrat Soley Pou, acompanhante em Lisboa entre 1982 e 1992].

Valeu a pena: consegui crescer como pessoa e fortalecer a minha fé

Passei pelo MAAC como criança, adolescente e acompanhante. O movimento foi uma grande escola de vida que ao longo de alguns anos gerou em mim uma nova pessoa, proporcionou-me uma nova formação de vida e compromisso pela sua metodologia apoiada sempre na revisão de vida à luz daquele que nos ama, foi uma experiência muito positiva e meritória. Consegui crescer como pessoa e fortalecer a minha fé.

Esta passagem pelo movimento fez de mim uma pessoa diferente, mais confiante, mais firme e ativa na transformação. O MAAC ensinou-me que não se pode ficar só pela reflexão e oração, é necessário partir para a ação.

Sinceramente, melhor não podia ter sido, as palavras tornam-se sempre insuficientes quando com elas queremos dizer o que nos vai na alma. Sinceramente como muito do que fiz na vida também acalento a esperança de que este testemunho sirva para lhes mostrar não ter sido completamente perdida a “educação” que o movimento se esforçou por me proporcionar.

Para todos aqueles que queiram realizar esta experiência de partilha afirmo ser essencial no nosso crescimento interior, consciente que o MAAC é um desafio, uma tarefa construtiva dinâmica e transformadora.

Cada encontro semanal [...], cada dinâmica, cada sorriso, cada brincadeira era uma mensagem, fazia parte de um grupo de amigos e sabíamos que era importante cada um fazer a sua parte na comunidade. Adorei os convívios, as celebrações, os trabalhos de grupo, aprendi outras formas de rezar...

Valeu a pena. Algumas pessoas foram muito influentes na minha maneira de pensar e a elas devo um agradecimento especial à acompanhante Manuela Leal devo a minha iniciação, a sua ajuda concreta e infatigável a generosidade e amizade...

[Célia Campos, criança e acompanhante em Codessos (Paços de Ferreira) entre 1995 e 2004].

Participação num encontro internacional em Roma

O episódio que mais me marcou a nível pessoal foi no encontro da Pastoral Operária onde conheci o movimento. Marcou muito o convívio com as crianças e os acompanhantes o que me cativou e me fez iniciar o MAAC na zona de Santo Tirso com Luísa do Vale (elemento da LOC).

Tenho muitas recordações das crianças e dos adolescentes que acompanhei. Um dos episódios que mais me marcou foi na paróquia de S. Miguel do Couto, durante os ensaios para a missa de Natal; nessa altura o MACC era desconhecido nesta zona e foi difícil de enraizar, porque as crianças que eu reuni eram rebeldes e algumas de famílias desfavorecidas; o pároco colocou muitas reservas, e eu pedi-lhe para dar uma oportunidade ao

movimento; no final de alguns ensaios conturbados, correu tudo bem e fomos aceites por toda a freguesia.

Um dos momentos mais marcantes para o movimento foi a participação em encontros nacionais e internacionais. Dos quais destaco a minha participação num encontro internacional em Roma em outubro de 1997. Ainda hoje recordo cada instante desse encontro, foi muito gratificante ter participado como elemento do movimento.

[Cristiana Maria Machado Ferreira, criança entre 1992 e 1995, acompanhante entre 1996 e 1998 e coordenadora diocesana do Porto entre 1997 e 1998].

Encontro Europeu de Crianças (Agosto de 1997) em Lyon – França

Com apenas 11 anos, e em conjunto com mais 7 amigos do MAAC, representantes de outras dioceses, partimos rumo a Lyon para com crianças de outros países europeus refletir e pensar sobre os direitos de todas as crianças.

O conhecer outras pessoas, o comunicar facilmente mesmo sem sabermos falar todas as línguas dos países presentes, o estar num país diferente do nosso, foram algumas das coisas que me marcaram. Estavam presentes crianças da França, Suíça, Irlanda, Espanha, Itália e nós, de Portugal.

Ao longo dos dias do encontro reuníamos em grupos para debater os direitos das crianças, quais os direitos que tínhamos, o perceber se todos os direitos eram vividos por todas as crianças, quais as diferenças de país para país... Percebemos que muitas crianças ainda se encontram privadas dos seus direitos e tentamos descobrir formas de alterar essa realidade...

Esse encontro marcou e marcará para sempre a minha vida... Abriu-me novos horizontes, reforçou o valor que atribuo à importância da vida em grupo, permitiu-me conhecer e fazer amigos de outros países, com os quais mantive contacto por algum tempo, e contribuiu para que eu percebesse que, mesmo não conhecendo e sabendo falar todas as línguas, a comunicação é algo universal e que apesar de todas as supostas dificuldades, facilmente podemos comunicar com outras pessoas.

Hoje já adulta, tenho muito presente a importância desse encontro na minha infância. Gostaria que estes encontros continuassem para dar oportunidade às crianças de debaterem as suas preocupações e em conjunto encontrarem respostas para os seus problemas.

[Diana Salgado, criança em Codessos entre 1991 e 2001].

“Na mala do meu Renault 4L” ou “O mundo na mão das crianças”

Quando se abraça um [...] movimento na mão das crianças, todos os momentos são marcantes por se tratar de uma construção a par e passo ao ritmo de cada criança ou

grupo, sem nunca esquecer o papel de acompanhante, de testemunho e de modelo nas suas convicções de vida, doação, empenhamento e identificação.

Em 1995, estava em férias e fui contactada pela Teresa de Braga para participar num Encontro Nacional de crianças pela diocese do Porto. Mesmo sem saber o que era o MAAC, disponibilizei-me para participar levando comigo duas crianças da minha terra. Foi um salto no escuro, pois não conhecia o MAC e ao chegar ao encontro, o coordenador nacional colocou-me como acompanhante num grupo de trabalho. Nesse ano de 1995 os coordenadores (Quim e São) deslocaram-se ao salão paroquial de Burgães, Santo Tirso, para sensibilizar um grupo de jovens e adultos, dando a conhecer o MAAC e a sua metodologia. Nas férias de Natal vieram de novo a Santo Tirso, Singeverga, desta vez a um encontro com crianças e acompanhantes em fase inicial, estando presente a Teresa de Braga com uma delegação de crianças do MAAC. Na despedida o coordenador nacional deixou na mala do meu Renault 4L uma ata da última reunião da equipa europeia do MIDADE.

No início de 1996, houve uma formação orientada pelo Américo da diocese de Setúbal, em Singeverga. Os coordenadores nacionais demitiram-se e ficaram incontactáveis. Criou-se um vazio e desorientação. Por iniciativa de Teresa de Braga, fizeram-se diligências para a realização da equipa nacional de acompanhantes onde foi decidido a realização de uma assembleia nacional extraordinária; formou-se um grupo de preparação da oitava assembleia nacional de acompanhantes (ANA) para a eleição de novos responsáveis. O grupo constituído pela Teresa de Braga, pela Irmãzinha Monserrat de Lisboa, pela Carla de Setúbal, e por mim, da diocese do Porto.

Feitos os preparativos para a 8.^a ANA fizeram-se contactos para os novos dirigentes: o Américo da diocese de Setúbal e a Teresa da diocese de Braga. [...] Realizada de 4 a 6 de outubro no Colégio do Mosteiro Beneditino de Singeverga, Roriz, Santo Tirso, correu tudo como o previsto, mas chegado o momento da eleição dos novos coordenadores, o Américo desistiu. Criou-se um grande vazio e desorientação. Eu fazia parte da mesa e perante um cenário destes, sem oferta da parte da assembleia, senti-me confrontada. Apesar de não conhecer o MAAC, acreditava mesmo na força das crianças em movimento, mas sem preparação para assumir o cargo. Para mais tinha um projeto em mãos de criação de uma resposta social de apoio a crianças e famílias com deficiências graves, com estatutos aprovados e pronto a ser implementado. Que fazer?

Confrontada com tal facto, tive uma força interior que me desafiava a arriscar mesmo com a minha ignorância. Após a eleição, e informada que devia representar o MAAC na equipa europeia cuja reunião seria no Funchal na semana seguinte, sem informação documental que pudesse recorrer, apenas tinha do anterior coordenador nacional a ata da equipa europeia que deixou no meu carro na despedida do primeiro encontro de crianças em fase de iniciação, realizado em Singeverga. Informada de uma dívida do MAAC Nacional de 700 contos, o movimento enfraquecido, sem estatutos aprovados, sem sede nacional de referência, mesmo assim estava assumido o compromisso, há que avançar, desbravar caminho sem olhar para trás. A Irmã Maria do Céu, na altura a viver em Braga, ofereceu-se para acompanhar o grupo de crianças, na reunião da equipa europeia, o que foi muito bom. Posteriormente traduziu alguns documentos para Português sobre o MIDADE e a sua metodologia. Um Bem-haja para a irmã Maria do Céu.

A equipa europeia reuniu na casa da Juventude do Funchal. À chegada dos delegados e coordenador europeus, nada estava preparado. Momentos de grande preocupação a todos os níveis... mas “avançar” era a palavra de ordem sentida. Passei a fazer parte da equipa europeia de 1996 a 1999. A preparação era durante a viagem no avião, uma breve análise da documentação preparatória do B.E., para o efeito fazia um apanhado da vida do MAAC Nacional muitas vezes pelo telefone para recolha de elementos das dioceses.

Segue-se um trabalho de campo: reunir toda a documentação possível sobre a história do MAAC em Portugal, com a colaboração e disponibilidade da Irmãzinha Monserrat de Jesus, que se prontificou a sinalizar os acompanhantes da diocese de Lisboa e a promover encontros e reuniões, a fim de fazer a recolha da documentação na posse dos acompanhantes e de testemunhar vivências muito significativas que alimentavam a vontade de continuar o caminho. Foram muitas as deslocações a Lisboa, e contei sempre com o acolhimento das Irmãs de Jesus. Um grande Bem-haja pela alegria e acolhimento. Foi possível uma sala para o MAAC na diocese de Lisboa, na paróquia da Estrela, mas, por falta de uso, a diocese deixou cair esta oportunidade oferecida ao MAAC.

Em audiência, o Bispo do Porto, D. Armindo Coelho, acabado de chegar à diocese do Porto, acolheu com receptividade o MAAC, percebeu o valor do movimento de apostolado das crianças e disponibilizou um espaço para secretariado compartilhado com Abel Varzim, na Casa Diocesana de Vilar, no Porto. Como a coordenadora nacional era da diocese do Porto, foi pedida autorização para que o secretariado nacional pudesse lá reunir provisoriamente e autorização para lá guardar a documentação recolhida da história do MAAC nacional. Esse espaço passou a ser referência nacional e internacional do movimento.

Ao serem redigidos os estatutos para aprovação pela Conferência Episcopal Portuguesa, foi realizada uma audiência com D. Marcelino, Bispo de Aveiro e presidente da CEP, e com D. Serafim, Bispo de Leiria-Fátima, que deram a sua contribuição. Para que os estatutos fossem aprovados tinha de se ter uma sede nacional. Realizados contactos com os secretariados da JOC de Lisboa, do Porto e de Braga não foi possível. A JOC de Coimbra e o seu assistente, Padre Luciano, que amavelmente cedeu ao pedido de ser assistente também nas equipas nacionais do MAAC, disponibilizaram uma sala para ser a sede nacional do MAAC, na Sé velha de Coimbra. Os estatutos foram então apresentados em audiência com D. Tomaz Nunes, que acolheu as coordenadoras na casa episcopal, escutou e valorizou o Movimento de Apostolado das Crianças e todo o trabalho realizado pelo MAAC, fazendo uma observação sobre o trabalho realizado sem fontes de receita para colmatar despesas. (Agora, no outro lado da vida, espera pela nossa chegada). Os Estatutos foram aprovados.

Os ENFAS [...] eram atividades marcantes de grande investimento e alguma preocupação latente desde a organização à gestão de recursos para que ninguém deixasse de participar por dificuldade financeira. As dificuldades foram contornadas e objetivos os minimamente conseguidos. Marcante foi o ENFA em Braga com a presença do coordenador do MIDADE Europa, Jean Luc, e a presença de duas jovens da JOC de Coimbra, Carla e Fernanda, que pelo seu empenho e disponibilidade levaram o MAAC para Coimbra. Bem-hajam pela alegria e pela força construtiva.

Chegou o momento de haver a eleição de nova equipa nacional. Em reunião, apesar de se ter saldado a dívida e de o movimento estar em fase de expansão a outras dioceses,

considerou a equipa nacional, para dar continuidade, um novo mandato com a Carla Santos.

Coimbra foi um momento de significado sem palavras. Foi possível a presença de uma delegação dos Açores que se deixaram contagiar com a magia das crianças. Estava presente o Padre Emanuel e, pela sua identificação junto das crianças, com perfil e preparação, foi sensibilizado para a necessidade urgente do MAAC ter um assistente. Atendendo ao facto de ser um movimento de crianças, logo na hora mostrou disponibilidade para aceitar.

Feitas as diligências junto da CEP para um assistente MAAC, e sendo apontado o Padre Emanuel, comunicaram-nos que este estaria disponível desde que o seu Bispo o dispensasse. No ENFA de Aveiro esteve presente D. António Carrilho a convite do MAAC, uma vez colocada a hipótese do Padre Emanuel, ali presente, ser o padre assistente. O senhor bispo referiu que o movimento era pequeno, não se justificando um assistente padre, mas um leigo acompanhante. Mereceu um esclarecimento sobre a especificidade deste movimento de crianças a adolescentes, exigente e em fase de consolidação, pelo que D. António Carrilho considerou a importância do assistente, o Padre Emanuel, que estava já como assistente da LOC-MTC, ficando a 50 % do tempo. Momento marcante, com algum desencanto. [...]

O Movimento começou a mexer na diocese do Porto, Coimbra, Santarém, Lisboa Setúbal Funchal e a germinar nos Açores e na diocese de Aveiro.

Outro momento foi o de reconciliação do MAC da diocese da Madeira com o seu bispo D. Teodoro, o que foi possível com a orientação de D. António Carrilho e do Padre Luciano, que graciosamente aceitou a proposta de acompanhar o MAAC nas reuniões da equipa Nacional. Depois de ter escrito várias cartas a D. Teodoro a solicitar uma audiência, se possível no continente, por último realizou-se a reunião da equipa nacional do MAAC na diocese do Funchal, com a presença do assistente da JOC, Padre Luciano, que recebeu em audiência as coordenadoras nacionais Carla Santos e Maria de Lourdes Ribeiro.

Em jeito de conclusão: [o MAAC] foi o desafio maior que tive na minha vida, mas aprendi muito a todos os níveis, mesmo quando era chamada a fazer opções entre as quais me sentia identificada, mas sempre me inclinei para o MAAC [...]. Enquanto fui coordenadora nacional nunca tive um fim de semana livre, pois era um trabalho a todo o terreno, muito exigente e sempre em ação e expansão. Foi uma experiência inesquecível, ajudou-me a ver e sentir o mundo com outro olhar, foi um tempo forte de realização pessoal, social e cristã. Dou graças a Deus por tanta gente que se cruzou no meu caminho e me fez feliz. Hoje estou noutro projeto me consome todo o tempo, de difícil sustentabilidade, mas também me sinto feliz e realizada.

[Maria de Lourdes Ribeiro, acompanhante em São Mamede de Negrelos e São Salvador do Campo (Santo Tirso) desde 1995, coordenadora nacional entre 1996 e 2002 e membro da equipa de coordenação europeia entre 1996 e 1999].

A minha primeira reunião de MAAC

É difícil selecionar um momento marcante em 20 anos de MAAC. [...]

O meu grupo começou na minha família (eu, a minha prima Diana e a minha tia Manuela). Estávamos na sala dessa minha tia (e educadora na fé) quando ela nos começou a perguntar acerca de coisas que nos preocupavam (não me recordo da reação da minha prima, mas a minha foi muito semelhante à de alguém pasmado; “que curioso alguém querer saber o que eu penso!”).

Naquela altura, eu estava habituada a obedecer a ordens, comportar-me bem, fazer os trabalhos de casa, ir à catequese.... Portanto, tudo posições passivas. Mas naquele dia foi diferente, especial, senti-me importante, realmente importante porque a minha tia não estava “a fazer que escutava”... ela escutava mesmo (pasm-se), colocava-nos questões, acenava positivamente, até brincava e cantava connosco! O tema versava acerca da poluição. No final até fizemos uma composição (ata) acerca da nossa opinião. Uma de nós era a secretária, a outra a delegada (mais um motivo de estranheza; “alguém está a confiar em mim”). Depois fomos para casa com o desafio de fazer pesquisa e aprender mais acerca da poluição.

Quando cheguei a casa, disse à minha mãe o que sucedera (não sabia como iria ser a reação dela... podia ser semelhante à minha... pensava eu) e recebo a seguinte questão: sentiste-te bem? À qual eu respondi que gostei muito. Então aqui recebi outra grande lição (tudo no mesmo dia... foi dose): Então não deixes escapar as oportunidades da vida, nem de fazer o que gostas ou de frequentar espaços onde te sentes bem e aprendes a ser uma pessoa melhor (foi mais ou menos isto). Foi um dia genial. A partir dele, começamos a tagarelar na escola e em pouco tempo já éramos muitos, mas a minha primeira reunião... essa nunca irei esquecer.

Agora que olho para trás, percebo a pedagogia e o impacto que essa reunião teve na minha vida... quanto ao espanto, esse permanece porque ainda hoje fico enternecida com o carinho, gestos e marotices que os meninos nos brindam nas reuniões (até mesmo quando nos colocam os cabelos em pé... o que também acontece).

Eu penso que a minha tia seria uma bela Educadora no âmbito escolar. Enquanto acompanhante do MAAC, mais do que palavras, é preciso observar o modo como os adolescentes interagem com ela para perceber a dimensão que assume: a ternura, o carinho, o respeito e a escuta ativa na relação que estabelecem. Não quero deixar de fazer referência à Gracinda, que conheci já numa fase adiantada, na adolescência, e que viveu connosco aventuras inimagináveis (acampamentos inesquecíveis/revisões fantásticas) e que é uma verdadeira animadora e acompanhante na verdadeira aceção da palavra. Enfim, gosto muito das minhas “Educadoras” e hoje fico muito contente por ser acompanhante e aprender, com elas, a cada sessão “como se constrói” uma educadora na fé.

[Vera Ferreira, criança entre 1991 e 2001 e acompanhante desde 2004 em Codesos (Paços de Ferreira), secretária nacional entre 2005 e 2008 e coordenadora internacional de 2006 a 2014].

O protagonismo das crianças

Tentei fazer o melhor, no entanto há muita coisa que já não me lembro!

Eu participei em três encontros de delegados: o encontro na Lousã no dia antes do ENCA e nos outros dois encontros de preparação para a Assembleia Nacional, um no Porto, outro em Aveiro.

Sabia que ia representar o meu grupo, e nos encontros de preparação para a assembleia sabia que com o Ruben Felício representávamos não só o nosso grupo como também toda a diocese de Santarém. Como delegada entendia que tinha um papel muito importante enquanto representante de um grupo. Marcou-me pessoalmente o encontro da Lousã que antecedia o Encontro Nacional de Crianças e Adolescentes (ENCA). Tanto o ENCA como o encontro de delegados foram momentos de grande festa! Lembro-me que no encontro da Lousã levávamos as opiniões do grupo e tínhamos de partilhar! Em relação aos encontros de preparação da Assembleia Nacional de Acompanhantes (ANA) sabia que tinha um importante papel mas não me senti parte das decisões do movimento, talvez porque não pude participar na Assembleia...

Penso que na altura as minhas sugestões e propostas para o movimento (e arrisco-me a dizer que de todas as outras crianças e adolescentes) não eram muito sentidas, acho que hoje as nossas crianças e adolescentes são mais dinâmicas, mais reivindicativas [...] e isso é bom porque são tomadas decisões de acordo com o sentir dos adolescentes e crianças. Penso que isto é fruto da caminhada que o movimento está a fazer com vista ao protagonismo das crianças.

[Teresa Gomes (na altura adolescente com 15 anos), criança entre 2005 e 2008 e acompanhante desde 2008 na Louriceira (Alcanena)].

Testemunho sobre o início do MAC na diocese de Setúbal

O início da década de 1980 foi uma procura entre vários membros da P.O. sobre a problemática das crianças do meio operário. E, um dia, na comunidade de Setúbal, tivemos um encontro com o Adelino que tinha iniciado o MAC em Lisboa e nas Congregações, com as Irmãs do Campo.

MAC, movimento das crianças, com as crianças e para as crianças.

O que me motivou para arrancar foi o objetivo da ação transformadora do próprio meio pelas crianças. Era acreditar e pôr a mexer a capacidade transformadora das crianças, a sua energia extraordinária e a sua capacidade de organização.

E o projeto arrancou em vários sítios da diocese, com crianças dos bairros, das baracas, do campo. A nossa preocupação era encontrar acompanhantes do próprio meio.

Foi para mim uma experiência muito rica, tanto com os acompanhantes como com as crianças.

Nos encontros e nas festas diocesanas, cada um partilhava as riquezas da sua cultura e as suas ações.

A criatividade era muita e vi as crianças pôr os adultos a mexer. Não tinha medo de ir falar com o bispo da Diocese, os responsáveis da Câmara, da Junta de Freguesia, das Comissões de Moradores. Trabalhavam sobre os Direitos das Crianças, as relações com os pais, os problemas da escola, das cantinas, do bairro, da aldeia. Animaram missas nas paróquias. E alguns, depois de descobrir Jesus Cristo no seu grupo do MAC, seguiram a catequese e fizeram a 1ª comunhão.

Descobriram e viveram o aspeto internacional do Movimento, acolhendo grupos do estrangeiro ou indo a vários encontros.

Na minha comunidade, apesar de todas as irmãs não estarem diretamente com o grupo, o MAC dizia respeito a toda a gente. As crianças vinham na nossa casa, conheciam a comunidade e sabiam que podiam contar com todas.

E nós, na oração, podíamos retomar tudo o que estava a ser vivido, podíamos dar graças a Deus e pedir para as crianças e as acompanhantes.

O que também me encheu de alegria, foi o arranque de novos grupos nas outras dioceses. Assim, o intercâmbio entre as várias zonas do País se tornou possível. O encontro nacional da P.O. em Fátima foi um momento inesquecível, pois o intercâmbio aconteceu entre crianças mas também entre crianças, jovens e adultos. As crianças tinham o seu lugar à parte inteira neste grande projeto da P.O. da evangelização do Mundo Operário.

Vi crianças marginalizadas integrar os grupos e aos poucos tomar a palavra e tomar responsabilidade...

Vi adultos despertar ao contacto das crianças...

Vi jovens pôr-se ao serviço das crianças e assim crescer humanamente e na fé.

Vi com palavras e ações realizar-se a Palavra do Evangelho (Lucas 10,21-22): “Bendigo-te ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque tudo isto foi do teu agrado... Felizes os olhos que veem o que estais a ver”.

[Irmã Lisa (Auxiliadoras da Caridade), Setúbal].

Vi a Igreja encarnar-se em Portugal...

Vários acontecimentos me marcaram:

Certamente o reconhecimento internacional do MAAC foi um acontecimento muito importante para a delegação portuguesa mas também para mim que tinha acompanhado a equipa nacional.

A apresentação do movimento aos Irmãos do Campo na diocese de Setúbal, com o Adelino que era o presidente do MAAC, foi uma expedição semelhante às missões dos primeiros cristãos. Apanhámos o autocarro, o metro, o barco, seguidamente o comboio, o camião e a pé... para apresentar o movimento durante uma celebração realizada com os Irmãos do Campo. Neste encontro nasceu o movimento na diocese de Setúbal.

Os primeiros passos do movimento no Porto, com as crianças do bairro de lata de Gaia que tinham feito uma ação pedindo à Câmara Municipal para construir uma estrada para acederem mais facilmente à escola.

O encontro com o cardeal D. António Ribeiro para fazer reconhecer o movimento das crianças na Igreja portuguesa.

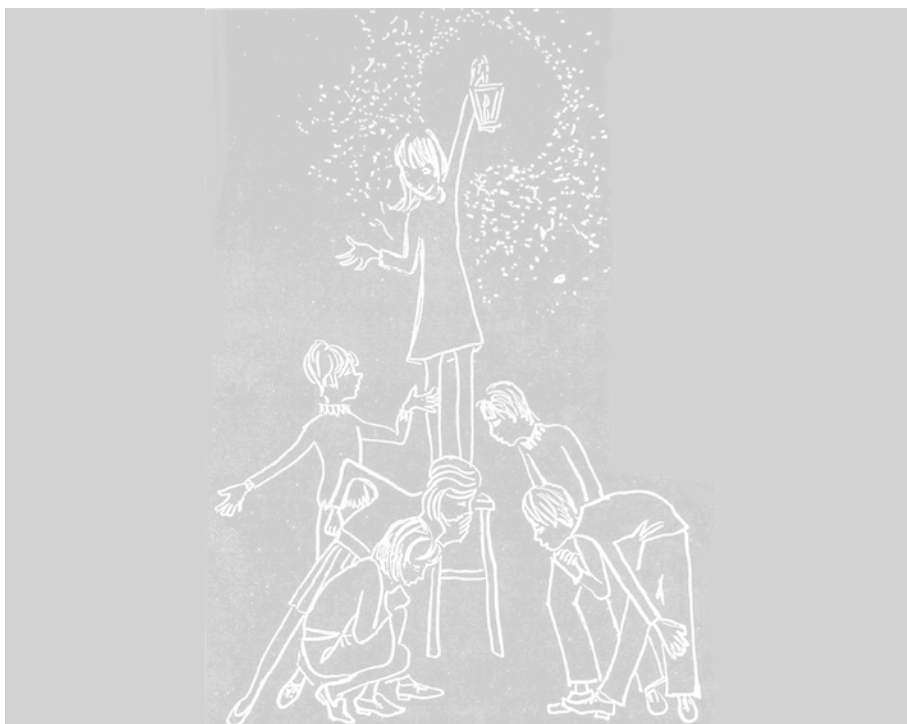
As visitas nos bairros de lata com a cumplicidade das Irmãzinhas de Jesus (Charles Foucauld) que nos acolhiam sempre com muita simpatia na sua “barraca” muito modesta. Fiquei impressionada pelas ações realizadas pelas crianças no bairro. Além desta maravilhosa aventura, teceram-se também relações de amizade indestrutíveis e de amor para a vida.

Sim, vi a Igreja encarnar-se em Portugal graças à ação protagonista das crianças acompanhadas pelos jovens e adultos, por leigos, religiosos e padres.

[Marie Helene Euvrard, vice-presidente internacional entre 1982 e 1986].

MONOGRAFIAS

As quatro monografias que se reproduzem nesta seção foram elaboradas por membros do movimento no período do seu lançamento e estabilização em Portugal. A sua elaboração visava a introdução da metodologia do “ver-julgar-agir”, incentivando a descrição do meio social e a reflexão sobre critérios e modos de intervenção cristã, contribuindo também para a formação de novos animadores. O interesse na reprodução dos originais selecionados – à exceção do último documento em que se procedeu à transcrição do texto da monografia, já que a legibilidade do original não permitia a sua imediata reprodução – resulta do valor da informação textual e gráfica que os documentos transmitem enquanto forma de caracterização e apreensão da realidade e, simultaneamente, como expressão concreta da aplicação de uma metodologia de trabalho, que sendo mais abrangente, se pretendia adequar aos diversos setores culturais e sociais nos quais o movimento procurava desenvolver a sua atividade.



1. Um grupo de cabo-verdeanos – Fontainhas, Lisboa [1983-1984]

30

UM GRUPO DE CABO-VERDEANOS

- FONTAINHAS - LISBOA -

O nosso grupo chama-se "Mãos dadas". Somos 13 pessoas: rapazes e raparigas cabo - verdeanos. Vivemos no bairro das Fontainhas. Nós já tivemos 16 encontros. Depois de alguns encontros, estivemos a descobrir os problemas do bairro e escrevemos num cartaz porque eram muitos. Depois nós escudamos o problema que era mais importante que é o problema dos esgotos entupidos, e fizemos teatros para mostrar que os esgotos entupidos fazem doença. Um teatro era uma conversa entre duas crianças:

- "Vamos mexer no esgoto?"
- Não. É só lixo, traz doença!
- Vá lá pá! Vamos apanhar aqueles bichinhos e pomos dentro da garrafa!

- Está bem eu vou. Mas não dizes à minha mãe, está bem?

- Então vamos."

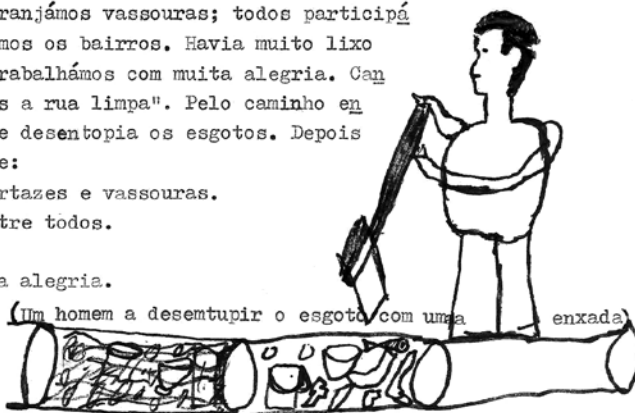
Então a gente começou a conversar sobre o problema dos esgotos entupidos



e descobrimos que são as pessoas que os entopem porque metem lá coisas. Depois lemos a história do Bom Samaritano e descobrimos que ele mudou o que estava mal. Então o grupo pensou se podia fazer alguma coisa como fez o samaritano. Demos várias ideias: - reunião com os moradores do bairro; pedir ajuda à Câmara; fazer cartazes; fazer uma festa com teatros. Então a nossa 1ª acção em conjunto com o grupo "semente da vida" foi a campanha de limpeza dos bairros: Fontainhas; 6 de Maio; e Estrela de África. Esta campanha iniciou-se numa 6ª feira e terminou a um sábado.

- Fizemos cartazes; arranjámos vassouras; todos participámos. Em conjunto limpámos os bairros. Havia muito lixo nos 3 bairros. Todos trabalhámos com muita alegria. Cantámos na rua: "Queremos a rua limpa". Pelo caminho encontramos um senhor que desentopia os esgotos. Depois em grupo concluímos que:

- Gostámos de fazer cartazes e vassouras.
- Houve muita união entre todos.
- Havia muito lixo.
- Trabalhámos com muita alegria.
- Esta foi a nossa 1ª acção em conjunto!



Reginaldo -

E o resto dessa pesquisa, como é que vocês fizeram?

Criança -

Nós trouxemos o que anotamos e confrontamos e demos o resultado para toda a comunidade: dramatizações na assembleia, na liturgia.

Reginaldo -

Então vocês comunicaram nos shows, nas assembleias, na liturgia.

E depois, fez mais alguma coisa?

Criança -

Bom, depois que a gente fez isso a gente viu que só mostrar não ia resolver nada. Então nós resolvemos fazer uma caminhada, juntamente com elas, as crianças trabalhadoras.

Reginaldo -

Uma caminhada por onde?

Criança -

Pelos bairros mais pobres, pela periferia.

Reginaldo -

Então vocês saíram com as crianças trabalhadoras. E quando é que fizeram isso? Foi em algum dia de especial?

Criança -

Foi no começo do ano.

Reginaldo -

Então vocês fizeram essa caminhada com as crianças trabalhadoras. E como foi essa caminhada?

Criança -

A gente antes de resolver isso, a gente tinha combinado, se a sugestão fosse aceita, a gente íamos primeiro combinar tudo. Então a gente conversou com as crianças trabalhadoras e quando elas chegaram no local de partida nós enfeitamos tudo o que elas traziam: os carros de , enfeitamos com papeis, com cartazes, enchemos o carro dela muito enfeitado, para ela participar. Aí saímos na rua, cantando, rezando... Tinha três paragens, uma onde duas crianças trabalhadoras morreram no trabalho, elas carregavam carros, houve um acidente e elas morreram. Na segunda foi uma paragem de denúncia onde duas crianças vieram contar seus casos. A gente convidou as crianças trabalhadoras para botar os carros. A terceira paragem, foi uma paragem para a gente comer, comprar tudo que tinha elas para ajudar elas: picolé...

Reginaldo -

Agora me diga uma coisa: vocês compraram tudo para elas?

Criança -

É.

(Mostram cartazes)

DÃO A CONHECER O SEU GRUPO

"Nós somos um grupo de crianças do Prior Velho que juntos queremos tentar resolver alguns problemas do nosso bairro. Por ex: falta de médicos, escolas, casas, luz electrica, água canalizada, má relação com os ciganos, falta de igreja..."

Fizemos uma representação das Bodas de Caná para percebermos que precisamos da ajuda de Jesus para se transformar estas coisas. Nós achamos que devemos rezar para que o Reino de Deus venha até nós. Mas para Jesus nos ajudar nós temos que contribuir. Por isso vamos convidar os ciganos para conviverem conosco e serem nossos amigos, participarem nas brincadeiras e falar sobre a nossa vida. Em cada Domingo vimos e fazemos muita coisa como: jogar, cantar, rezar, pedimos coisas a Deus etc. Depois de cada convívio, fazemos uma reunião em que combinamos o que vamos fazer para o próximo Domingo. Nós grupo 'Paz e Amor' gostávamos de falar com os outros grupos para que dêem a sua opinião sobre um passeio que gostávamos de fazer."



Nós crianças queremos:
ser livres ter uma casa,
um médico, um parque, um jardim
uma escola, flores, árvores
e ser amigos dos ciganos.
Nós crianças não queremos:
guerras, barracas, problemas,
discussões e maldade.
VIVA AS CRIANÇAS !

(Carla 10 anos

DESCOBRER A REALIDADE EM QUE VIVEM

ENTREVISTADOR- Há quanto tempo se reúne o grupo do Prior-Velho?
CRIANÇAS - Já há 4 meses. O grupo junta-se todas as semanas aos Domingos à tarde.

E - Depois que o grupo se começou a reunir, quais foram as coisas mais importantes que fizeram aqui no Prior-Velho?

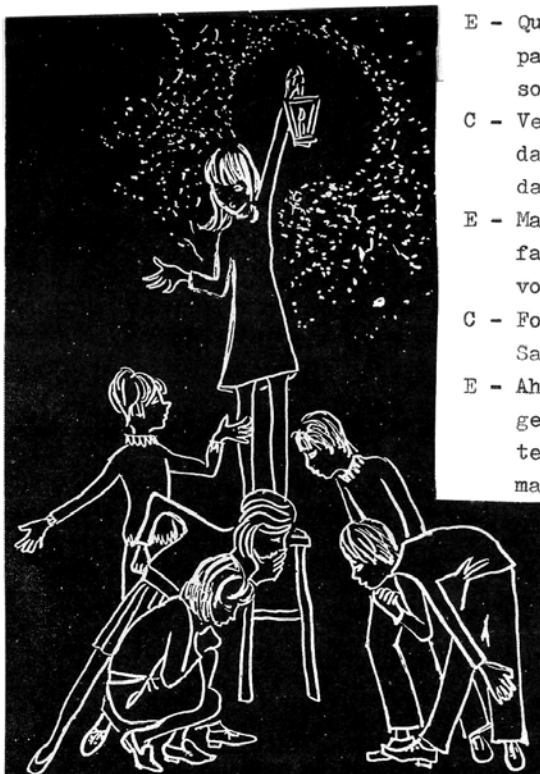
C-- Fizemos teatro, descobrimos as coisas mais importantes que faltam cá...

E - E como?

C - Fizemos uma gincana, para conhecer melhor as coisas importantes e o que faltava.

- E - Que coisas importantes descobriram?
- C - Descobrimos que faltavam médicos, escolas, casas, jardins, parques, igreja ...
- E - Ena tanta coisa. E como se lembram dessas coisas todas?
- C - Porque depois fizemos cartazes para se nos recordar melhor. E também escrevemos no quadro o que fazia mais falta. Escrevíamos por exemplo casas de dizíamos porque é que achávamos que faziam falta casas. Depois elegemos o mais importante.
- C - Sim, foi o problema da Paula.
- E - Quem é a Paula?
- C - A Paula é uma criança que anda no nosso grupo. Tem llanos, tem muitos irmãos, tem 3 sobrinhos e toma conta deles. Trabalha, pede dinheiro e comida e o dinheiro que lhe dão compra gelados e outras coisas e nós queríamos conviver com a Paula. Os pais ganham pouco. Acho que a mãe dela bebe...

CONFRONTAM AS SITUAÇÕES COM O EVANGELHO



- E - Quer dizer, vocês olham para as coisas e pensam sobre elas ...?
- C - Vemos o que Jesus pensa das coisas, o que pensa da Paula...
- E - Mas no Evangelho Jesus fala da Paula? Como é que vocês descobriram isso?
- C - Foi com a história do Bom Samaritano.
- E - Ah! Então Jesus no Evangelho não diz directamente o que pensa da Paula, mas tem lá uma história do Bom Samaritano. O que é que diz?
- C - Iam a passar ladrões e ia um senhor a passar. E os ladrões jogaram-se a ele, bateram-lhe, roubaram-lhe tudo, até a rou-

pa. E depois foram-se embora e deixaram-no ali quase morto. Passou um homem e não lhe ligou. Disse talvez para ele que não valia a pena, que já estava morto. Passou depois outro homem que teve medo, podiam lá estar os ladrões escondidos e ele ia lá ajudar e atiravam-se a ele também. Depois passou um habitante de Samaria e teve pena do homem que estava no chão. Tratou-o com vinho e azeite, pôs-lhe ligaduras, tratou-lhe dos ferimentos e pôs em cima do burro. Elevou-o para uma estalagem e deu duas moedas de prata ao estalajadeiro para tratar dele...

- E - Há alguma semelhança entre a história e a Paula?
- C - Há, a Paula era o homem que estava no chão. Os que passaram são aqueles que a Paula diz que não lhe ligam. O Bom Samaritano somos nós que vamos ajudá-la.

PARTICIPAM NA TRANSFORMAÇÃO

- E - O que é que o grupo pensa sobre a Paula?
- C - Vamos brincar com ela, convidá-la para ir ao grupo, oferecer-lhe uma prenda.
- E - Que prenda?
- C - É um desenho que quer dizer para a gente conviver mais com ela. Vamos fazer todos em grupo num cartaz.
- E - Que outras coisas aconteceram no grupo?
- C - Os ciganos. Já os convidámos porque também queremos ser amigos deles. Nós também já vimos que eles às vezes se revoltam por que nós não lhes ligamos nenhuma. Dizem que os ciganos são maus, mas eles às vezes são maus também por nossa causa...
- E - Porque é que não se davam bem com os ciganos?
- C - Porque nós batíamos a eles ou eles batiam-nos a nós e a maior parte da culpa eu acho que era dos pais, porque os pais dizem: "Não devem brincar com os ciganos. Os ciganos são isto, os ciganos são maus". As crianças começaram a pensar isto no grupo e decidimos que os ciganos são iguais como nós. São de carne e osso como nós e então nós decidimos ser amigos deles. E agora nós começámos a convidá-los. No outro dia apareceram 13. Apresentámo-nos, começaram a ter confiança e a brincar connosco. Um que se chamava Rafael tinha 12 anos, não ia à escola porque não queria, fumava. Outros não podiam ir à escola porque tinham que tomar conta dos irmãos.

- E - Que outros problemas já falaram no grupo?
- C - Também há o problema das casas. É que não há habitação para a maior parte das pessoas como estas meninas (ciganas) que vivem em barracas.
- E - Lá onde vocês moram há muitas barracas?
- CRIANÇA CIGANA - Muitas!
- C - Posso fazer uma pergunta a elas? Quais são as condições que vocês têm? Quer dizer se têm água, têm luz...?
- CRIANÇA CIGANA - Não. Temos que ir buscar. E luz também não... As pessoas não gostam de viver lá, porque depois quando vem a cheia a gente temos lá muita água em casa e temos bebés que depois a gente quer salvar e não consegue.
- E - E chove lá na vossa barraca?
- CRIANÇA CIGANA - Na minha chove.
- Na minha também. Na minha chovia e havia muitos 'bicho' muitos 'bicho' e nós fizemos outra.
 - As casas são muito caras. O presidente da Câmara disse: "Aqueles que não tiverem cheia não levam casa com luz, água, casa de banho e dois quartos. E quem não tiver cheia não leva". Nós tínhamos cheia, levámos.
- E - O que é que vocês fizeram hoje no grupo?
- CRIANÇA CIGANA - A gente brincámos ao anel, depois bricámos ao Miguel..."Quem é que conhece o Miguel?" e depois fazíamos assim e depois um e depois outro e depois caíam todos.
- E - E que outras brincadeiras costumam fazer?
- C - Jogámos ao lenço, ao 'assassino' que é um jogo novo que a Fátinha ensinou e vários...
- E - O que é que andam agora a falar no vosso grupo?
- C - No posto médico, porque achamos que faz muita falta. As pessoas quando estão doentes têm que ir a Lisboa, aqui não há um consultório.
- E - O que é que já falaram sobre o posto médico?
- C - Nós já fizemos uma peça sobre os médicos. Foi eu mais a Paula que fizemos e depois fizemos todos em grupo para representar para os mais velhos. Depois os mais velhos (adultos) gostaram imenso e pediram para nós representarmos outra vez e nós representámos e nesse dia, nós começámos a notar ainda mais a falta de médicos. E no outro dia quando estava cá o Jório apa-receu aí uma menina com a cabeça partida... e quando vimos a menina ainda nos lembrámos mais. Eu acho que se algum de nós

partisse a cabeça acho que tínhamos que ir para o hospital e então podia ser mesmo muito grave que nós não nos podíamos deslocar para Sacavém e podia haver aqui um posto médico mais perto.

E - Mas isso está a andar para a frente?

C - Não. Nós ainda não falámos com os mais velhos.

C - Olha vocês gostavam de brincar com a gente?

CRIANÇA CIGANA - Eu gosto!

C - Olha! Gostavas de fazer fantoches, cantar e isso...?

CRIANÇA CIGANA - Gostava!

E - Como é que decorre um encontro ao Domingo à tarde?

C - Brincamos, cantamos, combinamos o que vamos fazer para o próximo domingo, quem arruma a sala... Fazemos teatro. Já fizemos as Bodas de Caná.

E - Porque é que fizeram esse teatro sobre as Bodas de Caná?

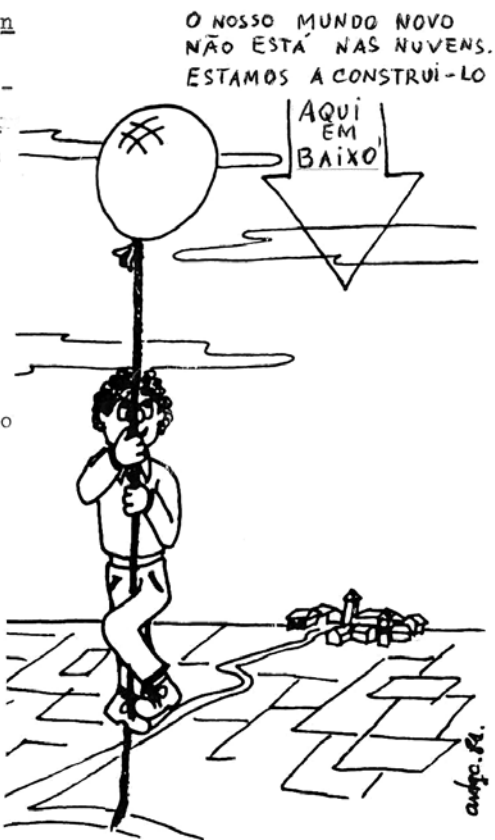
C - Nas bodas de Caná faltava o vinho e cá no Prior Velho também faltam muitas coisas... E com a ajuda dos criados, Jesus transformou a água em vinho e do bom. Por isso nós também com a ajuda de Jesus podemos transformar barracas em casas etc.

E - Então brincam, cantam e que mais?

C - Falamos dos problemas da Paula, dos ciganos... rezamos...

E - E como é que rezam?

C - A gente reza o Pai-nosso para o Reino de Deus vir até nós.



Nós Crianças
Queremos ser livres como os pássaros
Voar sobre a terra que é nossa
Ser leve como os balões
Brilhar como uma estrela
Sempre com luz, nunca com escuridão
Viver à vontade contra a miséria
A fome, a guerra a maldade!
Nós crianças
Somos o mundo de amanhã
O futuro com luz
Com saúde com amor, paz
Tudo o que possa haver de melhor!
(Carla 10 anos)

2. Vila Nova de Gaia, Mafamude – Porto (1985)

MONOGRAFIA DO PORTO - 1985 -

(Vila Nova de Gaia - Mafamude)

O MEIO ONDE VIVEM

O Grupo de Crianças com o nome dos "Queques" situa-se em Vila Nova de Gaia, na freguesia de Mafamude, a Sul da Cidade do Porto.

É um bairro degradado onde a habitação tem péssimas condições, existindo casas com as dimensões de 12 m² e 20 m² onde vivem famílias de 8 a 12 pessoas. Também existem barracas com dimensão inferior a 7 m² vivendo dentro de uma delas um casal com 2 filhos com idades entre os 6 e os 8 anos. Todas estas condições levam à degradação da família. As crianças têm dificuldade no acesso à escola pois esta fica situada a 1.500 m, não existe sinalização em todas as ruas e os transportes para a escola preparatória que fica mais ao menos à mesma distância da primária, são muito caros.

Neste bairro não existe espaço para as crianças brincarem, não há parques infantis e o único espaço que têm é a rua e junto às casas que habitam, onde brincam com as águas chocas que correm e que se tornam um perigo para a saúde. Existe bastante alcoolismo (muito acentuado nas mulheres), prostituição (mesmo em mulheres casadas) e algumas crianças roubam para comer...

COMO COMEÇOU ESTE GRUPO

Sempre que passava junto do Quiosque em Santo Ovidio - Gaia, encontrava um grupo de crianças que me perguntava quando é que eu ia brincar com elas (neste grupo conhecia três, Irene, Fátima e Paulo). Eu respondia-lhes: -Qualquer dia apareço.

Passados alguns meses, numas férias com o Quim e outros amigos, eles falaram-me do MAC (Movimento de Apostolado às Crianças). Estivemos a reflectir um documento sobre a vida das crianças de Olinda (Brasil) depois a passagem do Jório por cá e alguns contactos com o Adelino. A partir de tudo isto, iniciei o meu trabalho.

COMO FOI O MEU PRIMEIRO CONTACTO

Bem, no dia 24 de Março de 1984 apareci no bairro durante a manhã. Foi uma alegria para aqueles que já me conheciam e uma certa admiração para os outros mas, como eu era pequenita, eles até me aceitaram

nas brincadeiras deles. Durante algum tempo estive a observar a sua maneira de brincar. Os rapazes jogavam à bola, algumas raparigas faziam um jogo de caça namorados, outras nunca mais me largaram e faziam-me muitas perguntas. Decidi ir brincar com eles, só que se geraram dois problemas: os rapazes queriam continuar a jogar à bola e as raparigas queriam fazer uma roda para fazermos o jogo do lencinho. Bem, depois de muita confusão chegamos a um acordo e lá fomos todos jogar à bola. No fim, cantamos todos uma canção e então eles propuseram-me que fosse no próximo sábado outra vez brincar com eles. O grupo começou a aumentar e já brincavam crianças de idades muito variadas, entre os 4, 5, 6 a 12 anos. Os grandes, embora tenham muito cuidado e carinho com os mais pequenos, por vezes não gostam da sua presença porque atrapalham as suas brincadeiras.

A partir daqui, começamos a ter os nossos encontros todos os sábados às 14h 30 m (quando não chove, porque ainda não temos um espaço coberto).

Começamos a falar dos problemas existentes no bairro e nas suas dificuldades:

- O nosso bairro é muito pobre, não tem esgotos (os mais pequenitos brincam com as águas chocas), não temos casa de banho, temos que nos lavar e tomar banho numa bacia, temos que ir muito longe à escola, alguns pais passam a vida a gritar com os filhos, por causa do vinho!

- O meu pai só trabalha dois dias por semana, recebe pouco dinheiro. Na nossa casa somos 12 pessoas, dormimos todos juntos, uns no chão outros na cama, uns para cima outros para baixo!

Zé Maria: - Todos deveríamos ter uma casa com quartos para todos, casa de banho... Hoje já não quero falar mais disto, diz Alfredo.

Vamos brincar? Disseram eles em câo. Eu disse-lhe: vamos!

Eu quero jogar ao pião. Oh! Mas eu não gosto porque eu não sei jogar muito bem, disse a Irene e o Paulo.

Agora quero eu falar, disse a Fátima.

- Gostei muito da visita daquela que não fala a nossa língua (Marie Hélène) e daquele homem de Lisboa (Adelino).

- Eu também gostei da visita do Quim e do livro que ele nos trouxe. Fiquei triste por não ver os filhos da Teresa. Ela estava lá mas não quis que a gente os visse. Ela passa o tempo na má vida, os filhos só roubam e eu não gosto muito que eles venham para o nosso grupo. O meu pai não gosta que eu ande com essa gente mas eu acho que não faz mal nenhum, diz a Catarina.

Fizemos algumas visitas: Fomos ao bairro para convidar o Cândido e a Rosa para ~~o nosso grupo~~ ^{nosso grupo}. Tivemos uma festa nas Irmãs Canno-sianas, no Porto.

Gostei muito, disse o Alfredo, é bom conhecermos outros amigos.

Fomos a Lourosa visitar o grupo dos Menes.

Alfredo: - Eu não gostei, adorei. Gostei de fazer os jogos, gostei de ver o filme que um senhor passou, mas o passeio ~~de~~ ^{de} de que mais gostei foi de ter ido ao magusto (Tóni) ao grupo de Canelas.

Zé Maria: - Gostei de ter ido a Lisboa.

- Fomos visitar outros grupos, algumas barracas, ~~mas~~ ^{mas} ainda eram pior do que as nossas...

- Eles já estão muito mais organizados do que nós...

Tenho tido algumas dificuldades:

Ainda não consegui outras pessoas para me ajudar e assim poder dividir as crianças por idades; ainda não consegui que eles deixassem de trocar algum filme na televisão ou futebol pelas nossas reuniões ...

Não é muito o que consegui fazer durante um ano mas... como uma criança de um ano começa a aprender a dar os primeiros passos, espero que o mesmo aconteça connosco.

Adélia

M O N O G R A F I A (Continuação)

16 de Outubro de 1985

A ideia da visita ao bairro foi do Zé Maria e da Maria de Fátima.

- Zé Maria: Hoje podíamos ir visitar o Cândido e os primos, que moram no fundo do bairro!

- Fernando: Eles andam sempre na rua! O Miguel passa a vida a pedir para comer, os irmãos roubam tudo o que vêm.

- Toni: As pessoas têm que tirar as sacas das portas logo que a padeira chega.

- Adélia: Porque?

- Toni: Porque eles estão escondidos e mal a padeira põe o pão na saca eles vão por de trás dela e levam o pão...

- Paula: Os pais deles são uns malandros, só bebem muito vinho!...

- Adélia: Como é que vocês sabem que eles só querem viver na malandrice?

- Fátima: Porque a gente bem ouve as pessoas grandes dizerem que é uma pena eles serem assim malandros.

- Marisa: Oh! Adélia, sabes que a mãe deles é muito marota? A roupa que as pessoas boas lhe dão ela queima!

- Adélia: Queima?!... Porque?

- Marisa: Tu também não sabes nada, vê-se bem que não vives aqui no bairro porque se vivesses aqui no bairro ouvias os barulho dos pais quando bebem muito vinho e depois dizem tudo!...

- Adélia: Mas as pessoas quando estão bêbadas não sabem o que dizem...

- Marisa: Olha, o meu pai não diz isso, diz que as pessoas quando estão bêbadas são muito verdadeiras e dizem mesmo a verdade.

- Adélia: Mas tu ainda não me disseste porque é que ela queima a roupa!

- Marisa: É assim: as pessoas dão muita roupa ao Miguel porque têm muita pena deles, depois, enquanto ela está limpa deixa andar, quando já está muito suja (olha que às vezes já não se vê de que cor é) para não a lavar queima-a... Ela passa a vida a dormir!

Nesta visita o tema da nossa conversa foi a mãe do Miguel. Ficaram impressionados com o que os vizinhos disseram deles...

Ficamos de lá voltar no início dos trabalhos, como eles dizem.

Quanto ao espaço na paróquia eles não disseram muita coisa. Estavam muito inibidos. Ficamos de lá voltar para saber a resposta mas eles não quiseram ir, no entanto, ficaram radiantes quando eu lhes disse que já tínhamos um espaço para brincar e fazer muitas outras coisas.

- Fátima: É importante que o nosso grupo seja maior. Olha, andem muitas crianças para aí na mandriagem, é preciso ajudá-las!

- Adélia: Como? Indo brincar com elas? Mas vocês muitas das vezes só querem ficar por aqui!... Ainda há dias não queriam que o Paulo Jorge brincasse convosco e já é do nosso grupo!...

- Fátima: Oh, porque estávamos chatiadas com ela. Ainda ontem me chamou piolhosa, filha da puta e outros nomes que eu tenho vergonha de dizer.

- Maria: Vamos cantar uma canção?

"Qual?" diz a Ivone.

- Zé Maria: Eu gosto muito daquela canção que cantamos no Seminário com o Adelino "Tu não nasceste, Amigo, para estar triste".

- Fátima: Olha, vem mesmo a calhar por causa do Miguel e dos irmãos, porque sofrem muito.

- Adélia: Então vamos lá a isto.

- Alfredo: É uma pena não termos uma viola...

- Zé Maria: Quem tocava? Tu não vês que aqui no grupo ninguém sabe tocar?...

- Toni: Quando é que a gente volta a estar com aqueles miúdos da Canelas?

- Zé Maria: Eles são fogo!... Nunca vi como eles, não respeitam nada nem ninguém.

- Adélia: Ai vocês ainda me perguntam quando é que voltamos a estar com eles? Já se esqueceram daquele dia em que tínhamos combinado ir a Canelas e eu estive aqui à vossa espera e ninguém apareceu? Fiquem sabendo que fiquei muito triste! Bem, mas já passou e isso não vai voltar a acontecer, não é verdade?

- Ivone: Não podemos voltar a fazer isso porque a Adélia vem aqui porque é nossa amiga.

A nível de reflexão ainda é muito difícil para mim conseguir isso. Quanto ao magusto todos disseram que adoraram.

- Zé Maria: Eles ainda vivem pior do que nós.

- Fátima: Mas as casas deles parecem melhores!...

- Toni: Mas tu não viste aquele moço (Hernani) todo queimado e sem limpeza nenhuma? O Paulo quando partiu o braço foi logo para o Hospital e não andava assim com o penso porco...

Expressões de Fé: A ida ao bairro, a preocupação com aquela família, nós devemos ser todos amigos...

- Irene: A minha catequista disse-me que Jesus era muito amigo das crianças e que passava a vida a ajudar os outros.

- Toni: Eu uma vez ouvi na missa o padre a contar a história de que Ele curava os cegos com a saliva.

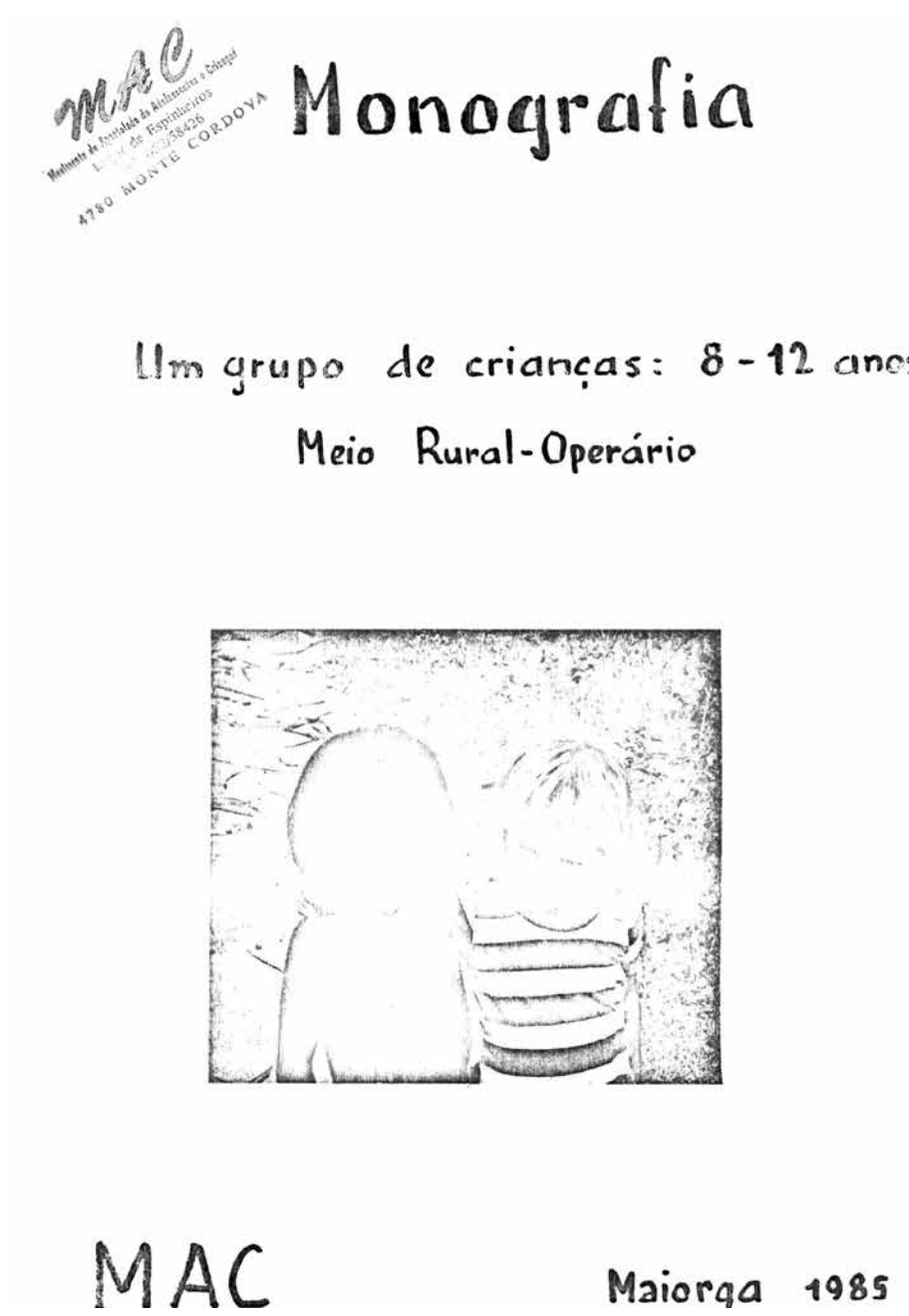
- Fátima: Fazia andar os coxos ... (de seguida uma grande gargalhada como quem diz, será verdade?)

- Fernando: A gente quando somos amigos, quando vamos visitar os outros, quando brincamos e não fazemos batota, estamos a ser amigos de Jesus.

- Marise: Ele também brincava...

- Paula: Oh Adólis, Ele até era carpinteiro...

3. Um grupo de crianças: 8-12 anos, meio rural operário – Maiorga (1985)



MONOGRAFIA DO "GRUPO DA ALEGRIA" - MAIORGA - ALCobaça - 1985 -

A ALDEIA

Maiorga é uma aldeia com cerca de 3000 habitantes. A maior parte são operários fabris trabalhando também no campo. É uma região de fábricas de cerâmica artística e ao nível agrícola é sobretudo de produção de frutas. Ao nível de estruturas está equipada com uma creche infantil, escola primária, telecolá, igreja e salão paroquial, escola de música e um grupo desportivo com campo de futebol. Não há um parque infantil nem biblioteca na freguesia. As crianças passam o tempo livre na rua e no adro da igreja.

Todas as crianças vão à escola e a maioria participa na catequese paroquial. Para além do MAC não existem outros movimentos para as crianças ou jovens.

APRESENTAÇÃO DO GRUPO

No grupo as idades são compreendidas entre os 8 e os 12 anos. Quase todos frequentem também a catequese. Os acompanhantes do "Grupo da Alegria" são também catequistas na paróquia. Por isso houve facilidade em começar o grupo porque já se conheciam:

- Ana e Cristina (gémeas) - 12 anos; mãe trabalha na creche e o pai tem uma pecuária.
- Gracinha - 12 anos; mãe trabalha na creche e o pai é empregado de escritório.
- Teresa - 11 anos; pais são empregados fabris.
- Neusa - 11 anos; mãe doméstica e o pai é emigrante em Angola.
- Cidália - 11 anos; os pais têm um café.
- Natércia - 10 anos; pais são trabalhadores rurais.
- Miguel - 10 anos; irmão da Teresa.
- Rodrigo - 9 anos; pais emigrantes em França.
- João - 11 anos; mãe trabalha na creche e o pai é mecânico.
- Mário - 11 anos; pai é pedreiro e a mãe operária fabril.
- Sofia - 10 anos; irmã do João.
- Alexandra - 11 anos; mãe doméstica e o pai tem uma oficina.
- Carla - 9 anos; mãe é operária fabril e o pai também.
- José António e Luis (irmãos, 10 e 11 anos) - mãe operária fabril e o pai está separado da família.

UMA PRIMEIRA ACCÃO ?

9.2.85

Para nos reunirmos tínhamos que esperar que outro grupo saísse da sala ou então não tínhamos chave para entrar.

NATÉRCIA - Nós podíamos arranjar uma casa velha e ficar com ela para nos reunirmos!

CRISTINA - Podíamos pôr um anuncio no jornal e quem tivesse uma casa emprestava-nos para nos reunirmos!

ACOMPANHANTE - O que é que vocês acham de falarmos com o padre? Talvez ele tenha alguma ideia!

NEUSA - A gente não sabe o que é que há-de dizer ao padre!

GRACINHA - Não há problema! A gente explica!

ACOMP. - Tu és capaz de falar com o padre em nome do grupo?

GRACINHA - Claro! Não Há problema!

16. 2.85

Pediram à catequista para sair mais cedo e juntaram-se na Igreja antes da missa. Esperaram que o padre chegasse e foram à sacristia falar com ele.

PADRE - Então o que é que os traz por cá?

GRACINHA - Somos um grupo de crianças que nos juntamos e não temos uma sala e pensamos que o sr. padre nos podia ajudar nisso! E também podia aparecer nas nossas reuniões e ir lá falar com a gente!

PADRE - Pode ser. É uma coisa a ver-se posso falar com a Ana (acompanhante) e depois vou lá falar com vocês.

(Entretanto o padre não apareceu e não deu ideia para a sala, de modo que nos começámos a reunir no salão paroquial,.

ESCOLHERAM UM NOME PARA O GRUPO

23. 2 85

Reunimo-nos para escolher o nome para o grupo. Apareceram vários nomes.

GRACINHA - Nós podíamos chamar "os maltrapilhos", porque na escola houve um grupo com esse nome.

CATARINA - Nós podíamos chamar o "grupo da alegria".

ACOMP. - Porquê esse nome?

CATARINA - Porque assim andamos sempre alegres!

? - Então vamos fazer uma votação para escolher os nomes!

(Então, com papelinhos escolheram o nome e foi o "grupo da alegria" que teve mais votos).

Depois eu disse que tinha estado num encontro com jovens que acompanhavam outros grupos de crianças como elas. E pediram-me para contar.

SOLIDARIEDADE PARA COM OUTRAS CRIANÇAS

Eu contei que havia crianças cabo-verdeanas que viviam com dificuldades. Eram crianças negras.

ACOMP. - Como vocês sabem os cabo-verdeanos são negros. O que é que vocês acham dos negros?

ANA - Eu acho que eles são crianças como a gente!

ACOMP. - Na vossa escola não há crianças negras?

CRISTINA - Há só duas ou três que andam na escola.

ACOMP. - As crianças brancas costumam brincar com elas na escola?

MATERCIA - Há lá uma garota na escola que anda sempre a bater nelas, mas eu já lhe disse que não devia fazer isso. Porque eles são pretos e ela ainda um dia podia ser como eles!

ACOMP. - Há pessoas que continuam a pôr os negros de parte e gozá-los. E vocês também fazem assim como essas pessoas?

TODOS - Eu não!

ACOMP. - Então se convidássemos crianças negras para vir cá à Maiorga, vocês acham que não havia problema nenhum da parte dos adultos?

TODOS - Eu acho que não!

ACOMP. - Vocês sabem que essas crianças falam "criolo". Algumas não andam na escola e não falam português. Outras nunca andaram de autocarro e nunca saíram do bairro.

MIGUEL - Se não andaram de autocarro como é que vieram de Cabo-Verde?

ACOMP. - Já estão cá há muito tempo e nasceram cá! Olhem, eu tive uma ideia! Como vocês estão a pensar fazer um espectáculo, podíamos arranjar dinheiro com o espectáculo e mandar para eles, para alugarem um autocarro ou outra coisa! O que é que vocês acham disto? Que ideia têm?

JOÃO - Mas no lugar de mandarmos o dinheiro para o autocarro, eles podiam compara carne e comerem.

ACOMP. - É verdade que eles podem passar fome, mas também nunca saíram do bairro!

CATARINA - Então é melhor alugarem um autocarro para passearem!

ACOMP. - E o que é que vocês acham de eles virem passar um dia connosco?

NEUSA - Pois era! Podíamos fazer uma festa com todos!

NATÉRCIA - E quando é que é isso?

ACOMP. - Por exemplo em Julho. E como já está calor podíamos ir à Eira das Chãs (campo de futebol entre os pinhais,!

RUI - Pois! Podíamos fazer uma equipa de futebol para jogarmos uns com os outros!

ACOMP. - Mas para fazermos um espectáculo, vocês têm que fazer coisas: peças, poemas ...

RODRIGO - Ah! Eu e o Rui podíamos arranjar versos. Podemos tirar dos livros!

ACOMP. - Então não são capazes de vocês mesmos fazê-los?

RODRIGO - Ah, eu faço versos!

GRACINHA - O meu pai tem lá peças e eu posso procurá-las!

ACOMP. - Mas ó Catarina, tu não podes começar a fazer poemas?

CRISTINA - Nós podemos fazer um grupo e começar a fazer uma peça.

NEUSA - Fazer já aqui?

ACOMP. - Pois? Eu vou-me embora e vocês podem ficar aqui a começar a trabalhar.

(Eles ficaram sozinhos e quando eu voltei mais tarde, eles já tinham feito a primeira parte da peça e foram representar para mim a primeira parte. Depois juntaram-se em casa e acabaram a peça).

2.3.85

PREPARAM UM ESPECTÁCULO

Trouxeram a peça escrita. Representaram-na para os outros elementos do grupo, para saberem a opinião deles.

ACOMP. - Vocês também podiam fazer danças! Que acham?

CARLA - O meu tio tem a música do Pica-Pau!

ACOMP. - Então eu gravo a música e vocês vêm ensaiar aqui no salão. Não podem estragar a aparelhagem do salão.

Quem fica responsável pela aparelhagem?

CLÁUDIO - Fico eu.

(Então eles sozinhos reuniram-se no salão para ensaiar a dança usando a aparelhagem. Mas os adultos responsáveis pela

aparelhagem apareceram nesse momento, viram as crianças a mexer na aparelhagem sozinhas e não gostaram. Depois quando cheguei chamaram-me à atenção dizendo que eu não devia deixar as crianças mexer na aparelhagem, porque tinha sido muito cara. A partir daqui já não poderam ensaiar mais sozinhos no salão. Mas ensaiavam na casa duns e outros.

Com eram cerca de 30 crianças, tivémos que fazer um horário de ensaios e a partir daqui começou-se a avançar mais depressa.

A peça de teatro inventada por eles, falava nos problemas que eles vivem. O outro grupo começou a ensaiar outra peça escolhida por eles: "A Maria dos olhos grandes e o Zé Pimpão".

Peças inventadas:

- "AS Codrilheiras" fala dos problemas da relação entre crianças e adultos e de não terem um parque para brincarem.

- "O Bom Samaritano" - fala da má relação entre as crianças. O Mário foi buscar a Bíblia para mostrar a história ao grupo, e assim ensaiaram.

- "Poema sobre a Maiorga"- que convida todos os habitantes a serem amigos.

- "Poema sobre a Criança"- que fala sobre o desejo das pessoas serem crianças.

(Entretanto foram decorrendo os ensaios das peças).

CONVIDAM AS PESSOAS...

ACOMP.- Temos que convidar as pessoas para o espectáculo! Já pensaram como é que vamos fazer isso?

? - Fazemos convites e metemos debaixo das portas!

ACOMP.- Então podemos fazer um cartaz!

MÁRIO - Então quando falarmos em dança, desenhámos 2 pessoas a dançar; quando falarmos em canções desenhámos uma pessoa a cantar; e quando falarmos em peças desenhámos um palco!

RUI - Eu conheço um homem que desenha bem e podia - nos fazer um desenho!

MÁRIO- Eu acho que isso não está certo. Se somos nós a fazer tudo, também podemos fazer os convites!

ACOMP. - Então vocês podem-se dividir em grupos e cada grupo fazer um convite e apresentam 3ª feira.

Na escola vocês podem convidar os vossos professores!

TODOS - Ah, pois é!

(Então organizaram-se em grupos para convidar os professores.,)

20.4.85

- ACOMP. - Tinha-mos o dia do nosso espectáculo marcado, mas hoje surgiu um problema.
- RUI - Ó Ana, no dia 4 há baile por isso não pode haver espectáculo.
- CARLA - Pois há! E muita gente vai para o baile.
- RUI - Eu não venho!
- ACOMP. - Mas o espectáculo às 11h já está pronto! Muita gente só começa a ir para o baile a partir das 11.
- RUI - Ai, eu não posso. Eu vou às 9 e depois estou lá até à 1 da manhã. E se for às 11 não estou lá tempo nenhum.
- ACOMP. - Mas o que é mais importante? O espectáculo ou o baile?
- RUI - Mas a minha mãe vai para o baile e não me deixa ir para o espectáculo.
- GRACINHA - Eu também tinha uns anos nesse dia e vou deixar os anos para vir!
- RUI - Mas isso é diferente.
- Sofia - Mas se as pessoas vão todas para o baile, depois não vêm ao nosso espectáculo!
- ACOMP. - Mas as pessoas têm que ver o que é mais importante. Quantas vezes há bailes?
- (As crianças calaram-se e o Márcio que tem 5 anos disse: "Mil vezes!")
- ACOMP. - Estão a ver? Há tantas vezes baile que vocês nem sabem! Agora respondam-me a outra coisa. Quantas vezes há espectáculos feitos por crianças? Quantas vezes vocês se lembram de terem feito uma coisa destas?
- (as crianças calaram-se).
- HELDER - Mas se os meus pais vão para o baile, eu não venho para aqui sozinho!
- ACOMP. - Mas se tu vieres os teus pais vêm-te ver representar.
- MÁRIO - Então o pai dele é que está na bilheteira!
- (depois a discussão continuou e resolvemos alterar a data do espectáculo).
- (.....)
- ACOMP. - Agora digam-me uma coisa. Se nós não conseguirmos arranjar dinheiro para elas (cabo-verdeanos que vivem em Lisboa a 100 Km da Malorga, pagarem o autocarro como é que nós nos vamos desenrascar?
- CARLA - Fazemos um peditório.
- JOÃO - Eu acho que esse dinheiro devia ser para a gente comprar uma aparelhagem e coisitas assim para a gente.

RODRIGO - Pois! Ficávamos com o dinheiro para a gente.

TEIMO - Mas a gente também temos de pensar nos "pobrezinhos".

CRIANÇAS - Mas tem que ser para a viagem de autocarro! Nós queremos que seja para o autocarro!

26.4.85

SUBSTITUIÇÃO DO APRESENTADOR

(...)

PAULO - Ó Ana, o Marco podia ser o apresentador.

ACOMP. - Mas isso só pode acontecer se o grupo aceitar. E o Marco ainda não faz parte do grupo; Primeiro o Marco tem de vir e depois propores isso ao grupo e explicares poque achas que deve ser ele.

PAULO - Está vbem. Então eu vou trazer o Marco.

27.4.85

ENSAIO DAS CANÇÕES

O ensaio das canções é feita através de uma gravação. Foi o único dia em que conseguimos realmente ensaiar as canções, porque alguns dos elementos que faziam mais barulho e lançavam a confusão não vieram. Quando cheguei para ensaiarem já estavam 5 crianças a varrer o salão.

ACOMP. - Mas que boa ideia vocês tiveram.

NEUSA - Nós pedimos vassouras e pás à Tia Emília e começámos a varrer.

(...)

28.4.85

DÃO IDEIAS...

NEUSA - Ó Ana, tive uma ideia para o espectáculo!

Era a gente dançar um "tango"! Fazia-se um café, e depois dançava-se no café, e os rapazes iam vestidos de raparigas e as raparigas de rapazes.

- (...)

29.4.85

HELDER - Ó Ana, eu não quero ir vestido de rapariga. A minha professora disse que era feio.

ACOMP. - Vocês é que decidem como querem ir. Se é mais engraçada de uma forma ou outra. Vocês é que sabem como se sentem melhor. Não sou eu que vou dançar.

1.5.85

ACOMP. - Vamos ensaiar o "BOM SAMARITANO"?

ZÉ ANTÓNIO - Mas não estão cá todos. Os outros estão a jogar à bola.

ACOMP. - Então vão chamá-los.

RUI - Eles disseram que não queriam ensaiar porque estão a jogar à bola.

ZÉ ANTÓNIO - Há o meu irmão disse isso?! Está bem! É mais importante jogar à bola do que ensaiar?!

ACOMP. - Vocês vejam lá como é que podem resolver o problema, porque os outros estão à espera para ensaiarem.

MÁRIO- Então vamos lá todos falar com eles.

(Finalmente apareceram todos e podemos ensaiar).

2.1.85

Entre os cartazes que eles apresentaram para anunciar o espectáculo, escolheram por votação aquele que achavam melhor.

(...)

3.1.85

(...)

TEIMO - Nós podemos já a começar a distribuir os cartazes.

MÁRIO - Nós já distribuimos os nossos. Puzémos debaixo das portas e entregámos às pessoas que vimos.

ZÉ ANTÓNIO - Eu vou de bicicleta amanhã à tarde distribuir pela Póvoa e Casal da Areia (duas aldeias próximas).

(.....)

11.5.85

E CHEGOU O DIA DO ESPECTÁCULO....

Limpam o pó às cadeiras, acabam de montar os cenários, põem os fatos em ordem, liga-se o som para o exterior com canções infantis e eles vão lá de vez em quando anunciar o seu espectáculo: "HOJE NO SALÃO ÀS 21, 30 h, NÓS CRIANÇAS VAMOS APRESENTAR UM ESPECTÁCULO. TEMOS MUITAS COISAS A PARESENTAR-VOS. VENHA! NÓS CONTAMOS CONSIGO".

Começou o espectáculo. Era visível a importância que tinha para elas os pais a assistirem ao espectáculo:

"Agente não pode começar já porque a minha mãe ainda não veio"!

14.5.85

ANA - Quanto fizemos no espectáculo?

ACOMP. - Fizemos 9mil e pouco.

? - Mas isso não chega para pagar o autocarro.

ACOMP. - Pois não! E como é que vamos resolver o problema?

TELMO - Pois nós podíamos fazer um peditório.

CRISTINA - Nós podíamos repetir o espectáculo.

ACOMP. - Vocês acham que as pessoas gostaram de ver este espectáculo?

NEUSA - Eu acho que gostaram. A minha mãe, quando eu estava a cantar, passou-me sinal com o dedo para eu não ficar nervosa; Ela pensava que ^{eu} não era capaz de fazer nada!

NATÉRCIA - OS Professores da escola querem que a gente vá dançar o tango e representar a peça das "Codrilheiras".

(então combinou-se repetir o espectáculo no dia 9 de Junho).

ACOMP. - Olhem, eu acho que nós nos esquecemos de ir agradecer e conversar um pouco com uma pessoa que nos ajudou nisto tudo. E se não fosse ela não tínhamos feito o que fizemos! Vocês sabem quem foi?

? - Foi o sr. António?

- Foi o Zé Eduardo....

ACOMP.- Não! Foi alguém muito mais importante que toda a gente conhece!

? - Foi Jesus!

ACOMP. - Pois foi, vocês não acham?

? - A gente podíamos ir à Igreja agora.

ACOMP.-Então vamos lá falar um bocadinho com Jesus.

11.6.85

É concretizada a vinda das crianças cabo-verdeanas no dia 23 de Junho. Pensaram em arranjar qualquer coisa para oferecerem às crianças cabo verdeanas. Resolveram então fazer uns bonecos de lã. Cada um fazia o seu, mas mesmo assim não chegavam.

CIDÁLIA - Eu posso pedir à minha irmã para fazer.

TERESA - A minha mãe também faz.

Outro problema surgiu.-O que vamos fazer com as crianças cabo-verdenas na Maiorga? A maioria achou que devíamos ir para a Eira das Chãs (campo de futebol entre pinhais).

RUI - Lá podemos brincar e fazer equipas de futebol.

ANA - No Domingo que vem podíamos ir todos à Eira das Chãs, fazíamos um pic-nique e vermos o que podíamos fazer com as crianças das Fontainhas.

(Como souberam que eles vinham participar na missa da paróquia quiseram participar na missa de uma forma diferente do que costuma ser).

SOFIA - Nós podíamos cantar na missa.

CATARINA - Eu posso fazer uma leitura.

NEUSA - Eu também quero ler!

LUIS - Vamos pedir ao sr. António para nos ensinar os cânticos.

23.6.85

A VISITA DOS CABO-V. RDEANOS

Chegaram cedo de autocarro. Participaram na missa. Brincámos no adro da igreja. Notava-se um pouco de timidez. Mas depois como a brincadeira começou, tudo se dissipou como num passo de mágica.

Houve jogos, canções, rodas, danças, futebol, almoço comum e lanche, representações, entrega mútua de presentes, e a partida.

26.6.85

LIGIA - Ah! Eu arranjei logo amigos!

Depois no fim podíamos ir brincar àquele jogo que eles nos ensinaram, do "una, una, ê".

HELDER - Isso até já chateia. Lá na escola só sabem brincar a isso.

PAULO - Um disse ao Marco que tinha 3 televisões e que não vivia numa barraca e que tinha assim muita coisa...!!!

ACOMP. - E vocês acham que é verdade!

CARLA - Eu acho que ele mentiu porque tem vergonha de ser pobre.

ACOMP. - Vocês acham que se deve ter vergonha de ser pobre?

LUIS - Eu acho que eu percebo porque é que ele disse isso. Porque eu também não tenho pai (não vive com ele, e eu às vezes também digo que tenho pai.

TELMO - Eu gostei muito de ver eles representarem aquela do "Manel Sapateiro". Ele tinha aquelas coisas para Jesus e os outros foram lá pedir. Mas os outros eram Jesus! E Jesus eram eles!.

ACOMPANHANTES: Ana Maria
Teresa
Luis

4. Monografia do grupo “Os Aventureiros” – Setúbal (1987-1988)

O bairro dos Pinheirinhos em Setúbal é constituído por prédios de 3 andares onde moram, em maior número, operários especializados, uma cooperativa de habitação com casas individuais onde moram trabalhadores com recursos económicos mais fracos, vendedores ambulantes, trabalho precário, e mais perto da linha do comboio, moram famílias na maioria cabo verdianas e ciganas, em barracas. A cooperativa de habitação tem à sua frente uma Comissão de Moradores, e tem uma “cantina”, local que serve para o grupo da bola e algumas festas.

16.10.87 Ao entrar no prédio às 21h, um rapaz pergunta-me “É a Senhora que dá catequese?” Era o Pedro, estava com o Hugo, o filho do dono do café a quem falei do grupo, já há vários meses. A Cláudia do grupo “Os Amigos em Acção” tinha falado com ele, mas não se mostrava interessada em entrar num grupo já constituído.

Portanto expliquei o que era o grupo que já se reunia e disse-lhes que se quisessem podiam começar um grupo com os amigos deles. Concordaram e ficou combinado para o dia seguinte, sábado às 17h.

17.10.87 Antes das 5h, 2 mães tocam à campainha e querem falar comigo. Expliquei a diferença entre MAC e catequese e perguntei-lhes se deixavam ir os filhos para o MAC. Não há problema.

Às 5h, os moços tocam a campainha. Vou ter com eles e reunimo-nos no café. O Hugo tinha a lista feita dos 6 elementos presentes: Hugo, 10 anos, Pedro 11 anos, Jorge 9 anos, Orlando 9 anos, Rui 10 anos, Marco 11 anos. Dizem que se conhecem bem todos, Fizemos um jogo para verificar: por exemplo, perguntei ao Jorge qual a emissão de TV de que mais gosta o Marco? Perguntei ao Orlando a que horas se deita o Pedro...

Depois, perguntei-lhes o que queriam fazer no grupo?

– jogos, festas, teatros...

Ac – sabem o que é o MAC?

Dei a explicação do nome, sobretudo da palavra “apostolado”, eles não andam na catequese.

Ac – gostavam de falar dos vossos problemas na escola, no bairro...?

Cr – está bem (sem grande entusiasmo)

Ac – onde nos vamos reunir? e quando?

Foi decidido as 4^{as} feiras das 7 às 8h

Hugo – pode ser no café

Marco – podemos incomodar

Ac – é verdade. Então onde?

Eles – podemos perguntar ao dono da cantina se ele deixa a gente reunir lá!

Ac – quem sabe a direcção dele?

Rui – o meu pai sabe

Ac – portanto para a próxima vez, vamos perguntar na cantina e cada um vem com ideias sobre o que quer fazer

Acabamos com a cantiga “quem começa a dançar” de que gostaram muito

21.10.87 Apareceram os mesmos 6, mais o Miguel 11 anos e a Patrícia 8 anos. Dentro do café, chamaram o Paulo de 14 anos que já participou em algumas reuniões no outro grupo, mas nessa altura, não se aguentou, era muito instável

Ac – então o que é que tínhamos dito a semana passada?

Crs – íamos ver o guarda da cantina

– mas também temos de escolher um nome para o grupo

Entre vários nomes que surgiram, na votação empataram entre os Aventureiros e os Amigos de Jesus. Alguns queriam os Apóstolos por causa da explicação da semana passada. Alguns dizem que vão iniciar na catequese

Ganhou “Os Aventureiros”, desempataram com um jogo de bola!

Foi o Jame (não fazia parte do grupo) que emprestou a bola

Perguntei-lhes se não se podia convidar o Jame (9 anos, cigano) já que foi simpático. Foram imediatamente, mas ele recusou. O tio explicou que recusou porque não sabe escrever. Como disse que não fazia mal, aceitou (no Bairro, ele passa o dia a puxar um familiar na cadeira de rodas)

Como lhes falei da Equipa Diocesana e dos outros grupos, quiseram eleger o delegado e subdelegado. Sugerir que tínhamos primeiro que ver as qualidades que se pediam para este cargo que era duma grande responsabilidade. Então as qualidades do delegado são as seguintes:

Ser inteligente, amigo de todos, ser responsável, ouvir as opiniões as ideias dos outros e respeitar, colaborar no grupo, ser capaz de pensar, ser capaz de falar e de comunicar.

Ac – talvez seja melhor ficarmos a pensar esta semana e irmos para as eleições só para a semana.

Eles – não, já sei em quem quero votar

Foram necessárias 2 voltas. Ficou o Paulo como delegado e o Miguel como subdelegado.

Ac – e agora, quem fica responsável para o grupo? Só os 2?

Eles – não, somos nós todos

Ac – agora, vamos ver o Sr. Gonçalves, saber se ele empresta a cantina?

Fomos, ele aceitou.

28.10.87 Fomos todos juntos até à cantina. O guarda não estava para abrir a porta. Decidiram que iam buscar a chave o delegado e subdelegado

Fizemos jogos durante este tempo

Começamos a reunião, faltou o Jame. Disseram que com certeza se esqueceu, tem que se lhe lembrar. No grupo podia aprender mais, e nas férias poderia ensinar-lhe a ler e escrever.

Depois, preparamos o encontro diocesano de delegados e subdelegados, onde vão participar pela 1ª vez o Paulo e o Miguel

Ac – concordam para entrar num concurso de autocolantes?

Todos dizem que sim

Ac – gostavam de se encontrar com outros grupos? Para fazer o quê?

Crs – encontro com todos os grupos. A gente podia fazer futebol, estafetas, atletismo, maratonas

Ac – não gostavam de escrever para o jornal de Nós para falar do vosso grupo?

Crs – afinal é melhor entrar no jornal e não nos autocolantes

Ac – porquê?

Crs – o jornal muda, os autocolantes, é sempre a mesma coisa

Marco – podíamos fazer as 2 coisas

Cr – podíamos fazer uma festa

CR – nas férias, podíamos ir para o campo e convidar outros

Patrícia – podíamos fazer um teatro

Para a semana, vêm com ideias para escrever um artigo “porquê e como começou o grupo”

6.11.87 Falta o Rui

O Paulo e o Miguel chegaram atrasados. O Paulo muito irrequieto trouxe o Sílvio, mais velho, que já fez parte dum grupo mas desistiu.

O Marco, Patrícia, Jorge, Pedro tinham escrito qualquer coisa para o artigo:

- arranjam mais rapazes

- gostávamos de ter um grupo de MAC

- porque nos convidaram

Outros disseram que também queriam entrar

Gostávamos de entrar num grupo, é a 1ª vez

Podemos fazer coisas

- queríamos entrar na catequese, não era catequese mas fiquei na mesma não é catequese, é tempos livres

Ac – qual a diferença entre catequese, Mac e tempos livres?

Cr – na catequese aprende-se a vida de Jesus

Cr – no MAC também falamos de Jesus

Cr – os tempos livres é para passar tempo, divertir-se com os outros.

No MAC também, mas nós ajudamos e vamos modificar o bairro.

Ac – vamos abrir os olhos e os ouvidos esta semana, e saber o que é que se passa no nosso bairro.

7.11.87 Equipa diocesana. Veio só Miguel. O Paulo, delegado foi aos pássaros

11.11.87 Tinham combinado entre eles de fazer uma fogueira e assar castanhas com a fogueira acesa, apareceram 3 irmãos: Bela 10 anos, Toninho 9, Mónica 7 anos (descalça). Brincamos e cantamos. A Patrícia ensinou “Eu tenho um Amigo que me ama...”

Depois, continuamos a reunião dentro da cantina. Decidiram depois de reflectir que davam uma “chance” ao Paulo para ficar como delegado.

Ac – acham que o grupo pode aceitar os 3 irmãos? (Estavam sentados perto da parede, afastados do grupo) Ficaram a pensar e disseram que sim

Miguel – o grupo pode ajudá-los

Ac – estou a ficar muito contente com este grupo. Perdoaram ao Paulo e deram-lhe uma chance, e aceitaram mais 3 elementos no grupo

O Miguel fez o relatório da equipa diocesana. Têm autocolantes, postais e jornais para vender

18.11.87 Faltam os 3 irmãos e o Rui

Cada um trouxe o dinheiro das coisas que vendeu: 162\$

Ac – não sabem nada dos 3 irmãos? (já sabia que o Rui chegava mais tarde da escola)

Cr – o pai deles é mau

Cr – eles precisam da nossa ajuda

Cr – comem pastilhas com o dinheiro que vão pedir

Entretanto eles chegaram e a conversa acabou.

Ac – quem quer escrever o que gostam no bairro e o que faz falta?

Fizemos 2 listas. E agora, o que é que a gente pode fazer?

Hugo – escrever para a Câmara para fazer um campo de futebol

Pedro – falar com o Sr. Gonçalves para arranjar as estradas

Patrícia – escrever à Câmara para termos um jardim

Miguel – dizer ao Zé Gonçalves para escrever uma carta para construir uma farmácia

Marco – criar amizade entre as pessoas e os amigos

Pedro – pedir ao Zé Gonçalves escorregas para as crianças

Ac – e se para apresentar estas ideias todas a gente fizesse um bairro miniatura com tudo o que gostamos e tudo o que faz falta?

Cr – com as pedras da calçada?

Ac – sim, pintadas, e também como tudo o que podem encontrar na rua

Está combinado? Para a semana, cada um traz qualquer coisa?

Crs – está bem

22.11.87 Faltam o Rui e o Paulo

O Jame que veio à festa pede para ficar no grupo. É uma criança difícil duma família muito desfavorecida, que toda a gente conhece

Crs – o Jame pode ficar se se portar bem

Cr – sim a condição de aparecer de cada vez e de trazer caderno e caneta

Ac – ouviste Jame? Concordas?

Jame – sim

Ac – o que é que pensaram da festa?

Crs – gostei, foi muito bom

– gostei porque havia comida

– quando é que a gente faz uma festa?

– a peça de teatro de que mais gostei, foi a do Paulo, mais animada e mostra a realidade (peça que mostrava e denunciava a violência na família)

Ac – então, vamos à construção do bairro?

Alguns tinham trazido já casa pintadas, mas logo se puseram à corrida e a guerrear. Tentei um jogo, não houve possibilidade. Ralhei a sério, dizendo que se vinham só para fazer barulho e para brigar, não valia a pena ter um grupo

2.12.87 Faltam o Rui, o Miguel, o Paulo

Toda a reunião se passou na construção do bairro. Foram buscar bocados de madeira, esferovite, etc... Muito atentos a não fazer avarias

9.12.87 Faltam o Rui, o Jame, o Pedro

Acabamos o bairro. Colocaram as casas, as personagens, o parque. Depois, falamos:

Ac – quem sabe o que é o Natal?

Cr – Jesus que nasceu

Ac – quem era Jesus?

Cr – a sua mãe era Maria, já demos isto na catequese

Cr – era Deus

Ac – sim Jesus é Filho de Deus e é Deus. E porque é que nasceu? Porque é que veio entre nós?

Cr – porque os homens não acreditavam

Cr – para trazer a paz

Cr – destruir os armamentos

Cr – dar amor e amizade

Ac – onde Ele nasceu?

Cr – em Belém

Ac – numa casa rica?

Cr – sim

Cr – não, numa gruta

Ac – o que é que isto tem a ver com o bairro que fez a gente?

Começam já a ficar cansados e a fazer barulho

Ac – se vocês não podem pensar um pouco, o grupo não pode ir muito longe. Então, o que é o nascimento de Jesus tem a ver com o nosso bairro?

Cr – claro, Ele veio trazer a paz, e nós fizemos um parque para brincarmos

Cr – o bairro foi feito com amor

16.12.87 Mini celebração do Natal com os 2 grupos dos Pinheirinhos

Os Aventureiros instalaram a maquete do bairro, explicaram o que fizeram e porquê. Depois, em plenário, vimos o que quer dizer Natal. Cada um fez um desenho sobre o que quer dizer Natal para ele. Depois o Hugo levou o Menino Jesus para dentro da maquete.

6.1.88 Faltam o Paulo, o Jame, o Rui

Ninguém trouxe autocolantes. Fica decidido que os vamos fazer um conjunto na próxima reunião

Ac – como correram as férias e o Natal?

Crs – foram os presentes, o bolo-rei, as passas

– bebi champanhe e Moscatel

Ac – quem se lembrou do que dissemos no Natal?

Crs – nada

Ac – quem criou paz, amizade e amor?

Crs – eu, eu...

Miguel – eu não, apanhei uma tarefa da minha mãe

Pedro – era preciso fazer eleições, o Paulo faltou hoje outra vez

Ac – acho que tens razão em falar das eleições. Cada um vai ficar a pensar

Agora, o que é que a gente faz com a nossa maquete? Fica só para nós ou vamos dar a conhecer o que a gente queria?

Cr – podíamos fazer uma carta assinada pelo grupo e mandar para a Câmara e para o Sr. Gonçalves

Cr – podíamos dizer ao Sr. Gonçalves de vir falar com a gente

Pedro – podíamos fazer um abaixo-assinado

Ac – sabem o que é?

Crs – não

O Pedro explica, eu completei a explicação

Ac – quem concorda? Isso quer dizer que se comprometem a ir às casas recolher as assinaturas das pessoas. Atenção, tem que se ver se os vossos pais concordam

Bela – eu não vou

Os outros todos dizem que vão, menos o Miguel

Ac – porquê Miguel?

M – não me apetece

Ac – és subdelegado, se não te queres comprometer, é chato para o grupo.

Ele fica em silêncio um pouco e depois disse:

Miguel – está bem, vou também

Ac – portanto, vamos redigir o texto, depois vou passar a máquina para a semana

13.1.88 Faltam o Jame, a Patrícia (doente)

3 [?] levam o Jornal de Nós para vender

Entregou-se o abaixo-assinado e fizemos um teatro para saber responder às perguntas que as pessoas podem [??] antes de dar a sua assinatura

20.1.88 Faltam o Jame, e os 3 irmãos (o pai não os deixou ir)

Ordem do dia: eleições e fazer os autocolantes

Crs – vamos começar com as eleições

Ac – porque é que pediram novas eleições?

Crs – porque o Paulo falta sempre

– não foi à reunião dos delegados

Ac – o que é que se pede ao delegado?

Eles voltam a dizer que as qualidades de um delegado, e foram as eleições.

Houve 3 voltas, o Pedro e o Paulo ficaram empatados.

A 4ª volta, o Pedro teve 4 e o Paulo 2. Mas logo, vários começam a refilar que não contava porque faltavam alguns elementos.

Ac – quais são as conclusões da impossibilidade de eleger um delegado?

Paulo – quando ganhei, estes não quiseram

Miguel – houve alguns que fizeram um voto consciente, como discutem muito, outros para se vingar votaram naquele que tinham na cabeça

Hugo – disseram que o Paulo tinha ameaçado a gente

Paulo – não ameacei ninguém (com ar muito ameaçador)

Miguel – gastamos muito papel, não sei para quê...

Ac – o que é que faz falta neste grupo?

Crs – organização, respeito pelos outros, consciência, silêncio, paz e amizade. Isso não pode continuar assim.

27.1.88 Ninguém trouxe os abaixo-assinados

O Paulo insiste para haja outra vez eleições. A acompanhante disse não, o grupo não está pronto a decidir, as pessoas têm de pensar melhor. Lemos uma passagem do Evangelho para ver o que disse Jesus daqueles que têm um lugar importante ou que querem ser superiores. Ao fim da leitura, o Paulo dirigiu-se ao Pedro e disse:

Paulo – se fores ao encontro da equipa diocesana, parto-te os dentes...

Ac – já chega! O certo é que não podes ser eleito a maltratar os outros do grupo. Proponho que se tire à sorte os 2 que vão ao encontro.

Vão o Miguel e o Jorge

3.2.88 O Miguel e o Jorge falaram da equipa diocesana

Não trouxeram os abaixo-assinados

Ac – porque é que a gente decidiu fazer isso?

Crs – para ajudar o bairro, para o modificar, para termos um parque e uma vida melhor no bairro

10.2.88 Cartas para a Câmara e a Comissão de Moradores

17.2.88 A acompanhante tinha falado com o Hugo e o Orlando durante a semana

Ac – o Hugo tem qualquer coisa a dizer

Hugo – quem quiser fazer parte do grupo tem de estas às horas que dissermos. A Lisa não é nenhum autocarro para ir buscar cada um

Os outros concordaram

Ac – porque é que o Orlando teve de refazer a lista do seu abaixo-assinado?

Orlando – porque o Paulo assinou no lugar das pessoas e até pôs nomes que não existem

Ac – acham que isto está correto?

Pedro – não, não é honesto, é falsificar a assinatura.

O grupo está muito enervado e o Hugo briga com a Patrícia até ela chorar.

Ac – ó Hugo, acho que já chega. Estás outra vez a fazer o contrário do que dissemos no grupo. Querem ouvir uma história que contou Jesus?

Lemos a parábola do Bom Samaritano (expliquei que os Samaritanos eram inimigos dos Judeus)

Ac – o que é que isto tem a ver com a gente? Quem é o nosso próximo?

Crs – os pais, tios, vizinhos, família, amigos

Ac – cada um tem só amigos? Não tem ninguém um pouco inimigo?

Patrícia – sim tenho o Hugo e o Paulo

Ac – Patrícia, se o Hugo precisar de ti, ajudavas?

Hugo – só que não preciso dela e não quero a sua ajuda

Ac – achas que estás no sentido da leitura do Evangelho?

Hugo – pois não...

24.2.88 Faltam o Jorge, Pedro, Miguel, Paulo (jogo de bola na TV)

A Patrícia trouxe 2 raparigas que querem fazer parte do grupo

Ac – porque é que querem fazer parte do grupo?

Mónica (14 anos) porque gosto de ter amigos

Beatriz – gosto de estar aqui, gosto dos meus amigos e de brincar jogos

Ac – o que é que pensa o grupo?

Disseram todos que sim

Hugo – ah, é verdade, não sabem o nome do grupo, somos os Aventureiros

Depois, ele explicou o porquê dos abaixo-assinados. Falamos do Seminário Europeu, levaram os porta chaves para vender

15.3.88 Faltam a Patrícia, o Miguel, a Beatriz

O Hugo tinha contactado o Sr. Gonçalves, ele veio.

Hugo – queremos modificar o bairro, é triste

Depois, eles explicam tudo o que está na maquete

O Sr. Gonçalves disse que a Comissão de Moradores e a Câmara têm em vista alcatroar a rua, o parque de jogos, o campo de bola. Vai trazer a maquete do parque, é importante serem guardas uns dos outros para não destruir.

Vai haver bancos para os velhotes.

Ele vai apresentar os abaixo-assinados à Comissão de Moradores. Disse-nos para nos dirigir na Câmara para a vereadora Paula Costa

Crs – os caixotes de lixo são importantes, precisamos de muitos

Depois do Sr. Gonçalves sair:

Hugo – o Sr. Gonçalves concordou

Marco – vamos falar de vez em quando, ver se o projeto vai para a frente.

23.3.88 Como continuamos sem delegado, vão representar o grupo o Pedro e a Bela na reunião diocesana. Para a festa diocesana, querem fazer jogos, teatro, dar-se a conhecer uns aos outros, cantar, fazer novas amizades, conhecer os outros grupos, partilhar a comida como na equipa diocesana

30.3.88 Faltam a Mónica grande e o Pedro

Preparamos as perguntas para os delegados do Seminário Europeu que vão visitar os grupos

Ac – o que é que querem saber?

Crs – o que é que lá fazem?

– como vai a vida deles? Das crianças? Dos adultos?

– como se organiza lá o MAC?

– as crs têm boas ou más condições de vida?

– como é que vieram a Lisboa?

– além do MAC, o que é que fazem?

Ac – e nós aqui, já fizemos muitas coisas para melhorar o bairro. O que é que isto mudou para nós? O que é que aprendemos?

Crs – saber dizer o que queremos

– ultrapassar o medo

Ac – e na vida do bairro?

Crs – deu mais esperança às pessoas. Ao assinarem, podia realizar-se com a maioria das pessoas

Ac – acham que isto tem a ver com o que conhecem da vida de Jesus?

Crs – na vida dele, Jesus mudou tudo

Ele dá vontade à gente, dá esperança

Ac – que mais?

Crs – fizemos o nosso bairro em miniaturas, colocamos o que existe e o que faz falta. Fizemos os cartazes e os abaixo-assinados

Ac – foi fácil?

Crs – demorámos porque esquecemos, mas foi fácil arranjar as assinaturas porque as pessoas concordavam

– depois fizemos as cartas para a Comissão de Moradores e a Câmara.

– o Zé Gonçalves veio para a gente explicar o que queríamos dele e mandamos a carta para a Câmara

– o Zé Gonçalves disse que vinha trazer o projeto do parque e esqueceu-se.

O Hugo fica encarregado de lhe lembrar

Ac – o que é que isto mudou?

Mónica – hoje, puseram um novo caixote de lixo perto da minha casa. Voltam outra vez a fazer muito barulho e aos pontapés. Acabamos a reunião.

Depois a acompanhante encontrou-se com o Hugo e a Bela para preparar a equipa diocesana e falar do comportamento do grupo

6.4.88 O grupo foi recebido pela vereadora Paula Costa na Câmara.

Foram com outra acompanhante.

Ac – A D. Paula Costa começou logo por se dirigir às crianças, pedindo desculpa de os fazer esperar alguns minutos. As crianças sentiram-se logo compenetradas de responsabilidade e explicaram bem o que pretendiam

10.4.88 Os 2 grupos receberam os delegados europeus

Já estava toda a gente reunida, chega o Jame. Alguns dizem logo: não entra, já não faz parte do grupo. Gera-se uma discussão, acabam por deixar entrar o Jame na condição de se portar bem

13.4.88 Na reunião do grupo fizemos a avaliação da festa. Quiseram votar para saber se o Jame e o Paulo continuavam no grupo

Crs – o Jame lá fora, bate na gente

Ac – e o grupo pode ajudar o Jame?

Crs – sim pode, mas não se pode bater nem fora nem dentro. Os amigos do MAC não se batem

Ac – então perdoa-se ao Jame e dá-se mais uma chance? (já tinham dito que para o Paulo não havia problema, continuam com medo dele)

Crs – já perdoamos muitas vezes...

Ac – Jesus disse para perdoar 70x7, estamos ainda longe da conta! Então?

Crs – está bem, mas a gente está cá para ser bem educados

– agora, quem bater no grupo, sai.

22.5.88 Avaliação da festa diocesana:

Bela – zangaram-se por causa da Mónica cantar os Amigos em Acção

Hugo e Jorge – ela não quis entrar no nosso teatro, disse que o grupo era uma m...

Mónica – não disse isso

Eu, gostei da passagem de moda e das danças

Ac – gostaram da missa?

Crs – sim, mas para a comunhão, é preciso saber as rezas todas, confessar-se ao padre

– estar preparado no seu coração

– gostar de Deus

– amarmo-nos uns aos outros

– Deus está sempre ao pé da gente

* * *

As crianças do Bairro dos Pinheirinhos querem uma vida melhor no bairro.

Queremos um parque com jogos, uma farmácia, estradas alcatroadas, mais higiene, (caixotes de lixo e limpeza das ruas), uma camioneta da Carreira a passar no bairro, mais iluminação.

Por isso, pedimos a colaboração da Câmara Municipal e da Comissão de Moradores e contamos com a colaboração de todos os adultos e crianças.

Grupo do MAC (Movimento de Apostolado das Crianças)

“Os Aventureiros”

NOME

[...] *António Cândido Ferreira*

IDADE

11

PROFISSÃO

Estudante

* * *

[texto manuscrito]

Ex.^{mo} Senhor Gonçalves
Comissão de Moradores (Luta do Povo)
Somos um grupo de crianças do MAC (Movimento de Apostolado das Crianças)
Que se reúne na cantina todas as
Quartas feiras das 7 horas às 8 horas
E gostaríamos que o Senhor Gonçalves
participasse na nossa reunião que na
próxima quarta feira no dia 17
fevereiro pelas 7 horas
esperamos a participação do
Senhor Gonçalves
Com os nossos cumprimentos

Obrigado

MAC. Esperamos

Várias assinaturas

* * *

[texto manuscrito]

Ex.^{mo} Senhor Presidente da Câmara

Ex.^{mo} senhor presidente da
Câmara, nós e o nosso grupo do
M.A.C. (Movimento Apostolado das
Crianças), pedimo-vos autorização
para comparecer na câmara municipal
de Setúbal, a fim de termos
uma entrevista convosco.
Queríamos melhorias no nosso
bairro e gostávamos de falar
nisto convosco.
Aguardamos a vossa resposta
com esperança do senhor nos poder
ajudar.
Pode dar-nos a resposta para:
Mac
Grupo dos Aventureiros

Rua dos Bombeiros de Setúbal
Nº 23 3º Dº

Com os nossos cumprimentos,

Várias assinaturas

* * *

[texto manuscrito]

Ex.^{ma} Dona Paula Costa

Queríamos agradecer-lhe por tudo aquilo que os homens da câmara municipal fizeram. Foi muito simpático da sua parte por nos terem recebido. Nós também, em certa parte, ajudamos na construção da estrada, até foi divertido.

Gostaríamos de ver em breve a camioneta passar no nosso bairro e a farmácia estar construída.

Obrigado por tudo com cumprimentos

[?] de outubro 88

FOTOGRAFIAS

As fotos apresentadas nesta seção foram recolhidas de entre o espólio fotográfico disponível no movimento nacional. Com a seleção feita pretende-se retratar momentos relevantes da vida no MAAC, em diferentes períodos e lugares, de modo a ilustrar as diversas dimensões que o movimento integra no seu dinamismo e identidade.



1 – Grupo de participantes dos 5 continentes no Encontro internacional do MIDADE / Primeira participação de Portugal (Isabel Paes). Escorial, Espanha, agosto 1978.



2 – Participantes do Encontro Internacional MIDADE. Escorial, Espanha, agosto 1978.



3 – Encontro Internacional do MIDADE. Portugal participa como país observador com dois acompanhantes. Olinda, Brasil, 1982.



4 – Visita ao MAC da Vice-presidente e Coordenadora Europeia do MIDAC, Marie-Hélène Euvrad. Lisboa, 1984.



5 – Seminário Europeu sobre “Crianças marginalizadas na Europa”, organizado pela coordenação europeia do MIDADE, com a participação do MAC. Saragoça – Espanha, 1985.



6 – Grupo de crianças do bairro da Curraleira. Lisboa, 1986.



7 – Equipa Nacional do MAC. Lisboa, 1986.



8 – Acompanhantes do MAC do Funchal. Madeira, 1987.



9 – Seminário Europeu do MIDADE com o tema: “A Europa das crianças”. Lisboa, abril 1988.



10 – Participantes do Seminário Europeu do MIDADE. Lisboa, abril 1988.



11 – Encontro com crianças do MAC de Lisboa (Prior Velho?) no âmbito do Seminário Europeu do MIDADE. Lisboa, abril 1988.



12 – Participantes do Encontro da Equipa Europeia do MIDADE. Lisboa, 1989.



13 – Participação da Coordenadora Nacional (Ana Sousa) no Encontro Internacional do MIDADE. Zâmbia, 1990.



14 – Primeiro grupo de crianças de rua do MAC da Madeira, junto à Sé Catedral do Funchal. Funchal, 1994.



15 – Crianças da Escola Aberta (1990-1994) – Projeto de alfabetização em Câmara de Lobos com crianças de rua. Funchal.



16 – Grupo de crianças no Bairro das Palmeiras em Câmara de Lobos. Funchal, 1995.



17 – 8.ª Assembleia Nacional de Acompanhantes. Singeverga, Santo Tirso. Porto, 1996.



18 – 1.º Encontro Europeu de Crianças do MIDADE com o tema “Os direitos da criança na Europa”. Lyon, França, agosto 1997.



19 – Participantes do 3.º Encuentro General de Niños y Ninas do Junior com o tema: “Nos organizamos para ACTUAR”. Huesca, Espanha, julho 1997.



20 – Crianças do MAC na Conferência de imprensa do Mouvement d'Apostolat des Enfants et Préadolescents sobre "trabalho infantil". Genebra, Suíça, outubro 1997.



21 – Criança do MAC na Assembleia Nacional de Crianças da Azione Cattolica dei Ragazzi (Itália), encontro com o Papa João Paulo II. Roma, Itália, outubro 1997.



22 – Participação no Grande Encontro de Cristãos em Mundo Operário, no âmbito da celebração do Jubileu 2000 / Divulgação da campanha de solidariedade realizada em parceria com a Oikos, para apoiar a construção de escola em Angola para crianças vítimas da guerra. Fátima, 2000.



23 – Encontro Nacional de Crianças com o tema “Mundializemos a paz, a justiça e a esperança”. Coimbra, abril 2002.



24 – Encontro Nacional de Crianças e Adolescentes. Espinho, Porto, 2005



25 – Encontro Nacional de Crianças e Adolescentes. Lousã, Coimbra, 2007.



26 – Delegados do MAAC no 2º Encontro Nacional de Delegados. Aveiro, maio 2008.



27 – Encontro Nacional de Delegados. Aveiro, 2010.



28 – Participantes do Encontro Nacional de Crianças (END) e Encontro Nacional de Formação de Acompanhantes (ENFA), Vilar, Porto, 2011.



29 – Participantes do Encontro Nacional de Delegados (END), Torres Novas, 2012.



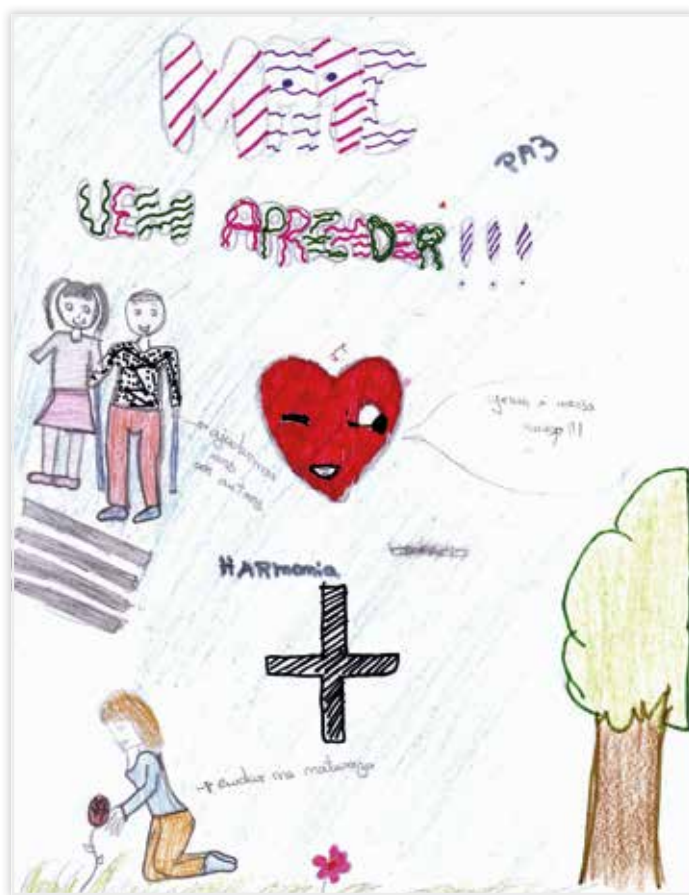
30 – Participantes do 1ºAcampamento Nacional do MAAC. Palhaça, Oliveira do Bairro, 2013.



31 – Delegados do MAAC no Encontro Nacional de Delegados. Fátima, 2014

DESENHOS

Na 13.^a Assembleia Nacional do MAAC realizada a 3 de julho de 2011, em Torres Novas, foi lançado um concurso nacional de desenhos e textos, com o objetivo de permitir a participação ativa das crianças e adolescentes do movimento na elaboração desta publicação. Assim, individualmente ou em grupo, as crianças e os adolescentes elaboraram trabalhos sobre o significado do MAAC para si e para os seus colegas, que depois foram recolhidos e sujeitos a votação por todos os grupos a nível nacional. Este processo resultou em janeiro de 2012, na seleção do conjunto de desenhos mais votados, organizados em duas secções – Crianças e Adolescentes – que se apresentam seguidamente.



1 – Melissa Veiga, Casal de Cambra (diocese de Lisboa), 10 anos.



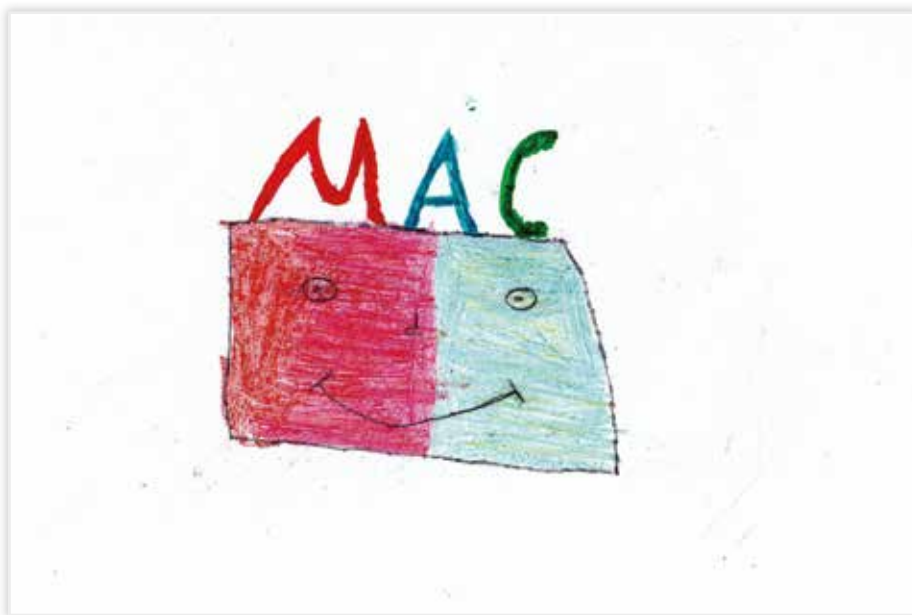
2 – Filipa Silva (diocese de Braga), 9 anos.



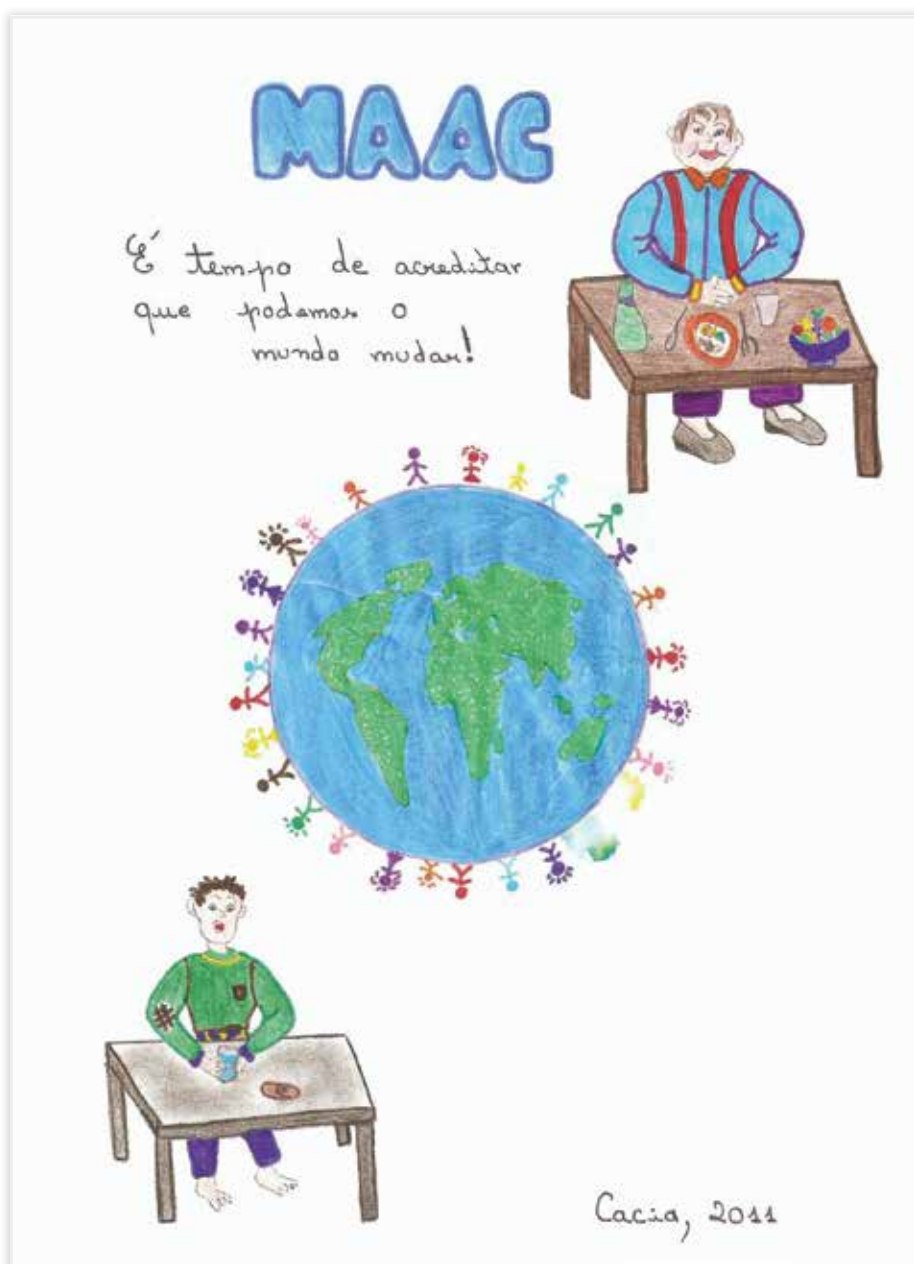
3 – Filipa, Casal de Cambra (diocese de Lisboa), 9 anos.



4 – Daniel, Casal de Cambra (diocese de Lisboa), 9 anos.



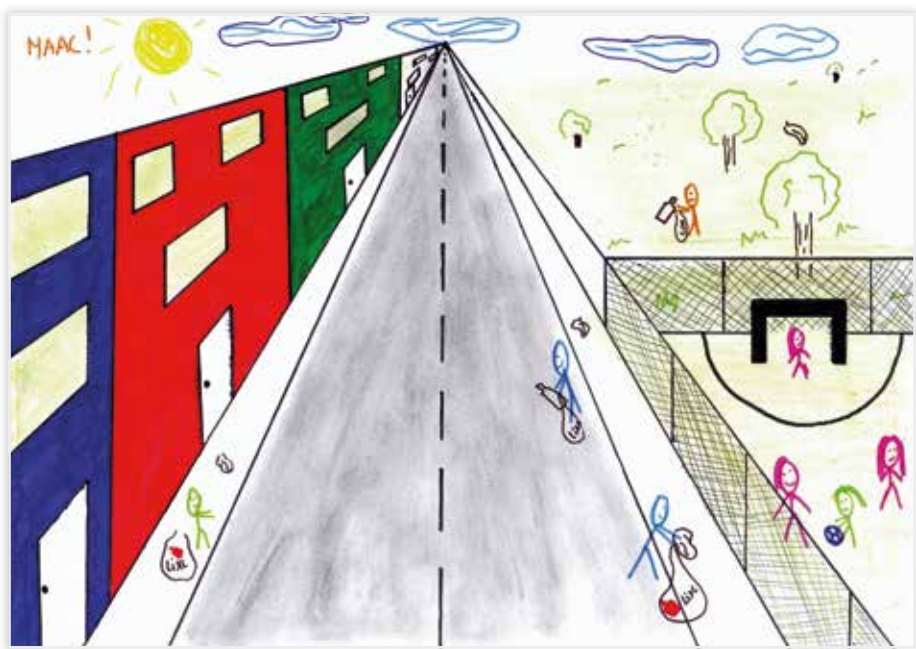
5 – Guilherme, Casal de Cambra (diocese de Lisboa), 10 anos.



6 – Grupo de Cacia (diocese de Aveiro).



6 – Guilherme, Casal de Cambra (diocese de Lisboa), 10 anos.



8 – Raquel Abreu, Bairro de Santiago (diocese de Aveiro), 15 anos.



9 – Mariana Silva (diocese de Braga), 14 anos.



10 – Carlos Filipe, Pampilhosa (diocese de Coimbra), 11 anos.

MAAC :

O MAAC é onde tu podes fazer um pouco de tudo: brincar, produzir, sorrir, rir, desabafar, colaborar, conhecer as pessoas, ou até mesmo conhecer melhor as pessoas (-)

É onde podemos exprimir tudo o que sentimos, o MAAC é como uma família, onde nos sentimos à vontade para fazer de tudo um pouco.

A cima de tudo, sabemos que ao MAAC temos sempre um quem centra, porque somos todos amigos um dos outros.

No MAAC aprende-se bastante lições de vida, pois, não é um passatempo ao qual vamos, mas sim onde nos sentimos realmente bem!



Marlene Vieira!



12 – Sónia Saldanha (diocese de Braga).



13 – Carlos Daniel (diocese de Aveiro), 12 anos.

ÍNDICE

Prefácio	9
<i>Joaquim Azevedo</i>	

Apresentação	13
<i>Paulo F. de Oliveira Fontes</i>	

ESTUDOS

O Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças (MAAC), a Igreja católica e a sociedade portuguesa contemporânea	21
<i>Paulo F. de Oliveira Fontes</i>	

1. O MAAC em perspetiva histórica	21
2. Idades da vida, sociedade e religião: a infância e a adolescência	25
3. Movimentos eclesiais contemporâneos: associativismo, apostolado de leigos e secularidade	30
4. Um caso: o grupo MAAC do Bairro Alto da Cova da Moura	36

Génese e afirmação do MAAC	41
<i>Nuno Estêvão Ferreira</i>	

Introdução	41
1. As origens de um autónomo movimento de crianças (1978-1984)	43
1.1. Animadores e grupos de crianças em Lisboa	44
1.2. Equipa de coordenação	45
1.3. Proclamação do movimento	48
2. A consolidação, a instabilidade e a crise (1984-1996)	50
2.1. Da proclamação à adesão ao MIDADE	51
2.2. O MAAC no seminário europeu em Lisboa	53
2.3. A institucionalização de uma rotina do movimento	56
2.4. O caso das caixinhas na Madeira	61
2.5. A formação de uma Comissão de Gestão	63
3. O relançamento do MAAC (a partir de 1996)	63

As publicações periódicas do MAAC	67
<i>Cátia Tuna</i>	
Introdução.....	67
1. Caracterização geral das publicações do MAAC.....	68
2. Principais publicações.....	70
2.1. O boletim <i>Crianças em Acção</i> (1983-[2000]).....	70
2.2. O <i>Jornal de Nós</i> (1984-1989).....	72
2.3. A revista <i>MAAC</i> (2001-).....	73
3. O caso da imprensa madeirense.....	75
4. Identidade editorial e dimensão pedagógica dos periódicos.....	78
5. Modelos de coordenação.....	84
Conclusão.....	86
A identidade do MAAC a partir das suas publicações	89
<i>Cátia Tuna</i>	
1. O MAAC como redefinição da autoridade pedagógica.....	90
2. Respostas à vulnerabilidade sociofamiliar infantil.....	95
3. A criança como problema eclesial.....	98
4. Elaboração teológica da categoria “criança”.....	103
Conclusão.....	106
A presença do MAAC nas dioceses	107
<i>Carla Santos</i>	
Cronologia	133
<i>Carla Santos e Nuno Estêvão Ferreira</i>	

FONTES

Testemunhos	151
1. Pequenos Apóstolos.....	151
2. Ser Acompanhante.....	153
3. Ser Delegado.....	155
4. A dimensão cívica.....	156
5. A dimensão internacional.....	159

Percursos	165
Monografias	197
1. Um grupo de cabo-verdeanos – Fontainhas, Lisboa [1983-1984]	199
2. Vila Nova de Gaia, Mafamude – Porto (1985)	207
3. Um grupo de crianças 8-12 anos meio rural operário – Maiorga (1985) ..	213
4. Monografia do grupo “Os Aventureiros” – Setúbal (1987-1988)	225
Fotografias	237
Desenhos	253

O MAAC é um movimento autónomo da sociedade civil, educativo, cívico e religioso, focado na promoção e proteção das crianças e dos seus direitos, com incidência nos territórios suburbanos mais pobres e densamente povoados. Só isto é já uma grande fonte de alegria, para mais quando este movimento, criado em 1978, persistiu no tempo e derramou tanta ternura e bondade sobre tantas crianças. [...]

Este livro é todo ele uma alegria cheia de graça, espelhada na história concreta do MAAC e dos seus grupos, espalhados pelas dioceses do país. Vale a pena conhecer estas histórias concretas, cheias de dificuldades e repletas de energia e esperança.

(Joaquim Azevedo, in Prefácio)

